

**UNIVERSIDADE DE LISBOA E UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**



**UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**



**«VOCÊ FALA “CHATÊS”?» – CHATS E SMS:  
POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE NOVOS MEDIA  
NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA**

**SANDRA CRISTINA CÔRTEZ MOREIRA**

**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL**

2006

UNIVERSIDADE DE LISBOA E UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



«VOCÊ FALA “CHATÊS”?» – CHATS E SMS:  
POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE NOVOS MEDIA  
NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA

**SANDRA CRISTINA CÔRTEZ MOREIRA**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL

Dissertação orientada pelo

**Prof. Doutor Vítor Reia Baptista**

Área de Ciências da Comunicação,

Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve

2006

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>3</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>5</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>6</b>
<b>PALAVRAS-CHAVE/ KEY WORDS</b> .....	<b>7</b>
<b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 – METODOLOGIA</b> .....	<b>29</b>
2.1 – PESQUISA BIBLIOGRÁFICA .....	33
2.2 – ENTREVISTAS .....	36
2.3 – CONTACTO COM AUTORES DE TRABALHOS NESTA ÁREA .....	44
2.4 – COMPILAÇÃO DE EXEMPLOS/TEXTOS DESTE TIPO DE “COMUNICAÇÃO” .....	45
2.5 – A ANÁLISE/REFLEXÃO SOBRE OS DADOS RECOLHIDOS .....	46
2.6 – CONSTRUÇÃO DO “PEQUENO GUIA RÁPIDO PARA O USO DO “CHATÊS” NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS” E NA REDACÇÃO DESTE TRABALHO FINAL.....	47
2.7 – INTRODUÇÃO DE ANEXOS/APÊNDICES .....	49
<b>3 – HISTÓRIA DOS SMS, MSN E CHATS</b> .....	<b>51</b>
3.1 – COMPUTADOR .....	51
3.2 – TELEFONE .....	62
3.3 – E-MAIL.....	68
3.4 – TELEMÓVEL .....	69
3.5 – O CHAT .....	72
3.6 – OS SMILEYS.....	76
3.7 – SMS .....	79
<b>4 – PROCESSO TECNOLÓGICO USADO NA TRANSMISSÃO DE SMS’S E NOS CHATS</b> .....	<b>82</b>
4.1 – SMS’S .....	82
4.2 – CHATS/MSN MESSENGER .....	89
<b>5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>95</b>
5.1 – LINGUAGEM, LINGUA, FALA, CÓDIGO E NORMA .....	95
5.2 – CONCEITOS APLICADOS AO “CHATÊS” .....	104
5.3 – LÍNGUA DE/EM/NA ESPECIALIDADE.....	120
<b>6 – USO DESTES CÓDIGOS</b> .....	<b>123</b>
6.1 – PERFIL DO UTILIZADOR.....	123
6.2 – APRENDIZAGEM E REGRAS DO “CHATÊS” .....	131
6.3 – TEMAS TRATADOS NAS “CONVERSAS” QUE RECORREM AO USO DO “CHATÊS” .....	137
6.4 – O “CHATÊS” COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO/SOCIALIZAÇÃO DOS UTILIZADORES JOVENS .....	148
<b>7 – PROBLEMAS OU VANTAGENS PARA O PROCESSO COMUNICATIVO E ....</b>	<b>155</b>
<b>PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA RESULTANTES DO USO DO “CHATÊS” .....</b>	<b>155</b>
7.1 – COMUNICAÇÃO E PROCESSO COMUNICATIVO.....	155
7.2 – PROBLEMAS E/OU VANTAGENS PARA O PROCESSO COMUNICATIVO RESULTANTES DO USO DO “CHATÊS” .....	162
7.3 – “CHATÊS” <i>VERSUS</i> PORTUGUÊS OU “CHATÊS”, «UM “ANEXO” DA LÍNGUA»? ..	167
7.4 – O “CHATÊS” NA ESCOLA.....	186

<b>8 – A CONSTRUÇÃO DO “PEQUENO GUIA RÁPIDO PARA O USO DO “CHATÊS” NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS”</b> .....	199
8.1 – PASSOS DADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO “PEQUENO GUIA RÁPIDO PARA O USO DO “CHATÊS” NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS” .....	210
<b>9 – REFLEXÃO/CONCLUSÃO</b> .....	217
9.1 – O “CHATÊS” VISTO PELO SENSO COMUM E PELOS OLHOS DOS INVESTIGADORES .....	218
9.2 – ALGUMAS IDEIAS CENTRAIS DESTE TRABALHO .....	221
9.3 – CONTRIBUIÇÕES DESTE TRABALHO .....	226
9.4 – FALHAS/LIMITAÇÕES DESTE TRABALHO .....	230
9.5 – POSSÍVEIS TÓPICOS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA .....	232
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	236
SÍTIOS CONSULTADOS .....	254
IMAGENS/GRÁFICOS .....	257
EXCERTOS .....	259
APÊNDICES E ANEXOS .....	259
<b>APÊNDICES E ANEXOS</b> .....	EM <a href="#">CD-R</a>

## **Agradecimentos**

Muitos foram os que colaboraram comigo, ao longo deste trabalho, respondendo pacientemente às minhas perguntas, executando exercícios, fornecendo-me textos e materiais de consulta, ou com uma palavra ou gesto amigo de estímulo e compreensão em momentos difíceis e de dúvida, de cansaço e frustração. A todos, o meu muito obrigado. Em particular:

Ao Sr. Professor Doutor **Vítor Reia Baptista**, por, apesar da agenda tão preenchida, ter aceite ser orientador desta dissertação, pelo apoio e incentivo e por toda a compreensão e amizade que sempre me demonstrou, mas, sobretudo, pelo muito que me ensinou, que jamais esquecerei; será sempre uma referência e inspiração para mim;

À Sr.<sup>a</sup> Professora **Joviana Benedito**, pela simpatia, paciência e estímulo e por ter sido uma fonte preciosa de informações e de inspiração, indispensáveis para que a própria ideia de pôr em prática esta investigação surgisse;

Às Sr.<sup>a</sup> Professora **Else Martins dos Santos** e Professora Doutora **Ana Amélia de Carvalho**, sempre amáveis e disponíveis, pela ajuda, partilha de ideias e informação, pelas explicações, bem como aos Sr.s Professores Doutores **Berta Klara Guincho**, **Bernd Sieberg**, **Luiz Antônio Marcuschi** e **Sali Tagliamonte**;

Ao Sr. Dr. **Martin Cooper**, pela generosidade e disponibilidade, que resultou num contacto útil e determinante para a realização do trabalho;

Às Dr.<sup>as</sup> **Ana Oliveira**, **Cristina Nunes**, **Esmeralda Lopes** e **Graça Pinto**, por terem acedido a colaborar na implementação dos exercícios desenvolvidos neste estudo, por terem sido imprescindíveis fontes de informação e parceiras na troca de ideias, que permitiram o desenvolvimento de toda a investigação, dispondo do seu tempo livre e do seu tempo na sala de aula e ao Dr. **João Gomes**, Director Executivo da Escola Secundária de Silves, pela amizade de muitos anos e por ter autorizado a realização deste estudo;

Aos alunos e amigos que participaram no estudo, que autorizaram o uso das suas conversas MSN e mensagens SMS, estimulando-me com o seu interesse e sem os quais

o mesmo não se teria realizado: *Adriana, Adriana Ramos, Ana, Ana Patrícia, Ana Rita, Ana Paiva, Anabela, André, André Santos, André Perestrelo, António, Bruna, Carla Carepa, Cláudia, Daniela Maduro, Dora, Gianluca, João, Joel, Jorge Ponciano, José Alves, Liliana Fernandes, Luís Santos, Mafalda, Marc, Miguel, Otilio José, Paulo, Pedro, Pedro Duarte, Pedro Pinheiro, Pedro Pinto, Ruben, Sofia Duarte, Sílvia Martins, Suze, Tiago, Vanessa, Turmas 10º N1, 10º N3, 11º N2, 12º N1, CEF T5 (Electricistas de Instalações);*

A todos os Sr.s Professores Doutores *Adriana Nogueira, António Branco, Célio Conceição, Fernanda Gil Costa, João Minhoto Marques*, que leccionaram os Seminários Curriculares deste Mestrado que agora termino, por tudo quanto me ensinaram;

Ao Dr. *Gil Moreira*, pela ajuda e conselho permanente, sobretudo nos temas mais relacionados com a Informática, em relação aos quais teve a paciência de me dar explicações e de me direccionar para as fontes mais interessantes e pertinentes;

Aos Sr.s Filipe Barbosa Múrias (Optimus), Susana Resende (TMN) e Clara Patão (INE) pelas informações;

Aos *colegas do CICCUM*, muito em especial à Mestre *Neuza Baltazar*, pela ajuda e incentivo e pela partilha de experiências e conhecimentos;

À *família*, que sempre pensou em mim, se interessou pelo meu progresso e me entusiasmou a prosseguir;

Aos meus *Avós Manuel e Secundino*, que sempre estiveram no meu pensamento e me inspiraram muitas vezes;

E, sobretudo, aos *meus pais*, meus maiores amigos, meus exemplos de vida, meus críticos e apoiantes, meus mestres e meus companheiros, meus tudo, por nunca me terem deixado desistir e estarem sempre ao meu lado;

BEM HAJAM E MUITO OBRIGADA!

## Resumo

Neste trabalho analisou-se a forma como algumas novas tecnologias/canais/meios de Comunicação – os telemóveis e os *Chats/Instant Messenges Softwares* – podem influenciar o uso da língua materna (no caso, o Português) e a correcta aprendizagem da sua norma, por parte dos jovens utilizadores. Avaliou-se o perfil do utilizador típico e as regras implícitas nesse processo de construção de mensagens, bem como os problemas comunicacionais que podem resultar desse mesmo uso.

Para além da pesquisa bibliográfica e da recolha de textos e sua análise (*close reading*), utilizaram-se, neste estudo, estratégias de observação participante e não participante, tendo-se realizado quinze entrevistas (via *e-mail*) e sessões com seis *Focus Groups*, compostos por professores e alunos da Escola Secundária de Silves - ESS (10º, 11º, 12º anos, entre os 16 e os 18 anos).

Aplicaram-se conceitos como língua, linguagem, código, signo, ícone, entre outros, para perceber este “novo tipo de comunicação” –, a que, de forma lúdica, se deu o nome de “*chatês*” –, tendo-se concluído que o mesmo poderá classificar-se como um **código híbrido**, já que mistura particularidades das línguas maternas dos utilizadores (sintaxe, léxico), bem como novas características, algumas delas muito específicas (os *emoticons*, os *smileys*, as abreviaturas e acrónimos, a pontuação excessiva, entre outras), podendo, mesmo, como referem alguns autores, vir a considerar-se como um novo **género textual**.

Este uso, que o senso comum aponta como sendo destruidor do conhecimento/domínio correcto da norma da língua materna nas faixas etárias mais jovens, **não está a pôr em risco essa mesma língua**, mas é mais um dos factores que contribuem para a **permanente adaptabilidade e transformação da mesma**, revelando os seus utilizadores uma **competência criativa alta, grande capacidade de síntese** e facilidade de **introdução**, no próprio “chatês”, **de vários níveis da língua**.

Todavia, **os alunos**, sobretudo os **de faixa etária mais baixa e com maiores dificuldades na aprendizagem da língua materna** (comprovadas pelas notas mais baixas na mesma e pelas claras dificuldades de expressão manifestadas nos exercícios propostos), **revelam, na sua prática escolar, marcas de utilização do “chatês”**, como se demonstra pelos diversos exemplos recolhidos.

Por isso, foram desenvolvidos/aplicados em diversas turmas da ESS, na disciplina de Português, **exercícios** recorrendo a este código, que se revelaram **motivadores**, quer para docentes, quer para alunos **e eficientes na transmissão de conhecimentos relativos à norma do Português** e que se compilaram num *Pequeno Guia Rápido para o Uso do “Chatês” na Aprendizagem do Português*.

Conclui-se, do mesmo modo, que o “chatês” desempenha um papel social, sendo um elemento integrador dos jovens no seu grupo de pares.

## **Abstract**

The way some new technologies/channels/media – *mobile phones* and *Chats/Instant Messages’ Softwares* – might affect the use of maternal languages (in this particular case, the Portuguese) and the correct learning of its rules by young users of such media, were analysed in this study. The profile of a typical user and the implicit conventions implied in the process of building messages were evaluated, as well as the communicational problems that might be felt/visible as a consequence of that use.

Apart from the bibliographical research and the gathering/analysis of texts (*close reading*), strategies of participant and non participant observation were use in this investigation, having been made fifteen interviews (by e-mail) and sessions with six *Focus Groups*, with teachers and students (10<sup>th</sup>, 11<sup>th</sup> and 12<sup>th</sup> graders, between 16 and 18 years old) of the *Escola Secundária de Silves* – ESS (an high school from Algarve/Portugal).

Concepts like language, code, sign, icon, among others, were applied to understand this “new kind of communication” – called, in a playful way (joining the words chat and “*Português*”) “*chatês*” -, having been concluded that it can be classified as an hybrid code, since it mixes particularities of users’ maternal languages, just as new characteristics, some very specific (like emoticons, smileys, abbreviations and acronyms), and even being possible to consider it as a new textual genre, according to points of view expressed by some authors.

This use, pointed by common sense as being responsible for the destruction of correct knowledge/mastery of maternal language rules in younger people, is not, however, doing it; it is one more factor of those promoting a constant adaptability/transformation of languages, revealing users with a high creativity,

capability of synthesis and of introduction, in “*chatês*” itself, of different language levels.

Never the less, students, especially younger ones and those with more difficulties in learning Portuguese (made visible by lower grades in this subject and clear expression problems shown in the exercises proposed during this study), reveal, in their school activities/textual productions, signs of “*chatês*”, as we can see in the different examples mentioned in this work.

Therefore, exercises were developed/applied in several different Portuguese classes at the ESS, exercises that used the “*chatês*” and proved to be motivational (both for students and teachers) and efficient in the transmission of knowledge concerning the rules of Portuguese. They were gathered in a *Small Quick Guide to Use “Chatês” in Learning Portuguese*.

It was also found that “*chatês*” plays an important social part, being an integrating element of young people among their group of peers.

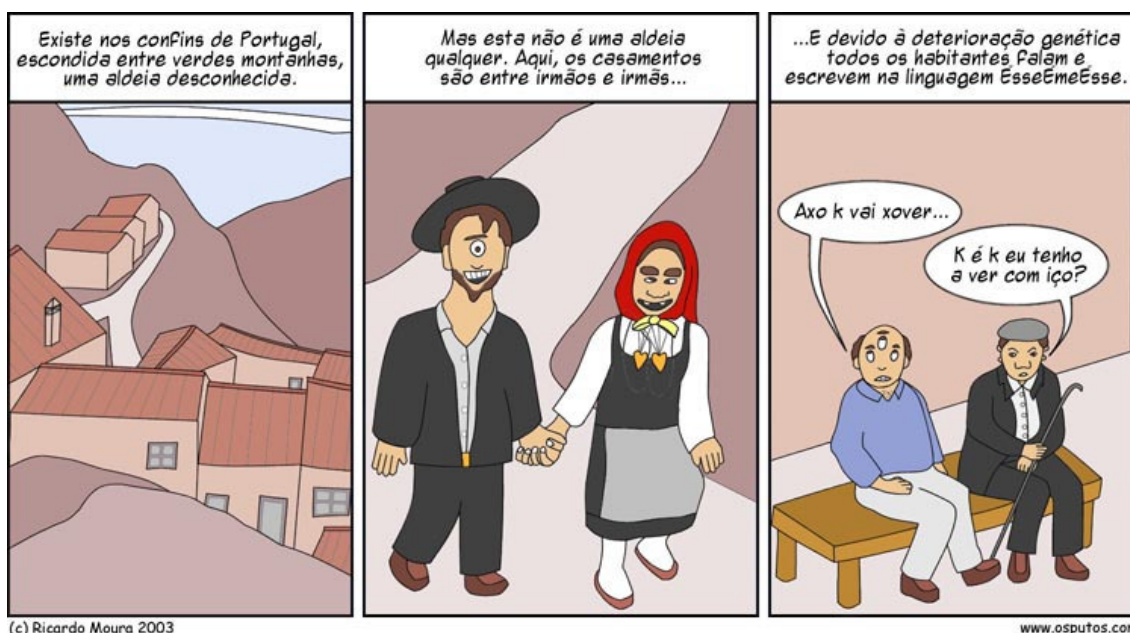
### **Palavras-chave/ Key Words**

Comunicação, Código, Língua, *Chat*, SMS, MSN, Norma, Construtivismo.

Communication, Code, Language, Chat, SMS, MSN, Rule, Constructivism.

**DOWN IN THE STREET THE WIND FLAPPED THE TORN POSTER TO AND FRO, AND THE WORD INGSOC FITFULLY APPEARED AND VANISHED. INGSOC. THE SACRED PRINCIPLES OF INGSOC. NEWSPEAK, DOUBLETHINK, THE MUTABILITY OF THE PAST. HE FELT AS THOUGH HE WERE WANDERING IN THE FORESTS OF THE SEA BOTTOM, LOST IN A MONSTROUS WORLD WHERE HE HIMSELF WAS THE MONSTER. HE WAS ALONE. THE PAST WAS DEAD, THE FUTURE WAS UNIMAGINABLE.**

ORWELL, George, 1948<sup>a</sup>, 1984, cap. 2, in *The Literature Network*, <http://www.online-literature.com/orwell/1984/> (consultado a 06/07/2004).



MOURA, Ricardo, 2003, *Os Putos*, <http://www.osputos.com/index.aspx?data=2003/05/12> (consultado a 22/06/2004).

## 1 – Introdução

In the History of human imagination the power of real-time interactive oral communication over great distances had been the power so great that even most divine beings were considered incapable of it: Zeus, king of the Greek gods, and the rest of the pantheon, had to rely on messenger-boy Mercury. Today a good many messenger boys have their own mobile phones.

KATZ, James E. e AAKHUS, Mark, 2003: 2<sup>1</sup>.

It soon became obvious that the ARPANET was becoming a human-communication medium with very important advantages over normal U.S. mail and over telephone calls. One of the advantages of the message systems over letter mail was that, in an ARPANET message, one could write tersely and type imperfectly, even to an older person in a superior position and even to a person one did not know very well, and the recipient took no offense. The formality and perfection that most people expect in a typed letter did not become associated with network messages, probably because the network was so much faster, so much more like the telephone.

LICKLIDER, J.C.R. e VEZZA, Albert, 1978<sup>2</sup> *apud* STEWART, William, 1997-2005<sup>3</sup>.

Comunicação é o mecanismo através do qual existem e se desenvolvem as relações humanas.

COOLEY, Charles<sup>4</sup>, 1909 *apud* SANTOS, José Rodrigues dos (1992: 9).<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre estes autores serão introduzidas mais informações na p. 13 deste capítulo.

<sup>2</sup> J. C. R. Licklider (1915/1990) era Doutorado em Psicologia pela Universidade de Rochester, EUA, tendo igualmente graus académicos na área da Física e da Matemática. Todavia, foi como investigador na área da computação que se tornou conhecido, já que foi um dos pioneiros da ARPANET, a rede de computadores criada na década de 60 do século XX, que seria a génese da actual rede mundial de computadores, a Internet [dados recolhidos a partir de HAUBEN, Michael e HAUBEN, Ronda (1995), GROMOV, Gregory (1995-2003) e WALDROP, M. Mitchell (2000)]. Foi autor de diversos trabalhos, entre eles Man-Computer Symbiosis e The Computer as a Communication Device, que podem ser lidos no seguinte endereço electrónico: <http://memex.org/licklider.pdf> (consultado a 06/12/2005)

<sup>3</sup> William ‘Bill’ Stewart tem um grau académico em Computer Science pela Universidade de New Brunswick, Toronto, Canada e é o autor do sítio [www.livinginternet.com](http://www.livinginternet.com) (mencionado na Bibliografia deste trabalho), que contém informação muito extensa e detalhada sobre todos os assuntos relacionados com o desenvolvimento da Informática [dados recolhidos a partir do próprio sítio do autor, no endereço: <http://www.livinginternet.com/about.htm> (consultado a 27/06/2005)].

<sup>4</sup> Charles Cooley (1864/1929) doutorou-se em Economia pela Universidade de Michigan, Ann Arbor, EUA, mas foi como professor e teórico da área da Sociologia que se notabilizou. Publicou obras e ficaram muito conhecidas, como The Looking Glass Self ou The Primary Group [dados recolhidos a partir de BENTLEY HISTORICAL LIBRARY/UNIVERSITY OF MICHIGAN (2001) e BOLENDER, Ronald (2005)].

<sup>5</sup> José Rodrigues dos Santos é o conhecido jornalista/pivot de noticiário da RTP e foi seu Director de Informação. Para além disso, é Professor na Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona algumas cadeiras ligadas à produção jornalística televisiva e radiofónica (eu frequentei, durante a licenciatura, algumas delas). Trabalhou na BBC durante bastantes anos e defendeu a sua tese de Mestrado em 1992, com o trabalho que depois viria a publicar e que aqui citamos. Posteriormente, completou o seu Doutoramento.

Há uns anos atrás, quando começou a grande expansão da utilização dos telemóveis em Portugal, eu era uma das pessoas que “conseguia sobreviver” sem ele. Ia para todo o lado, saía à noite, andava de carro, sem nunca pensar que um tal aparelho me pudesse fazer muita falta. Pelo contrário: em reuniões de amigos gabava-me de não ter um e ironizava acerca da dependência que alguns desses amigos já tinham. Mas passado algum tempo, os meus pais, num aniversário, julgo, ofereceram-me um. Durante bastante tempo, mantinha-o desligado boa parte do dia, já que sou professora e enquanto dava as minhas aulas, o telemóvel estava sempre “off”. Acabava também, por me esquecer muitas vezes de o ligar quando regressava a casa, mas ele foi ganhando espaço na minha vida.

O momento decisivo em que “me rendi” dá-se num fim de tarde muito chuvoso. Ao sair da escola, encontro uma colega e um aluno e fico, durante alguns minutos, a conversar com ambos. Saio ao mesmo tempo que o jovem estudante e, curiosamente, tomamos a mesma estrada em direcção a casa. Num cruzamento, o aluno deixa que eu entre primeiro na faixa de rodagem, acenando-me, com um sorriso de simpatia que nunca mais esquecerei. Mais adiante, como eu ia bastante devagar devido à intensidade da chuva que caía, ele decide ultrapassar-me. E nesse instante, desenrola-se à minha frente um filme que continuo a ver como se passado em câmara lenta: para se desviar de outra viatura que circulava na faixa contrária, o jovem tenta uma manobra de recurso, desviando o seu carro bruscamente para a minha frente, mas é traído pelo piso molhado e imediatamente “capota”, rodopiando no ar várias vezes, até se imobilizar, fora da estrada, uns trezentos metros mais à frente. Pelo caminho derruba um poste de iluminação. Eu nada sofri, pois tive a intuição do que ia passar-se e fui travando lentamente. Assim que imobilizei o meu carro, agarrei no telemóvel e chamei a Emergência Médica. Quinze minutos depois, o meu aluno estava a receber os cuidados de que precisava desesperadamente para sobreviver e eu pude avisar a minha família de que nada se passava comigo, mas que não deixaria aquele “miúdo” ali, sozinho. Só muitas horas mais tarde, já depois de ter regressado a casa, consegui compreender a importância de ter tido um telemóvel comigo: foi a diferença entre a vida e a morte de um jovem, que hoje já recuperou e prossegue no rumo dos seus sonhos e projectos, que se podiam ter perdido naquele fim de tarde muito chuvoso.

Também eu teria um acidente, no ano seguinte e, mais uma vez, o telemóvel desempenhou um papel crucial. A verdade é que, lentamente, este aparelho se insinuou no meu dia-a-dia e, ainda que não seja “dependente”, hoje é ele que me desperta, que por vezes me serve de agenda, que me acompanha nas viagens e que permanece ligado, mesmo que no modo silencioso, em todas as horas do meu dia.

E o que se passa comigo acontece, igualmente, com milhares de pessoas, no mundo inteiro e em Portugal.

Diversos estudos revelam que há cada vez mais utilizadores de telemóveis no nosso país. A ANACOM – Autoridade Nacional de Comunicações publica anualmente um extenso Relatório, em que divulga todos os dados relativos às comunicações móveis nacionais e através desses dados podemos ficar com uma ideia do panorama no que toca à evolução de utilização destes equipamentos:

#### **Evolução do Número de Assinantes do Serviço Móvel Terrestre em Portugal e do número de chamadas<sup>6</sup>**

Ano	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Milhões de Assinantes	3.074,6	4.671,5	6.665,0	7.977,5	8.528,9	9.350,6	9.960,0	11.448,0	11.560,0**
Total de chamadas*	819 milhões	4000 milhões	5400 milhões	5700 milhões	5600 milhões	5800 milhões	1,56 mil milhões	1,65 mil milhões	1,59 mil milhões**

\* Dados registados no final do 4º trimestre de cada ano relativamente às chamadas efectuadas (não inclui as chamadas recebidas).

\*\* Apenas estão disponíveis os dados relativos ao 1º trimestre deste ano.

O INE – Instituto Nacional de Estatística publica no seu *Anuário Estatístico de Portugal de 2004* (2004:355-361), no capítulo “Actividade Económica/Comunicações”, dados que permitem perceber esse crescimento do sector das telecomunicações móveis no nosso país.

#### **Evolução do Número de Assinantes e das Receitas do Serviço Móvel Terrestre em Portugal<sup>7</sup>**

<sup>6</sup> Dados da ANACOM (2005).

<sup>7</sup> Dados do INE (2004), constantes dos quadros relativos às “Infraestruturas de Telecomunicações” (quadro III.10.6) e “Receitas dos Serviços de Telecomunicações” (quadro III.10.8) consultados a partir do sítio <http://www.ine.pt/prodserv/quadros/quadro.asp#> (29/06/2005).

Ano	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Assinantes</b>	6.584	340.845	6.664.951	8.355.789	8.530.410	9.353.979	9.773.102
<b>Receitas</b> (em milhares de Euros)	X	X	X	1 939 730	1 804 383	1 965 367	2 159 402

Também o INE indica no seu Anuário estatístico de Portugal de 2003 (2003:304) que 47,4% dos agregados familiares portugueses possuem telemóvel<sup>8</sup>.

Dados do *Primeiro Estudo sobre o Utilizador de SMS em Portugal*, realizado em 2004 pela MULTIDADOS – CONSULTADORA E TRATAMENTO ESTATÍSTICO DE DADOS (1998-2005) em parceria com a Mobysoft Systems, previam que em 2005 já seriam nove em cada dez os portugueses a usar este aparelho, contra quatro em cada dez que recorreriam aos telefones da rede fixa<sup>9</sup>.

No que diz respeito ao resto da Europa, o EUROSTAT PRESS OFFICE (2005)<sup>10</sup> afirma o seguinte:

Mobile telephony has experienced enormous growth since 1995. During the period 1995-2003, the number of mobile telephone subscriptions has grown 42% each year on average at EU25 level. In 2003, there were over 364 million subscriptions in the EU25 compared to only 22 million in 1995, meaning there were on average 80 subscriptions to mobile phones per 100 inhabitants in the EU25 in 2003 compared to only 5 in 1995.

A ANACOM (2005) aponta para uma taxa de penetração<sup>11</sup> de 108,7% no final do quarto trimestre de 2005, o que significa que Portugal está acima da média da União Europeia, que tem uma taxa de 97,2%.

<sup>8</sup> Curiosamente, o mesmo documento (INE, 2003:304) referencia que em 2003 apenas 13, 5% dos agregados familiares nacionais tinha um computador e que só 8,5% tinha computador com ligação à Internet. Estes dados constam do quadro “Condições de Conforto – Percentagem Face ao Total, Segundo a Região (NUTS II)” (quadro 20.2) e foram recolhidos a partir do sítio <http://www.ine.pt/prodserv/quadros/quadro.asp> (consultado a 29/06/2005).

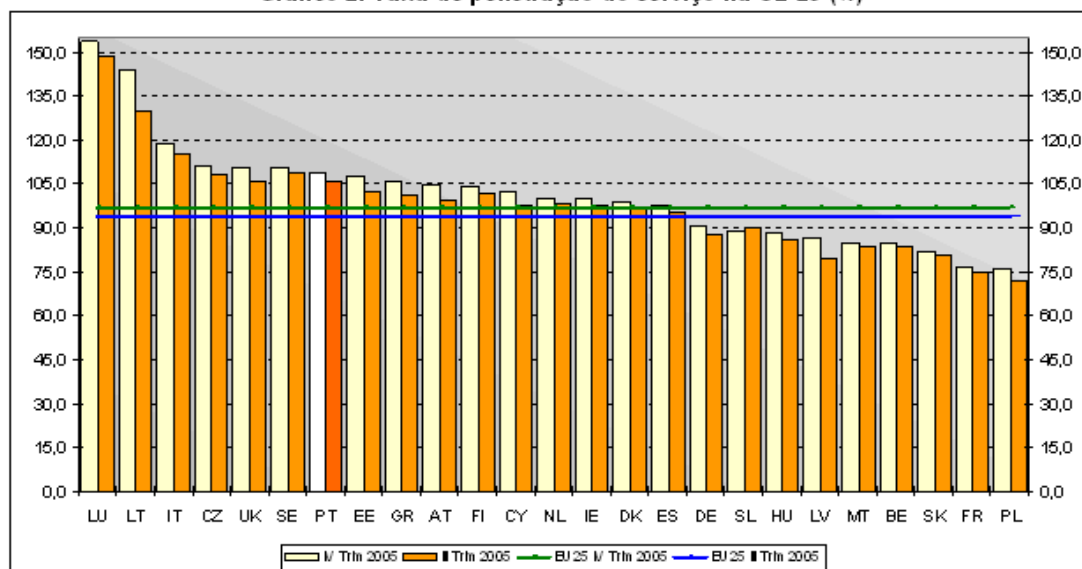
<sup>9</sup> Estes dados do *Primeiro Estudo sobre o Utilizador de SMS em Portugal* foram obtidos através do sítio da Multidados referenciado na Bibliografia deste trabalho e em diversos artigos de imprensa que constam dos anexos.

<sup>10</sup> O Eurostat é o Gabinete de Estatísticas da União Europeia e pode ser visitado no seguinte endereço electrónico: [http://epp.eurostat.ec.eu.int/portal/page?\\_pageid=1090,30070682,1090\\_33076576&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://epp.eurostat.ec.eu.int/portal/page?_pageid=1090,30070682,1090_33076576&_dad=portal&_schema=PORTAL) (consultado a 29/06/2005).

<sup>11</sup> A taxa de penetração indica o número de telemóveis por cada 100 habitantes ou, como me explicou (por e-mail) Filipe Barbosa Múrias, responsável pela equipa de certificação de terminais da Optimus (empresa de comunicações móveis portuguesa), é «a percentagem de clientes de um dado universo que adoptou um dado serviço. Por exemplo, tendo em conta que a Optimus tem 2 milhões de clientes e (suponhamos) 100 mil clientes com telemóveis 3G, dizemos que, actualmente, a taxa de penetração do 3G é de 5%». Em 1995, o número de assinantes de telemóveis em Portugal era de 3,4 % e em 2003, ainda de acordo com o Eurostat, já se tinha atingido os 89,9 por cada 100 habitantes. Neste ano, o nosso país era ultrapassado apenas pelo Luxemburgo (120,2), Suécia (98,4), Itália (96,4), República Checa (95,2), Eslovénia (94,4) e Finlândia (91,2).

Taxa de penetração do serviço na UE 25 (%)<sup>12</sup>

Gráfico 2: Taxa de penetração do serviço na UE 25 (%)



Fonte: ANACOM, INE, Eurostat, Mobile Communications, from Informa Telecomms & Media.

Gráfico 1

Também há previsões para que se atinjam os 3 mil milhões de utilizadores de telemóveis na Europa no ano 2010<sup>13</sup>.

Todos os serviços proporcionados pelas companhias que exploram comercialmente as redes de telemóveis têm crescido, mas nenhum mais do que o serviço *SMS – Short Message Service*, as mensagens escritas. A Editora Centro Atlântico, que publica o *Dicionário da Internet e do Telemóvel* (BENEDITO, 2003<sup>b</sup>), referia no ano de publicação desta obra (na introdução acerca da mesma) no seu sítio na Internet<sup>14</sup>, que o número de utilizadores deste tipo de serviço em Portugal era superior a 3 milhões de pessoas. A ANACOM (2005) também publica dados relativos ao uso deste serviço:

<sup>12</sup> Este gráfico foi retirado do sítio <http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=161103#2> (consultado a 27/12/2005) e os valores para os países da U.E.25, à exceção de Portugal, reportam-se a 31 de Maio de 2005.

<sup>13</sup> Dados da consultora Informa Telecom's & Media (de 23/05/2005), obtidos através do *blog* NOGOME/OSÍRIS (2005) que consta da Bibliografia deste trabalho.

<sup>14</sup> Endereço electrónico da Editora Centro Atlântico, onde se encontra a referência mencionada neste texto: <http://www.centroatl.pt/titulos/solucoes/dicionario-net-telemovel.php3> (consultado a 21/06/04).

### Mensagens Escritas (SMS) Originadas nas Redes Móveis em Portugal<sup>15</sup>

2001	2002	2003	2004	2005	2006*
1.528.597	2.052.679	2.295.855	2.518.156	4.570.490	2.607.470

\* Relativamente a 2006 só estão disponíveis dados do 1º Trimestre.

### Número de Chamadas e Mensagens Mensais por Assinante<sup>16</sup>

Gráfico 3: Número de chamadas e mensagens mensais por assinante – tráfego originado

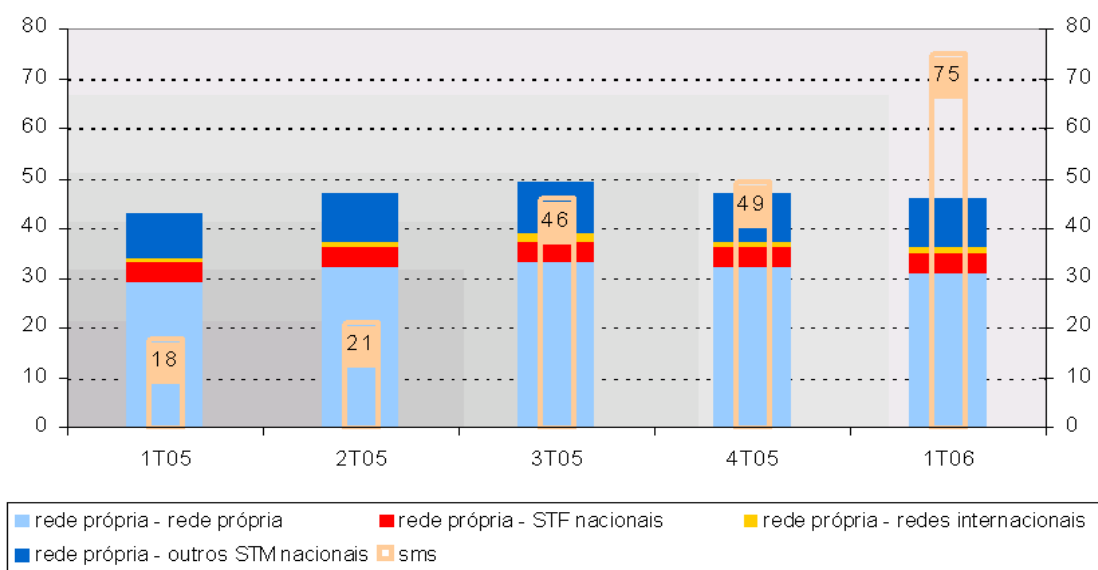


Gráfico 2

No quarto trimestre de 2005 cada utilizador de um serviço de rede móvel em Portugal enviou, em média, segundo a ANACOM(2005), 49 SMS's por mês.

Joviana BENEDITO refere (2003<sup>a</sup>: 143 – 144) que 41% dos europeus usa o serviço SMS. E acrescenta:

O número mensal de SMS's, a nível mundial, foi estimado em 30 bilhões no princípio do ano 2002, e as estimativas para o futuro são animadoras, esperando-se um crescimento grande até final de 2003 e depois uma estagnação até 2005, altura em que as MMS's [Multimédia Messaging Service] se deverão impor.

O DIÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES (2001) e o sítio [www.marketingtecnológico.com](http://www.marketingtecnológico.com) (no seu estudo “Mobile Marketing”, de Junho de 2004) publicam dados que apontam o envio de 70 milhões de SMS's no ano de 2005 na

<sup>15</sup> Dados da ANACOM (2005).

<sup>16</sup> Dados da ANACOM (2006).

Europa e um outro estudo da Forrester (*apud* TEK.SAPO/CASA DOS BITS, 2002), uma empresa de estudos de mercado, prevê que se atinjam os 200 milhões de mensagens escritas por ano neste continente em 2007.

Em Portugal, os serviços de televisão por Cabo já disponibilizaram, inclusivamente, um canal – a *SMS TV*<sup>17</sup> – em que os conteúdos eram exclusivamente mensagens SMS, enviadas pelos espectadores (serviço cabo: canal 29; serviço satélite: canal 88; ambos foram, entretanto, encerrados). E este tipo de oferta não é exclusiva do nosso país: em França, por exemplo, também existe um canal que emite este tipo de programação via satélite, o *Canal Sat* com a sua *SMS-TV* (a emitir no canal 203). Existe, ainda, a *Tchatche TV*<sup>18</sup>, um canal que «se diferencia pelo uso do SMS em seu formato: os programas são transmitidos em um pequeno espaço no canto superior da televisão, enquanto o restante da tela fica disponível para a transmissão de mensagens curtas, enviadas pelos telespectadores», como noticiava a revista *on-line Mobilidade Brasil* (COMPERA, 2005). Também a RTP – Radiotelevisão Portuguesa e a SIC – Sociedade Independente de Comunicação disponibilizam serviços a que deram o nome de *RTP Mobile* e *SIC Mobile*, que permitem o acesso, por parte dos utilizadores de telemóvel, a «TV Poesia, TV Oráculo, TV Provérbios, TV Geo e muitos outros serviços<sup>19</sup>», que incluem o acesso aos programas preferidos de cada um (um pouco ao jeito dos “podcasts”<sup>20</sup>), bastando para isso consultar as páginas de teletexto dos referidos canais ou os seus sítios na Internet.

<sup>17</sup> O sítio deste canal tinha o seguinte endereço electrónico: <http://www.smstv.pt/>. Aí, podia-se ter acesso ao regulamento de participação nas emissões e passatempos. Este canal começou as suas emissões a 27 de Novembro de 2003, de acordo com dados disponibilizados pelo ICS – INSTITUTO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL (2001) e só no primeiro trimestre de 2003 terão sido enviados 500 milhões de mensagens escritas, de acordo com dados publicados no sítio <http://idtv.sapo.pt/media/televisao/> (consultado a 08/12/2005).

<sup>18</sup> O endereço electrónico deste canal é <http://www.tchatche.com/default.aspx#> (consultado a 08/12/2005).

<sup>19</sup> Esta citação foi feita a partir do sítio da Vodafone (<http://www.vodafone.pt/main/funandinfo/parceiros/servicotelevisao>), consultado a 08/12/2005. Como curiosidade pode referir-se que a TVI (que recorre, tal como os outros canais abertos portugueses) às SMS's como forma de interagir com os telespectadores) publica no seu sítio o regulamento para o uso deste tipo de mensagens (<http://www.tvi.iol.pt/programas/programa.php?id=1337>, consultado a 08/12/2005).

<sup>20</sup> Manuel MOLINOS (2005) no seu artigo publicado no *Jornal de Notícias* definia *podcasts* como «uma espécie de 'blog' com som, seguindo o formato da rádio». O nome deste novo tipo de produto resulta da junção das palavras iPod e broadcast e, como se poderá depreender, permite que se tenha acesso a produtos que se assemelham (ou são mesmo) emissões de rádio, que depois de “descarregadas” da Internet podem ser ouvidas em qualquer leitor de mp3. A *Wikipédia* (2005<sup>d</sup>) diz: «Podcasting is a term used to describe a collection of technologies for automatically distributing audio programs over the Internet using a publisher/subscriber model. It differs from earlier online collections of audio works because it automatically transfers the files to the user's computer for later use; it is one example of push technology. Podcasting enables independent producers to create self-published, syndicated "radio shows," and gives broadcast radio or television programs a new distribution method». Nos EUA (MOLINOS, 2005) «já são escutados por seis milhões de pessoas[, e]m Portugal estão ainda a chegar». Steve Jobs, Director Geral da Apple, dizia a propósito (APPLE, 2005): «Podcasting is the next generation of radio, and users can now subscribe to over 3,000 free Podcasts and have each new episode automatically delivered over the Internet to their computer and iPod». Também foi noticiado recentemente que o *New Oxford American Dictionary* declarou a palavra *podcast* como sendo

Este fenómeno é extensível ao resto do planeta, como refere Célia QUICO (s.d.)<sup>21</sup>:

Nos últimos anos, um pouco por todo o mundo foram lançados programas, jogos e serviços de televisão que permitem a interacção via telemóvel, através do envio de SMS. Assim, em lugar dos operadores e canais de televisão disponibilizarem uma aplicação por intermédio de uma plataforma de televisão interactiva – Open TV, Mediahighway, Liberate, Microsoft TV –, recorrem ao telemóvel como “canal de retorno”, tal como refere a analista de novos media Ferhan Cook. Este fenómeno prevalece em países onde as plataformas de televisão digital interactiva são de pouca relevância, aponta ainda Ferhan Cook, como é o caso da Alemanha, Holanda, Finlândia e as Filipinas. A interactividade por SMS dá a possibilidade aos operadores e broadcasters de se relacionarem com as audiências mais jovens, gerando receitas adicionais sem ter que fazer os avultados investimentos necessários ao desenvolvimento de aplicações interactivas. De notar que os serviços mais populares são a votação em sondagens, a participação em Chats-SMS e os jogos SMS-TV.

Este uso intensivo das SMS’s como forma de transmitir mensagens de teor publicitário representa uma fatia considerável dos lucros das estações de televisão europeias que emitem em canal aberto. Na verdade, as receitas provenientes da utilização deste tipo de mensagem pelas empresas de TV representavam, em 2004, 2% do total das suas receitas publicitárias (um valor que atinge os 22 milhões de Euros), segundo dados obtidos através de um estudo do *The McKinsey Quarterly* e publicados num artigo do OBERCOM – OBESERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO<sup>22</sup> (2004).

Martin Cooper, o inventor do telemóvel, salienta o valor económico deste aparelho para todos os que o utilizam nas suas estratégias comerciais, quer sejam as operadoras de redes, quer sejam outras empresas (APÊNDICE A<sup>23</sup>):

---

a “palavra do ano” e passou a inclui-la nas suas edições com a seguinte definição: «a digital recording of a radio broadcast or similar program, made available on the internet for downloading to a personal audio player» (BBC NEWS, 2005).

<sup>21</sup> Célia Quico é uma investigadora portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, com trabalhos publicados sobre a temática de televisão interactiva.

<sup>22</sup> O OBERCOM é um organismo que visa o estudo das problemáticas relacionadas com a Comunicação, sem fins lucrativos e que congrega diversas entidades, como a Associação Portuguesa de Imprensa, o CENJOR – Centro Protocolar de Formação Profissional dos Jornalistas, a ANACOM, entre outros. O seu sítio pode ser visto no seguinte endereço electrónico: <http://www.obercom.pt/2004/> (consultado a 09/12/2005).

<sup>23</sup> Martin Cooper acedeu, gentilmente, a conceder-me uma entrevista, que foi realizada a 6 de Julho de 2005, através de e-mail. As questões foram colocadas, elaboradas e ordenadas por mim própria e as respostas são do Sr. Cooper, que se mostrou totalmente disponível para colaborar na minha investigação. O texto completo desta entrevista consta dos anexos deste trabalho com a designação de APÊNDICE A.

The second major application beyond speech turned out to be the SMS (short message service) which was a big surprise to the carriers but which has become the second largest money earner for the carriers.

Estes milhões de utilizadores de telemóveis que se espalham por todo o mundo desenvolveram uma forma muito peculiar de comunicarem entre si: por só poderem utilizar 160 caracteres para compor as suas mensagens<sup>24</sup> começaram a criar formas de tornar mais curtas as suas frases, cortando letras, recorrendo a siglas, acrónimos e pequenos desenhos que poderiam transmitir as suas ideias. Este tipo de sinais, os quais permitem uma *grande economia de escrita* (e *representam menos custos*, quer nas mensagens telefónicas quer de Internet, já que resultam num menor tempo de utilização da linha telefónica<sup>25</sup>), foi ganhando cada vez mais adeptos, tanto mais, que um outro fenómeno comunicacional veio contribuir para esse domínio/desenvolvimento: o surgimento dos *chats*, ou seja, dos serviços de troca de mensagens instantâneas através da Internet. Hoje, todos nos socorremos do *MSN*<sup>26</sup>, que nos permite comunicar em tempo real com várias pessoas ao mesmo tempo<sup>27</sup> e saber quem “está ligado” ou não, escolhendo se queremos enviar mensagens a esses indivíduos. Martin Cooper também diz, a propósito deste uso massivo dos serviços SMS (APÊNDICE A):

People use SMS for two important reasons. Firstly, it is a store-and-forward service. You can send an SMS the moment you think of it and let the person to whom the SMS is addressed answer it at their convenience. The second major advantage of SMS is its very low cost. It is this combination that has made SMS so popular.

A sua utilização é tão significativa, que quase todos esses “sinais” passaram a fazer parte da lista que todos dominamos/compreendemos e, logo, incluímos nas nossas práticas comunicacionais.

Nos países de expressão anglo-saxónica chamam-lhe o “*Txtng spk*”<sup>28</sup> ou “*textng*”; noutros países, como a França, referem-se a ele apenas como o SMS; em

<sup>24</sup> Cft. Com a nota de rodapé nº 6 do Cap. 4.

<sup>25</sup> Diz, a propósito, Vanda LADEIRAS (2005:38): «As principais características do SMS são a redução de custos, a comunicação quase instantânea e personalizada e a interactividade. (...) [E]sta é uma forma prática de comunicar.

<sup>26</sup> Programa informático para transmissão de Mensagens Instantâneas, que será abordado de forma mais detalhada nos Cas. 3 e 4 deste trabalho. Existem outros programas deste tipo, como também se explica nos mesmos capítulos.

<sup>27</sup> Quem possuir uma *webcam* (pequena câmara de vídeo, apropriada para a transmissão de imagens via Internet) e/ou um microfone pode, inclusivamente, transmitir a sua imagem e o som da sua voz a outro utilizador.

<sup>28</sup> “*Txtng spk*” = Texting speak.

Portugal, usam-se as expressões “*cibernautês*” ou “*internautês*”<sup>29</sup>, que nos remetem para uma outra realidade: a aplicação deste tipo de sinais em mensagens veiculadas por outros meios de comunicação que não apenas o telemóvel, nomeadamente a Internet (através dos serviços de Mensagens Instantâneas – *chats* - e dos *e-mails*). Todavia, neste trabalho será usada a expressão “*chatês*”, por se ter considerado ser uma junção interessante dos conceitos de *chat* e de língua portuguesa, ambos subjacentes ao surgimento/aplicação corrente desta forma de comunicar e por se entender que seria uma forma mais original e, de certa maneira, bem-humorada, de estabelecer uma conotação com os problemas comunicacionais que podem advir da sua utilização.

Naturalmente, muitos destes grafismos e dessas abreviaturas que tenho referido passaram a ser integrados no uso que se faz das línguas, incluindo, evidentemente, o Português. A publicidade serve-se deles para veicular as suas mensagens<sup>30</sup>. Há livros de banda desenhada e de poesia editados<sup>31</sup>, em que se escreve utilizando apenas o “*chatês*”. Há sítios na Internet em que se usa este tipo de comunicação. Nas escolas, eles são quotidianamente “avistados”, sobretudo nas produções textuais dos alunos (é frequente encontrar-se nos testes, nos trabalhos escritos e cadernos marcas deste tipo de prática), mas já há docentes que os utilizam para enfatizar os seus discursos em situações **muito** pontuais. Recordo um episódio passado este ano lectivo, na escola onde trabalho e que espelha este tipo de situação: é habitual os Directores de Turma deixarem pequenos recados nos livros de ponto, em que transmitem informações a todos os professores de

<sup>29</sup> Designações referenciadas por Joviana Benedito, nas obras mencionadas na Bibliografia deste trabalho e que reflectem a preocupação e atenção que esta autora tem dado a esta temática. Mais adiante, neste capítulo, dar-se-ão informações detalhadas sobre esta autora.

<sup>30</sup> Veja-se o caso de um cartaz publicitário da Nescafé, cujo slogan é “Tás na tua numa boa – Nescafé, o teu caféé” (visto no sítio <http://www.delfim.info/retorica/outros.htm>, consultado a 09/12/2004 e criado pelo Professor Doutor Filipe Delfim Santos, Director do Curso de Relações Internacionais e do Centro de Estudos Multiculturais da Universidade Independente, onde também dá aulas de Cultura Portuguesa, Antropologia e História da Comunicação).

<sup>31</sup> São inúmeros os exemplos, desde a banda desenhada, aos livros de contos, passando pela poesia, quer a que se escreve mesmo em “*chatês*”, quer a que é escrita a pensar no SMS e tendo apenas os 160 caracteres suportados por uma mensagem deste tipo. Senão vejamos: em Portugal foram editados, que eu tenha conhecimento, dois livros com poesia preparada para ser enviada via SMS – de Valter Hugo MÃE e Jorge REIS-SÁ (2003) uma colectânea de autores clássicos portugueses com o título *A alma não é pequena – 100 poemas portugueses para SMS* e de Alexandra MALHEIRO *et al.* (2003) o *e-book Poesia SMS – Antologia de Poesia para Usar em Mensagens SMS*, ambos referenciados na Bibliografia deste trabalho (esta ideia também foi posta em prática na Alemanha, segundo notícias publicadas na imprensa e que constam dos Anexos deste trabalho); em França foram publicadas diversas obras, desde romances a contos (incluindo as fábulas de La Fontaine), por um autor que se tem dedicado bastante ao “*chatês*”, Phil Marso e que já tem a sua própria editora, a *MEGACOM-IK* e um sítio onde aborda diversas questões relacionadas com o SMS tendo, inclusivamente, publicado um manual escolar onde se ensina a usar o SMS (<http://www.profsms.com/>, consultado a 21/06/04); existem diversos concursos de poesia SMS um pouco por todo o mundo, sendo o mais famoso o que é promovido pelo jornal britânico *The Guardian* (nos Anexos deste trabalho existem várias referências da Imprensa sobre este tipo de evento); o autor português de banda desenhada Ricardo Moura publica no seu sítio algumas tiras de *Os Putos* em que escreve usando o “*chatês*” (<http://www.osputos.com/index.aspx?data=2003/05/12>, consultado a 22/06/2004).

um dado grupo de alunos; uma colega (jovem, na casa dos 23-26 anos), ao escrever à mão uma dessas notas breves, terminava-a da seguinte forma: «Obrigada, colegas! ☺».

A sua penetração nas nossas práticas comunicativas e o uso simultâneo que fazemos delas e das nossas línguas maternas geram a desconfiança de todos. Essa preocupação torna-se visível, de tempos a tempos, através dos meios de comunicação social, que em artigos mais ou menos extensos e mais ou menos aprofundados em termos científicos, fazem eco dos que maiores desconfianças ou maiores esperanças têm relativamente a este tema<sup>32</sup>, que preocupa sobretudo os docentes, empenhados em minimizar os efeitos que poderão vir a ser sentidos na forma como o Português se escreve. Esses exemplos de “intromissão” do “chatês” nas práticas comunicativas quotidianas dos estudantes não são tão esporádicos quanto se possa imaginar e os alunos do 10º ano, os mais novos do Ensino Secundário, cada vez mais recorrem a estes sinais, independentemente do trabalho ou da disciplina para o/a qual estejam a escrever. Ao longo dos últimos dois ou três anos tenho escutado muitas histórias sobre situações destas e, na minha própria prática docente, tenho-me apercebido, por exemplo, do aumento do uso das abreviaturas ou, mesmo, da substituição das abreviaturas clássicas, como o “q/” por abreviaturas típicas do “chatês”, como o “k”. E essa substituição não é feita apenas nos cadernos ou nos bilhetes que os alunos trocam entre si: surgem nos testes e, até, nos trabalhos escritos em que se exige maior rigor e aprofundamento temático, permitindo que muitos se questionem sobre a possibilidade de os jovens estarem a perder a noção de que devem adequar a linguagem às situações de comunicação mais ou menos formal que se lhes deparam.

Esta constatação alertou-me para o tema e despertou a minha curiosidade/vontade de aprofundar os meus conhecimentos nesta área e perceber o que estava em causa relativamente a este fenómeno.

Rapidamente percebi que alguns investigadores, sobretudo nos países onde os meios de comunicação electrónicos têm grande expressão há mais tempo que em Portugal, estavam interessados nesta temática, mas pouco se estava a fazer/produzir

---

<sup>32</sup> Nos anexos deste trabalho incluem-se vários artigos, retirados quer da imprensa portuguesa, quer da imprensa estrangeira e que comprovam esta afirmação, como é o caso do artigo de Vanda LADEIRAS (2005), com o título “Escrever mal está na moda” (publicado na Revista *Focus*); ou do artigo “Telemóveis sub-18” de Isabel COSTA e Rafael G. ANTUNES (2004) publicado na Revista *Sábado*; ou do artigo “Estamos Viciados em SMS” de Sónia RAMALHO (2005), publicado pela revista *Nova Gente*; ou do artigo publicado no Correio da Manhã e escrito por Isabel Ramos (2003), com o título “Português Alterado”, para dar apenas alguns exemplos retirados da imprensa nacional.

para estudar/analisar de forma científica este fenómeno, como afirmam KATZ e AAKHUS (2003: 3):

Given the ever-expanding changes enabled by the ever-shrinking mobile phone, it is high time to give the subject a concentrated scholarly attention. Yet, despite billions of dollars and hours spent on mobile communication, there is but slight academic interest in the social aspects of these processes.

Em Portugal, tive conhecimento dos trabalhos de quatro investigadores<sup>33</sup>:

- De **Joviana Chartier Martins Benedito**, Licenciada em Românicas – Literaturas e com uma pós-graduação em “Espaço Lusófono: Lusofonia e Relações Internacionais”, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, professora do Ensino Secundário e da Escola Superior de Educação Almeida Garrett – ESEAG (pertencente à Universidade Lusófona). Esta investigadora publicou diversas obras sobre as temáticas ligadas aos SMS’s e aos *Chats*, nomeadamente o *Dicionário da Internet e do Telemóvel* (2003<sup>b</sup>) e *Que Lingu@ Portugues@ no Ch@t da Internet? (antologia)* (2002)<sup>34</sup>, obras que tiveram como génese a sua “entrada” para o “mundo virtual”, primeiro através de pesquisas, do correio electrónico e, mais tarde, utilizando o ICQ, o Messenger, o Gazzag, o Orkut e outros recursos que possibilitam a comunicação mediada por computador. Essa crescente curiosidade e compreensão da forma como os utilizadores tiravam partido das ferramentas à sua disposição, bem como das peculiaridades destes media levaram-na a questionar-se sobre a forma como a língua portuguesa era usada na Internet. Tem desenvolvido um trabalho de extensa compilação das linguagens usadas pelos cibercasualistas e pelos utilizadores de SMS’s e tem publicado (na revista de uma das editoras dos seus trabalhos, as Edições Centro Atlântico.pt.) alguns artigos sobre esta temática (“A Língua Portuguesa na Internet e no SMS”, 2003<sup>c</sup> e “Uma Nova área de Formação de Palavras”, 2003<sup>d</sup>). Para além disso, tem participado em conferências com jovens alunos um pouco por todo o país (por exemplo, esteve em Faro, no ano lectivo 2004/2005, na Escola E, B 2,3 n.º4) e foi uma das conferencistas

<sup>33</sup> Mantenho-me em contacto com os quatro, via *e-mail*, já que atenciosamente acederam a trocar ideias comigo sobre a minha própria investigação.

<sup>34</sup> Todas as obras de Joviana Benedito vêm mencionadas na Bibliografia deste trabalho.

convidadas do Curso de Especialização “Internet para Pais em 48 horas”, desenvolvido pela Universidade Autónoma de Lisboa a 14 e 15 de Julho de 2005;

- De **Berta Klara Helga Seifert Mauricio Guincho**, Licenciada em Filologia Germânica e Professora do Departamento de Engenharia Informática e de Sistemas (disciplina: Língua Alemã) no Instituto Superior de Engenharia de Coimbra – ISEC; É especialista em ensino com o recurso a meios de comunicação electrónica, especialmente na elaboração de “*Webquests*”<sup>35</sup>;
- De **Bernd Sieberg**, licenciado em Linguística Alemã pela Universidade de Bona, Professor no Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cuja área especial de investigação é: a Língua Oral/Linguagem e comunicação electrónica/Linguística e a aprendizagem da língua. Este docente universitário tem desenvolvido múltiplas actividades nestas áreas de investigação, produzindo diversos trabalhos escritos (em língua alemã) e tem colaborado em projectos científicos, tais como os desenvolvidos pelo Centro de Estudos Alemães e Europeus, nomeadamente um que se prende com a investigação de “Factores Semântico-Pragmáticos da Mudança Linguística em Alemão e Português”, No âmbito do Programa Erasmus participou numa conferência na Universidade de Bolonha (em 2002), com a comunicação “A Linguagem no Chat”;
- E de **Maria Clotilde de Valle-Flor Telles de Freitas Almeida**, Doutorada em Linguística pela Universidade de Lisboa e Professora no Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras dessa mesma Universidade. Esta docente é a coordenadora do Mestrado em *Linguagens dos Jovens e Linguagem da Internet*, no qual Bernd Sieberg lecciona o seminário de “Comunicação e Linguagem na Internet”.

---

<sup>35</sup> A *Wikipedia* (2005<sup>b</sup>) define assim *Webquest*: «In education, WebQuest... is a research activity in which students collect information, where most of the information comes from the World Wide Web. It was first invented by Bernie Dodge in 1995. According to (...) Dodge, a WebQuest is "an inquiry-oriented activity in which some or all of the information that learners interact with comes from resources on the internet, optionally supplemented with videoconferencing."».

Todos estes investigadores centram as suas atenções essencialmente nos aspectos relacionados com o uso deste tipo de linguagem que é feito pelos utilizadores dos meios de comunicação mediada por computador, procurando recolher e construir *corpus* que permitam a sua análise linguística. Sobretudo, os dois últimos investigadores referenciados têm esse tipo de preocupação e centram a sua análise nos possíveis efeitos que possam ser visíveis na língua alemã, já que esse é o seu idioma de especialização e ambos são Linguístas por formação académica.

Mas fora de Portugal, também se encontram estudiosos deste tema, embora, como já referi, aqueles que se dedicam à análise das questões relacionadas com o uso do SMS ou do “chatês” não sejam tão numerosos como em outras áreas. A preocupação de praticamente todos eles centra-se em dois aspectos fundamentais:

1º - As questões de natureza linguística relacionadas com os efeitos que o uso das linguagens dos *chats* e do SMS possam ter nas línguas maternas e a consequente sistematização/recolha das siglas, acrónimos e *emoticons* que os utilizadores de cada país utilizam. Essas análises visam a compreensão do conteúdo lexical (ou mesmo a percepção do surgimento de novo léxico nas línguas maternas, novo léxico esse com origem neste tipo de linguagem), bem como da estrutura sintáctica usada pelos internautas e as funções desempenhadas pelas mensagens SMS, sempre por comparação com as estruturas e léxicos dos países nos quais os estudos são produzidos (este tipo de estudo é o que surge com menor frequência). Exemplo disso são os trabalhos desenvolvidos por:

- **Artemis LAMBRINIDI e Iro DEPASTA** (2004), estudantes do “Department of Communication, Media & Culture” da Universidade de Panteion (Atenas, Grécia), que elaboraram o trabalho *Greek Language and Mobile Text Messaging (SMS)*, supervisionados por Maria Kakavoulia, Professora da cadeira de Retórica e Estilística dessa Universidade;
- **Crispin THURLOW** (2003), Doutorado em “Language & Communication” pela Universidade de Wales e Professor no “Department of Communication” da Universidade de Washington, é o autor do trabalho *Generation Txt? The sociolinguistics of young people's text-messaging* e tem-se dedicado a investigar temas relacionados essencialmente com três temáticas específicas: as fronteiras impostas pela adolescência e pela expectativa/tempo de vida, fronteiras turísticas e

nacionais/étnicas e fronteiras de natureza sexual ou de género. Nos seus estudos recorre às metodologias e bases teóricas definidas pelos “Critical Intercultural Studies” e “Critical Discourse Analysis”;

- **Ylva Hård af SEGERSTAD** (2002)<sup>36</sup> é uma investigadora sueca da Universidade de Göteborg, que se dedica ao estudo dos fenómenos linguísticos associados ao uso e desenvolvimento das formas de comunicação mediadas por computador, cuja tese de Doutoramento citada na Bibliografia deste trabalho - *Use and Adaptation of Written Language to the Conditions of Computer-Mediated Communication* -, se centra nas questões relacionadas com o uso das formas de Comunicação Mediatizada por Computador (CMC);

2º - As questões de natureza social/sociológica, ou seja, que tipo de influência exercem estes meios de comunicação nos comportamentos/hábitos sociais e nas representações que os sujeitos fazem de si mesmos e dos grupos onde se inserem; que tipo de influência/impacto têm estes meios de comunicação ao nível económico e tecnológico. Nestes campos, há que destacar os trabalhos desenvolvidos por estudiosos como Pierre Lévy e Manuel Castells<sup>37</sup>, cujas obras analisam extensamente o fenómeno “cibercultura” e as sociedades ligadas em redes (ainda que não estudem directamente o fenómeno do “chatês” ou do crescimento das SMS’s); há, ainda, que destacar a obra de James E. KATZ<sup>38</sup> e Mark AAKHUS<sup>39</sup> (2003) intitulada *Perpetual Contact – Mobile Communication, Private talk, Public Performance*, na qual vários autores analisam as formas como os telemóveis alteraram as mentalidades e sociedades de diversos países,

<sup>36</sup> [Dados obtidos através do sítio da investigadora, <http://www.ling.gu.se/~ylva/>, consultado a 29/06/2005].

<sup>37</sup> Ambos os autores têm referências na Bibliografia deste trabalho. Pierre Lévy (1956) é Sociólogo, formado pela Universidade da Sorbonne, Paris, França e lecciona, actualmente, na Universidade de Ottawa, Canadá, sendo Professor Convidado e responsável pela cadeira de Investigação em Inteligência Colectiva [dados recolhidos a partir de UNIVERSITÉ D’OTTAWA (2004), CANDIDO, Celso *et al* (1998) e CANADA RESEARCH CHAIRS (s.d.)]. Tem uma extensa lista de trabalhos publicados na área da Teoria/Sociologia da Comunicação, alguns deles mencionados na Bibliografia deste trabalho. Manuel Castells (1942) é Professor do Internet Interdisciplinary Institute da Universitat Oberta de Catalunya em Espanha, Professor de Comunicação e detentor da Wallis Annenberg Chair in Communication Technology and Society na Annenberg School for Communication, University of Southern California, Los Angeles e Professor Emérito da Universidade de Barkley, nos Estados Unidos da América [dados recolhidos a partir de UC BERKELEY - DEPARTMENT OF SOCIOLOGY (2005) e USC ANNENBERG SCHOOL FOR COMMUNICATION (2005)]. Tem uma extensa obra publicada no que toca às Teoria/Sociologia da Comunicação (alguns dos seus livros constam da Bibliografia deste trabalho).

<sup>38</sup> James E. KATZ é Professor de Comunicação na Rutgers University, New Jersey, EUA e Director do Center for Mobile Communication Studies [dados recolhidos a partir de KATZ, James E. e AAKHUS, Mark (2003) e do sítio pessoal do autor, com o endereço: <http://www.scils.rutgers.edu/ci/cmcs/director/index.htm> (consultado a 12/12/2005)].

<sup>39</sup> Mark AAKHUS é Professor Assistente na Rutgers University, New Jersey, EUA e Director de Graduate Studies in Communication [dados recolhidos a partir de KATZ, James E. e AAKHUS, Mark (2003) e do sítio pessoal do autor, com o endereço: <http://www.scils.rutgers.edu/~aakhus/> (consultado a 12/12/2005)].

desde Israel, até aos EUA e Finlândia, entre outros. Existem outros trabalhos, sobretudo acerca da forma como o uso dos telemóveis pode afectar o comportamento dos adolescentes<sup>40</sup> e o seu relacionamento entre pares e com outras faixas etárias.

A mim interessou-me reflectir sobre esta temática tendo duas perspectivas em mente, que nasceram em íntima relação com as questões abordadas em alguns dos Seminários frequentados durante o Mestrado que agora termino e com a própria temática geral do dito Mestrado, ou seja, a Pedagogia dos Media:

- Em primeiro lugar, tentar compreender e aprofundar conceitos desenvolvidos pela Linguística (língua, linguagem, código, signo, ícone, linguagem icónica, gramática, entre outros), de modo a tentar perceber, tal como referia no meu projecto de Tese, **«se este “novo tipo de comunicação” poderá constituir-se como mais um código e evoluir para uma linguagem ou língua e, por isso, possa influenciar de forma negativa ou positiva, a aprendizagem/uso da língua materna»**, da sua norma;
- Por outro lado, interessava-me averiguar se **seria ou não possível recorrer ao próprio “chatês” como uma “arma” para ensinar a língua padrão, motivando os alunos**, por norma seus utilizadores habituais, **a compreender as regras correctas de utilização da língua materna**. No fundo, se quisermos, interessava-me saber se seria possível ou não empregá-lo como parte de uma estratégia motivacional, para levar, até os alunos com maiores dificuldades, a interessarem-se e a apreenderem as regras da língua materna.

Nesse sentido, tive conhecimento do trabalho desenvolvido pela professora **Else Martins dos SANTOS**<sup>41</sup> (2003), que, apresentou o texto *O Chat e sua Influência na*

---

<sup>40</sup> Para ter acesso a alguns destes estudos, basta consultar o sítio organizado pelo Professor Dr. Hans GESER, docente do Instituto de Sociologia da Universidade de Zurique (Suíça), no endereço [http://socio.ch/mobile/index\\_mobile.htm](http://socio.ch/mobile/index_mobile.htm) (consultado a 07/07/2005) e aí se encontrarão *links* para diversos textos. Este investigador é o autor do trabalho *Towards a Sociological Theory of the Mobile Phone* (2004). Pode-se, ainda, consultar o sítio <http://members.aol.com/leshaddon/MobileRefs.html> (consultado a 07/07/2005), organizado por Leslie HADDON, outro Sociólogo e Professor Universitário de School of Cultural and Community Studies, Universidade de Sussex, UK. Este investigador também tem diversos trabalhos nesta área, como, por exemplo, *The Experience of the Mobile Phone* (1998).

<sup>41</sup> Else Martins dos SANTOS é licenciada em Letras pela PUC-Minas e especializou-se em produção de texto pelo UniBH, tendo terminado o Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte, Brasil, em Estudos Lingüísticos. Dá aulas à 8ª série, segundo grau e ainda leciona Lingüística e Morfologia no Curso de Letras da Faculdade Sabará, também em Minas Gerais. Também foi uma das parceiras da Comissão Técnica para a Língua Portuguesa e Alfabetização em 2004, organismo que procede à análise dos Manuais Escolares que deverão ser integrados no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, organismo do Ministério da Educação brasileiro.

*escrita do Adolescente* como dissertação final do seu Mestrado em Estudos Linguísticos, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte, Brasil. Neste trabalho, a docente brasileira demonstra que, no caso/grupo por ela estudado, não se registaram influências negativas na escrita, entendendo-se que essas influências negativas seriam comprovadas pela inadequação do nível de língua usado em diferentes situações de comunicação dentro da sala de aula (cartas dirigidas ao professor e bilhetes trocados entre os alunos) e pela presença, em documentos de teor mais formal (testes), de marcas do “chatês”. Este trabalho foi importante para o desenvolvimento da minha própria investigação, já que quase tocava a mesma temática<sup>42</sup>, embora seguindo uma metodologia diversa.

Para conseguir averiguar da exequibilidade/validade dos dois aspectos anteriormente mencionados tornava-se obrigatório compreender que regras estão implícitas nos processos comunicativos que recorrem a estes media, de modo a garantir a correcta emissão e recepção de mensagens, bem como o tipo de utilização que deles fazem os alunos e de que forma esse uso se reflecte na prática escolar, quer por parte dos estudantes, quer por parte dos professores. Isso implicou o envolvimento com um grupo de alunos e de professores, que foi estudado como um caso particular, através do qual se tentou estabelecer as vantagens e desvantagens da introdução destes tipos de código nas práticas pedagógicas/docentes, aferindo se o uso da tecnologia e a interdisciplinaridade implícita nele favorecem a aprendizagem de conteúdos curriculares, motivam os alunos para o conhecimento e sua valorização e têm uma função socializadora/de integração dos indivíduos no seu meio/entre os seus pares.

Assim, este texto final tem a seguinte estrutura:

**1 – Introdução** (explicação sobre como/porque surgiu a ideia de realizar este estudo);

**2 – Metodologia de trabalho** (Indicação dos métodos utilizados na pesquisa);

**3 – História dos SMS, MSN e CHATS** (Compilação das informações recolhidas acerca da forma como surgiram estas formas de comunicação);

**4 – Processo tecnológico usado na transmissão de SMS e nos Chats** (Explicação sobre o processo de transmissão das mensagens);

---

[dados recolhidos junto da autora e a partir dos sítios <http://www.universiabrasil.net/materia/materia.jsp?id=2912> e <http://www.fnde.gov.br/guiasvirtuais/pnld2004/pdfs/guia1portuguesintroducao.pdf>, consultados a 14/01/2006].

<sup>42</sup> Todavia, o trabalho desenvolvido por Else dos Santos não teve a preocupação em averiguar se seria possível recorrer ao “chatês” como estratégia motivacional dentro da sala de aula.

**5– Fundamentação teórica** (Definição/relacionamento dos conceitos/ autores ligados a esta temática e análise destas formas de comunicação);

**6 – Uso destes “códigos”** (Traçar um perfil dos utilizadores mais frequentes, de que regras têm de conhecer e aplicar para utilizar este tipo de comunicação; estabelecer as razões porque se afastam os docentes do uso deste tipo de media nas suas práticas lectivas);

**7 – Problemas ou vantagens para o processo comunicativo e para a prática pedagógica resultantes do uso desta forma de “comunicação”;**

**8 – Construção de um “Pequeno Guia Rápido para o Uso do “chatês” na aprendizagem do Português”** (Criação de um conjunto de exercícios que recorrem ao “chatês” para abordar conteúdos curriculares - que será um apêndice deste trabalho - e explicação/justificação dos aspectos envolvidos na sua construção);

**9 – Reflexão/conclusão** (Reflexão/análise sobre o trabalho e os seus aspectos positivos e negativos).

Entendeu-se que esta divisão/ordenação do trabalho permitiria uma melhor compreensão/desenvolvimento da temática, permitindo que qualquer leitor pudesse, gradualmente, tomar contacto com todas as problemáticas que se relacionam com o assunto. Os primeiros cinco capítulos têm, claramente, o objectivo de integrar/contextualizar o trabalho e facilitar a compreensão posterior de toda a pesquisa desenvolvida.

Entendeu-se, igualmente, incluir diversos anexos e apêndices que serviram como material de análise/pesquisa destinado a facilitar, mais uma vez, a contextualização (notícias ligadas a estas temáticas retiradas de páginas na Internet e da imprensa).

No que diz respeito à bibliografia, ela contém as obras, textos e sítios consultados/observados e de onde foram retirados alguns excertos e/ou imagens.

Ao longo de todo o texto serão introduzidas notas de rodapé com o intuito de justificar/contextualizar algumas afirmações, mencionar características biográficas/bibliográficas ou metodológicas de autores/personalidades ou obras, de modo a esclarecer/complementar a informação do corpo do texto.

A intenção deste trabalho é tentar levantar/esclarecer questões e abrir caminhos para um estudo mais aprofundado destes temas, contribuindo para a sua perspetivação, pois é inegável a necessidade de reflectir sobre a realidade, para melhor a entender e transformar, de acordo com as nossas necessidades e desejos, procurando – ainda que

correndo o risco de soar a mais um lugar comum – transformar o mundo num espaço melhor. Como dizia a canção *Cantata da Paz*, escrita na década de 70, “Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”<sup>43</sup>. É imperioso que os docentes, sobretudo, compreendam o mundo em que vivemos, para darem aos seus alunos melhores ferramentas para nele se inserirem, terem sucesso, serem felizes e esse mundo está diferente a cada minuto, como diz Leda Maria Rangearo FLORENTINI (2002)<sup>44</sup>:

Todos observamos o modo como as tecnologias vêm afetando a produção, a energia, as comunicações, o comércio, o transporte, o trabalho, a família, assim como nossa maneira de viver, de trabalhar, de aprender, de comunicar-nos, de sistematizar o que conhecemos, e todas as atividades relacionadas com a educação e a formação (Unesco, 1998). Nesse contexto ressalta o fato de que a informação não é estática e está acessível em múltiplos lugares (open learning) e até mesmo de forma gratuita, obtida por meio de enlaces virtuais (hiperlinks), além de estar organizada de múltiplas formas: escrita, gráfica, audiovisual, o que requer novos perfís pessoais e profissionais, num processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida (lifelong learning), provocando um desafio constante e crescente aos educadores e aos sistemas formativos.

Não vivemos isolados e faz parte da nossa natureza enquanto seres humanos, tal como têm provado diversos estudiosos das Ciências da Comunicação, estabelecer laços com o mundo físico e com os que o habitam, sobretudo os que fazem parte da nossa própria espécie. Num outro trabalho elaborado para este Mestrado<sup>45</sup> dizia que «[c]ada homem existe por si enquanto sujeito, individualidade, contudo, as suas capacidades intelectuais levam-no a necessitar de se relacionar com os outros. A agrupar-se. A comunicação é, assim, vista como instrumento das relações sociais enquanto desencadeadora da interactividade entre indivíduos». Por isso, é necessário compreender todos os processos que lhe estão subjacentes, para que a qualidade das mensagens e, logo, dos relacionamentos que elas garantem, seja cada vez melhor/maior. Mais ainda, quando em causa estão jovens alunos e a escola. Comunicar permite, também, que os adultos (nomeadamente, os professores) transmitam

<sup>43</sup> O poema que deu origem a esta canção foi escrito por Sophia de Mello Breyner Andresen e a música foi composta por Francisco Fanhais em 1970 e ela viria a ser uma das composições de contestação mais ouvidas durante a Revolução dos Cravos [dados obtidos através dos sítios: “Antiwar Songs”, <http://www.prato.linux.it/~lmasetti/canzonicontrolaguerra/canzone.php?lang=en&id=1256> (consultado a 14/01/2006) e do blog TadechuvaII, [http://tadechuva.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/historia\\_da\\_can\\_6.html](http://tadechuva.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/historia_da_can_6.html) (consultado a 14/01/2006) e do artigo de DUARTE (s.d.) mencionado na Bibliografia deste trabalho.].

<sup>44</sup> Leda Florentini é Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil, tal como se pode confirmar por dado publicados no texto referenciado e mencionado na Bibliografia deste trabalho.

<sup>45</sup> O trabalho tinha o título *Não há Olhares Virgens* e foi elaborado em conjunto por mim, pela Sofia Duarte e pela Helena Santos para o Seminário *Imagem e Media na Educação* (Junho de 2004), orientado pelo Professor Doutor Vítor Reia Baptista.

experiências/ensinamentos aos mais jovens, pondo em marcha o processo de socialização.

Usando a expressão popular, “não é enfiando a cabeça na areia” (que é como quem diz, criticando, julgando, proferindo afirmações sem estudar as causas/efeitos de determinados fenómenos) que vamos compreender a forma como as novas linguagens e meios de comunicação podem afectar esse processo de socialização e estruturas basilares da identidade dos povos, como é o caso dos idiomas. Por isso mesmo e sempre tendo em consideração a grande temática deste Mestrado, a Pedagogia da Comunicação, nasceu a decisão de elaborar este estudo sobre o “chatês”. O progresso continua a levar-nos para modificações cada vez mais radicais ao nível das tecnologias dos meios de comunicação e a História mostra-nos que o Homem tem sempre “sede” de mais.

Diz Alexandre Cruz ALMEIDA (2003)<sup>46</sup>:

    Não há motivo para pânico. Não existe língua sem influências estrangeiras – a não ser que seja uma língua morta.

    Usar “sale” ao invés de liquidação é tão absurdo quando falar friquique (free kick) ao invés de chute livre ou pênalti ao invés de penalidade. Tudo é uma questão de tempo.

    Aprendamos com nossos antepassados: eles também chiavam contra chofer, bradavam o fim da língua e, olha só, nada aconteceu.

Não sei se haverá ou não motivos para pânico, mas há, certamente e cada vez mais, motivos para reflectir sobre a forma como as novas tecnologias estão a afectar as nossas vidas. E, como diz o mesmo autor, porque as línguas nunca acabam é imprescindível compreender os seus processos de crescimento e adaptação, pois estaremos, igualmente, a compreender as pessoas que as falam e os objectivos ou transformações que se escondem por trás dessas mudanças, um pouco como Fernando Pessoa preconizava ao afirmar: «Minha Pátria é a Língua Portuguesa»<sup>47</sup> (SOARES, 1931).

---

<sup>46</sup> Alexandre Cruz Almeida é escritor e cronista no jornal brasileiro *Tribuna da Imprensa*, onde escreve sobre *blogs*. Este texto foi retirado do site pessoal deste autor e corresponde a um resumo de textos escritos pelo mesmo e publicados num *blog* brasileiro (país de origem do autor), que se designa *Liberal, Libertário, Libertino*, criado por este autor, que escreve sob o pseudónimo de Alex Castro e que pode ser visto no seguinte endereço electrónico: <http://liberallibertariolibertino.blogspot.com/> (consultado a 05/07/04).

<sup>47</sup> Bernardo Soares, um dos heterónimos de Fernando Pessoa (1888-1935), terá escrito esta frase, no seu *Livro do Desassossego*: «(...) Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro (...) a página mal escrita, a sintaxe errada (...) Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha. (...)». Este excerto foi retirado do

## 2 – Metodologia

Quando se fala de «descoberta», especialmente no domínio dos estudos humanísticos, não estamos a pensar em inventos revolucionários como a descoberta da divisão do átomo, na teoria da relatividade ou num medicamento que cure o cancro: podem ser descobertas modestas, sendo também considerado um resultado «científico» um novo modo de ler e compreender um texto clássico, a caracterização de um manuscrito que lança uma nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e uma releitura de estudos anteriores conducentes ao amadurecimento e sistematização das ideias que se encontravam dispersas noutros textos. Em todo o caso, o estudioso deve produzir um trabalho que, em teoria, os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, porque diz algo de novo.

ECO, Humberto, 1988:24.

Com o tempo tornamo-nos provavelmente mais maduros, conhecemos mais as coisas, mas a maneira como trabalhamos nas coisas que sabemos dependerá sempre do modo como estudámos inicialmente muitas coisas que não sabíamos.

ECO, Humberto, 1988:28.

Foi já salientado no capítulo anterior, que o tema abordado neste trabalho não tem merecido uma atenção muito especial por parte dos investigadores, sobretudo no nosso país. É um tema que resulta da aplicação/uso de uma tecnologia bastante recente (como se poderá comprovar no próximo capítulo) e, por isso mesmo, creio ainda não ter havido muito tempo para reflectir sobre as suas particularidades, bem como sobre as marcas que imprimirá nos indivíduos que mais são atraídos por ela.

Este facto implica, necessariamente, uma grande falta de referências por parte de quem quer começar uma investigação, ou seja, encontrar autores que tenham analisado os problemas relacionados com o uso do *chat* e do telemóvel não foi tarefa fácil e menos ainda quando se procurou material que perspectivasse esse uso sob a óptica de que os mesmos possam ser utilizados como ferramentas de aprendizagem da língua. Por essa razão, desenvolver um método de trabalho, ou seja, «seguir um caminho», «um plano pré-fixado, com regras próprias para se chegar a um destino ou finalidade»

---

fragmento 259, existente no sítio do Instituto Camões (<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/pessoa/ldfrag259.htm>, consultado a 07/07/04 e com a seguinte referência bibliográfica: Fernando Pessoa, 2000, O Livro do Desassossego, ed. Richard Zenith. Linda-a-Velha: Abril Controljournal.). Todavia, sei que este texto foi publicado originariamente em "Descobrimento", revista de Cultura n.º 3, 1931, pp. 409-410 e mais tarde foi publicado pela Editora Ática e tinha prefácio e organização do Professor Dr. Jacinto do Prado Coelho (Soares, Bernardo, Livro do Desassossego, in Fernando Pessoa, 17, vol. I., Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1982.).

(ANSELMO, 1988:12), para poder elaborar um texto final em que se conseguisse «expor com clareza um determinado corpo de raciocínios, entendido não só pelo próprio investigador, mas também pelos receptores da sua mensagem» (ANSELMO, 1988:12) obrigou a ponderação e ajustes permanentes, de modo a garantir o maior rigor científico.

O método desenvolvido teve em consideração duas grandes preocupações, resultantes, precisamente, dessa falta de referências teóricas sobre a temática. Por um lado, a observação/recolha de dados junto dos sujeitos que recorrem habitualmente a este tipo de tecnologia/”código”, já que esta aproximação permitiria a melhor compreensão das formas de interacção desses sujeitos entre eles e com o *media* e, conseqüentemente, a percepção das regras desse “código”. Por outro lado, privilegiou-se a análise de textos/obras/autores que abordassem, ainda que mesmo de forma indirecta, questões relacionadas com as conseqüências da penetração destas novas formas de comunicar nas sociedades actuais. Combinaram-se estratégias de observação participante e não participante:

- **Observação Participante:**

A) Julgo que o primeiro ponto a ter em consideração quanto a esta metodologia investigativa prende-se com o facto de eu *exercer funções docentes há já 12 anos*, quase todos eles a leccionar *no Ensino Secundário* (portanto, a alunos da faixa etária abrangida neste estudo) *e na Escola Secundária de Silves*, o que me faz conhecer muito bem o contexto social/económico/familiar de grande parte dos alunos e conhecer muito bem a realidade deste estabelecimento de ensino ao nível pedagógico (quer as características do corpo docente, quer dos estudantes). Um pouco à semelhança dos antropólogos naturalistas, como Margareth Mead, também eu me concentrei na observação dos fenómenos que me rodeavam, procurando que a minha observação não interferisse nos processos/comportamentos naturais dos sujeitos observados<sup>48</sup>. Logicamente, se por um lado tudo isto pode ser positivo, tenho plena consciência que também poderá ter aspectos negativos, que

---

<sup>48</sup> Sujeitos esses, que são, eles também (tal como os sujeitos observados por Mead), parte de uma “tribo” (se é que se pode alargar desta forma a metáfora, ao referir-mo-nos aos adolescentes), com os seus próprios códigos, não apenas linguísticos, mas éticos e estéticos, códigos esses que se reflectem em toda a sua vivência e, logo, no uso que fazem do “chatês”.

me podem conduzir a falhas/desvios resultantes dessa proximidade<sup>49</sup>, da sensação de segurança produzida por já se conhecer uma dada realidade, que pode, em muitos casos, conduzir um investigador à tentação de não comprovar as informações recolhidas. Neste caso, todavia, julgo ter sido determinante a qualidade de “observador participante”, pois não teria tido sequer a curiosidade de perceber o fenómeno abordado neste trabalho, se não tivesse testemunhado, enquanto docente e ao longo dos últimos anos, diversos casos (cada vez mais frequentes) de utilização do “chatês”. Foi essa minha observação que me levou a colocar a hipótese de os alunos menos dotados no Português terem maiores dificuldades em distinguir as situações comunicacionais em que deveriam recorrer a este tipo de “código”;

**B)** A mesma Margareth MEAD (1942:14) a que me referia na alínea anterior afirmava: «whenever in all his history Man has asked the right question, he has found the answer». As *entrevistas* assumiram particular importância neste trabalho, talvez, também, porque a minha formação de base como jornalista me leva a optar bastante por este tipo de modalidade investigativa, que permite um contacto directo com os sujeitos e uma grande rapidez na obtenção de dados. Tentei, não obstante, ter em atenção aspectos que poderiam influenciar os resultados das mesmas e tentei minimizá-los ou suprimi-los (a minha própria influência como entrevistador na forma como os entrevistados responderiam às questões, a adequação cultural das perguntas (tendo em consideração os perfis etários, por exemplo, dos entrevistados), o tipo de perguntas a efectuar (perguntas abertas ou fechadas, directas ou indirectas, criadas de acordo com o método provocatório ou o método de teste projectivo). Também se revelaram muito importantes os contactos/entrevistas feitas a alguns dos autores mais destacados na Bibliografia, como foi o caso da Sr.<sup>a</sup> Professora Joviana Benedito e da Sr.<sup>a</sup> Professora Doutora Ana Amélia de Carvalho, bem como a entrevista

---

<sup>49</sup> Este tipo de falhas e desvios foram mencionados pelo Professor Doutor António Branco no Seminário “Metodologia de Investigação em Ciências Humanas”, leccionado durante a parte curricular deste Mestrado. Para além disso, YIN (1994:171) também faz referência a estes problemas.

e o contacto mantido com Martin Cooper, o “inventor” do telemóvel. Sem estas entrevistas este trabalho seria muito mais pobre;

C) Os *contactos informais* com os professores, durante a aplicação dos exercícios por mim preparados, também se revelaram muito frutuoso, pois permitiram a introdução de acertos em função dos seus comentários/observações/sugestões, gerando um processo constante de avaliação do trabalho;

D) O *uso do MSN* e a *troca diária de mensagens através dele ou por e-mail* com alunos, docentes e/ou outras pessoas que poderiam contribuir para o esclarecimento de alguns tópicos (como Filipe Barbosa Múrias, responsável pela equipa de certificação de terminais da Optimus) foi mais um elemento da observação directa fundamental, inclusivamente, para a compreensão do próprio funcionamento do MSN e do “chatês”;

• **Observação Não Participante:**

A) Os *professores foram relatando*, ao longo da aplicação dos exercícios, quais *as reacções e comentários dos alunos* durante a sua execução, relatos esses que permitiram a formação de algumas conclusões e permitiram que, durante as sessões dos “*focus groups*” se pudessem colocar questões para esclarecimento/complemento de dados;

B) A *leitura e análise de textos*, sobretudo daqueles que se foram recolhendo através da troca/envio *de mensagens e da observação de blogs ou de conversas partilhadas/cedidas por alguns colaboradores* foram igualmente determinantes para a compreensão do assunto;

Assim sendo, a metodologia seguida no estudo desta temática privilegiou as seguintes modalidades investigativas:

- a **pesquisa bibliográfica**, quer em suporte papel, quer através da Internet;
- as **entrevistas**, nomeadamente a professores, a alunos (através da criação de “*focus groups*”) e a utilizadores frequentes destes media;
- o **contacto com autores de trabalhos nesta área**;
- a **compilação de exemplos/textos deste tipo de “comunicação”**, retirados da Internet e fornecidos por alguns colaboradores e efectuar análise textual (“*close reading*”);
- a **análise/reflexão sobre os dados recolhidos**;

- **construção do “Pequeno Guia Rápido para o Uso do Chat e SMS na aprendizagem do Português” e na redacção deste trabalho final;**
- **introdução de anexos/apêndices.**

## 2.1 – PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica assumiu particular relevância neste trabalho.

Longas horas foram passadas a ler/analisar textos de diversos autores, leituras essas que estão expressas na Bibliografia final deste trabalho e que permitiram confirmar dados, levantar pistas, encetar novas pesquisas. Foi referenciada anteriormente a dificuldade de encontrar bibliografia específica, mas deu-se particular atenção a três autores: Joviana BENEDITO, James E. KATZ e Mark AAKHUS<sup>50</sup>. No caso da primeira autora, o seu trabalho de recolha de textos escritos em “chatês” e a sistematização de regras e, abreviaturas, acrónimos, entre outros, num *Dicionário para Chat, SMS e E-mail* e num *Dicionário da Internet e do Telemóvel* foram uma preciosa ajuda, que permitiu a compreensão mais célere de todo este universo do “chatês”, bem como uma maior rapidez na análise dos textos que foram sendo recolhidos junto de utilizadores dos *chats*, MSN e SMS. Estas obras foram, ainda, referências importantes no trabalho com os docentes de Português que colaboraram neste estudo, já que lhes foram fornecidos e constituíram, na maioria dos casos, a sua primeira abordagem às características/regras deste “código”.

Dois outros autores e a sua obra *Perpetual Contact – Mobile Communication, Private talk, Public Performance* foram de grande ajuda para compreender os fenómenos de natureza mais sociológica ligados ao uso do “chatês” e redimensioná-los à escala do grupo/caso estudado neste trabalho.

Estas foram obras de consulta constante.

Leram-se muitos outros textos a partir da Internet. As dificuldades anteriormente mencionadas obrigaram-me a uma busca permanente do que estava a ser desenvolvido por outros investigadores e a Internet revelou-se um recurso absolutamente indispensável durante a execução desta investigação, que permitiu o acesso a trabalhos que de outra forma estariam indisponíveis e permitiu uma poupança significativa de tempo. Daí que muitas vezes surjam citados textos extraídos de sítios e páginas de

---

<sup>50</sup> Estes autores e as suas obras estão referenciados na Bibliografia deste trabalho.

Universidades, de páginas pessoais de investigadores, de obras que estão disponíveis no ciberespaço. Todavia, devo salientar que foram tidas diversas cautelas quanto a este recurso, resultantes das suas características intrínsecas e essas cautelas conduziram-me ao confronto de informações/textos/autores.

Um Hipertexto é aquilo que Júlia KRISTEVA (s.d.)<sup>51</sup> designou por “mosaico de citações”, em que os textos a que acedemos são transformados/enformados por outros previamente lidos pelo seu Autor (ou por diversos autores que cooperam entre si) e pelo contexto social em que o mesmo se encaixa, ou seja, temos de ter a noção clara de que muitas vezes não estamos a lidar com «fontes de primeira mão», como diria Umberto ECO (1988). Esses textos são, também, trabalhados por cada leitor, que tem a liberdade de seguir um caminho próprio, definido individualmente e que o pode levar a cruzar um texto com outro, através da complexidade de *links* a que pode aceder, o que significa que é obrigatório que se seja um leitor activo, um leitor empenhado no processo de descodificação, que aparentemente pode parecer simples, mas que exige altos graus de concentração e de abstratização, porque, para além disto, os Hipertextos podem levantar alguns problemas a um investigador e este tem de os ter presentes sempre que recorre a eles como fontes: a *primeira* é a possibilidade real de quem “navega perder o rumo”, ou seja, de um leitor se desorientar, perder a noção do percurso feito e ter dificuldade em recuperar uma informação considerada muito importante; a *segunda* resulta, também, dessa permanente tarefa de escolher um determinado caminho, que nos pode fazer questionar o valor, o mérito dessa escolha, já que essa opção pode levar-nos ou não à descoberta daquilo que efectivamente buscamos (daí que seja imprescindível a condição de leitor activo, que não se contenta com o resultado da primeira pesquisa); a *terceira*, é o risco de poder tomar algumas informações como verdadeiras e, na verdade, estar a recolher dados incorrectos ou mesmo falsos (mais uma vez, é necessário confirmar, confirmar, confirmar (!) e ter, como diz ECO (1988:74), «uma certa intuição»!).

Para além disso, houve a preocupação de efectuar uma pesquisa/procura/leitura de obras que permitissem uma contextualização teórica de alguns dos temas abordados,

---

<sup>51</sup> Kristeva nasceu na Bulgária e foi professora e psicanalista, tendo deixado o seu país e ido estudar para Paris, onde se relacionou, nas décadas de 60 e 70 do século XX, com os mais importantes nomes do Estruturalismo, como Roman Jakobson e Roland Barthes [dados recolhidos a partir do *blog* da autora, no endereço <http://kristeva.blogs.com/>, consultado a 06/01/2004 e do sítio <http://www.msu.edu/user/chrenkal/980/JKRIST.HTM>, consultado a 06/01/2004.]. É a grande teórica e introdutora do conceito de Intertextualidade (Segundo Maria Alzira SEIXO (1977:16) esta é «a consciência do texto como absorção de textos anteriores ao nível das variadas manifestações sociais (literárias, artísticas, económicas, religiosas, políticas) que o precederam». De uma forma simples, Intertextualidade é o conjunto de relações que um texto pode estabelecer com outros.).

nomeadamente as questões ligadas à Pedagogia e à Linguística. Ainda se procurou que essas leituras pudessem contribuir com dados de teor quantitativo, difíceis de obter de outro modo, já que o limite temporal para a execução deste trabalho, bem como o facto de ele ter sido pensado como um estudo de caso, colocavam dificuldades à implementação de metodologias deste tipo.

Por fim, tentou obter-se o máximo de dados acerca dos autores e dos textos consultados e mencionados, dados esses que se foram incluindo nas notas de rodapé ao longo do texto e cujas fontes foram sendo igualmente mencionadas, de modo a garantir que a pesquisa foi efectuada com a maior das seriedades. Estas notas serviram, assim, para permitir a contextualização de algumas afirmações, a caracterização dos seus autores ou a referência à obra de onde foram retirados, tendo sido usadas, igualmente, para esclarecer/complementar a informação do corpo do texto.

Assim, a Bibliografia deste trabalho está organizada do seguinte modo:

- Os autores estão referidos e organizados por ordem alfabética, quer os das obras consultadas em formato papel, quer os das obras/textos/excertos consultados em formato digital, tendo-se tentado seguir o modelo de organização/construção de uma Bibliografia “Auotr/Data” e organizar as entradas com o máximo de coerência;
- Os sítios/páginas que se observaram e que, de algum modo, concorreram para a realização deste trabalho, também estão referidos num sub-capítulo da Bibliografia, intitulado “Sítios Consultados”, no qual se indica a instituição/assunto abordado nesse endereço electrónico e se faz a listagem, mais uma vez, dos mesmos, por ordem alfabética;
- As indicações relativas às imagens, gráficos e desenhos utilizados também foram incluídas na Bibliografia deste trabalho, sempre que foi possível ter acesso às mesmas; essas informações encontram-se no sub-capítulo “Imagens”;
- Indicaram-se, sempre, as datas de consulta dos documentos electrónicos;
- Sempre que a edição consultada não foi a primeira, o número da edição será mencionado (caso seja referenciado na obra) e sendo possível o acesso aos dados bibliográficos da edição original, os mesmos serão incluídos no final da entrada, entre parênteses rectos.

## 2.2 – ENTREVISTAS

Para a concretização deste trabalho recorreu-se à realização de dois tipos de entrevistas, bem distintos entre si:

1. O primeiro tipo de entrevistas refere-se a um conjunto de perguntas que foi aplicado, com o objectivo de permitir a recolha de algumas opiniões, tanto de professores de áreas diversas, como de alunos, pois interessava-me, sobremaneira, saber o que pensam os utilizadores acerca dos temas abordados na minha pesquisa e neste trabalho final. As *perguntas foram enviadas por e-mail e foram respondidas, também por e-mail* (não, havendo, pois, preocupações quanto à localização geográfica de cada entrevistado), entre os dias 8 e 12 de Julho de 2004 e 14 de Outubro a 31 de Janeiro de 2006. Os primeiros a responder (facto que não deixa de ser curioso e significativo) foram os alunos. Colaboraram dois grupos, com as seguintes características:

### Características dos grupos entrevistados

	PROFESSORES	ALUNOS
<b>IDADES:</b>	Dois entrevistados com 25 anos, três entrevistados com 32 e 33 anos e um com 50 anos.	Cinco entrevistados com 17 anos, dois com 18 anos, um com 22 anos e outro com 23.
<b>SEXO:</b>	Dois entrevistados do sexo feminino e quatro do sexo masculino.	Três entrevistados do sexo masculino e seis do sexo feminino.
<b>FORMAÇÃO ACADÉMICA:</b>	Quatro com formação específica na área da Informática, um com formação específica na área da Geografia e um com formação específica para o ensino do Português/Inglês.	Um entrevistado no 11º Ano, seis no 12º Ano, um no 4º Ano da Lic. em Ciências da Comunicação (UALg) e um no 4º Ano da Lic. em Inglês/Alemão (Un. Coimbra).
<b>TOTAL DE ENTREVISTADOS:</b>	<b>Seis (6)</b>	<b>Nove (9)</b>

**Dados pormenorizados dos grupos de professores e alunos entrevistados****PROFESSORES**

Idade	Sexo F	Sexo M	informática	Geografia	Português/Inglês
25		sim	sim		
25		sim	sim		
32	sim				sim
33	sim		sim		
33		sim		sim	
50		sim	sim		

**ALUNOS**

Idade	Sexo F	Sexo M	11º ano	12º ano	4º ano da licenciatura
17		sim		sim	
17		sim	sim		
17	sim			sim	
17	sim			sim	
17	sim			sim	
18	sim			sim	
18		sim		sim	
22	sim				sim
23	sim				sim

\* Os entrevistados serão referidos como Entrevistado 1, 2 e assim sucessivamente, sendo sempre indicada a sua idade quando introduzida alguma referência às suas ideias ou uma citação. Essa classificação começa com os alunos e seguem-se os professores, sendo que o último Entrevistado terá o número 15 e será o professor de 50 anos.

2. O segundo tipo de entrevistas foi idealizado segundo a técnica dos “*Focus Groups*” (ligada às metodologias qualitativas de investigação científica) e desenvolvida com a intenção de procurar perceber valores, convicções, pontos de vistas e formas de interagir ou de utilizar as tecnologias que permitem o recurso ao “chatês” de determinados sujeitos, bem como com o objectivo de avaliar a forma como decorreu o trabalho de aplicação dos exercícios de “chatês” por parte de alunos e professores. Diz Thomas GREENBAUM (2003)<sup>52</sup>:

<sup>52</sup> Thomas Greenbaum é presidente e fundador do GroupsPlus Inc, uma empresa de Marketing com sede em Wilton, Connecticut, EUA, que se dedica ao desenvolvimento de pesquisas com Focus groups, para fins comerciais. Este investigador é especialista nesta temática, tendo publicado diversos livros sobre ela, bem como inúmeros artigos, muitos deles disponibilizados no sítio que se consultou e que a seguir se indica. Para além disto, tem uma carreira académica de grande relevância, tendo leccionado em algumas das mais prestigiadas Universidades Americanas (Cornell, Columbia, Harvard), sendo actualmente docente de “Marketing Research” na Leonard Stern School of Business, New York University [dados recolhidos no endereço electrónico <http://www.groupsplus.com/> (consultado a 23/06/2006)].

A traditional focus group consists of a 90-120 minute discussion among 8-10 individuals, who have been selected based upon having predetermined common characteristics (i.e., buying behavior, age, income, family composition, etc.), which is led by a trained moderator who conducts the session in a room with a one-way mirror using an interview guide that has been developed jointly by the client organization and the moderator.

A mini-group is essentially the same as a traditional focus group except it generally will consist of 4-6 participants...and often will be somewhat shorter than 90 minutes in length.

Armando Loera VARELA (2000)<sup>53</sup> também afirma no seu artigo “Los Grupos de Enfoque en la Investigación Educativa”:

[L]as entrevistas de grupo de enfoque los entrevistados se constituyen en un grupo que a la vez de responder las preguntas intercambian opiniones y aprenden de las respuestas de los demás o reaccionan a ellas. No se trata de varias entrevistas individuales al mismo tiempo sino que se espera que la dinámica de grupo estructure las respuestas y las reacciones de los participantes.

Esta forma de obter dados tem diversas vantagens, como se refere nos artigos da IOWA STATE UNIVERSITY EXTENSION (2001) e da UNIVERSITY OF WISCONSIN – MADISSON (1999): a facilidade de realização, possibilidade de obter resultados num curto espaço de tempo, a interação entre os elementos do grupo permite uma maior liberdade e complexidade nas respostas<sup>54</sup>, o investigador pode imediatamente solicitar o esclarecimento ou aprofundamento de alguns pontos expostos e as respostas têm um alto grau de validade, devido ao aprofundamento da discussão.

<sup>53</sup> Armando Loera VARELA é um investigador mexicano (do estado de Chihuahua), que trabalha na área das Ciências da Educação, desenvolvendo trabalhos relacionados com a criação e certificação de “escolas de qualidade”. Colabora com a Secretaría de Educación Pública de México, o organismo que tutela o Ensino nesse país e é um dos colaboradores do sítio “Heurística Educativa (<http://www.heuristicaeducativa.org/>, consultado a 23/07/2006)”. Licenciado em Filosofia pela Universidad Autónoma de Chiapas e doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Harvard, foi assessor da Dirección General de Evaluación de la SEP, bem como investigador do Centro de Estudios Educativos e consultor/analista de políticas educativas do Instituto para o Desenvolvimento Internacional de Harvard [dados recolhidos em BELTRAN, Claudia Herrera, 2002, “Díaz Barriga, Gago, Martínez Rizo, Loera, Backhoff y Fernández Domínguez, Candidatos: Seis Expertos Buscan Dirigir el Instituto de Evaluación Educativa”, in *La Jornada*, Setembro, Mexico D. F., <http://www.jornada.unam.mx/2002/09/21/035n2soc.php?origen=soc-jus.html> (consultado a 23/07/2006)].

<sup>54</sup> Diz a propósito Anita GIBBS (1997): «Kitzinger (1994, 1995) argues that interaction is the crucial feature of focus groups because the interaction between participants highlights their view of the world, the language they use about an issue and their values and beliefs about a situation. Interaction also enables participants to ask questions of each other, as well as to re-evaluate and reconsider their own understandings of their specific experiences».

Todavia, há que ter alguns cuidados na sua organização (nomeadamente, preparar cuidadosamente o tema/questões a abordar, ou seja, construir um guião de entrevista que permita que o tema possa efectivamente ser esclarecido) e na sua realização, já que o moderador tem um papel determinante e o seu despreparo pode levar ao surgimento de algumas dificuldades. No caso das entrevistas realizadas para esta investigação, os grupos funcionaram bastante bem e julgo que o papel do moderador, desempenhado por mim, também foi bem executado, tendo-se obtido boas informações, porque os grupos, embora com características bastante diferentes entre si, acabaram por sentir-se à vontade e manifestaram grande empenho na discussão do tema proposto<sup>55</sup>.

O maior problema sentido (e também referenciado no artigo da IOWA STATE UNIVERSITY EXTENSION, 2001) foi na conjugação de horários e disponibilidades para que os grupos se pudessem reunir. Não foi fácil, sobretudo porque houve a preocupação da minha parte de não prejudicar alunos e professores nas suas actividades pedagógicas, fazendo-os faltar a aulas.

Criaram-se diversos grupos, todos eles compostos por alunos e professores da Escola Secundária de Silves, local onde decorreu a investigação, tendo colaborado, todos, na aplicação/realização de alguns exercícios de Português que recorreram à utilização do “chatês”<sup>56</sup>. Cada um desses grupos foi composto por elementos que apresentavam algumas características em comum<sup>57</sup>, como se pode observar nas tabelas seguintes:

---

<sup>55</sup> Um pouco à semelhança do que diz GIBBS (1997): «If a group works well, trust develops and the group may explore solutions to a particular problem as a unit (Kitzinger 1995), rather than as individuals».

<sup>56</sup> Estes exercícios constam dos anexos deste trabalho e serão detalhadamente analisados mais adiante neste trabalho.

<sup>57</sup> Este facto é usual quando se recorre a esta técnica investigativa, como se afirma em IOWA STATE UNIVERSITY EXTENSION (2001): «Typically, focus groups are composed of homogeneous people, all representing a particular segment of the population».

**Alunos**

	<b>GRUPO 1</b>	<b>GRUPO 2</b>	<b>GRUPO 3</b>	<b>GRUPO 4</b>
<b>NÚMERO DE ELEMENTOS:</b>	7 (sete)	4 (quatro)	2 (dois)	4 (quatro)
<b>IDADES:</b>	Alunos A, C, D, E, F, G – 17 anos; Aluno B – 18 anos	Alunos, H – 17 anos Alunos I, J, K – 18 anos	Aluno L – 16 anos Aluno M – 17 anos	Alunos N, O, P, Q – 17 anos
<b>SEXO:</b>	Aluno A – Sexo feminino; Alunos B, C, D, E, F, G – Sexo Masculino.	Alunos F, J – Sexo feminino; Alunos H, L – Sexo Masculino.	Aluno L – Sexo feminino; Aluno M – Sexo Masculino.	Alunos O, P, Q – Sexo feminino; Aluno N – Sexo Masculino.
<b>ANO DE ESCOLARIDADE:</b>	12º Ano	11º e 12º anos	11º Ano	12º Ano
<b>CURSO/ÁREA FREQUENTADO:</b>	Curso Tecnológico de Comunicação e Difusão; Agrupamento Científico-Natural	Curso Tecnológico de Comunicação e Difusão; Curso Tecnológico de Informática; Curso Tecnológico de Administração; Agrupamento Científico-Natural	Agrupamento Científico-Natural	Agrupamento Científico-Natural
<b>NOTAS NA DISC. DE PORTUGUÊS (1º Período do ano lectivo 2005/2006):</b>	Aluno A – 12 valores; Aluno B – 11 valores; Aluno C – não revelou; Aluno D – 15 valores; Aluno E – 13 valores; Aluno F – 11 valores; Aluno G – 11 valores	Aluno H – 7 valores Alunos I, J – 11 valores Aluno K – 10 valores	Alunos L, M – 18 valores	Alunos N, P – 17 valores; Alunos O, Q – 16 valores
<b>NOTAS NA DISC. DE PORTUGUÊS (ANOS ANTERIORES):</b>		10 valores ou inferior; Aluno H – 13 valores (nota que considera desajustada em função das capacidades que julga ter)	18 valores	18 valores
<b>USA “CHATÊS” NA SALA DE AULA:</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
<b>TEM TELEMÓVEL:</b>	SIM	SIM Aluno H – 3 telemóveis	SIM	SIM
<b>TEM COMPUTADOR EM CASA:</b>	SIM	SIM	SIM	SIM
<b>TEM INTERNET EM CASA:</b>	SIM	SIM	SIM	SIM

### Professores

	GRUPO 1	GRUPO 2*
<b>NÚMERO DE ELEMENTOS:</b>	3 (três)	1 (um)
<b>IDADES:</b>	Professor 1 – 35 anos; Professor 2 – 38 anos; Professor 3 – 41 anos;	Professor 4 – 45 anos;
<b>SEXO:</b>	Sexo feminino;	Sexo feminino;
<b>HABILITAÇÕES ACADÉMICAS:</b>	Professor 1 – Lic. em Português/ILatim; Professor 2 – Lic. em Português/Inglês; Professor 3 – Lic. em Português/Francês;	Lic. em Português/ILatim;
<b>NÍVEL DE ENSINO LECCIONADO:</b>	Professor 1 – Secundário; Professor 2 – Básico; Professor 3 – Secundário;	Secundário
<b>TEM TELEMÓVEL:</b>	SIM	SIM
<b>TEM COMPUTADOR EM CASA:</b>	SIM	SIM
<b>TEM INTERNET EM CASA:</b>	SIM	SIM

\* Embora neste caso não se esteja na presença de um grupo, pois apenas um indivíduo respondeu às questões (logo, temos uma entrevista do primeiro tipo que é mencionado neste sub capítulo), inserem-se estes dados nesta parte do trabalho, já que esta entrevista, ao contrário das mencionadas no ponto 1, foi realizada estando entrevistado e entrevistador frente-a-frente. Esta docente não foi integrada no grupo 1, apenas por total incompatibilidade de horários.

As sessões decorreram todas na Escola Secundária de Silves, pois tornava-se mais fácil juntar ali os alunos, já que todos têm proveniências diversas, embora sejam todos de localidades do concelho. As salas seleccionadas proporcionaram um ambiente de concentração e os participantes foram colocados em semicírculo<sup>58</sup> (sempre que se justificava, pelo número de participantes), de modo a poderem estar visíveis entre si e a permitirem um bom ângulo de captação de imagem

<sup>58</sup> Estes procedimentos estão de acordo com o que é preconizado para esta técnica investigativa nos diversos artigos lidos e mencionados na Bibliografia, como é o caso do artigo do IOWA STATE UNIVERSITY EXTENSION (2001): « The meeting room should be quiet, comfortable, and free from outside distractions. Participants should all sit around a table so they can see each other. The chairs should be comfortable. Light refreshments can be served if they do not distract from the discussion». SIMON (1999) também salienta: «Choose a setting that is appropriate and makes the participants feel comfortable».

para o registo vídeo. Foram oferecidos chocolates a todos, durante as sessões, que decorreram nos seguintes dias:

### Alunos

	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
<b>DIA DA SESSÃO</b>	17/01/2006	19/01/2006	23/01/2006	27/01/2006
<b>HORA:</b>	11h55	15h00	14h30	10h30
<b>DURAÇÃO (APROX.):</b>	00.43'58"	00.24'00"	00.34'00"	00.25'00"
<b>LOCAL:</b>	ESS – Sala CM3	ESS – Sala CM1	ESS – Sala 209	ESS – Sala 309

### Professores

	GRUPO 1	GRUPO 2
<b>DIA DA SESSÃO</b>	17/01/2006	23/01/2006
<b>HORA:</b>	18h15	12h00
<b>DURAÇÃO (APROX.):</b>	00.56'00"	00.26'30"
<b>LOCAL:</b>	ESS – Sala 207	ESS – Sala 209

O registo das sessões foi feito através de uma câmara de vídeo e de um pequeno gravador de áudio, para garantir que se perceberiam totalmente todas as intervenções dos participantes.

Os guiões de entrevista foram planeados previamente e revistos pelo Professor Doutor Vítor Reia Baptista, meu Orientador neste Trabalho final de Mestrado, que me aconselhou a reduzi-los, o que na prática aconteceu naturalmente, já que muitas das questões que levava preparadas acabaram por ser respondidas sem a minha interferência directa e por iniciativa espontânea dos elementos dos grupos.

Depois das sessões, procedeu-se à transcrição dos registos áudio/vídeo através de um *software* de processamento de texto (*Word*), de modo a poder utilizar os dados na elaboração deste trabalho final. Essas transcrições constarão dos anexos do mesmo.

Tiveram-se, sempre, em consideração, durante o desenvolvimento de todos os procedimentos desta investigação e, nomeadamente, no que

toca às entrevistas, as questões éticas<sup>59</sup>, que, aliás, foram abordadas durante a parte curricular do Mestrado, no Seminário “Metodologia de Investigação em Ciências Humanas”, leccionado pelo Professor Doutor António Branco. Tal como determinam as regras<sup>60</sup> para todos os procedimentos de investigação científica, também neste caso se tiveram em consideração alguns aspectos, tais como:

- Dar conhecimento aos directores de turma de que se iria proceder à realização de entrevistas com estes alunos e quais os objectivos e propósitos das mesmas, para que se fosse pedido algum esclarecimento pelos encarregados de educação, os professores pudessem prestá-los;
- Foram explicados previamente a todos os elementos dos diversos grupos quais as razões para a realização das entrevistas e o que se pretendia com as mesmas (abriu-se, como referia o Professor Doutor António Branco nas suas aulas, a «área secreta do investigador»);
- Foram garantidos toda a confidencialidade e anonimato;
- Foi solicitada permissão a cada um dos intervenientes nas sessões para proceder ao registo áudio/vídeo das conversas.

Gostaria de salientar a riqueza dos dados obtidos através da realização de todas as entrevistas, que me permitiram pesquisar e problematizar diversos problemas, alguns dos quais não tinham, ainda, entrado nas minhas preocupações. Este contacto directo permitiu-me compreender alguns factos, nomeadamente, as personalidades/características dos participantes/entrevistados, que, em

---

<sup>59</sup> Diz GIBBS (1997): «Ethical considerations for focus groups are the same as for most other methods of social research (Homan 1991). For example, when selecting and involving participants, researchers must ensure that full information about the purpose and uses of participants' contributions is given. (...) A particular ethical issue to consider in the case of focus groups is the handling of sensitive material and confidentiality given that there will always be more than one participant in the group. At the outset moderators will need to clarify that each participant's contributions will be shared with the others in the group as well as with the moderator. Participants need to be encouraged to keep confidential what they hear during the meeting and researchers have the responsibility to anonymise data from the group».

<sup>60</sup> Em Portugal, a *Lei 31/91 de 20 de Julho*, relativa a “Publicação e Difusão de Sondagens e Inquéritos de Opinião” determina uma série de procedimentos a ter em consideração neste tipo de trabalhos, que podem ser encarados como regras a seguir. É o caso, por exemplo, do que se diz em todo o Artigo 3º – Regras a Observar, nomeadamente na *alínea e*: «Deve ser preservada a identidade das pessoas inquiridas» [dados recolhidos a partir AACCS (1991)].

diversas questões, concorrem para justificar parte das minhas convicções.

### 2.3 – CONTACTO COM AUTORES DE TRABALHOS NESTA ÁREA

O contacto com autores surgiu, inicialmente, como algo que eu acreditava não ser muito viável, pois pensei sempre que não teria respostas, já que reconheço as dificuldades e a pouca disponibilidade temporal de todos os que estão ligados à investigação/ensino ou a tarefas de coordenação de equipas. Mas, na verdade, essas tentativas inicialmente tímidas de trocar *e-mails* com algumas pessoas que considerava terem algo importante a dizer sobre estes temas revelou-se bastante frutuosa e regular. Comecei por elaborar guiões de entrevista em alguns casos (com a Sr<sup>a</sup> Professora Joviana Benedito e com Martin Cooper), que depois eram respondidos/reenviados via *e-mail*; noutros casos, a troca de informações foi menos planeada e foi correndo ao sabor das necessidades de esclarecimento/aprofundamento de assuntos e do andamento do trabalho (como no caso de Filipe Barbosa Múrias - Optimus, Susana Resende – TMN, de Clara Patão – INE; Berta Klara Guincho, Bernd Sieberg, Luiz Antônio Marcuschi, Else Martins dos Santos, Sali Tagliamonte e Ana Amélia de Carvalho – todos professores universitários). Os endereços de algumas destas pessoas foram obtidos via Internet, nos sítios dos seus locais de trabalho (por exemplo, a Universidade de Lisboa, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte/Brasil ou a Arrowway.com, nos EUA); outros endereços foram obtidos através das suas páginas pessoais, como aconteceu com Joviana Benedito.

Gostaria de salientar a entrevista feita a Martin Cooper<sup>61</sup>, que considero do maior interesse, já que o “inventor” do telemóvel se dispôs a responder a todas as questões por mim colocadas, sendo uma importante fonte em primeira-mão, que me facultou dados valiosos para a compreensão do processo de surgimento deste aparelho e das suas consequências, quer em termos científico-tecnológicos, quer em termos sociais.

Trocar ideias, enriquecer a experiência e o conhecimento do problema foram objectivos plenamente atingidos com a aplicação desta metodologia e espero que o trabalho final corresponda de alguma forma aos altos padrões de todos os que desta forma comigo colaboraram e que têm vindo a ser mencionados em pontos anteriores.

---

<sup>61</sup> O texto completo dessa entrevista consta dos Apêndices deste trabalho, com a designação de APÊNDICE A.

## 2.4 – COMPILAÇÃO DE EXEMPLOS/TEXTOS DESTE TIPO DE “COMUNICAÇÃO”

Desde Fevereiro de 2004 que tenho recolhido alguns exemplos de textos escritos em “chatês”. Esses exemplos são recolhidos a partir de conversas que tenho com as pessoas com as quais troco mensagens no MSN, ou através de e-mail, ou são conversas que algumas dessas pessoas registaram e me reenviaram. Outra forma de recolher exemplos deste tipo de texto é através da consulta de alguns *blogs*, cujos textos são públicos. Recolhi, ainda, exemplos de “frases soltas” que foram aparecendo em trabalhos de alunos, produzidos para as disciplinas que lecciono.

Também me socorri dos trabalhos de Joviana Benedito, que contêm amostras excelentes do que de mais emblemático se pode registar neste tipo de “código”.

Não é um *corpus* muito extenso, mas foi bastante útil, quer para poder preparar os exercícios que foram aplicados pelos docentes de Português, quer para poder proceder a uma análise textual do tipo “*close reading*”.

Esta metodologia implica uma análise aprofundada do que se está a ler, uma aproximação muito grande do texto, buscando todos os detalhes que este possa revelar como sendo características únicas e muito específicas ou de um autor ou de um estilo. No fundo, procura-se aplicar quase que um método de investigação das ciências exactas, em que se parte o todo para o analisar nas suas partes, para novamente o recompor na sua estrutura global, agora com uma maior/melhor compreensão de como funciona<sup>62</sup>.

Diz WHEELER<sup>63</sup> (1998-2005):

To do a close reading, you choose a specific passage and analyze it in fine detail, as if with a magnifying glass. You then comment on points of style and on your reactions as a reader. Close reading is important because it is the building block for larger analysis. Your thoughts evolve not from someone else's truth about the reading, but from your own observations. The more closely you can observe, the more original and exact your ideas will be.

KAIN (1998) também afirma:

---

<sup>62</sup> É um pouco como diz, PATTEN (1992-2005), «the meaning of the microcosm, containing or signaling the meaning of the macrocosm».

<sup>63</sup> L. Kip Wheeler é Professor de Literatura Inglesa na Carson-Newman College, Tennessee, EUA [dados recolhidos a partir do sítio pessoal do Professor, no endereço [http://web.cn.edu/kwheeler/introduction\\_to\\_teacher.html](http://web.cn.edu/kwheeler/introduction_to_teacher.html), consultado a 11/01/2006].

When you close read, you observe facts and details about the text. You may focus on a particular passage, or on the text as a whole. Your aim may be to notice all striking features of the text, including rhetorical features, structural elements, cultural references; or, your aim may be to notice only selected features of the text—for instance, oppositions and correspondences, or particular historical references.

Neste caso, durante o trabalho de análise textual que efectuei, procurei observar ambos os aspectos, ou seja, *elementos estruturais* (sintaxe, semântica, ortografia e pontuação, por exemplo, bem como a estrutura do discurso, questões estilísticas – se haveria ou não presença de figuras de estilo -, conotação ou denotação, o simbolismo, nomeadamente devido à presença de imagens/*emoticons/smileys*), bem como *referências mais ligadas ao contexto específico das situações de comunicação e às características dos seus protagonistas* (referências culturais ou de caracterização da faixa etária, como as que o uso de determinados níveis de língua ou a repetição de temas nos permitem ver) e às *questões de conteúdo*, propriamente ditas, ou seja, as ideias que se veiculam no discurso.

Esta análise permitiu-me a reflexão sobre as grandes temáticas deste trabalho, nomeadamente as questões mais ligadas à compreensão de todos os problemas relacionados com o “código chatês” e com o seu uso, que resultou na redacção do texto final deste trabalho, em que os exemplos, os detalhes, os dados observados através da leitura serviram para comprovar ou refutar pontos de vista. Como diria MCCLENNEN<sup>64</sup> (2001), «[d]oing a close reading involves a thought process that moves from small details to larger issues. Writing a close reading begins with these larger issues and uses the relevant details as evidence».

## 2.5 – A ANÁLISE/REFLEXÃO SOBRE OS DADOS RECOLHIDOS

Esta reflexão não se revelou linear ou fácil. Fez-se de avanços e recuos, de dúvidas e quase certezas, de esperanças e desapontamentos. Talvez por nunca ter passado por uma experiência de investigação de tão grande responsabilidade, todos os meus actos foram muito ponderados e as opções feitas foram sempre fruto dessa reflexão, efectuada com a preciosa ajuda do meu orientador, Professor Doutor Vítor

---

<sup>64</sup> Sofia A. McClennen é Professora do Departamento de Literatura Comparada da Penn State University, Pensilvânia, EUA e Doutorada pela Universidade de Duke, EUA, em Literatura Espanhola e Latino-Americana [dados recolhidos a partir do sítio pessoal da Professora, no endereço <http://www.personal.psu.edu/users/s/a/sam50/CV.htm>, consultado a 11/01/2006].

Reia Baptista. Na verdade, cada fase de trabalho foi precedida e seguida de um período de reflexão, de modo a que se estabelecesse uma metodologia de trabalho (previamente) e se fizesse uma análise dos resultados (posteriormente). Não obstante, ao chegar ao fim e ao ter de redigir este documento, esse esforço reflexivo acentuou-se, de modo a poder transmitir claramente os resultados alcançados.

A esperança depositada na meditação permanente sobre tudo o que dizia respeito ao trabalho fez-me acreditar que o mesmo poderia ter algum mérito, já que tinha para me incentivar as palavras de outros, muitíssimo melhores do que eu, que dispenderam grande parte das suas vidas pensando:

Antes de escrever, aprenda a pensar.

BOILEAU, Nicolas<sup>65</sup>

O homem é visivelmente feito para pensar; é toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever consiste em pensar correctamente.

PASCAL, Blaise<sup>66</sup>

## **2.6 – CONSTRUÇÃO DO “PEQUENO GUIA RÁPIDO PARA O USO DO “CHATÊS” NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS” E NA REDACÇÃO DESTE TRABALHO FINAL**

A par da construção desse texto final, trabalhou-se na criação de um “Pequeno Guia Rápido para o Uso do “Chatês” na aprendizagem do Português”, que não será mais do que a compilação de um conjunto de estratégias que, ao longo do estudo, foram aplicadas pelos docentes envolvidos na pesquisa e que demonstraram ser eficientes na motivação dos alunos e no seu processo de compreensão do funcionamento da língua materna.

---

<sup>65</sup> Nicolas Boileau nasceu em 1636 e morreu em 1711. Viveu no reinado de Luís XIV, em França, tendo sido amigo de Molière e La Fontaine. Escritor, poeta e filósofo, dedicou-se essencialmente à sátira, tendo passado pelo ensino, na famosa universidade parisiense, Sorbonne (onde também estudou) [dados recolhidos a partir do sítio *Poésie sur la Toile: Anthologie Francophone* (2000-2003), no endereço <http://www.anthologie.free.fr/anthologie/boileau/boileau.htm> (consultado a 22/01/2006); a citação foi recolhida a partir do sítio <http://www.pausa.hpg.ig.com.br/> (consultado a 22/01/2006).].

<sup>66</sup> Blaise Pascal foi físico, matemático e filósofo. Nasceu em 1623, em Clermont-Ferrand, França e faleceu em Paris, em 1662. Filho de um matemático brilhante, tinha publicado o seu primeiro trabalho aos 16 anos e notabilizou-se pelas suas capacidades científicas (foi o inventor de uma primeira máquina de calcular, a “pascalina”) e pelo seu notável domínio da língua francesa. Destacou-se igualmente, pelas suas reflexões teológicas, tendo ficado célebre o seu pouco apreço pelos jesuítas. Foi contemporâneo e chegou a conhecer René Descartes, o autor da famosa frase: «*Penso, logo existo*» [dados recolhidos a partir de KREIS (2004) e WILKINS (2002); a citação foi recolhida a partir do sítio <http://www.pausa.hpg.ig.com.br/> (consultado a 22/01/2006).].

Esses exercícios foram elaborados por mim (no período compreendido entre Julho e início de Novembro de 2005), tendo em consideração diversos aspectos:

1. A *adequação dos conteúdos abordados aos programas* definidos pelo Ministério da Educação para os anos de escolaridade leccionados pelos professores que comigo colaboraram;
2. Tentou-se, ao máximo, que os *exercícios propostos/fichas de actividade se enquadrassem dentro dos timings definidos pelos docentes para abordarem determinados temas*;
3. Que fossem, também, *o mais diversificados possível* (incluindo propostas de análise da gramática, estilística, entre outras), permitindo que os docentes tivessem uma margem de escolha maior, podendo adaptar estas propostas, de forma mais fácil, aos alunos que os iriam executar;
4. Procurou-se que as propostas feitas pudessem, de alguma forma, *espelhar metodologias inovadoras ao nível da pedagogia*, nomeadamente, a Teoria da Flexibilidade Cognitiva, a Teoria da Acção Situada e a Teoria da Instrução Ancorada.

Gostaria, ainda, de referir, que todo este trabalho de contactos com os docentes de Português teve início do final do ano lectivo de 2004/2005, de modo a que os mesmos pudessem ter em consideração nas suas actividades a inclusão deste tipo de trabalho. Nessa altura, apenas contactei alguns dos professores, nomeadamente, o Delegado de Grupo, para que se pudesse começar imediatamente a trabalhar. Foi-me sugerido o início do ano lectivo seguinte como uma melhor altura, pois o ano estava a terminar e, logo, as possibilidades de inclusão das minhas propostas no trabalho dos docentes eram menores. Assim, no início do ano lectivo de 2005/2006 (Setembro) houve um contacto com os docentes desse grupo, durante o qual apresentei o meu trabalho e os objectivos que pretendia atingir. Esse encontro serviu para solicitar a sua cooperação e para lhes facultar um exemplar do *Dicionário da Internet e do Telemóvel* (BENEDITO, 2003<sup>b</sup>), já que alguns revelaram não ter tido qualquer tipo de contacto com o “chatês”. Nesse primeiro encontro participaram cinco professores. Todavia, desses cinco docentes apenas três viriam a colaborar efectivamente no meu trabalho, já que os outros dois revelaram total desinteresse pelo tema e, apesar de inicialmente terem anuído a prestar-me auxílio, o mesmo nunca se viria a efectivar. Juntou-se a este grupo, uma docente do grupo disciplinar de Inglês, que tem como formação de base uma

licenciatura em Inglês/ Português e, por se encontrar a leccionar a disciplina aos Cursos de Educação e Formação mostrou vontade de contribuir.

O grupo de professores ficou, então, definido (as características de cada um dos elementos está definida no ponto 2.2). Depois de determinados os objectivos e tendo eu conhecimento do programa da disciplina (pela consulta de grelhas de planificação facultadas pelo Delegado de Grupo e pela consulta dos Manuais adoptados), foram explicados os exercícios e o modo como os mesmos foram preparados. Os docentes fizeram a sua análise e posteriormente, deram-me indicações sobre as suas observações, de modo informal. Essas indicações conduziram-me à preparação de novos exercícios e à reformulação de outros, tendo em conta as necessidades expressas pelos professores: menor duração e menor grau de complexidade das propostas em relação às primeiras apresentadas. Por isso, até ao início de Novembro, foram preparados exercícios, que depois foram apresentados e testados.

Resta salientar que nem todos os exercícios foram aplicados e também que não foram todos aplicados por todos os docentes, já que os mesmos leccionam níveis diferentes e, por essa razão, optaram por executar as propostas que melhor se enquadravam nos seus próprios objectivos programáticos. Todavia, todos receberam todas as propostas e tiveram oportunidade de as analisar e de opinar sobre elas.

A aplicação decorreu durante o primeiro período lectivo do ano de 2005/2006, com apenas uma excepção de uma docente que pôs em prática, ainda nos primeiros dias do segundo período, um exercício.

Estes exercícios foram compilados num pequeno “guia”, que se encontra separado do corpo deste texto, para facilitar a sua consulta. Procurou-se dar-lhe um aspecto gráfico agradável e que tivesse em consideração o facto de ele poder vir a constituir um material de consulta para docentes. As suas características funcionais serão analisadas no Capítulo 8 deste trabalho.

## **2.7 – INTRODUÇÃO DE ANEXOS/APÊNDICES**

Os **anexos** deste trabalho são constituídos por diversos artigos de imprensa que abordam temas relacionados com a utilização dos SMS's e que foram material de consulta durante a realização deste trabalho. Incluem-se nele como anexos, porque são mencionados no corpo do texto em diversas ocasiões e, não faria sentido, que não se

facilitasse a sua consulta aos leitores. Foram retirados de conhecidos órgãos de comunicação social portugueses ou estrangeiros, sendo que estes últimos foram consultados a partir da Internet. Para facilitar a sua consulta, foram agrupados por temas (por exemplo: a história dos SMS's ou os *Smylies*, entre outros) e todos os artigos estão listados no início de cada capítulo, indicando-se o local/data da sua publicação/consulta, o autor (sempre que ele seja mencionado) e a data da sua consulta.

Os **apêndices** deste trabalho incluem as transcrições de todas as entrevistas realizadas por mim no decorrer deste trabalho, quer as entrevistas feitas aos “*focus groups*”, quer aquelas que foram realizadas via e-mail a diversos colaboradores. Inclui-se, ainda, a entrevista que foi feita a Martin Cooper, o “inventor” do telemóvel.

### 3 – História dos SMS, MSN e CHATS

Não é possível falar da história do “chatês”, ou do código usado pelos utilizadores do SMS, MSN e *Chats*, sem falar da história do computador e do telemóvel ou mesmo do telefone. Uma estão absolutamente ligadas às outras e ao seu desenvolvimento, abrindo caminho para estádios mais avançados de desenvolvimento tecnológico e científico e, logo, para soluções de adaptação social a esses novos recursos, que alteram, naturalmente, a “face” das sociedades. Por essa razão, far-se-á uma breve resenha de como se desenvolveram estes instrumentos, sem os quais as sociedades actuais dificilmente conseguiriam, já, organizar-se de forma eficiente.

#### 3.1 – COMPUTADOR

Todos os estudiosos deste tema apontam numa direcção ao tentarem explicar a génese deste instrumento: a necessidade de efectuar cálculos complexos<sup>67</sup>. Essa necessidade é tão antiga como a própria Humanidade e os primeiros instrumentos criados para auxiliar as tarefas de cálculo e memorização dos resultados do mesmo surgem na Pré-história.

Jean de Heinzelin, um arqueólogo belga, descobre em 1950, no então Congo Belga (actual República Democrática do Congo, África Central), um conjunto de ossos, com cerca de 10 cm cada (aproximadamente), que é actualmente considerado como um dos primeiros artefactos de calcular criados pelo Homem<sup>68</sup>. Essa descoberta ficou conhecida como “Osso de Ishango”, já que foi encontrada num local nas margens do Lago Edward, uma das



Foto 1  
“Ossos de Ishango”

<sup>67</sup> O termo computador define, segundo o *Dicionário Universal da Texto Editora* (2005), «aquele que faz cálculos, que calcula». Também o *Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (2005) faz a mesma referência, definindo computador como «o que faz cálculos (pessoa ou máquina)». O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2005), na sua entrada para computador, dá as seguintes indicações sobre a Etimologia da palavra: «rad. do part. computado (do v. computar) + -or; calcado no ing. Computer».

<sup>68</sup> Há referências a um outro artefacto encontrado na Suazilândia, também feito a partir de um osso, com uma datação anterior (35.000 a. C.), mas não me foi possível aprofundar esses dados, pois não consegui referências credíveis aos mesmos, excepto a que é feita pelo professor Scott W. WILLIAMS (2005<sup>b</sup>) do Mathematics Department of The State University of New York at Buffalo, no seu artigo “Lebombo Bone”,

nascentes do Rio Nilo, habitado por uma pequena comunidade que se denomina assim. Acredita-se que esta “calculadora primitiva” terá entre 20.000 e 25.000 anos<sup>69</sup> e que os seus utilizadores realizavam, com ela, operações de multiplicação e adição utilizando números primos.

Estas formas mnemónicas de cálculo foram, igualmente, usadas pelos Fenícios, que se serviram delas para registar os movimentos de mercadorias e as quantidades de bens agrícolas (gado e cereais) produzidos e armazenados.

Outra forma ancestral de efectuar cálculos e que ainda hoje é usada, sobretudo no Oriente (China e Japão) é a que recorre ao Ábaco, um instrumento com diversas filas de contas, que representam números, podendo ir desde a ordem das milésimas até aos biliões. Acredita-se que este instrumento terá sido inventado pelos Babilónios e sofreu diversas transformações/adaptações pela mão dos seus utilizadores, indo desde os Romanos, passando pelos povos da Europa Oriental (nomeadamente os Russos), até aos Chineses e Japoneses. E há, ainda outras formas de efectuar cálculos bem complexos, como a “Máquina de Antikythera”<sup>70</sup>, desenvolvida pelos Gregos (em 87 a. C, aproximadamente), que se julga ter sido criada para poder calcular os movimentos dos corpos celestes que então eram conhecidos (Sol, Lua, Terra, Mercúrio, Marte, Vénus, Saturno e Júpiter).

Foi já no século XVII que a tecnologia permitiu o aparecimento de máquinas de cálculo bastante sofisticadas, que recorriam a mecanismos semelhantes aos utilizados nos relógios para poderem trabalhar.

O pai, por assim dizer da ideia dos computadores, foi Wilhelm Schickard<sup>71</sup>, que em 1623 desenvolveu a primeira máquina de calcular mecânica, a qual viria a ser

---

<sup>69</sup> Estas datas são mencionadas pelo Professor Scott W. WILLIAMS (2005<sup>a</sup>) e no sítio do Museu Belga de História Natural, onde os referidos artefactos se encontram em exposição e têm sido estudados (Royal Belgian Institute of Natural Sciences, “*The Exhibition – The Ishango Artifact*”, <http://www.naturalsciences.be/expo/ishango/en/ishango/introduction.html>, consultado a 1/11/2005).

<sup>70</sup> Descoberta, em 1900, pelo mergulhador grego Elias Stadiatos (membro da tripulação de um barco de apanha de esponjas, comandado por um homem conhecido como Capitão Kondos), ao largo da Ilha de Antikythera, o valor desta máquina só viria a ser completamente estabelecido quando, em 1959, o local onde se encontrou foi analisado já não apenas por mergulhadores, mas por dois arqueólogos britânicos, Peter Throckmorton e George Bass. Nesse mesmo ano, o Historiador da Universidade de Yale, Derek J. de Solla Price, que se dedicava ao estudo de instrumentos de navegação, tais como o Astrolábio, escreve um artigo em que apresenta a hipótese de esta máquina ser uma forma de poder calcular os movimentos dos astros. Embora tenha levantado polémica e não tenha merecido imediata credibilidade, a tese deste investigador tem levado muitos cientistas a ponderar e a aceitar as suas proposições como verdadeiras. É o caso, por exemplo, de Rob S. Rice, que em 1995 escrevia um artigo publicado por ocasião da United States Naval Academy (USNA) Eleventh Naval History Symposium, com o título “*The Antikythera Mechanism: Physical and Intellectual Salvage from the 1st Century B.C.*” ([http://ccat.sas.upenn.edu/rrice/usna\\_pap.html](http://ccat.sas.upenn.edu/rrice/usna_pap.html), consultado a 1/11/2005).

<sup>71</sup> Natural de Herrenberg (Estugarda, Alemanha), 1592-1635. Todos estes dados biográficos, bem como os demais que se introduzem neste capítulo, foram obtidos através da consulta da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (AA. VV., s.d.).

testada pelo seu célebre amigo, o astrónomo Johannes Kepler. Blaise Pascal (1642)<sup>72</sup>, Gottfried Wilhelm von Leibniz (1671)<sup>73</sup>, Charles Xavier Thomas (1820)<sup>74</sup> foram alguns dos matemáticos que trabalharam para o desenvolvimento de máquinas que permitissem a realização de cálculos mais perfeitos<sup>75</sup>. Charles Babbage (1823)<sup>76</sup> foi, todavia, o primeiro a conceptualizar um instrumento programável para efectuar cálculos, a “Analytical Engine”, máquina que o cientista britânico nunca viria a construir nem a testar em vida<sup>77</sup>.

Esta foi a Era dos “cartões perfurados” (DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:78): quase todas as máquinas de cálculo trabalhavam utilizando cartões com pequenos furos, aperfeiçoados por Herman Hollerith (1887)<sup>78</sup>, um engenheiro americano, a partir da invenção de Joseph-Marie Jacquard (1801)<sup>79</sup>.

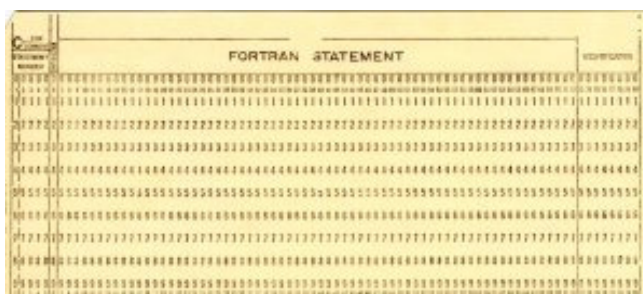


Foto 2  
“Cartões perfurados da  
IBM (1970)”



Foto 3  
“Máquina de Babbage -  
Difference Machine” (feita  
já depois da sua morte, a  
partir de peças encontradas  
no seu laboratório).

<sup>72</sup> Natural de Clermont (Auvergne, França), 1623-1662.

<sup>73</sup> Natural de Leipzig (Alemanha), 1646-1716.

<sup>74</sup> Natural de Colmar (França), 1785-1870.

<sup>75</sup> Podemos, no entanto, afirmar que muitos outros contribuíram para que a computação evoluísse, como por exemplo, John Napier (natural de Edimburgo, Escócia, 1550-1617), que “descobriu” os logaritmos, sem os quais hoje os modernos computadores não poderiam funcionar.

<sup>76</sup> Natural de Londres (Inglaterra), 1791-1871.

<sup>77</sup> Esses testes só foram feitos em 1991, quando se construiu a máquina, a partir dos esquemas de Babbage e se verificou que a mesma funcionava perfeitamente. Esse modelo encontra-se no London Science Museum. Charles Babbage viu os seus trabalhos serem traduzidos e anotados por Ada Lovelace (filha de Lord Byron, o famoso poeta e estudiosa da Matemática), que alguns consideram ser a responsável pela construção do primeiro programa de um computador.

<sup>78</sup> Natural de Buffalo (Nova York, USA), 1860-1929, fundador da Tabulating Machine Company, que viria a transformar-se, em 1924, na IBM (International Business Machines - DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:264).

<sup>79</sup> Natural de Lyon (França), 1752-1834.

As primeiras décadas do século XX trouxeram muitos desenvolvimentos científicos e tecnológicos e muitas melhorias e novidades nos equipamentos permitindo a realização de cálculos: surgem efectivamente as calculadoras, as máquinas registadoras, entre outros, mas continuaram a dar-se grandes passos para a criação de máquinas que tivessem grande capacidade de armazenamento e processamento de dados, nomeadamente melhorias no que diz respeito à introdução/criação de programas específicos para esses equipamentos e ao desenvolvimento de componentes, como as válvulas<sup>80</sup>, circuitos electrónicos<sup>81</sup>, relés, entre outros. Esses primeiros “computadores” analógicos<sup>82</sup> ficariam conhecidos como a “**Primeira Geração**” e abririam as portas aos pioneiros das máquinas digitais. Começava, por assim, dizer, a “verdadeira história do computador”.

Alan Turing, um reputado professor de Matemática da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, descreveu em 1936, pela primeira vez e em abstracto, uma máquina digital – a “Universal Turing Machine” –, que teria uma memória ilimitada e um equipamento que ele designou como *scanner*, que serviria para percorrer todo o espaço dessa memória, lendo símbolo a símbolo, tudo o que encontrasse e escrevendo novos símbolos. As acções desenvolvidas por



Foto 4  
Alan Turing

esse *scanner* seriam comandadas por um programa de instruções, também inseridas na memória. Este conceito de Turing tinha implícita a possibilidade de a própria máquina operar e modificar esse programa, o que constituía uma inovação considerável, se tivermos em consideração que todas as máquinas que já descrevemos necessitavam de programas inseridos pelos operadores (nomeadamente, através dos já mencionados “cartões perfurados”).

Com o início da II Guerra Mundial, Turing é convidado para chefiar a Government Code and Cypher School (GC&CS), em Bletchley Park, um local onde os

<sup>80</sup> Lee De Forest (1873 - 1961) foi o engenheiro americano (membro do Institute of Radio Engineers, Nova York) responsável pela invenção da válvula ou tubos de vácuo, como também ficou conhecido este invento em 1906.

<sup>81</sup> Claude Elwood Shannon, Engenheiro e Professor universitário americano (leccionou no MIT e trabalhou no Bell Labs), Prémio Nobel da Física em 1940, foi o responsável pela invenção dos circuitos electrónicos.

<sup>82</sup> Máquinas programadas e construídas à mão, que necessitavam de acertos constantes de programação para a correcta conclusão de tarefas, como, por exemplo, a Water Integrator (equipamento desenvolvido na União Soviética, em 1936) e que são definidas na *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>5</sup>), como «a form of computer that uses electronic or mechanical phenomena to model the problem being solved by using one kind of physical quantity to represent another».

mais importantes cientistas ingleses da área da Matemática e da Física desenvolviam projectos para codificar/descodificar mensagens, que teriam de permanecer secretas devido à guerra. A sua ideia permanece, então, adormecida, embora alguns dos seus colegas criptólogos, nomeadamente Max Newman e Donald Michie (que viriam a ser seus companheiros no desenvolvimento da ideia de construção de um computador), afirmassem que nunca a abandonou e que chegou mesmo a escrever um relatório interno (que desapareceu), onde descrevia os seus princípios fundamentais.

Desde o início do conflito armado que o Governo inglês conseguia, através dos seus criptoanalistas, decifrar as mensagens rádio alemãs, codificadas pelo sistema Enigma. Cerca de 39.000 mensagens foram interceptadas até 1942 e foram decifradas, graças a máquinas electromagnéticas, conhecidas pelo nome de “bombes” e desenhadas por Turing e Gordon Welchman. Mas a partir de 1940 começaram a surgir mensagens codificadas por um método completamente diferente, a que os britânicos deram o nome de “Fish” e que se baseava no uso de um código binário.

A necessidade de conhecer estas mensagens (normalmente provenientes do próprio Hitler ou do seu Quartel General) levou Max Newmam a propor em Novembro de 1942 que as partes decisivas do processo de descodificação fossem automatizadas e realizadas por máquinas electrónicas de contagem a alta velocidade. A primeira máquina destas que se conhece, feita de acordo com as especificações de Newman, chamou-se “Heath Robinson” e provou rapidamente ser pouco confiável e lenta. Turing recomenda, então, que Newman se junte a Tommy Flowers (outro técnico ligado à criptografia) e a primeira máquina completamente electrónica é instalada em Bletchley Park a 8 Dezembro de 1943. Nasce o “Colossus I”, composto inicialmente por 1.600 tubos de vácuo ou válvulas (depois aumentados para 2.400) e com capacidade para analisar 25.000 letras por segundo.

Ao todo, dez máquinas destas foram construídas, sofrendo todas elas um processo de aperfeiçoamento, sendo o mais importante o acrescento daquilo que os técnicos chamaram o “Special Attachment” (desenvolvido por Donald Michie e Jack Good): um sistema que permitia que a própria máquina encontrasse a calibragem correcta para o seu sistema de roldanas/rodas, baseado no que era usado pela máquina alemã Lorenz e que era mudado diariamente, criando sérias dificuldades aos matemáticos de Bletchley Park. O último “Colossus” deixou de trabalhar em 1960 e até 1970 ninguém tinha ideia de que a computação já tinha sido utilizada no esforço de

guerra, uma vez que os dados relativos a tudo o que se passava nos serviços britânicos de criptografia estavam abrangidos pelo Segredo de Estado. Só em 1983 se pode conhecer, completamente, a história do “Colossus”, o seu Hardware e os algoritmos que nele se usaram.

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, um Alemão chamado Conrad Zuse, construiu uma série de máquinas a que deu o nome de Z. As duas primeiras – Z1 e Z2 – não se revelaram eficientes e apenas a Z3 e Z4 teriam resultados positivos. O Z3 foi considerado por alguns o primeiro computador verdadeiramente “universal”, ou seja, tal como Alan Turing preconizava, era uma máquina capaz de armazenar programação que lhe permitiria realizar não apenas cálculos, mas qualquer acção definida por essa mesma programação<sup>83</sup>. Aliás, o investigador afirmou ser ele o primeiro a desenvolver em 1945 uma linguagem complexa de programação a que deu o nome de “Plankalkül”, mas esta só viria a ser conhecida em 1972 e implementada, efectivamente, em 2000. Zuse nunca recebeu apoio do governo alemão e as suas primeiras máquinas foram destruídas por bombardeamentos aliados, durante os *raids* aéreos feitos a Berlim. Este investigador acabaria por montar a sua própria empresa, tornando-se o primeiro fabricante comercial deste tipo de equipamento.

Também nos EUA se investigava nesta área, durante a Segunda Grande Guerra. John Vincent Atanasoff e Clifford E. Berry desenvolveram entre 1937 e 1942, na Iowa State University, um computador que ficaria conhecido como “ABC – Atanasoff-Berry

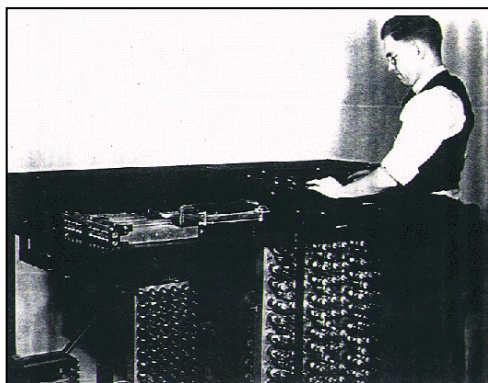


Foto 5  
Clifford Berry e o ABC

Computer” e que traria muitas inovações a esta tecnologia, nomeadamente e de acordo com a *Wikipedia* (2005<sup>f</sup>), «a binary system of arithmetic, parallel processing, regenerative memory, and a separation of memory and computing functions». Ainda assim, este computador não tinha a capacidade de armazenar programas, tendo de ser ajustado por operador<sup>84</sup>, sempre que se pretendia realizar

<sup>83</sup> A. Turing dizia (*Wikipedia*, AA. VV., 2005<sup>ao</sup>): «It can be shown that a single special machine of that type can be made to do the work of all. It could in fact be made to work as a model of any other machine. The special machine may be called the universal machine».

<sup>84</sup> Diz, a propósito, a *Wikipédia* (AA. VV., 2005<sup>af</sup>): «The earliest computing machines had fixed programs. Some very simple computers still use this design, either for simplicity or training purposes. For example, a desk calculator

tarefas diferentes, como refere a *Wikipedia* (AA. AA., 2005<sup>f</sup>): «Though the ABC machine was not programmable, it was the first modern computer in several other respects, including the first to use binary math and electronic circuits». O primeiro computador automático seria o Harvard Mark I, desenvolvido por Howard Aiken para a IBM em 1939. Todavia, o grande inspirador de muitos dos equipamentos que se lhe seguiriam foi o “ENIAC -Electronic Numerical Integrator and Computer”, um computador 1000 vezes mais rápido do que os equipamentos semelhantes que operavam nessa altura (1945), definido como «electronic general-purpose computer» e considerado «crucial for the development of modern computing, initially because of the enormous speed advantage, but ultimately because of the potential for miniaturization» pela *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>f</sup>). Esta máquina, construída por John Mauchly e J. Presper Eckert<sup>85</sup>, correspondia aos princípios definidos por Turing para a sua máquina de características universais, mas ainda não tinha o sistema que viria a ser conhecido como “Arquitetura Von Newman”<sup>86</sup>, ou seja, uma máquina que tem apenas uma estrutura para armazenamento tanto de dados como de instruções<sup>87</sup>.

Os primeiros computadores a operar com o sistema Von Newman foram o “Manchester Baby” ou “Small-Scale Experimental Machine”, construído na Universidade de Manchester em 1948 por Frederic C. Williams e Tom Kilburn e o “EDSAC – Electronic Delay Storage Automatic Computer” (1949), construído por uma equipe da Universidade de Cambridge, liderada por Maurice Wilkes. Também na URSS se trabalhava no desenvolvimento deste tipo de equipamento e, em 1950, no Institute of Electrotechnology de Kiev (na actual Ucrânia), o “MESM – МЭСМ, Small Electronic Calculating Machine”, tornava-se uma realidade, pela mão da equipe de investigadores liderada por Sergei Alekseyevich Lebedev.

---

(in principle) is a fixed program computer. It can do basic mathematics, but it cannot be used as a word processor or to run video games. To change the program of such a machine, you have to re-wire, re-structure, or even re-design the machine. Indeed, the earliest computers were not so much "programmed" as they were "designed". "Reprogramming", when it was possible at all, was a very manual process, starting with flow charts and paper notes, followed by detailed engineering designs, and then the often-arduous process of implementing the physical changes».

<sup>85</sup> Estes dois investigadores trabalharam na Universidade da Pensilvânia e, mais tarde, fundaram a sua própria empresa, a “Eckert-Mauchly Computer Corporation”, que viria a ser adquirida pela Remington Rand após ter apresentado problemas financeiros.

<sup>86</sup> Esta designação deriva do nome do matemático americano de origem húngara, John Von Newman, Professor na Universidade de Princeton a partir de 1930. Todavia, J. Presper Eckert e John William Mauchly, os construtores do ENIAC, também contribuíram para a definição e desenvolvimento do conceito do computador capaz de armazenar, na mesma estrutura, dados e instruções.

<sup>87</sup> A *Wikipédia* (AA. VV., 2005<sup>at</sup>) explica o conceito subjacente a este tipo de máquinas: «The idea of the stored-program computer changed all that. By creating an instruction set architecture and detailing the computation as a series of instructions (the program), the machine becomes much more flexible. By treating those instructions in the same way as data, a stored-program machine can easily change the program, and can do so under program control. (...) A stored-program design also lets programs modify themselves while running».

Com maiores potencialidades e permitindo a realização não apenas de cálculos, mas de outras operações definidas por programas diversificados e capazes de se ajustar automaticamente, estas máquinas tornaram-se motivo de atracção não apenas para as Universidades (que passaram a desenvolvê-las e a utilizá-las como instrumentos de pesquisa e análise de dados), mas para as empresas privadas<sup>88</sup>, (que viram nelas grandes possibilidades no que toca à realização de tarefas complexas e à sua própria produção/comercialização enquanto negócio de grande rentabilidade) e para os organismos estatais<sup>89</sup>, que deixaram de as encarar apenas como instrumentos de grande utilidade táctico-militar, e as introduziram nos seus serviços, realizando tarefas anteriormente muito difíceis e exigentes em termos de mão-de-obra e de tempo (como os Censos de população, por exemplo).

Simultaneamente, continuam-se a desenvolver os componentes<sup>90</sup> que passariam a integrar os modernos computadores (sempre na tentativa de os tornar não apenas mais eficientes e capazes de armazenar/processar maiores quantidades de informação, mas igualmente com a intenção de os tornar mais pequenos, capazes de funcionar com menores dispêndios de energia e de serem economicamente mais rentáveis), bem como as linguagens de programação e as aplicações/software, de modo a que estas máquinas pudessem dar resposta aos mais variados problemas. A invenção do transístor<sup>91</sup> em 1947 daria o “pontapé de saída” para a “**Segunda Geração**” de computadores, que se estenderia até ao início da década de 60 do século XX<sup>92</sup> (DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:116). A *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>f</sup>) fala das suas características:

For example, the vacuum tube based IBM 650 of 1954 weighed over 900 kg, the attached power supply weighed around 1350 kg and both were held in separate cabinets of roughly 1.5 meters by 0.9 meters by 1.8 meters. It cost \$500,000 or could be leased for \$3,500 a month. (...) By contrast, the transistorized IBM 1620, which replaced the

---

<sup>88</sup> O primeiro computador a ser utilizado com aplicações/software para negócios foi o “LEO – Lyons Electronic Office”, desenvolvido pela Universidade de Cambridge para a empresa J. Lyons and Co., que financiou o projecto de adaptação do EDSAC às suas necessidades.

<sup>89</sup> O primeiro computador de grandes dimensões (*mainframe*) foi construído pela IBM em 1953, sendo conhecido como “IBM 701”. Foi, igualmente, esta empresa que desenvolveu a linguagem de programação “Fortran”, que começou, então, a ser utilizada.

<sup>90</sup> O primeiro disco de computador foi vendido em 1956, com a designação de REMAC. A *Wikipédia* (AA. VV., 2005<sup>f</sup>) diz a propósito: « It could store 5 megabytes of data and cost \$10,000 per megabyte. (As of 2005, disk storage costs less than \$1 per gigabyte)».

<sup>91</sup> John Bardeen, Walter Brattain e William Shockley foram os engenheiros da Bell Labs que desenvolveriam e tornariam viável este invento.

<sup>92</sup> DOWNING, COVINGTON e COVINGTON (2001:116) também dão a indicação de que os computadores de 2ª Geração seriam os fabricados com «transístores individuais nas décadas de cinquenta e sessenta».

650, was the size of an office desk. Second generation computers were still expensive and were primarily used by universities, governments, and large corporations.

A “**Terceira Geração**” começa, igualmente, com a introdução de novas melhorias ao nível dos componentes, nomeadamente com a invenção do *microchip* ou circuito integrado em 1959 (DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:116), pelos investigadores Jack St. Clair Kilby (da “Texas Instruments”) e Robert Noyce (“Fairchild Semiconductor”)<sup>93</sup>. Todavia, o primeiro computador a utilizar esta nova tecnologia só viria a ser utilizado em 1963, mais uma vez com fins tático-militares, já que a NASA (nos sistemas de navegação das naves “Apollo”) e os militares norte-americanos (para o controle dos mísseis intercontinentais, dado que se estava em plena “Guerra Fria”) seriam os primeiros a testar estes inventos. Continuava-se a caminhar no sentido de reduzir o tamanho e aumentar a capacidade de armazenamento e de realização de tarefas dos computadores. Por exemplo, a Hewlett-Packard coloca no mercado, em 1966, o seu modelo HP – 2115, capaz de realizar operações que antes só eram possíveis com o recurso aos *mainframe* e que já permitia a utilização de diversas linguagens de programação, como BASIC, ALGOL e FORTRAN.

Surgem os primeiros microcomputadores, aparelhos pensados, já, para atingir públicos-alvo mais amplos e mais heterogêneos, feitos para que o cidadão comum os pudesse utilizar e conjugando dois factores decisivos de atracção: as suas pequenas dimensões e fácil manuseamento, com preços muitíssimo mais acessíveis (DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:116-117).

Marcian Edward “Ted” Hoff Jr., um engenheiro americano da Intel, seria o responsável pelo início da “**Quarta Geração**” de computadores, ao inventar o “microprocessador” em 1971, um componente que substituiria os transístores e tornar-se-ia uma das peças mais importantes a integrar todos os computadores<sup>94</sup>, permitindo novos aprimoramentos no tamanho e eficácia destas máquinas, como relata a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>r</sup>):

---

<sup>93</sup> Kilby (que viria a receber o Prémio Nobel da Física em 2000) foi o primeiro a registar a patente deste invento, embora se saiba que ambos tiveram resultados positivos praticamente ao mesmo tempo. Noyce viria a ser o fundador da Intel, uma das maiores empresas ligadas à produção de componentes para computadores e um dos primeiros a instalar-se no conhecido Silicon Valley, o que lhe viria a merecer a alcunha de “Mayor of Silicon Valley”.

<sup>94</sup> CARRIÇO (1997:31) afirma que a «função do processador é a de interpretar e executar programas». E acrescenta que «como tudo aquilo que os computadores fazem é obedecer a instruções contidas nos programas, o processador acaba por ser o elemento nuclear, que controla, directa ou indirectamente, toda a actividade do sistema». Diz a *Wikipedia* (2005<sup>ab</sup>): «The central processing unit (CPU) is the most well known microprocessor, but many other components in a computer have them».

Fourth generation computers developed, using a microprocessor to locate much of the computer's processing abilities on a single (small) chip. Coupled with one of Intel's other products - the RAM chip, based on an invention by Bob Dennard of IBM, (kilobits of memory on a single chip) - the microprocessor allowed fourth generation computers to be even smaller and faster than ever before.

O “TV Typewriter”, criado por Don Lancaster<sup>95</sup> em 1973, utilizava um simples ecrã de televisão como monitor e uma cassette de áudio de 90 minutos como dispositivo adicional de armazenamento de informação e, como nos descreve a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>ak</sup>), «was about the size of two paperback books placed beside each other». Este aparelho foi o primeiro a ser vendido no Reino Unido por um preço de £99.95.

Como curiosidade, pode-se acrescentar que podia ser adquirido em forma de *kit*, para montar pelo utilizador, ou já montado, havendo, nesse caso, um acréscimo no preço. Também o popularíssimo “Sinclair ZX80”, apresentado ao público em 1980 e desenvolvido por Clive Sinclair<sup>96</sup> ou o ainda mais popular “ZX Spectrum”, lançado em 1982 em duas versões – 16KB (£125) e 48KB (£175) de RAM e 16KB



Foto 6  
ZX Spectrum

ROM –, contribuíram decisivamente para que os preços e a acessibilidade destes equipamentos ao grande público se tornassem cada vez mais efectivos, permitindo que a uma verdadeira invasão destes pequenos computadores “alastrasse” um pouco por toda a Europa (incluindo Portugal<sup>97</sup>), transformando o “ZX Spectrum” no mais cobiçado aparelho dos adolescentes dessa época. Outros computadores que fizeram sucesso nesta altura, sobretudo nos EUA, foram o “Commodore 64”<sup>98</sup>, que vendeu entre 17 e 25 milhões de unidades a um preço de US\$595 e o “Amstrad CPC”<sup>99</sup>, que trazia incluído um monitor.

<sup>95</sup> Este inventor britânico foi, igualmente, apresentador de televisão e autor de diversos livros, nomeadamente, sobre computadores. Participou, ainda, no desenvolvimento de materiais em empresas que se viriam a afirmar como gigantes da Informática, como a Apple e a Hewlett-Packard.

<sup>96</sup> Sir Clive Marles Sinclair, britânico, fundou a Sinclair Radionics Ltd em 1961.

<sup>97</sup> Eu mesma me recordo de que a primeira vez que utilizei um computador terá sido em 1984, em casa de uma colega de escola, que tinha um “ZX Spectrum”.

<sup>98</sup> Construído pela Commodore Business Machines (CBM) em 1982.

<sup>99</sup> Fabricado pela Amstrad na década de 1980.

Tinha início uma era em que os super computadores se tornariam cada vez mais “poderosos” e em que os *home computers* ocupariam grande parte das preocupações dos investigadores e das empresas, já que passaram a ser um dos maiores negócios em todo o mundo. Foram diversos os computadores deste tipo que foram surgindo nos finais dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, mas há que destacar os que foram produzidos pela Apple Computers<sup>100</sup>, nomeadamente o “Apple II” (1977), que vendeu mais de 2 milhões de unidades a um preço de US\$970. O seu sucesso deveu-se, também, ao *software* que para ele foi criado (nomeadamente, o primeiro programa destinado à execução de uma folha de cálculo, o “VisiCalc Spreadsheet”<sup>101</sup>), bem como ao facto de lhe ter sido incorporada uma *drive* de disquetes.



Foto 7  
Apple II

Aliás, grandes transformações a nível do *software* estavam a ser introduzidas: havendo componentes que permitiam que o *hardware* fosse mais rápido e pudesse armazenar maiores quantidades de informação, tornava-se possível criar programas que permitiam a realização de uma grande quantidade de tarefas e sistemas operativos<sup>102</sup> muito mais funcionais. Nesta fase, a IBM vai tomar a dianteira nesta corrida pela eficiência técnica e financeira: desenvolve o conceito de *personal computer* – *PC* com o seu modelo “IBM Personal Computer/AT” (1984) e populariza o MS-DOS, o sistema operativo desenvolvido pela Microsoft, a companhia criada por Bill Gates e Paul Allen em 1975 no Novo México, EUA, que se tornaria na maior criadora/vendedora de *software* do mundo (DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, 2001:351).

Actualmente, as mega empresas<sup>103</sup> controlam o negócio dos computadores e a ciência continua a promover melhorias e avanços, que garantem respostas às cada vez

<sup>100</sup> Empresa fundada por Steve Jobs e Steve Wozniak, em Silicon Valey, Califórnia, EUA, em 1976 e responsável, actualmente, por produtos de grande sucesso, como os computadores Macintosh, os iPods, iTunes, entre outros. S. Jobs, depois de uma controversa/movimentada carreira empresarial, é actualmente o Director da Apple. S. Wozniak deixou a Apple em 1986, dedicando-se, actualmente, ao desenvolvimento de sistemas de GPS, na empresa que fundou em 2004, a “Wheels Of Zeus”.

<sup>101</sup> Desenvolvido por Dan Bricklin e aperfeiçoado por Bob Frankston, ambos fundadores da Software Arts.

<sup>102</sup> A *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>af</sup>) define sistema operativo como o «system software responsible for the direct control and management of hardware and basic system operations. Additionally, it provides a foundation upon which to run application software such as word processing programs and web browsers» e António SILVA e Daniel SERRA (2005) definem sistema operativo como «um conjunto de ficheiros que contém instruções que permitem a exploração dos recursos que o computador coloca à disposição do utilizador, nomeadamente: a impressora, o teclado, o rato, o monitor, a unidade de disquetes, o disco rígido, a memória, etc.». DOWNING, COVINGTON e COVINGTON, (2001:529-530) dizem que sistema operativo é um «programa que controla um computador e especifica o modo como um utilizador deve introduzir e especificar os seus próprios programas (...) Sob o controlo do sistema operativo, o computador reconhece e obedece aos comandos introduzidos pelo utilizador».

<sup>103</sup> Já mencionei a Apple, a Microsoft, a Intel e a IBM, por exemplo.

maiores exigências dos utilizadores. No conforto das nossas residências e com um PC podemos realizar/editar os nossos próprios filmes ou ver os de outros, processar textos, digitalizar imagens e trabalhá-las com programas próprios, organizar as nossas contabilidades, criar bases de dados, fazer desenho técnico, compor qualquer tipo de música, gravar todos os tipos de dados, enfim, realizar qualquer tarefa do nosso dia-a-dia. Com uma simples *pen drive* (um *chip* que pode armazenar informações em grande quantidade) podemos transportar no bolso todos os conteúdos armazenados no nosso PC e a tendência é para que cada vez se possa armazenar mais informação, realizar tarefas mais complexas e com melhores resultados, recorrendo a equipamentos mais pequenos e mais fiáveis.

As sociedades modernas não podem pensar em si mesmas sem estes equipamentos, pois recorremos a eles em tudo o que fazemos. «Uma revolução tecnológica, centrada nas tecnologias da informação, começou a remodelar, de forma acelerada, a base material da sociedade», diz Manuel CASTELLS (2002:1). Estão a mudar a forma como moldamos o nosso pensamento, como estruturamos os nossos modelos sociais, o modo como comunicamos. O computador desempenha, já, um papel determinante no desenrolar da História Universal, muito mais determinante do que alguma vez poderiam esperar os seus primeiros utilizadores ...

Como afirma Pierre LÉVY (s.d.:54): «Ubiquidade de informação, documentos interactivos interligados, telecomunicação recíproca e assíncrona de grupo e entre grupos: a característica virtualizante e desterritorializante do ciberespaço faz dele o vector de um universal aberto».

### 3.2 – TELEFONE

I feel that I have at last struck the solution of a great problem – and the day is coming when telegraph wires will be laid on to houses just like water or gas – and friends converse with each other without leaving home.

BELL, Alexander Graham, 1876, in *Dictionary of Canadian Biography Online*, 2005.

Em 1861, um pequeno jornal de língua italiana, feito para a comunidade imigrante de Nova York (EUA) chamado *L'Eco d'Italia*, publicava uma notícia que, certamente para alguns, terá soado a algo próximo da ficção científica, algo que para o cidadão comum dessa época só num tempo distante seria concretizável: tinha sido

inventado um aparelho eléctrico que permitia a transmissão de sons à distância. O autor de tal proeza, António Meucci<sup>104</sup> (também ele um imigrante italiano, residente em Staten Island), deu-lhe o nome de *Teletrofono*. A invenção de um tal aparelho tinha resultado de um mero acaso acontecido em 1849, como nos é relatado no artigo acerca do inventor, publicado pela associação americana Italian Historical Society (2005):

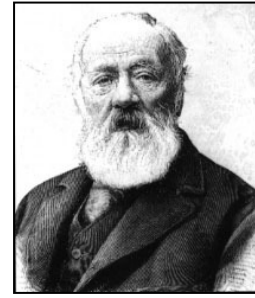


Foto 8  
António Meucci

Meucci had developed a method of using electric shocks to treat illness which had become quite popular in Havana. One day, while preparing to administer a treatment to a friend, Meucci heard an exclamation of the friend, who was in the next room, over the piece of copper wire running between them. The inventor realized immediately that he held in his hand something much more important than any other discovery he had ever made, and he spent the next ten years bringing the principle to a practical stage. The following ten years were to be spent perfecting the original device and trying to promote its commercialization.

Os anos que se seguiram a esta apresentação pública do invento foram anos muito difíceis para Meucci: a mulher adoeceu gravemente, ficando acamada permanentemente e as finanças da família foram, ano a ano, diminuindo. De tal modo a situação se tornou grave, que o inventor acabaria por nunca registar a patente do seu *Teletrofono*, submetendo apenas um registo provisório (a que os norte-americanos chamam “*Caveat*”<sup>105</sup>) ao United States Patent Office, no dia 28 de dezembro de 1871, já que não conseguia reunir os \$250 necessários para isso. E, como nos conta CARROLL (2002), «[t]hree years later he could not even afford the \$10 to renew it».

Começava aqui uma longa e renhida polémica que se estenderia até ao século XXI, pois, entretanto, outros investigadores trabalhavam, igualmente, no sentido de criar um tal aparelho e viriam a estabelecer uma “guerra” pela atribuição da patente e dos créditos pela sua invenção.

<sup>104</sup> António Meucci nasceu em Florença e faleceu em Clyfton, Nova York, EUA (1808-1889). Em 1835 emigra, juntamente com a mulher, para Havana, Cuba, fugindo aos conflitos que assolavam Itália e nos quais Meucci se tinha envolvido em 1833-1834. Parte em 1850 para os EUA, onde residiria até à data da sua morte.

<sup>105</sup> BELLIS (2005) define “*caveat*” da seguinte forma: «Patent caveats according to law were "a description of an invention, intended to be patented, lodged in the patent office before the patent was applied for, and operated as a bar to the issue of any patent to any other person regarding the same invention." Caveats lasted one year and were renewable.». O Public Broadcasting Service – PBS (2000) dá a seguinte definição: «A caveat was a confidential, formal declaration made by an inventor stating his intention to file a patent on an idea yet to be perfected. Caveats were filed as a means of protecting an idea from being usurped by fellow inventors».

Alexander Graham Bell, um escocês com fortes ligações ao Canadá<sup>106</sup> (onde residia a sua família, nomeadamente o pai, bastante conceituado nos meios académicos da altura pelas suas investigações relacionadas com a fisiologia dos órgãos da fala) foi um deles. Inicia o desenvolvimento de uma ideia para construir um aparelho capaz de transformar sons em impulsos eléctricos em 1874, em Bóston, quando leccionava «vocal physiology and elocution» (*Dictionary of Canadian Biography Online*, 2005) na Universidade local, com a intenção creio, de ter/criar mais uma ferramenta de trabalho que lhe permitisse apoiar os surdos e mudos, já que a sua carreira profissional girava em torno dos problemas vividos por estas pessoas<sup>107</sup>. Em Março de 1875 é registada a sua patente e o primeiro registo efectivo de uma conversa surge um ano depois, como nos

conta o artigo do *Dictionary of Canadian Biography Online* (2005):

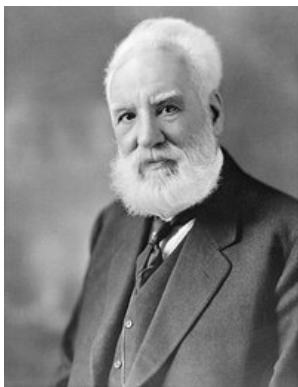


Foto 9  
Alexander Graham Bell

(...) Hubbard, who had grown impatient waiting for Brown's confirmation of the British filing, submitted the United States patent application on 14 February. (...) On 7 March Bell won his telephone patent<sup>108</sup>, the second of the 30 issued to him between 1875 and 1922. Titled "Improvements in Telegraphy," it was destined to become the single most lucrative patent ever awarded in the history of invention, and one of the most contested. (...) On the 10<sup>th</sup> [March, 1876] Bell transmitted the first intelligible sentence: "Mr. Watson - Come here - I want to see you."

A apresentação pública do telefone de Bell seria feita na "Philadelphia Centennial International Exhibition", a 25 de Junho de 1876<sup>109</sup> e a primeira chamada telefónica a uma longa distância foi feita a 3 de Agosto desse mesmo ano, entre as localidades de Mount Pleasant e Brantford (ligando a "general store" dessa vila a "Tutelo Heights", a propriedade da família Bell, que distavam, entre si, cerca de quatro milhas<sup>110</sup>). Bell usou as linhas da Dominion Telegraph Company.

<sup>106</sup> Alexander Graham Bell nasceu em Edinburgo, na Escócia, em 1847 e faleceu em Beinn Bhreagh, perto de Baddeck, Nova Scotia, em 1922. Mais tarde, em 1882, naturalizou-se Norte-americano.

<sup>107</sup> A sua própria mulher, Mabel Hubbard (filha de um reputado advogado de Bóston, Gardiner Greene Hubbard) tinha perdido a audição aos cinco anos de idade, depois de ter tido febre escarlatina. Bell casou com Mabel a 11 de Julho de 1877.

<sup>108</sup> Essa patente pode ser consultada em GORMAN (1994<sup>b</sup>).

<sup>109</sup> Nessa mesma feira seriam apresentados outros inventos que se tornariam célebres, como nos relata o *Dictionary of Canadian Biography Online* (2005): « The new inventions and machines on display at the fair, which was billed as a monument to the "Progress of the Age," were already remaking society. In addition to the telephone there were the typewriter, the electric light, packaged yeast, the internal combustion engine, and the mighty 700-ton Corliss steam engine».

<sup>110</sup> Quatro milhas serão, aproximadamente, 6436 metros, já que no sistema métrico americano uma milha equivale a 1609 metros; no sistema britânico, uma milha equivale a 1400 metros.

Os anos que se seguiram seriam decisivos para a implementação do telefone como um objecto de uso diário e corrente, fazendo jus ao sonho de Bell, expresso numa carta escrita a seu pai no próprio dia em que pela primeira vez o seu aparelho funcionou (que se encontra transcrito no início deste texto) e aprofundado em 1878, num folheto destinado a investidores britânicos (*Dictionary of Canadian Biography Online*, 2005):

It is conceivable that cables of Telephonic wires could be laid under-ground or suspended overhead communicating by branch wires with private dwellings, counting houses, shops, manufactories, etc. . . . establishing direct communication between any two places in the City. . . . I believe that in the future wires will unite the head offices of Telephone Companies in different cities and a man in one part of the Country may communicate by word of mouth with another in a distant place.

Surgiriam as grandes companhias telefónicas, quer no Canadá, quer nos EUA, quer na Inglaterra e na Europa continental. O telefone tornar-se-ia uma das invenções mais lucrativas da História da Humanidade e, talvez por isso, uma das mais disputadas e polémicas de sempre, já que durante 12 anos Bell teria de enfrentar numerosos processos judiciais que contestavam o facto de ter sido ele o primeiro a inventar esse aparelho.

António Meucci foi um dos que apresentou uma contestação forte a esse facto, tendo havido mesmo um julgamento de uma queixa contra Bell, feita pelo próprio Governo americano. Todavia, a mesma viria a ser arquivada, acreditando a comunidade italiana nos EUA que Bell, devido ao seu maior poder económico, teria mobilizado interesses no sentido de não levar por diante o processo.

Já em 2002 (a 11 de Junho), o Congresso Norte-americano viria a reconhecer o trabalho deste investigador, na H. Res. 269, ao afirmar: «That it is the sense of the House of Representatives that the life and achievements of Antonio Meucci should be recognized, and his work in the invention of the telephone should be acknowledged». Por seu turno, o Parlamento do Canadá (CANADIAN PARLIAMENT, 2002), a 21 de Junho desse mesmo ano aprovaria por unanimidade uma moção<sup>111</sup> dizendo: «This House affirms that Alexander Graham Bell of Brantford, Ontario and Baddeck, Nova Scotia is the inventor of the telephone».

Mas a polémica não ligaria apenas Bell e Meucci.

<sup>111</sup> Essa moção tem a designação de *Sessional Paper No. 8525-371-46*.



Elisha Gray<sup>112</sup>, Professor de “*dynamic electricity*” no Oberlin College, Ohio, é outro dos inventores que se colocou na corrida para a obtenção do título de “pai do telefone”. Na verdade, A. G. Bell talvez não tivesse tido a fama que teve se o seu sócio e sogro, Gardiner G. Hubbard não houvesse tomado a iniciativa de registrar a patente da sua invenção no dia 14 de Fevereiro de 1876. É que apenas umas horas mais tarde, dava entrada no United States Patent Office um registo provisório (“*caveat*”<sup>113</sup>) apresentado por GRAY (1876), que descrevia um aparelho com características muito semelhantes ao concebido por Bell:

It is the object of my invention to transmit the tones of the human voice through a telegraphic circuit, and reproduce them at the receiving end of the line, so that actual conversations can be carried on by persons at long distances apart.



Foto 10  
Elisha Gray

A consequência natural deste evento foi a instauração de mais um processo contra Bell, que, no entanto, voltaria a ser-lhe favorável, já que o United States Patent Office considerou a diferença entre o registo provisório e a patente como suficientemente significativa para reconhecer a invenção como obra de Bell. Gray continuaria a trabalhar como professor e inventor, mas a amargura em relação a este facto nunca o abandonou, tendo sido encontrado, depois da sua morte, entre as suas notas pessoais, o seguinte desabafo (Public Broadcasting Service – PBS, 2000):

The history of the telephone will never be fully written.... It is partly hidden away ... and partly lying on the hearts and consciences of a few whose lips are sealed -- some in death and others by a golden clasp whose grip is even tighter.

Houve ainda um quarto inventor a trabalhar este conceito. Aliás, cronologicamente seria o segundo a apresentar um protótipo, a que deu o nome de “Telephon”. Chamava-se Johann Philipp Reis, era professor de Matemática e Física no Garnier's Institute, em Friedrichsdorf e tinha origens portuguesas<sup>114</sup>. Interessado nos problemas relacionados com a propagação da corrente eléctrica e tendo estudado, igualmente, a forma como o ouvido humano funcionava, resolveu criar um aparelho que pudesse combinar esses dois interesses e que permitisse a transmissão do som através da

<sup>112</sup> Elisha Gray nasceu em Barnesville, Ohio, em 1835 e faleceu em Newtonville, Massachusetts, em 1901.

<sup>113</sup> Cft. com nota de rodapé nº38.

<sup>114</sup> J. P. Reis nasceu em Gelnhausen e morreu em Friedrichsdorf (1834 -1874): Era filho, segundo consta da sua biografia, de um padeiro português de origem judia.

corrente eléctrica. Em 1860 os seus estudos davam bons frutos e Reis fazia a sua primeira experiência com o seu invento, tendo transmitido a frase «The horse eats no cucumber salad» (KATZ, 2002<sup>b</sup>) a uma distância de 100 metros. Em 1861 torná-lo-ia conhecido ao apresentá-lo numa palestra feita na Frankfurt's Physics Association, como nos conta KATZ (2002<sup>b</sup>):

His lecture on "Telephony Using Galvanic Current" ("Das Telefonieren durch galvanischen Strom") did not result in as much enthusiasm as Reis might have hoped for. The verses of a song were transmitted from the room over a three-hundred-foot line to a hospital room. The presentation in 1861 was the first public demonstration of the successful conversion of electrical into auditory waves.



Foto 11  
Johann Philipp Reis

Não obstante o evidente sucesso dos seus esforços, o seu trabalho não mereceu grande entusiasmo e apoio da comunidade científica alemã, facto que Reis atribuía às suas origens humildes e modesta condição profissional e financeira. Assim, acabou por não ter ânimo para levar ao máximo todos os aperfeiçoamentos que foi introduzindo na sua máquina. O facto de ter tuberculose também terá contribuído para que deixasse este assunto e se limitasse ao ensino.

Não deixa de ser interessante, no entanto, que quatro homens, todos eles de nacionalidades diferentes e trabalhando num período de tempo relativamente próximo, tenham chegado a conclusões tão próximas e produzido aparelhos com características tão idênticas. No fundo, quase se pode afirmar que a mistura de nacionalidades e continentes era já uma metáfora do que estava para vir. Essa vontade de levar os sons através de grandes distâncias seguiria rumos muito diferentes (por exemplo, pela mão de Gugliermo Marconi<sup>115</sup> ou de Thomas Alva Edison<sup>116</sup>) e traria grandes consequências e desenvolvimentos no que toca aos meios de comunicação. Davam-se os primeiros passos para entrar num tempo a que Marshall MacLuham chamaria “A Galáxia

<sup>115</sup> Cientista italiano, nascido em Bolonha em 1874 e falecido em Roma em 1934, que foi o responsável pela invenção da “telegrafia sem fios” (conhecida popularmente por “rádio”) em 1897 e galardoado com o Prémio Nobel da Física em 1909.

<sup>116</sup> Inventor nascido em Milan, Ohio, EUA, em 1847 e falecido em New Jersey em 1931, inventor de mais de mil objectos, entre eles a lâmpada eléctrica, as baterias alcalinas, o fonógrafo, o projector de cinema e o motor eléctrico. Foi, igualmente, o primeiro a criar um laboratório destinado à investigação para a indústria, em Menlo Park, em 1876. Também há referências ao seu trabalho de pesquisa na transmissão da voz humana, acreditando alguns que Edison terá conseguido essa proeza antes de Bell. Gerald BEALS (1999) é um dos que faz referência a tal facto na biografia que inclui no seu sítio “Thomas Edison’s Home Page”.

Marconi”. E que culminaria na criação dos telefones portáteis, os telemóveis, que unem o mundo, já não através de cabos, como preconizava A.G. Bell, mas através das ondas da rádio.

### 3.3 – E-MAIL

Ray Tomlinson, um engenheiro de computação americano que trabalhava na Bolt Beranek and Newman (BBN), uma empresa que fora contratada pelo Departamento de Defesa dos EUA para implantar a *ARPANET*<sup>117</sup>, enviou o primeiro e-mail ou mensagem de correio electrónico<sup>118</sup> em 1971: escreveu um texto (de acordo com a *Wikipédia*, AA. VV., 2005<sup>m</sup> terá sido, «QUERTYIOP»), que remeteu para a sua própria “caixa postal”, através da *ARPANET*. TOMLINSON (s.d.) conta como tudo aconteceu:



Foto 12  
Ray Tomlinson

The first message was sent between two machines that were literally side by side. The only physical connection they had (aside from the floor they sat on) was through the ARPANET. I sent a number of test messages to myself from one machine to the other. The test messages were entirely forgettable and I have, therefore, forgotten them. Most likely the first message was QUERTYIOP or something similar. When I was satisfied that the program seemed to work, I sent a message to the rest of my group explaining how to send messages over the network. The first use of network email announced its own existence.

Esses dois computadores serviram para testar uma ideia que dois anos mais tarde constituiria já a principal forma de trocar dados desta primeira rede de computadores ligados à distância, pois cerca de 75% do seu tráfego fazia-se por *e-mail*. Todavia, nessa

<sup>117</sup> *ARPANET* foi, por assim dizer, a “pré-história” da Internet, ou seja, uma rede de computadores, através da qual cientistas americanos e centros de investigação comunicavam os dados das suas pesquisas, com o objectivo de melhorar as defesas militares dos EUA, já que a ideia de criar este meio de comunicação nasce com a *ARPA* – *Advanced Research Projects Agency*, em 1957 (período da “Guerra Fria”), após o lançamento do satélite *Sputnik*, pela União Soviética. A *ARPANET* entra em funcionamento em 1969.

<sup>118</sup> *E-mail* significa (*Wikipedia*, AA. VV., 2005<sup>l</sup>) «a method of composing, sending, and receiving messages over electronic communication systems. The term e-mail applies both to the Internet e-mail system based on the Simple Mail Transfer Protocol (SMTP) and to workgroup collaboration systems allowing users within one company or organization to send messages to each other». Ainda a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>m</sup>) refere: «A palavra têm o significado literal de *electronic mail* ou correio electrónico. É composto basicamente um endereço de e-mail por um nome, um separador (o “@”, que significa “at”- “em a” - “na”, ou “em o” - “no”) e o nome do domínio e aonde localiza-se o detentor do domínio, alguns sites por pertencerem a entidades diversas como não governamental usa o .org após o nome do domínio, outros por serem do governo usam .gov, e assim sucessivamente».

altura, a rede ARPANET tinha apenas 15 computadores ligados entre si e foi graças a uma pequena alteração num programa que Tomlinson conseguiu enviar mensagens para outros membros da rede. Na verdade, como ele próprio explica, já existia a noção de correio electrónico, mas não a noção de correio aplicado a uma rede:

I was making improvements to the local inter-user mail program called SNDMSG. Single-computer electronic mail had existed since at least the early 1960's and SNDMSG was an example of that. SNDMSG allowed a user to compose, address, and send a message to other users' mailboxes.

A mailbox was simply a file with a particular name. It's only special property was its protection which only allowed other users to append to the file. That is, they could write more material onto the end of the mailbox, but they couldn't read or overwrite what was already there. (...) The missing piece was that the experimental CPYNET protocol had no provision for appending to a file; it could just send and receive files. Adding the missing piece was a no-brainer - just a minor addition to the protocol.

A versão seguinte do *software* já trazia o protocolo específico para criação/envio/recepção de *e-mails*.

Um gesto que, segundo o próprio Tomlinson (GAUDIN, 2002), demorou «four, five, six hours to do[, ]less than a day spread over a week or two - when I had a spare moment», viria a tornar-se determinante para a evolução das comunicações. Hoje, fazem-se mais *e-mails* por dia, do que chamadas telefónicas. No entanto, poucos conhecem o nome do investigador que criou as ferramentas para que ele se tornasse uma realidade.

### 3.4 – TELEMÓVEL



Foto 13  
Martin Cooper

Ao mesmo tempo que se desenvolvia a rede mundial de computadores a que actualmente damos o nome de Internet e os serviços a ela associados, outros investigadores dedicavam-se ao desenvolvimento de novas formas de comunicação à distância, nomeadamente através

de radiofrequência. Era o caso de Martin Cooper, um engenheiro de Chicago, formado no Instituto de Tecnologia de Illinois, que trabalhava para a *Motorola*<sup>119</sup>, cujo desejo era o de que todas as pessoas pudessem transportar consigo o seu telefone e fazer chamadas de qualquer parte. Os primeiros passos para a criação de um telefone portátil já haviam sido dados na década de 50 do século XX, após a criação do conceito de “celular” em 1947, pela AT&T, uma empresa do grupo Bell Labs. «Even in the 1950’s, we at Motorola were starting a culture whose premise was that people are fundamentally mobile and that the only real direct communications for people is portable and wireless», relata M. Cooper (APÊNDICE A <sup>120</sup>) . A própria Motorola já tinha serviços para franjas muito específicas de público, como os bombeiros e polícia, que necessitavam de acesso muito rápido a meios de comunicação e a partir de qualquer local. Mas este engenheiro da Motorola desejava muito mais do que isto, como fica implícito nas suas palavras e se confirma em várias entrevistas que concedeu à imprensa norte-americana pela ocasião das comemorações do 30º Aniversário do Telemóvel. Selecionámos um excerto do trabalho feito por Neil GROSS (2000), para a *Business Week*:

At that time, both Motorola and AT&T were pushing the Federal Communications Commission to allocate radio spectra for car phones. But to Cooper, the cellular revolution was not about automobiles but about people using phones on the street, in stores, or wherever they wanted.

E outro excerto, citando o próprio M. Cooper, retirado da ABOUT BUSINESS/NEWSTREAM/ARRAYCOMM, s.d.:

People want to talk to other people - not a house, or an office, or a car. Given a choice, people will demand the freedom to communicate wherever they are, unfettered by the infamous copper wire. It is that freedom we sought to vividly demonstrate in 1973.

Entre Dezembro de 1972 e Março de 1973 esta empresa desenvolve, todavia, pela equipa liderada por Martin Cooper, o primeiro protótipo do telefone portátil, que se chamaria “DynaTac” e seria um exemplar único. Pesava um pouco mais de um quilo

---

<sup>119</sup> Actualmente, Martin Cooper é o Presidente da ArrayComm Inc, uma empresa com sede em S. José da Califórnia, EUA, ligada ao desenvolvimento de produtos de alta tecnologia ligados às telecomunicações, que ele mesmo co-fundou, em 1992, com Arnaud Saffari (um empresário francês) e Richard Roy (engenheiro formado pela Universidade de Stanford, EUA). O endereço do sítio desta empresa é : <http://www.arraycomm.com/>.

<sup>120</sup> As citações atribuídas a Martins Cooper são retiradas de uma extensa entrevista realizada por mim e que consta dos anexos deste trabalho com a designação de APÊNDICE A.

«(40 ounces) and was over ten inches high»<sup>121</sup> (APÊNDICE A) e era o resultado de um processo de estudo que durou anos e acarretou custos financeiros elevadíssimos («hundreds of thousands of dollars to build», segundo Cooper – APÊNDICE A).

A 3 de Abril de 1973 Cooper dá o passo definitivo: carrega num botão, obtém sinal de marcação e faz a primeira chamada de um telemóvel do mundo (APÊNDICE A):

The first public call was made on the streets of New York in April of 1973. The purpose of this call was to expose the concept of portable cellular telephones to the public and so I was with a newspaper reporter at the time. We were strolling down Lexington Avenue and I decided to call my counterpart and competitor at AT&T, Dr. Joel Engel. (...)We had been working so hard to make this phone work that the actual phone call was an anticlimax. There had been many test calls, of course, but doing this in public was a very exciting period. It was also nerve wracking since the phone was handmade and there was always a concern about whether it would continue to work properly.

E o inventor do telemóvel comentava, com humor, esse momento (ABOUT Business/Newstream/Arraycomm, s.d.):

Remember that in 1973, there weren't cordless telephones, let alone cellular phones. I made numerous calls, including one where I crossed the street while talking to a New York radio reporter - probably one of the more dangerous things I have ever done in my life.

O tempo que se segue é de grande afincamento em várias áreas:

- ***científica e tecnológica***, para produzir um telefone que fosse sólido, atraente pelas múltiplas possibilidades e, ao mesmo tempo, não tivesse um preço inimaginável/inatingível;
- ***política***, para garantir que as entidades competentes (Federal Communication Commission - FCC) dessem a sua autorização para a criação de redes terrestres de transmissão do sinal, autorização essa que estava dependente de medidas que assegurassem a correcta gestão do espectro radioelétrico;

---

<sup>121</sup> Segundo o conversor de pesos e medidas disponível no sítio <http://www.metric-conversions.org/weight/ounces-to-kilograms.htm>, este peso equivaleria a 1,133 Kg e a altura seria, de acordo com os valores do referido conversor de 24,4 cm.

- **comercial**, no sentido de investir para poder apresentar a melhor e mais viável proposta de negócio à FCC.

Martin Cooper confirma estas ideias (APÊNDICE A):

In the months and years following the demonstration, the FCC did act and accommodated almost all of the initiatives made by Motorola. However, it took ten years before actual commercial service started. During this time, we had to evolve the technology so that it was reproducible and the FCC had to go through the process of selecting who the carriers would be that would compete in this business. Both of these processes were both time consuming and costly.



Foto 14  
DynaTAC 8000X

Dez anos mais tarde (1983) e após efectuar gastos na ordem dos 150 milhões de dólares<sup>122</sup>, a *Motorola* obteve a sua primeira licença comercial e lançou o primeiro modelo de telemóvel – o *Motorola DynaTAC 8000X*<sup>123</sup>. Nesse mesmo ano era instalada a primeira rede de telefones móveis, que ligava apenas as cidades de Washington e Baltimore. Em 1987, já havia mais de um milhão<sup>124</sup> de utilizadores nos EUA e hoje os números ultrapassarão os 144 milhões<sup>125</sup>. Iniciara-se uma mudança substancial nas prioridades do sector das telecomunicações, «a fundamental technology and communications market shift toward the person and away from the place» (ABOUT Business/Newstream/Arraycomm, s.d.).

### 3.5 – O CHAT

Hoje em dia, *chat* é sinónimo de “conversa na *net*”, mas em 1988, quando Jarkko Oikarinen, um estudante finalista da Universidade de Oulu, na Finlândia, desenvolveu o primeiro sistema de comunicação mediada por computador verdadeiramente



Foto 15  
Jarkko Oikarine

<sup>122</sup> Estes valores são referidos num artigo do Diário de Telecomunicações (2003).

<sup>123</sup> Martin Cooper conta (APÊNDICE A): «The first commercial phones that were shipped in the early 80's in a trial system and commercially in 1983 cost \$4000 US, which would be the equivalent of more than twice that today. »

<sup>124</sup> Dados retirados do artigo de BELLIS (s. d.), escrito para a *ABOUT Business Magazine*, que consta da bibliografia deste trabalho.

<sup>125</sup> Dados retirados do artigo de Todd WALLACK (2003), para o *San Francisco Chronicle*, que consta da bibliografia deste trabalho.

operacional, esta possibilidade de entabular conversa quase em tempo real através da Internet não fazia parte dos hábitos de milhões de pessoas<sup>126</sup>. Foi este jovem estudante que concebeu, no Verão desse ano, enquanto trabalhava na Universidade, o *software* que tornaria possível este tipo de comunicação e que tinha sido inspirado num outro, desenvolvido por Jukka Pihl, designado MUT (MultiUser Talk), e que, segundo as próprias palavras de Oikarinen, tinha o «bad habit of not working properly» (OIKARINEN, 1996-2004). Chamou a esse protocolo<sup>127</sup> IRC – *Internet Relay Chat*. E conta no mesmo artigo:

When IRC started occasionally having more than 10 users, I asked some friends of mine to start running irc servers in south Finland, mainly in Tampere University of Technology and Helsinki University of Technology. Some other universities soon followed.

Em 1989, depois de ter partilhado o programa com alguns colegas de outros países (nomeadamente, americanos), o IRC já estava espalhado e interligava mais de 40 servidores<sup>128</sup>.

Em 1991, o IRC ganhou um lugar definitivo de grande relevo junto dos utilizadores da Internet, muito devido ao facto de, durante a invasão do Kuwait pelo Iraque (que culminaria com a primeira Guerra do Golfo), se ter mantido a ligação com o interior do país durante mais de uma semana, através de um canal de IRC, que se manteve operacional mesmo depois de se terem perdido as ligações de televisão e rádio<sup>129</sup>.

Actualmente existem diversos serviços que permitem a conversação em tempo real: o ICQ (América Online), o MSN Messenger (Microsoft), o AIM (América online), QQ (usado predominantemente na China), Skype, Mainstream, Jabber (XMPP, que

---

<sup>126</sup> Todavia, desde a década de 70 do século XX que já existiam tentativas para se estabelecer este tipo de comunicação.

<sup>127</sup> A *Wikipedia* (AA.VV., 2005<sup>ab</sup>) define assim protocolo: «Na comunicação de dados e na interligação em rede, protocolo é um padrão que especifica o formato de dados e as regras a serem seguidas. (...) Um protocolo especifica como um programa deve preparar os dados para serem enviados para o estágio seguinte do processo de comunicação». Ou seja, o protocolo define as regras a que ambas as partes têm de obedecer para que se estabeleça a comunicação. Essas regras são definidas segundo o modelo “cliente-servidor”, o que significa que o programador tem de criar normas para ambos poderem estabelecer comunicação. Esta particularidade teve como consequência a grande evolução dos protocolos do lado do cliente e uma evolução muito mais lenta do lado dos servidores. MAGALHÃES (1995: 317) define protocolo dizendo que «[p]ara transferir ficheiros, os computadores (...) precisam de convencionar certos padrões para corrigir erros, verificar faltas e resistir às debilidades das linhas telefónicas, cheias de ruídos».

<sup>128</sup> Dados obtidos através do trabalho de Else Martins dos SANTOS (2003:17), mencionado na Bibliografia deste trabalho.

<sup>129</sup> Dados obtidos através do sitio *Livinginternet*, criado por Bill STEWART (1996-1999), referido na bibliografia deste trabalho.

detém, por exemplo o Google Talk), Psi, Yahoo! Messenger entre muitos outros. O AIM concentra, segundo a *Wikipedia* (2005<sup>aa</sup>), na sua entrada para “MSN – Messenger”, 56% dos utilizadores deste tipo de serviço em todo o mundo e o MSN Messenger passará a ser o segundo serviço deste tipo mais usado em todo o planeta, concentrando 40% dos utilizadores, já que a Microsoft e a Yahoo anunciaram a 13 de Outubro de 2005 a intenção de permitir a inter-operacionalidade entre os dois sistemas de troca de mensagens instantâneas usados pelas duas empresas<sup>130</sup>. A convicção geral entre os utilizadores deste tipo de serviço é que o AIM é muito mais utilizado no continente americano e o MSN na Europa e resto do mundo. Neste trabalho referir-me-ei mais ao MSN Messenger, já que é aquele que mais é utilizado pelos jovens estudantes portugueses<sup>131</sup>, uma vez que é disponibilizado de forma gratuita aos utilizadores do Windows XP, o sistema operativo a que a maioria dos utilizadores de PC's<sup>132</sup> recorre.

É importante, pois, definir o que se entende por *chat*. O *Dicionário Aurélio Século XXI* citado por SANTOS (2003:19) dá a seguinte definição:

*Chat* – Forma de comunicação através da web de computadores (ger. a internet), similar a uma conversação na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual.

Já a *webopedia.internet.com* (2005) descreve *chat* como:

Real-time communication between two users via computer. Once a chat has been initiated, either user can enter text by typing on the keyboard and the entered text will appear on the other user's monitor. Most networks and online services offer a chat feature.

A *Britannica Concise Encyclopedia* (2005) diz a propósito:

Real-time conversation among computer users in a networked environment such as the Internet.

After a user types a text message and presses the Enter key, the text immediately appears on the other users' computers, permitting typed conversations that

<sup>130</sup> Já há, todavia, serviços que permitem o acesso simultâneo a vários protocolos.

<sup>131</sup> Esta afirmação, ainda que não tenha uma confirmação rigorosa e estatística, pode ser dada como verdadeira, se tivermos em consideração os dados publicados pelo DIÁRIO DIGITAL (2005), que na sua edição de 15 de Fevereiro escrevia: «O Messenger, da Microsoft, é actualmente o programa de conversação mais utilizado pelos portugueses. Segundo uma sondagem da MultiDados subordinada à Internet em Portugal, e divulgada esta terça-feira, 71,4% dos inquiridos já aderiu ao MSN, mais 57 pontos percentuais do que em 2004». Nos anexos existem outros artigos que comprovam estas afirmações.

<sup>132</sup> PC – Personal Computer.

are often only somewhat slower than normal conversation. A chat can be private (between two users) or public (where other users can see the messages and participate if they wish). Public chatting is conducted in “chat rooms,” Web sites devoted to chat, usually about a specific topic. The thousands of chat rooms now available typically use the IRC (Internet Relay Chat) protocol, developed in 1988 by Jarkko Oikarinen of Finland.

Else SANTOS (2003:19) considera que este é um tipo de «recurso de interacção na Internet», que permite uma ligação/comunicação em tempo real entre os diversos utilizadores que estejam interligados através dos seus computadores. A autora explica:

[O] que se escreve [no *chat*] pode ser imediatamente lido em outro computador, devidamente interligado, em qualquer canto do mundo, quase na mesma hora em que se escreve, com diferença, talvez, de segundos, dependendo da qualidade da conexão. Esse tipo de comunicação é chamada “**comunicação sincrônica**”, e simula uma comunicação face a face, ou seja, o tempo de produção é o mesmo da leitura.

No entanto e apesar de o *chat* não ter as mesmas características do *e-mail* (comunicação assíncrona), há que salientar que ele não é completamente e inequivocamente igual à comunicação que se estabelece quando emissor e receptor estão em presença e os utilizadores podem, inclusivamente, aceder às mensagens não em tempo real, mas assincronamente.

Actualmente, o *chat* permite a utilização de suportes como o vídeo e o áudio e, em muitos casos, tem vindo a substituir as chamadas telefónicas, por permitir a visualização, quase instantânea, dos interlocutores<sup>133</sup>, como se explica na *Wikipedia* (2005<sup>ac</sup>):

The major use of the software is for instant messaging, although other features which now come as standard include support for voice conversations, webcams (MSN Messenger 7.0 and later feature full screen audio video conversations), transferring files, and built-in multi-user online games (...) MSN Messenger allows messages to be enlivened with graphical emoticons, sometimes called smileys, Flash animations called winks, animated display pictures, styled text, and many more with third-party add-ons (...).

---

<sup>133</sup> O MSN é o preferido para se poder estabelecer contactos com o recurso ao vídeo, enquanto o Skype é usado, sobretudo, pelas grandes vantagens que tem na utilização dos recursos áudio e para efectuar chamadas telefónicas.

Como curiosidade, pode-se referir que a expressão “*instant message*” teve origem na literatura de ficção científica, pela mão do autor Paul M. A. Linebarger<sup>134</sup>, que na década de 60 do século XX escreveu diversas histórias sob o pseudónimo de Cordwainer Smith. «His instant messages were to be across interstellar distances at speeds faster than that of light», refere a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>135</sup>). Essa expressão foi adoptada pelos membros da New England Science Fiction Association (muitos deles engenheiros informáticos) e usada numa revista semanal que era elaborada por esta associação.

### 3.6 – OS SMILEYS

Never in the history of mankind or art has any single piece of art gotten such widespread favor, pleasure, enjoyment, and nothing has ever been so simply done and so easily understood in art.

BALL, Harvey, 1998, in ASSOCIATED PRESS (1998).

A 1 de Janeiro de 1972, Franklin Loufrani, um jornalista *free-lancer* francês que trabalhava para o *France Soir* e para outros jornais europeus, desenvolveu uma ideia original para poder classificar notícias, especialmente as boas: a ideia era particularmente simples e consistia na introdução de um pequeno grafismo que representava uma cara redonda e sorridente, a que o autor deu o nome de *Smiley*.



Alguns anos antes, em 1963<sup>135</sup>, no outro lado do Atlântico, um americano de uma cidade pequena,

Worcester, Massachusetts, Harvey Ball<sup>136</sup>, criava em 10 minutos um símbolo que

<sup>134</sup> Advogado, Professor universitário e activista político, este escritor produziu obras de diverso tipo, desde a poesia, à ficção científica. Nasceu em Milwaukee, Wisconsin, EUA em 1913 e faleceu em Washington, em 1966. Foi conselheiro político do Presidente John Kennedy, já que era especialista em temas ligados à Ásia, nomeadamente, à China.

<sup>135</sup> Há variações de datas nas diversas fontes de informação que consultei. Todavia, a Associated Press, a CNN e alguns outros órgãos de comunicação americanos referem sempre esta data, pelo que considereei que seria a mais correcta. As referidas variações vão desde 1962 (*Wikipedia*, AA. VV., 2005<sup>P</sup>) a 1964 (Steve Miller, s. d.).

<sup>136</sup> Harvey Ball nasceu em 1921 e faleceu em 2001, tendo nascido e vivido toda a sua vida em Worcester, Massachusetts, EUA.

serviria para uma campanha (“*friendship campaign*”) da companhia de seguros State Mutual Life Assurance (Allamerica Financial) desenvolvida para melhorar o moral dos funcionários, bastante abatidos e preocupados com a fusão da sua pequena companhia na grande Allamerica Financial. Terá recebido \$45 pela sua criação e considerou-a, desde logo, um “símbolo de felicidade”. «I made a circle with a smile for a mouth on yellow paper, because it was sunshiny and bright», lembrava o autor numa entrevista concedida à Agência de Notícias Associated Press, em 1996<sup>137</sup>. Todavia, nunca se preocupou em registar a sua criação e só aos 77 anos descobriu que a patente dos Smileys pertencia a F. Loufrani, que havia criado a “Smiley Licensing Corporation”, com sede em Londres e detinha os direitos comerciais do símbolo em cerca de 80 países.

Ball ficou deveras insatisfeito, acabando por registar nos EUA uma patente em que o boneco aparece com as suas iniciais. Também criou a Harvey Ball World Smile Corporation e em 1999 decidiu dar início a uma iniciativa que se repetiu desde então, o “World Smile Day”.

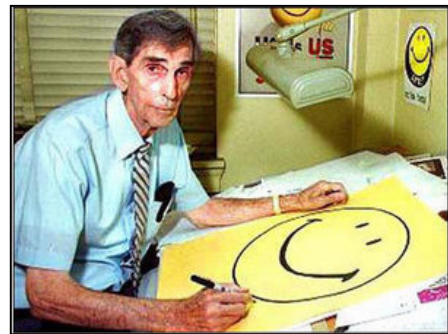


Foto 17  
Harvey Ball

Com o desenvolvimento dos computadores e a sua utilização em larga escala, nomeadamente devido à expansão das redes que viriam a constituir a Internet, bem como do crescente uso do *e-mail* e das salas de conversação – *chat-rooms* – este grafismo ganhou novas dimensões: passou a ser usado como uma forma de exprimir emoções (um “*emoticon*”<sup>138</sup>). A primeira vez que esse uso terá sido dado a este grafismo é atribuída a Scott E. Fahlman, então investigador na *Carnegie Mellon School of Computer Science*<sup>139</sup>, que a 19 de Setembro de 1982, durante uma

<sup>137</sup> Citação reproduzida do artigo “Original Smilies” (ELOUAL.COM, 2003-2005), mencionado na bibliografia deste trabalho.

<sup>138</sup> Palavra que une os conceitos de *emoção* e *ícone*, sugerindo que este tipo de grafismo corresponderá a uma expressão da linguagem icónica, tema que será desenvolvido mais adiante neste trabalho. O artigo da *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>h</sup>) mencionado na Bibliografia deste trabalho diz, todavia: «The word emoticon is a portmanteau which popular etymology bases on emotion and icon. In truth, the second element is con, short for console, not icon». Não tive forma de averiguar quem teria usado este termo pela primeira vez, ou seja, quem o terá criado. No entanto, o termo passou a fazer parte do vocabulário corrente dos utilizadores dos chats e consta, mesmo, dos mais variados dicionários de terminologia específica da Internet, nomeadamente nos que se encontram disponíveis *on-line*.

<sup>139</sup> A Carnegie Mellon University é uma prestigiada instituição universitária da cidade de Pittsburgh, estado da Pensilvânia, nos EUA, que se dedica à investigação e ao ensino das novas tecnologias das comunicações.

troca de mensagens com um grupo que discutia temas ligados ao estudo da substância química mercúrio terá enviado o seguinte texto<sup>140</sup>:

```
19-Sep-82 11:44    Scott E Fahlman          :-)  
From: Scott E Fahlman <Fahlman at Cmu-20c>  
  
I propose that the following character sequence for joke markers:  
  
:-)  
  
Read it sideways.  Actually, it is probably more economical to mark  
things that are NOT jokes, given current trends.  For this, use  
  
:-(  

```

A razão para ter introduzido os Smileys é explicada pelo próprio Fahlman (2002):

[G]ood many of the posts were humorous (or attempted humor). The problem was that if someone made a sarcastic remark, a few readers would fail to get the joke, and each of them would post a lengthy diatribe in response. That would stir up more people with more responses, and soon the original thread of the discussion was buried. (...) This problem caused some of us to suggest (only half seriously) that maybe it would be a good idea to explicitly mark posts that were not to be taken seriously. After all, when using text-based online communication, we lack the body language or tone-of-voice cues that convey this information when we talk in person or on the phone. (...) it occurred to me that the character sequence :- ) would be an elegant solution – one that could be handled by the ASCII-based computer terminals of the day. So I suggested that.

Estavam estabelecidas as bases para a criação de um sem número de grafismos, que passariam a ser usados de forma muito alargada por todos os utilizadores da Internet, nomeadamente nos seus *e-mails* e nos *chats*. Esse tipo de sinais acabaria por evoluir de uma tal forma, que acabou por incluir influências de carácter geográfico e cultural, existindo *emoticons* especificamente japoneses, por exemplo, que tentam reproduzir expressões faciais e situações sociais que são muito características deste povo asiático<sup>141</sup>.



Foto 18  
Scott E. Fahlman

<sup>140</sup> Este excerto do texto onde surge pela primeira vez o *emoticon* foi retirado do sítio de Mike JONES (2002<sup>a</sup>), o investigador e Director of Distributed Systems Customer Strategy and Evangelism da Microsoft, responsável pela recuperação dos ficheiros de 1982, onde S. Fahlman propunha o já mencionado “símbolo”.

Com o grande desenvolvimento e expansão dos telemóveis (nomeadamente, através do serviço *SMS – Short Message Service*), este tipo de sinais entrou definitivamente na nossa “biblioteca de saberes”.

### 3.7 – SMS

Matti Makkonen<sup>142</sup> é o nome do inventor do SMS – *Short Message Service*, o serviço de envio de mensagens de texto por telemóvel, tão popular no mundo inteiro e, também, em Portugal. De nacionalidade finlandesa, Makkonen trabalhava na empresa estatal de telecomunicações e correios Posti, quando em 1982, em Copenhaga, numa conferência sobre o futuro das telecomunicações móveis (curiosamente, realizada numa pizaria!...), apresentou a sua ideia/conceito de transmissão de mensagens utilizando o telefone. Recorde-se que, nesta data, o telemóvel já havia sido criado por Martin Cooper, mas ainda não existiam redes de telemóveis a operar. Assim, durante vários anos discutiu-se e estudou-se a forma de poder incluir este tipo de funcionalidade nos aparelhos móveis e a forma como seriam transmitidas as mensagens (via GSM – *Global System for Mobile Communications*)<sup>143</sup>. Foi entre 1987 e 1990 que se definiu o actual sistema utilizado no envio de SMS's, trabalho que foi desenvolvido pelo IDEG's Draft Group on Message Handling, presidido por Friedhelm Hillebrand, mas só em 1992 se enviaria o primeiro SMS através de um serviço com objectivos comerciais e pensado para permitir o acesso a todos os utilizadores de telemóveis, como conta a Wikipedia (AA. VV., 2005<sup>aj</sup>):

The first commercial short message was sent on 3 December 1992 by Neil Papworth of Sema Group from a personal computer to Richard Jarvis of Vodafone on the Vodafone GSM network in the United Kingdom.

N. Papworth terá enviado os seus desejos de um “Feliz Natal” ao colega e terá escrito um simples “*Merry Christmas*”<sup>144</sup>, que viria a ser o precursor de milhões e

---

<sup>141</sup> Estes *emoticons* não são lidos lateralmente, como os ocidentais, mas sim verticalmente e os computadores podem recorrer a mais letras. Depois, há que não esquecer que o alfabeto japonês não é em nada semelhante ao alfabeto latino, já que representa ideogramas, em muitas situações. Podemos ver alguns dos *emoticons* japoneses, por exemplo, no sítio <http://club.pep.ne.jp/~hiroette/en/facemarks/> (consultado a 19/11/2005).

<sup>142</sup> Actualmente, este engenheiro é o director do grupo empresarial Finnet, que se dedica aos negócios no sector das telecomunicações.

<sup>143</sup> Mais adiante, neste trabalho, far-se-á a explicação dos detalhes técnicos de envio deste tipo de mensagens.

<sup>144</sup> Esta informação foi retirada dos textos de DARLINGTON (2005) e de SOUNDERS (2002), referenciados na Bibliografia deste trabalho.

milhões de mensagens natalícias que, dali em diante, se enviariam por todo o mundo a cada Natal.

Inicialmente, as companhias, como a Vodafone, terão pensado que este serviço seria utilizado quase exclusivamente pelas empresas, como já acontecia com os serviços de “*paggers*”, que eram utilizados para enviar informações de trabalho aos funcionários, como contava Toby Robson (SOUNDERS, 2002), Assessor de Imprensa da Vodafone no Reino Unido: «We'd use it in the office to remind people of a meeting». Esta presunção advinha do facto de, inicialmente, as SMS só poderem ser trocadas entre utilizadores da mesma rede. Só no final dos anos 90 do Século XX é que este problema foi resolvido e os operadores começaram a introduzir os pré-pagamentos de chamadas. Aliás, inicialmente, muitas operadoras não cobravam, sequer, o envio de SMS, para estimular os utilizadores e criar o hábito de recorrer a este serviço. Só a partir de 1997-1998 se começaram a aperceber do potencial económico que as SMS tinham e passaram a apostar forte neste sistema de envio de mensagens, como conta o mesmo Assessor de Imprensa da Vodafone (SOUNDERS, 2002):

In 1998-99, we began targeting the youth market in particular -- the student population (...) We realized obviously that it's a cheap and convenient means of communicating - and it's fun, and it's discrete, perfect for the lecture hall. (...) The major barrier had been if I had wanted to send a text message to a friend, I wouldn't know which network they were on (...) Once that opened up, it was amazing - we saw this very upward-creeping curve in terms of usage. I remember being present when we celebrated a million messages a month.

No ano 2000 o tráfego atingia já os 10 biliões de mensagens<sup>145</sup> por mês e outros ramos de negócios começavam, também, a tirar partido das SMS (para veicular mensagens de carácter publicitário, por exemplo). Davam-se os primeiros passos num mundo de oportunidades de negócio infindáveis – o “*mobile marketing*”: as músicas para os toques do telemóvel, as imagens para os ecrãs, os jogos, as mensagens pré-

---

<sup>145</sup> Actualmente, acredita-se que só em Portugal o número de utilizadores deste tipo de serviço é superior a 3 milhões de pessoas, de acordo com o que se diz no sítio <http://www.centroatl.pt/titulos/solucoes/dicionario-net-telemovel.php3>, na introdução acerca do Dicionário da Internet e do Telemóvel, de Joviana Benedito. A mesma autora refere (2003<sup>a</sup>: 143 – 144) que «62% da população adulta europeia usa telemóvel de forma regular com 41% a usar o serviço SMS's». E acrescenta: «O número mensal de SMS's, a nível mundial, foi estimado em 30 biliões no princípio do ano 2002, e as estimativas para o futuro são animadoras, esperando-se um crescimento grande até final de 2003 e depois uma estagnação até 2005, altura em que as MMS's [*Multimédia Messaging Service*] se deverão impor.». Em Portugal, os serviços de televisão por Cabo já disponibilizaram, inclusivamente, um canal em que os conteúdos são exclusivamente mensagens SMS – a *SMS TV* –, enviadas pelos espectadores (serviço cabo: canal 29; serviço satélite: canal 8). O sítio deste canal é <http://www.smstv.pt/> e aí pode-se ter acesso ao regulamento de participação nas emissões e passatempos. Mais adiante, neste trabalho, tentaremos traçar o perfil dos utilizadores deste serviço e abordaremos novamente os dados acerca do volume de mensagens escritas em Portugal.

escritas, as anedotas, as informações e notícias (desde o desporto, actualidade, espectáculos, etc.), os horóscopos, a pornografia e tantas, tantas outras coisas que actualmente produzem milhões e milhões de Euros de lucro para centenas, milhares de empresas que souberam explorar o fenómeno de popularidade<sup>146</sup> em que se transformaram as SMS.

---

<sup>146</sup> Essa popularidade teve consequências a diversos níveis, de que falaremos mais adiante neste trabalho.

## **4 – Processo tecnológico usado na transmissão de SMS’s e nos Chats**

Compreender algo é conhecer a forma como ela surgiu e evoluiu, quem a criou, mas, também, saber como funciona. Esse espírito de curiosidade, se assim lhe quisermos chamar, conduziu a grandes conquistas técnicas e científicas, de que o “homem renascentista”, personificado em Leonardo Da Vinci, é o modelo mais inspirado. Duvidar, questionar, procurar respostas: era este o caminho para o conhecimento preconizado por Sócrates, na sua “Maiêutica”.

Sem pretender chegar a tanto, pelas óbvias limitações de tempo, de rigor e de capacidades pessoais, procurarei neste capítulo explicar/mostrar qual o processo tecnológico usado na transmissão de SMS’s e nos *Chats*, bem como os equipamentos necessários.

### **4.1 – SMS’s**

The second major application beyond speech turned out to be the SMS (short message service) which was a big surprise to the carriers but which has become the second largest money earner for the carriers.

COOPER, Martin, 2005, in MOREIRA, S, 2005.

Nem Alexander Graham Bell ( todos os outros que preconizaram o surgimento do telefone), nem Gugliermo Marconi alguma vez pensaram que as suas invenções acabariam por seguir rumos comuns. Na verdade, o telemóvel, o pequeno aparelho que hoje faz parte do quotidiano de milhões e milhões de pessoas de todo o mundo, junta os dois conceitos que tornaram célebres estes dois inventores e ocuparam boa parte das suas carreiras: a transmissão da voz por meio de um aparelho capaz de reproduzir sons e de os emitir sem o recurso a fios.

Na verdade, os telemóveis são, como já foi visto anteriormente, um tipo de telecomunicação que recorre às ondas de rádio, para propagar os sinais emitidos durante o processo de troca de mensagens. Como explica a COLUMBIA ENCYCLOPEDIA (2001-2005), é um sistema em que «a portable or mobile radio transmitter and receiver, or “telephone,” is linked via microwave radio frequencies to base transmitter and receiver stations that connect the user to a conventional telephone network». Actualmente, como

também é do conhecimento geral, podemos não apenas realizar chamadas telefônicas, ou seja, ouvir e fazermos-nos ouvir a grandes distâncias através deste aparelho, mas podemos, igualmente, transmitir outro tipo de dados: música, imagem (fotográfica e vídeo) e mensagens escritas. A estas mensagens damos o nome de MMS – *Multimedia Messaging System*. Também podemos enviar mensagem de texto, a que chamamos SMS – *Short Message Service* ou mensagens que incluem pequenos bonecos (*emoticons* animados, por exemplo) ou texto modificado (formatado a negrito ou itálico, por exemplo), que tecnicamente são designadas como SEM – *Enhanced Messaging Service*<sup>147</sup>.

O sistema padrão mais utilizado no mundo das telecomunicações móveis é o GSM – *Global System for Mobile Communications*<sup>148</sup>. É usado, actualmente, por mais de um bilião de pessoas, espalhadas por cerca de 200 países e permite que o “*roaming*”<sup>149</sup> seja uma realidade. O GSM recorre a uma rede celular de transmissão de informação, ou seja, uma rede em que uma série de antenas farão a distribuição do sinal e terão equipamentos (“*transceivers*”) capazes de efectuar a codificação e descodificação de sinais. Essas antenas são de vital importância e é por causa da forma como são colocadas que os telefones receberam, também, o nome de “celulares”. Vejamos a explicação que dá Tom FARLEY (s.d.):

All analog and digital mobiles use a network of base stations and antennas to cover a large area. The area a base station covers is called a cell, the spot where the base station and antennas are located is called a cell site. Viewed on a diagram, the small territory covered by each base station appears like a cell in a honeycomb, hence the name cellular.

A THE WIRELESSADVISOR.COM TEAM (1997-2005) explica, igualmente, porque chamamos celulares aos telemóveis:

---

<sup>147</sup> Nem todos os telemóveis tinham, até há bem pouco tempo, a capacidade de mostrar nos seus ecrãs essas pequenas animações, ou os toques polifónicos. Actualmente, quase todos os aparelhos vêm equipados com esta tecnologia, que não é mais do que uma “extensão” das SMS’s.

<sup>148</sup> Este sistema padrão foi desenvolvido por um grupo francês, o *Groupe Spécial Mobile*, integrado na CEPT – *European Conference of Postal and Telecommunications Administrations* e posto em funcionamento em 1991, na Finlândia, um dos países pioneiros na investigação do sector de telecomunicações. Na Europa e na Ásia o GSM opera entre os 900 MHz e os 1800 MHz e no continente americano opera entre os 850 MHz e os 1900 MHz. Essa é a razão porque não conseguimos utilizar os nossos telemóveis se viajamos para essa região do globo.

<sup>149</sup> *Roaming* é o reencaminhamento de chamadas em zonas/países que não são os de origem do utilizador de telemóvel e, por isso, não utilizam as células de transmissão de sinais do seu operador/rede. Nessa situação, as suas chamadas passam a ser geridas por um operador da zona/país onde se encontra temporariamente e são facturadas posteriormente à sua rede operadora, que, por sua vez, cobra ao seu cliente por esse serviço.

Cellular's name connotes that each geographic region of coverage is broken up into cells. Within each of these cells is both a radio transmitter as well as control equipment.

Essas “células”, que no fundo não são mais do que as áreas de cobertura de cada antena (que se designa por BTS – *Base Station*), cobrem uma área que poderá ir até aos 35 quilómetros<sup>150</sup> e os grandes operadores de redes móveis têm, regra geral, centenas de BTS espalhadas por toda a sua área de operação. A colocação delas dependerá da topografia, da densidade populacional (tendo em consideração o número de utilizadores da rede), de tráfego rodoviário; o seu raio de acção dependerá da altura das torres e das condições atmosféricas, por exemplo. Assim, existem vários tamanhos de células, como explica a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>o</sup>):

There are four different cell sizes in a GSM network - macro, micro, pico and umbrella cells. (...) Macro cells can be regarded as cells where the base station antenna is installed in a mast or a building above average roof top level. Micro cells are cells whose antenna height is under average roof top level; they are typically used in urban areas. Picocells are small cells whose diameter is a few dozen metres; they are mainly used indoors. (...) umbrella cells are used to cover shadowed regions of smaller cells and fill in gaps in coverage between those cells.

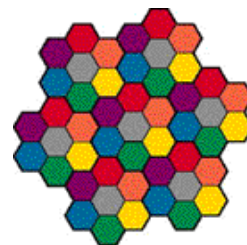


Foto 19  
Rede de Células

As mensagens escritas, ou SMS, pequenas mensagens de texto que não podem exceder os 160 caracteres (140 bytes)<sup>151</sup>, são enviadas segundo um mecanismo que tem a designação de “*store-and-forward*”<sup>152</sup> (tal como todos os outros tipos de mensagens que circulam pelas redes GSM), ou seja, utilizando diversas estações intermédias de recepção e



Foto 20  
BSC – Base Station Controller

envio das mensagens, de modo a garantir uma maior fluidez no tráfego e a permitir que o sistema providencie o envio das mensagens, mesmo que emissor e receptor não estejam disponíveis simultaneamente.

<sup>150</sup> Estes são os números referidos na *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>o</sup>), embora Farley (s.d.) refira que a distância máxima possa atingir os 50 quilómetros.

<sup>151</sup> Segundo a *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>ac</sup>) o número de caracteres dependerá do idioma/alfabeto usado para a escrita, já que com o alfabeto latino se escrevem caracteres com 7 bits e, por exemplo, com o alfabeto japonês se escrevem caracteres com dois bytes, o que já só vai permitir que as mensagens tenham 70 caracteres no máximo.

<sup>152</sup> Este protocolo também é usado para o envio de todos os outros tipos de dados que podem ser transmitidos via telemóvel.

Uma mensagem SMS “faz uma viagem” de cerca de cinco segundos desde que é enviada, até ao momento em que é recebida. No entanto, esses cinco segundos exigem que uma quantidade grande de equipamentos funcione em perfeita sintonia, para que o sinal produzido seja recebido e decodificado convenientemente.

A *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>ad</sup>) descreve de uma forma simples todo este processo:

[A]ll of them [mobile phones] communicate over the air (through electromagnetic radio waves) with a base station [BTS] (which is a special radio mast or tower designed for the purpose). The phones have a low power transceiver that is typically designed to transmit voice and data up to a few kilometers to where the tower is located. The handset constantly listens for the nearest tower with the strongest signal. Once found, the handset informs that tower of its own unique identifier, and alerts the mobile phone network that it is ready and standing-by to receive telephone calls. This cycle is then repeated as the phone roams around the network and new towers appear in the handset's range. Towers have high power radio transmitters which broadcast their presence, and relay communications to and from the mobile handsets. The tower is connected to the telephone network by a high-capacity link. The base station connects to the operator's backbone network and the wider public telephone network as well as the networks of other mobile phone operators.

Observe-se a imagem que se segue e que mostra, graficamente, como funciona o que foi anteriormente descrito:

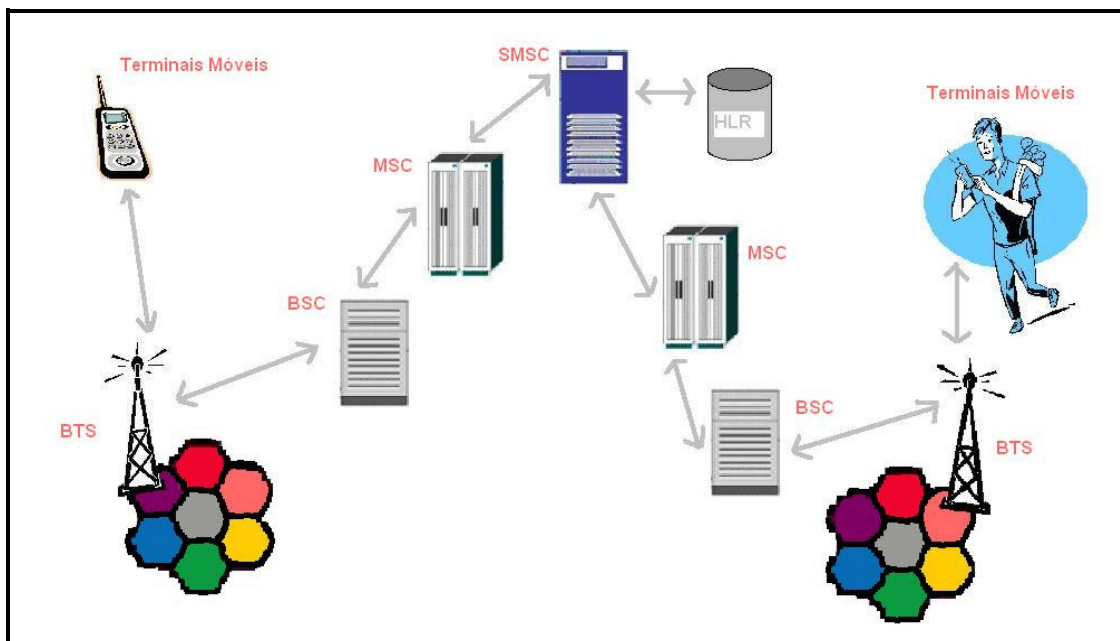


Foto 21

Processo de envio das SMS's

(Este esquema foi construído por mim, com base num outro publicado no DIÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES (2003).

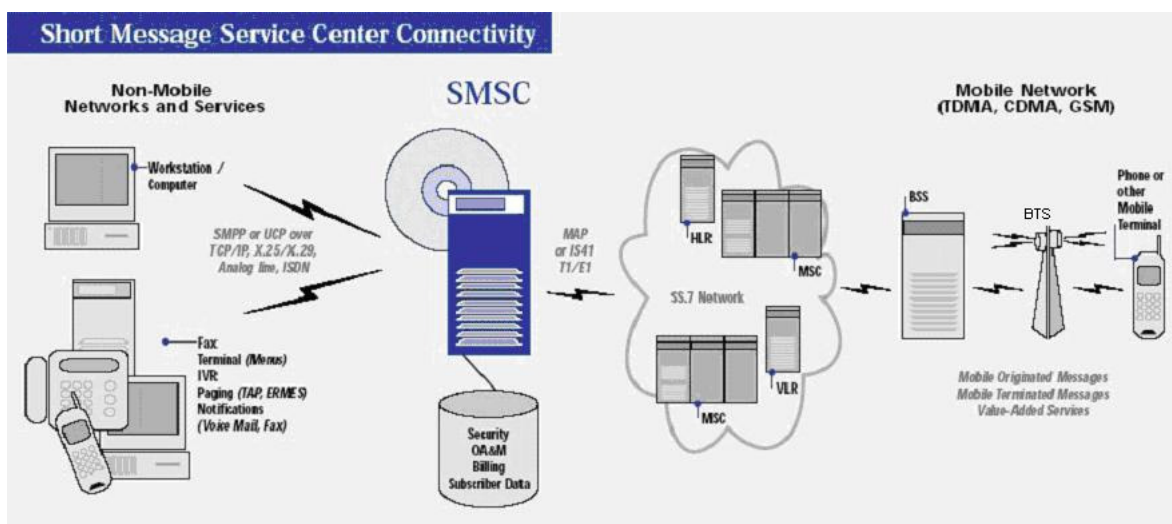


Foto 22  
Processo de envio das SMS's

Assim, podemos observar que, uma vez recebida a mensagem pela BTS, ela é reenviada para uma BSC – *Base Station Controller* e segue um percurso complexo:

- 1º. MSC – *Mobile Switching Center*;
- 2º. STP – *Signalling Transfer Point* (um *router* que se encontra no próprio MSC e que tem a função de transferir os dados<sup>153</sup>);
- 3º. SMSC – *Short Message Service Center*, que é o centro global de processamento de mensagens de cada operador.

Estará, então, a meio do caminho que tem de percorrer entre emissor e receptor. Se a mensagem se destinar a um utilizador da mesma rede/operador, então o percurso que fará de seguida obriga-la-a a passar pelo percurso inverso, até atingir a BTS que estiver mais próxima do destinatário. Se a mensagem não for trocada entre utilizadores da mesma rede/operador, então será encaminhada para um GMSC – *Gateway MSC* da rede do emissor, que, por sua vez, encaminhará o sinal para outro GMSC da rede do receptor e, por fim, a mensagem fará todo o percurso até chegar à BTS mais próxima do destinatário. Os utilizadores das diversas redes GSM são identificados pelos seus SIM's – *Subscriber Identity Module*, pequenos cartões/*microchips* que contêm a totalidade dos dados de registo como utilizadores dessa rede e as suas listas telefónicas pessoais<sup>154</sup>.

<sup>153</sup> Segundo ao Glossário publicado pela SQUIRE TECHNOLOGIES, 2005, um STP é: «Signal Transfer Points are switches that relay messages between network switches and databases».

<sup>154</sup> Existem, ainda, uma série de outros códigos que são utilizados para identificar os telemóveis, nomeadamente, o SID – *System Identification Code*, MIN – *Mobile Identification Number*, ESN - *Electronic Serial Number*. Para mais especificações aconselha-se a consulta do texto de LAYTON, BRAIN e TYSON (1998-2005). Quando a mensagem chega

Todo este processo é igual ao de uma chamada de voz. Onde está, então a diferença no que toca às SMS's? De acordo com o Diário das Telecomunicações (2003), a única diferença é que uma SMS «utiliza um protocolo existente no sistema GSM (Mobile Application Part - MAP), que, através da arquitectura de rede, permite o envio de dados, entre eles um sub-grupo da tabela ASCII, que mais não é do que o conjunto de caracteres disponibilizado para a escrita de mensagens de telemóvel».

Também podemos afirmar que as SMS's são enviadas de acordo com a estratégia do “*best effort*”, ou seja, os operadores trabalham no sentido de providenciar todos os esforços para que as mensagens cheguem aos destinatários, mas não há garantias absolutas de que isso realmente aconteça e, embora seja possível incluir uma ordem de confirmação da recepção da mensagem, a mesma pode ter sofrido perdas durante o percurso já descrito, perdas essas que não são possíveis de recuperar.

LAYTON, BRAIN e TYSON (1998-2005) fazem uma comparação muito interessante entre a *performance* de três meios de comunicação via rádio, que resumo na tabela que se segue:

**Comparação entre meios de comunicação via radio**

	FREQUÊNCIA	CANAIS	ALCANCE
<b>Walkie-Talkie</b>	<u><i>Half-duplex</i></u> (as duas pessoas que estão a comunicar através deste aparelho usam a mesma frequência, o que significa que só pode falar uma de cada vez).	<u><i>1 canal</i></u>	<u><i>1600 metros</i></u> (usando um transmissor com 0,25 watts de potência)
<b>Rádio CB – Citizen's Band</b> (“Banda do Cidadão”)	<u><i>Half-duplex</i></u>	<u><i>40 canais</i></u>	<u><i>8000 metros</i></u> (usando um transmissor com 5 watts de potência)
<b>Telemóvel</b>	<u><i>Full-duplex</i></u> (são utilizadas duas frequências em simultâneo: uma para falar e outra para ouvir, o que permite que ambos os interlocutores falem ao mesmo tempo).	<u><i>1.664 canais</i></u> <u><i>ou mais</i></u>	<u><i>Todo o permitido pela rede de células instalada,</i></u> ou seja, pode ter o alcance de milhares de quilómetros, desde que existam células que utilizem o mesmo sistema padrão e permitam o <i>roaming</i> .

ao SMSC, os dados do emissor e do receptor são consultados no *HLR – Home Location Register*, que contém todos os dados dos assinantes de uma determinada rede de telemóveis.

Os telemóveis têm vindo a evoluir, desde que Martin Cooper os inventou em 1973. Começaram por ser analógicos e, por isso, ficaram conhecidos como 1G – 1ª Geração e, actualmente, são digitais, encontrando-nos já na 3G – 3ª Geração. A principal diferença entre estes dois tipos de tecnologia está na eficiência e capacidade de comprimir os sinais, permitindo que o volume de tráfego de chamadas e de informação possa ser muito maior e a qualidade da transmissão também melhor. LAYTON, BRAIN e TYSON (1998-2005) explicam as diferenças:

Analog systems do not fully utilize the signal between the phone and the cellular network - analog signals cannot be compressed and manipulated as easily as a true digital signal. This is the reason why many cable companies are switching to digital -- so they can fit more channels within a given bandwidth. (...) Digital phones convert your voice into binary information (1s and 0s) and then compress it (...). This compression allows between three and 10 digital cell-phone calls to occupy the space of a single analog call.

Martin Cooper (APÊNDICE A), todavia, aponta algumas fragilidades neste percurso de evolução dos telemóveis, nomeadamente no que toca à 3G:

The conversion from analog cellular to digital cellular (2G) provided consumers with longer battery life and allowed carriers to get many more subscribers in a given amount of radio spectrum. The promise of 3G was, and mostly is today, hype. The promise was that we would have multi-media, television and all kinds of other applications that have not materialized or are too expensive. The primary application of the few 3G systems that are in operation today is voice and will continue to be for some time. It is very likely that next generations systems – 4G – will actually deliver the promise that 3G was supposed to do.

A marcha do progresso aparentemente não terá sido, na opinião de Cooper (APÊNDICE A) tão grande neste sector quanto, por exemplo, na Informática:

By the standards of the computer industry, cellular has actually moved very slowly despite the fact there are over a billion cellular users today. Our dream in the 1960's was that some day everyone would use a personal hand-held phone rather than a land line for personal communications. We have not achieved that dream yet, even after 45 years because cellular is still not reliable enough nor is it low enough in cost. So there is still a long way to go to even finish the job of delivering speech better than wired technology.

Ainda assim, a possibilidade de poder contactar outra pessoa em qualquer lugar, a qualquer hora, sabendo que ao digitarmos um dado número estamos a iniciar um processo de comunicação que nos leva, em princípio, a entrar em contacto directo com o interlocutor com quem desejamos partilhar uma mensagem é, sem sombra de dúvidas, um avanço significativo. Podemos pensar de novo em Bell e Marconi, que, certamente, se entusiasmassem mais uma vez com o rumo destes avanços e, provavelmente, corroborariam as afirmações do “pai do telemóvel”, M. Cooper (APÊNDICE A):

The main achievement at cellular was providing ubiquitous speech to people on the move. (...) The most important thing that was accomplished in the cellular industry is the profound change in people’s behaviour that comes from the fact that when you call a person on a cellular phone, you expect a person to answer in contrast with calling somebody on a wire line phone, when you are calling a place and have no idea who will answer the phone.

#### 4.2 – CHATS/MSN Messenger

Já foi definido anteriormente o conceito de *chat*, pelo que neste momento, se pretende tão somente, explicar como se processa a troca de mensagens através deste meio de comunicação e, mais especificamente, quais as possibilidades do MSN Messenger<sup>155</sup>, que é o meio de comunicação deste tipo mais utilizado pelos jovens alunos envolvidos neste trabalho de pesquisa.

Tal como se explicou no capítulo anterior ao mencionar-se a forma como surgiu o *chat*, este tipo de programas desenvolvidos para a troca instantânea de mensagens desenvolvem-se de acordo com um determinado tipo de protocolos<sup>156</sup> (inspirados pelo primeiro que surgiu, o IRC), que funcionam segundo a lógica do “cliente-servidor”. Mas vejamos de forma mais clara e objectiva como se dá este processo, usando o MSN como referência: o programa que temos instalado no nosso PC (que é o MSN) é cliente e liga-se, através da Internet, a um servidor, no caso, o NET. Messenger Service/Microsoft Windows. Utilizando uma linguagem prosaica e de senso comum, poderíamos explicar este processo recorrendo a uma simples analogia: um cliente que deseje adquirir um bem, não tem, normalmente, a possibilidade de se dirigir à fábrica

---

<sup>155</sup> Daqui em diante e por uma questão de economia, utilizar-se-á apenas a designação MSN para mencionar o MSN Messenger, que é, aliás, o que os utilizadores frequentes fazem.

<sup>156</sup> Cft. Com a nota de rodapé nº 60 do Capítulo 3, na qual se define o conceito de protocolo.

onde ele é produzido, necessitando de um intermediário, o lojista, que lhe permitirá o acesso ao produto que procura. Transpondo a situação, poderíamos encarar o utilizador do PC (e o programa que ele tem instalado) como o cliente que se dirige ao servidor, o qual lhe prestará o serviço de encaminhar as suas mensagens para o destinatário e de, se for caso disso, inverter o processo, gerando *feedback*. Cada um deles, o servidor e o cliente, fazem correr programas diferentes: o primeiro fará correr um programa que providencia um serviço e o segundo fará correr um programa para permitir aceder ao serviço. No caso do MSN são usados os protocolos MSNP – *Mobile Status Notification Protocol* e TCP/IP – *Transfer Control Protocol/Internet Protocol* para ligar os clientes ao servidor NET Messenger Service.

Assim, e voltando a usar uma linguagem simples, o Protocolo MSN consiste numa série de comandos enviados entre o cliente e o servidor e que permitem a realização de toda uma série de “tarefas”, pré-definidas. Por exemplo: quando alguém da nossa lista de contactos passa a estar *off-line* (não está a utilizar o MSN), o servidor envia uma mensagem à aplicação cliente; ao receber esta informação, a aplicação retira aquele utilizador da lista de utilizadores *on-line* e coloca-o na lista de utilizadores *off-line*.

É importante explicar alguns detalhes sobre o MSN: ele é o serviço de IM – *instant messaging* da Microsoft Windows, que tem um portal com o mesmo nome ([www.msn.com](http://www.msn.com)), através do qual oferece diversos serviços, desde uma enciclopédia *on-line* (*Encarta*), passando por serviços de notícias, compras e muitos outros, incluindo o próprio MSN a que neste trabalho nos referimos. Esta estratégia de desenvolver uma enorme quantidade de ofertas encaixa-se numa lógica comercial de domínio do mercado, de que muito se tem falado nos últimos anos e que já rendeu, a esta empresa, alguns processos judiciais. Ainda assim, vamos analisar as possibilidades oferecidas pelo MSN, ou seja, os serviços a que, através do MSN, os utilizadores podem ter acesso, tendo em atenção que algumas delas encaminham os utilizadores para outros serviços da Microsoft, presentes no mencionado portal.

E quais são essas possibilidades “oferecidas” aos utilizadores do MSN, mais um dos meios que permite a comunicação mediada por computador<sup>157</sup>?

---

<sup>157</sup> A *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>a</sup>) define comunicação mediada por computador como «any form of communication between two or more individual people who interact and/or influence each other via separate computers through the Internet or a network connection - using social software».

- Identificação de utilizadores através de pseudónimos (“*nicknames*”, frequentemente abreviado para “*nick*”), expressões/frases personalizadas, imagens/símbolos personalizados;
- Criação de uma lista de endereços, com os contactos dos receptores com os quais se pode ou deseja estabelecer comunicação (existe mesmo a possibilidade de iniciar uma sessão do MSN com a indicação de que se está *off-line*, para preservar a possibilidade de decidir quem estabelecerá contacto com o utilizador);
- Possibilidade de estabelecer contacto com um ou mais dos elementos da nossa lista de endereços simultaneamente;
- Possibilidade de criar grupos;
- Possibilidade de visualizar detalhes da conversação através do Histórico de Mensagens;
- Possibilidade de trocar/enviar ficheiros (áudio, vídeo, desenho, fotografia, texto ou outros) e de partilhar aplicações, permitindo que quem está *on-line* visualize o ambiente de trabalho do PC do outro interlocutor e possa, mesmo, controlá-lo remotamente;
- Possibilidade de personalizar avisos sonoros de entrada *on-line*;
- Possibilidade de utilização de smileys e emoticons, “piscadelas (*winks*)”;
- Possibilidade de envio de mensagens de texto formatado;
- Possibilidade de conversação de voz em tempo real;
- Possibilidade de conversação com recurso a imagem vídeo/*webcam*, em ecrã completo, em tempo real;
- Possibilidade de participar em jogos *on-line*, como o *Tic Tac Toe*, Damas e *Solitaire Showdown*, entre outros (este é um dos outros mencionados serviços da Microsoft);
- Possibilidade de enviar SMS a partir do computador para telemóveis;
- Possibilidade de envio de *e-mails* e de criação de contas de e-mail, nomeadamente, através do MSN Hotmail (mais um dos outros mencionados serviços da Microsoft);
- Possibilidade de procurar qualquer palavra na *Web*, a partir da janela de conversação, recorrendo ao MSN Search e de partilhar essa procura com

outros utilizadores, accionando a opção “Procura Partilhada” (mais um dos outros mencionados serviços da Microsoft);

- Possibilidade de ver filmes em conjunto com outras pessoas;
- Possibilidade de aceder a um serviço informativo, através do MSN Hoje (mais um dos outros mencionados serviços da Microsoft);
- Possibilidade de ouvir e transferir ficheiros de música através do MSN Music (mais um dos outros mencionados serviços da Microsoft);
- Possibilidade de criar um *blog* pessoal, com o MSN Spaces (mais um dos outros mencionados serviços da Microsoft).

Então, para que um utilizador possa estabelecer contacto com outro, é necessário que exista uma indicação de que está *on-line*. Para que se possam trocar ficheiros ou aceder a outras funcionalidades acima descritas, tem de existir um convite e esse convite tem de ser aceite por quem o recebeu para que a funcionalidade seja posta em execução. De outro modo, o protocolo não a porá em marcha.

Os grandes atractivos deste programa são:

- A facilidade do processo de ligação entre emissor e receptor;
- A variedade de possibilidades que oferece;
- A simplicidade do interface<sup>158</sup>;
- A possibilidade de poder estabelecer contacto apenas com quem faz parte da lista pessoal de endereços;
- A qualidade na transmissão da mensagem que se pode conseguir quando se utilizam os suportes áudio e vídeo (especialmente este);
- A gratuitidade do programa, que permite que os utilizadores do Windows o descarreguem para o seu PC sem custos;
- A grande disseminação do seu uso, já que a grande maioria dos utilizadores de PC's usa o Windows como sistema operativo.

Quem pretende ligar-se ao MSN tem de ter um NET *Passport*, ou não conseguirá entrar *on-line*, o que não é mais do que um registo, que atribui um código a

---

<sup>158</sup> A *Wikipedia* (AA. VV., 2005<sup>ap</sup>) define interface do seguinte modo: «The user interface is the aggregate of means by which people (the users) interact with a particular machine, device, computer program or other complex tool (the system). (...) In computer science and human-computer interaction, the user interface (of a computer program) refers to the graphical, textual and auditory information the program presents to the user, and the control sequences (such as keystrokes with the computer keyboard, movements of the computer mouse, and selections with the touchscreen) the user employs to control the program.»

cada utilizador, de modo a que este seja reconhecido pelo servidor. Esse registo pode ser efectuado no sítio do MSN ou através do próprio programa.

Depois, para começar a utilizar o MSN basta efectuar um duplo *clic* no ícone que se encontra na parte inferior do ecrã do computador e introduzir o NET *Passport*, ou seja, a palavra passe que nos garante o acesso.

Imediatamente nos aparece a janela principal do MSN, que tem o seguinte aspecto:

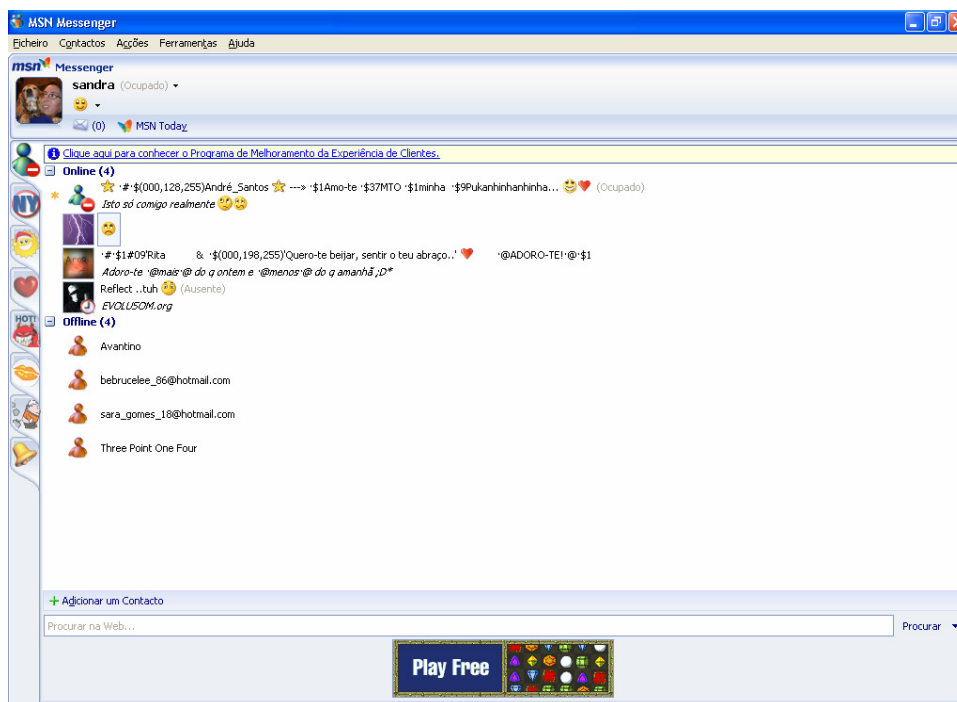


Foto 23  
Janela principal do MSN

Aí estão todos os contactos que fazem parte da lista pessoal, com a indicação do estado em que se encontram (*on-line* ou *off-line*). Basta fazer um duplo *clic* sobre cada um deles, para que se abra uma janela de conversação, a qual contém uma barra de ferramentas que permite a execução de diversas tarefas, desde o estabelecimento de comunicação áudio/vídeo, introdução de *smileys/emoticons* e todas as outras funcionalidades anteriormente descritas. Para estabelecer contacto basta digitar o texto e, pressionando a tecla *enter*, o receptor tem acesso imediato à mensagem que foi escrita. Como este processo é muito rápido, os utilizadores deste programa recorrem, naturalmente, ao tipo de escrita a que dei o nome de “chatês” e que estará em análise neste trabalho: uma escrita que resume o conteúdo da mensagem ao essencial, introduz muitas abreviaturas, acrónimos, *smileys/emoticons*, onomatopeias e outros recursos, de

modo a permitir que esta comunicação ganhe expressividade e se mantenha muito rápida.

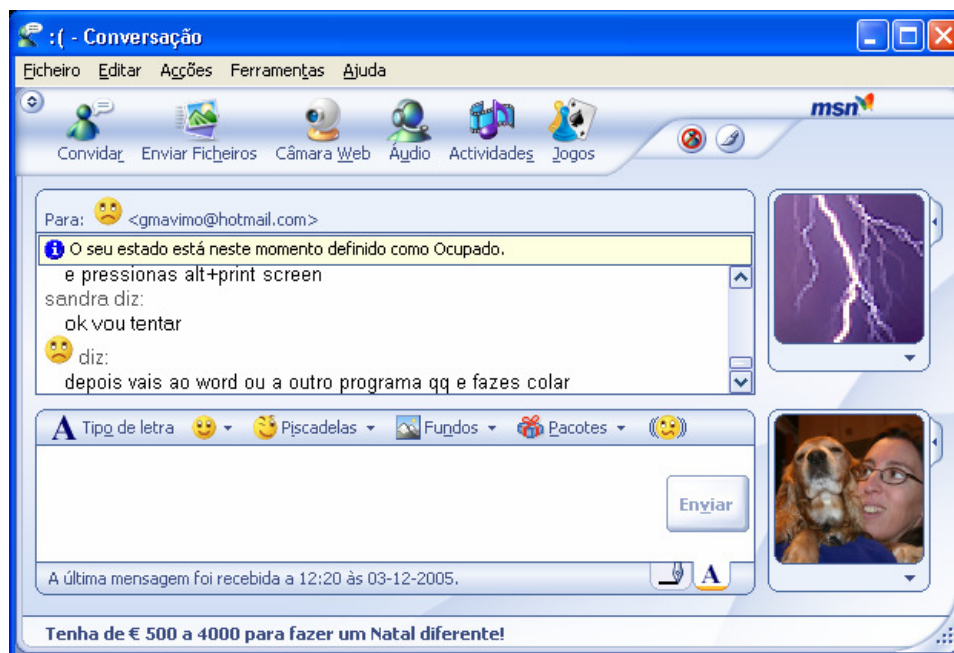


Foto 24  
Janela de Conversação do MSN

Um utilizador pode ter abertas quantas janelas de conversação quiser, dialogando, ao mesmo tempo, com diversos interlocutores e terminando o diálogo com qualquer um deles, quando o desejar.

Sempre que o interlocutor envia uma nova mensagem, a barra sinalizadora da janela muda de cor, servindo como uma espécie de sinal avisador para o utilizador do programa. Podem, igualmente, ser introduzidos sinais avisadores sonoros personalizados, que identificarão de forma mais concreta cada interlocutor.

Para concluir uma sessão, basta *clicar* no sinal de fecho do programa e ele indicará o final da utilização.

Os utilizadores mais jovens servem-se desta aplicação com uma regularidade acentuada e com uma facilidade de “manuseamento” muito evidente e são capazes de permanecer durante horas ligados através do MSN.

## 5 – Fundamentação teórica

### 5.1 – LINGUAGEM, LINGUA, FALA, CÓDIGO E NORMA

Por volta do ano 2000 antes de Cristo, um mercador grego, rico, queria dar um banquete com comidas especiais. Chamou seu escravo, Esopo, e ordenou-lhe que fosse ao mercado comprar a melhor iguaria. O escravo voltou com um belo prato, coberto com um fino pano. O mercador removeu o pano e assustado disse:

- Língua? Este é o prato mais delicioso?

Esopo, sem levantar a cabeça, respondeu:

- A língua é o prato mais delicioso, sim senhor. É com a língua que você pede água, diz "mamãe", faz amizades, conhece pessoas, distribui seus bens, perdoa; com a língua você conquista, reúne as pessoas; é com ela que você se comunica, diz "meu Deus", reza, canta, conta histórias, guarda a memória do passado, faz negócios; é com ela que você diz "eu te amo"!

O mercador, não muito convencido, quis testar a sabedoria do seu escravo e o enviou novamente ao mercado, ordenando-lhe que trouxesse o pior dos alimentos. Voltou Esopo com um lindo prato, coberto de fino tecido, que o mercador retirou, ansioso, para conhecer o alimento mais repugnante.

- Língua, outra vez! - Diz o mercador, espantado.

- Sim, língua! - Diz o escravo, agora mais altivo. - É a língua que condena, separa, provoca intrigas e ciúmes, é com ela que você blasfema, manda para o inferno, prepara o mal para o outro; a língua expulsa, isola; com ela você diz "demônio", engana o irmão, responde para a mãe, xinga o pai, a língua declara guerra, destrói civilizações; é com ela que você pronuncia a condenação à morte.

Não há nada pior que a língua, não há nada melhor que a língua. Uma faca é uma faca; se ela serve para partir o alimento ou para matar, depende do isso que se faz dela.

Com a língua é assim também.

EDUCATIVA – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, ÓRGÃO DA COOPERATIVA EDUCACIONAL SÃO CARLOS, s.d., *O Poder Da Língua, Que Acaricia e que Mata!*, S. Paulo, Brasil, <http://paginas.terra.com.br/educacao/calculo/Artigos/Professores/lingua.htm>

(consultado a 29/07/2006).

Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.

Existem no nosso planeta muitos seres vivos que comunicam: todos conhecemos os rituais de acasalamento das aves, por exemplo, ou os gestos de marcação de território de diversas espécies, como os cães. Também já todos ouvimos falar das “canções” das baleias. No entanto, o ser humano parece ser o único animal capaz de falar e há quem defenda que somos mesmo os únicos cuja estrutura cerebral permite o desenvolvimento da linguagem (SEGERSTAD, 2002:11).

Linguagem e língua serão, por isso, dois conceitos que importa distinguir.

**Linguagem** é uma «[f]aculdade que têm os homens de comunicar-se uns com os outros, exprimindo seus pensamentos e sentimentos por meio de vocábulos, que se transcrevem quando necessário» (AA.VV., 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*), uma faculdade inerente ao ser humano, logo, universal, como nos foi transmitido no decurso dos Seminários Curriculares do Mestrado em Comunicação Educacional (nomeadamente, no Seminário de Linguística Portuguesa, leccionado pelo Professor Doutor Célio Conceição) e como diz Isabel Hub FARIA (1996: 12)<sup>160</sup>:

A linguagem verbal constitui, para os mitos e religiões de muitos povos, a propriedade que distingue a espécie humana dos restantes animais. (...) Destacados filósofos reconhecem o domínio da linguagem como uma propriedade central do ser humano, salientando alguns ser apanágio dos indivíduos da nossa espécie, independentemente do seu grau de inteligência, usarem *criativamente* a sua língua – i. e. combinarem «palavras de *maneiras diversas* para *responder com oportunidade* a tudo o que se disser na sua presença, como podem fazer os homens mais embrutecidos» (R. Descartes, Discurso do Método, p. 68).

SEGERSTAD (2002:11) cita S. Pinker<sup>161</sup> na sua tese de doutoramento:

Language is a human instinct, wired into our brains by evolution like web-spinning in spiders or sonar in boats.

<sup>159</sup> Citação feita a partir de SCHÜTZ, Ricardo, 2006, "O que é língua?", in *English Made in Brazil*, <http://www.sk.com.br/sk-ling.html> (consultado a 29/07/2006). Ricardo SCHÜTZ é brasileiro e é o criador/impulsionador do sítio "*English made in Brazil*"; possui o grau de Mestre pela *Arizona State University*, é professor e investigador (dedica-se ao estudo comparado do Inglês e do Português). Desde Agosto de 2003, preside à Associação Sul-Brasileira de Intercâmbio Educacional e Cultural – ASBI [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.sk.com.br/sk-inst.html>, consultado a 29/07/2006].

<sup>160</sup> Isabel Hub FARIA é Professora Catedrática do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa e Presidente da Comissão Executiva do Departamento de Linguística já referido. É investigadora na área da Psicolinguística.

<sup>161</sup> A obra citada pela autora é PINKER, S, 1994, *The Language Instinct*, New York: William Morrow and Company. Todavia, este trabalho não foi consultado por mim.

A linguagem humana é articulada, resulta na manifestação de ideias, permite uma produção infinita de enunciados e manifesta-se de diferentes formas, que podem ser ou não verbais, como é referido no artigo “Language” de Bernard COMRIE<sup>162</sup> (2004), publicado na *Encarta Encyclopedia*:

Language, the principal means used by human beings to communicate with one another. Language is primarily spoken, although it can be transferred to other media, such as writing. If the spoken means of communication is unavailable, as may be the case among the deaf, visual means such as sign language can be used.

Segundo SEGERSTAD (2002:12 e no restante texto), a linguagem possui, igualmente, a capacidade de se adaptar permanentemente ao contexto e à situação em que o ser humano se encontra, nomeadamente, até, de se adaptar a tipos de comunicação específicos, como a Comunicação Mediada por Computador (CMC). Esta ideia também era defendida por Ferdinand SAUSSURE<sup>163</sup> (1999: 33-34), que afirmava:

[A] linguagem serve o pensamento e só por ele existe. (...) Em cada momento ela implica simultaneamente um sistema estabelecido e uma evolução; a cada passo, ela é uma instituição actual e um produto do passado.

Pierre LÉVY (2001:70) sugere que a linguagem se enriquece e permite, nesse processo, aumentar as possibilidades que o ser humano tem de simular, de imaginar ele mesmo ou proporcionar essa sensação a outro, abrindo novos espaços e ritmos/velocidades de aprendizagem e de pensamento. Este autor diz, mesmo, que «[a] evolução cultural avança mais depressa que a evolução biológica».

Pode, portanto, assumir várias formas, ou, mais correctamente, pode recorrer a vários códigos, como, por exemplo, as línguas.

A *Grande Enciclopédia Larousse* (AA. VV., 1983, vol. 3: 1195) define *língua* como o «[c]onjunto dos elementos que constituem a linguagem falada ou escrita

<sup>162</sup> Bernard COMRIE é Professor de Linguística na University of St Barbara, California, EUA e Director do Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, em Leipzig, na Alemanha. É, também, autor (entre outros) do livro *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology* [dados fornecidos no próprio artigo da *Encarta Encyclopedia* e recolhidos a partir do sítio <http://email.eva.mpg.de/~comrie/>, consultado a 29/07/2006].

<sup>163</sup> Ferdinand SAUSSURE nasceu em Genebra, Suíça, em 1857 e foi um dos mais importantes linguístas da História. Estudou em Leipzig, Alemanha, na escola onde os chamados “novos gramáticos” renovavam os métodos da gramática comparada. Saussure dedicou sua vida ao estudo e ao ensino do sânscrito (antiga língua sagrada e literária da Índia, pertencente ao grupo Indo-Europeu), à gramática comparada e, nos últimos anos de sua vida, à linguística geral. Dos apontamentos que foram recolhendo nas suas aulas, os seus alunos editaram, já depois da sua morte, o *Curso de Linguística Geral*. As suas ideias foram determinantes para o estudo de todo o processo comunicativo, quer na sua vertente linguística, quer semiótica [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.leme.pt/biografias/s/saussure.html>, consultado a 29/07/2006 e do sítio [http://com-media.univ-paris8.fr/commun/intermedia/ressources/bio\\_saussure.htm](http://com-media.univ-paris8.fr/commun/intermedia/ressources/bio_saussure.htm), consultado a 29/07/2006]

peculiar a uma colectividade» e o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (AA.VV., 2001) diz que ela é um «sistema de signos vocais, que podem ser transcritos graficamente, comum a um povo, a uma nação, a uma cultura e que constitui o seu instrumento de comunicação».

SAUSSURE (1999: 34) estabeleceu as distinções entre *língua* e *fala*<sup>164</sup>, afirmando que ambas (o discurso ou o uso individual da língua, respectivamente) formam a linguagem:

A linguagem tem uma face individual e uma face social e não podemos conceber uma sem a outra. (...) Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é antes uma parte determinada, essencial, da linguagem. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade.

E concretiza, mais detalhadamente, o que é a língua (SAUSSURE, 1999:35, 36, 41, 42):

[A] língua é uma coisa adquirida e convencional. (...) [N]ão é a linguagem falada que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, isto é, um sistema de sinais distintos correspondendo a ideias distintas. (...) Podemos localizá-la no momento determinado do circuito em que uma imagem auditiva se vem associar a um conceito. É a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, e este, por si só, não pode criá-la nem modificá-la; ela só existe em virtude do contrato firmado entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para lhe conhecer as regras.

Este linguísta define fala da seguinte forma (SAUSSURE, 1999:41):

Separando a língua da fala, separamos duma só vez: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. (...) A fala é (...) um acto individual da vontade e da inteligência.

António FIDALGO (s.d.)<sup>165</sup> explica estes conceitos Saussurianos:

<sup>164</sup> É necessário não esquecer a definição de fala, já que ele será importante para a análise do “chatês”, uma vez que frequentemente se lhe apontam características próprias dela.

<sup>165</sup> António FIDALGO é o autor do trabalho *Semiótica: A Lógica da Comunicação* (cuja referência completa pode ser vista na Bibliografia) e é professor de Retórica e Semiótica no Curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Também exerce as funções de Director do *Labcom - Laboratório de Comunicação Online* e do *Urbi et Orbi - Jornal da Ubi*, da Covilhã. Este texto foi consultado no endereço [http://fenix2.ubi.pt/~comum/fidalgo\\_logica\\_com\\_p2.html](http://fenix2.ubi.pt/~comum/fidalgo_logica_com_p2.html), a 07/07/2004 e em FIDALGO, António, 2004, “Sistemática: As propriedades Pragmáticas do Signo – Sistema e uso. Língua e Fala. Competência e Performance”, in *Manual de Semiótica*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, LABCOM, <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2004.html>, a 29/07/2006.

Saussure demarca a língua tanto da linguagem, como da fala. Face à linguagem a língua caracteriza-se por ser uma parte determinada, essencial, da linguagem. Enquanto a linguagem é multiforme e heteróclita, estendendo-se sobre vários domínios, físicos, fisiológicos e psíquicos, individuais e sociais, sem uma unidade própria, a língua enquanto sistema de sinais para exprimir ideias é uma instituição social entre outras instituições sociais. A língua é um todo em si e compete-lhe a ela servir de princípio de classificação à linguagem.

Relativamente à fala que é individual e acidental, a língua distingue-se por ser social e essencial.

No fundo, uma língua não pode ser dissociada da cultura e do espaço onde é utilizada<sup>166</sup>, como muito claramente explica Roland BARTHES (1989: 11)<sup>167</sup>:

Como instituição social, ela não é um acto, escapa a qualquer premeditação; é a parte social da linguagem; o indivíduo, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; é essencialmente um contracto colectivo, ao qual nos temos de submeter em bloco, se quisermos comunicar; além disso este produto social é autónomo, à maneira de um jogo que tem as suas regras, pois só o podemos manejar depois de uma aprendizagem.

Também Castelar de CARVALHO<sup>168</sup> afirma:

Na condição de acervo, a língua guarda consigo toda a experiência histórica acumulada por um povo durante a sua existência. Disso nos dá testemunho o latim, símbolo permanente da cultura e das instituições romanas. Também o português, nos seus oito séculos de existência, acumulou um rico e notável acervo linguístico e literário. Importante língua de cultura, constitui tesouro comum dos povos irmanados pela lusofonia.

Karl MARX e Friedrich ENGELS<sup>169</sup>, curiosamente, apontaram igualmente, nas suas teorias, esta dimensão social da comunicação, ao afirmarem:

---

<sup>166</sup> Fernando Pessoa terá percebido este facto melhor do que ninguém e tê-lo-á expresso através do seu heterónimo Bernardo Soares na célebre frase «[m]inha pátria é a língua portuguesa», já mencionada e contextualizada na Introdução deste trabalho.

<sup>167</sup> Roland BARTHES nasceu em Estrasburgo, em 1915 e faleceu em Paris, em 1980. Foi crítico literário e, inspirado na linguística de Saussure e Bloomfield, funda a revista *Théâtre Populaire*; é o animador do movimento da *Nova Crítica* e director de estudos na *École Pratique des Hautes Études* (Paris). A sua obra, ampla e variada, caracteriza-se inicialmente pela reflexão sobre a condição histórica da linguagem literária (*O Grau Zero da Escrita*). Em diversos livros tenta demonstrar a pluralidade significativa de um texto literário e a sobrevalorização do texto em vez do signo. Estruturalista e “herdeiro” de Saussure, escreveu inúmeras obras: *Mitologias*, *Ensaio Crítico*, *Roland Barthes por Roland Barthes* (autobiografia irónica) e *Fragments de Um Discurso Amoroso* (estudo linguístico sobre o sentimentalismo) [dados recolhidos a partir dos sítios <http://www.kirjasto.sci.fi/rbarthes.htm>, consultado a 29/07/2006 e <http://www.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-barthes/ENS-barthes.html>, consultado a 29/07/2006].

<sup>168</sup> Castelar de Carvalho é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor da obra *Para Compreender Saussure* (2005), publicada pela Editora Vozes (Brasil) [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>, consultado a 06/08/2006].

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os outros homens, que existe, portanto, também primeiro para mim mesmo e, exatamente como consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios entre os homens.<sup>170</sup>

A língua, de acordo com Saussure<sup>171</sup> e outros proeminentes linguístas, é composta por *signos*, ou seja, pela junção de um *significante* (o objecto físico, a imagem do signo tal como a percebemos) e um *significado* (o conceito mental a que se refere)<sup>172</sup>. Estes últimos são, como diz John FISKE<sup>173</sup> (2002: 67), «muito mais o produto de uma cultura particular do que os significantes».

Saussure considerava, ainda, como explica FISKE (2003: 70), que o significante e o significado «podem estar relacionados de uma forma *icónica* ou de uma forma *arbitrária*<sup>174</sup>». Ou seja: «[n]uma relação icónica o significante assemelha-se ou soa como o significado; numa relação arbitrária, os dois relacionam-se apenas por acordo

---

<sup>169</sup> Friedrich ENGELS nasceu em Barmen (Alemanha), em 1820 e faleceu em Londres, no ano de 1895. Preocupou-se desde cedo com as questões ligadas às condições de vida dos trabalhadores, acabando por defender «a necessidade de uma transformação radical de tipo comunista», como nos diz o artigo sobre ele disponível no sítio [http://www.vidasusofonas.pt/friedrich\\_engels.htm](http://www.vidasusofonas.pt/friedrich_engels.htm) (consultado a 09/07/04). Estabelece uma colaboração estreita com Karl MARX (1819-1883), filósofo e economista, igualmente alemão e, também, durante parte da sua vida, residente na Inglaterra. Fruto da dedicação à luta política de ambos, é a escrita do *Manifesto do Partido Comunista*, em 1848 e a constituição, dois anos mais tarde, da *Associação Internacional de Trabalhadores* [dados recolhidos a partir de KREIS, Stevem, 2000, “Karl Marx, 1818-1883”, in *The History Guide: Lectures on Modern European Intellectual History*, <http://www.historyguide.org/intellect/marx.html>, consultado a 29/07/2006].

<sup>170</sup> Este texto é citado por CARBONI, Florence e MAESTRI, Mário, 2003, “A Linguagem Escravizada”, in *Revista Espaço Académico*, Ano II, nº 22, <http://www.espacoacademico.com.br/022/22cmaestri.htm> (consultado a 09/07/2004) como fazendo parte da obra de MARX, K. e ENGELS, F., 1989, *A Ideologia Alemã*, 26, São Paulo: Martins Fontes. Estes autores são ambos professores de Linguística e História, nos Cursos de Letras e de História da Universidade de Passo Fundo (UPF), Rio Grande do Sul, Brasil, respectivamente [dados recolhidos a partir do sítio já mencionado e do sítio <http://www.upf.tche.br/>, consultado a 09/07/2004].

<sup>171</sup> SAUSSURE (1999: 122,124) definia signo da seguinte forma: «O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. (...) Propomos manter a palavra signo para designar o total e substituir o *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*».

<sup>172</sup> Charles Sanders Peirce (1839-1914), um importante estudioso norte-americano, tinha uma visão semelhante do que seria um signo [dados recolhidos a partir de BURCH, Robert, 2006, “Charles Sanders Peirce”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Fall Edition, Edward N. Zalta (ed.), <http://plato.stanford.edu/entries/peirce/>, consultado a 29/07/2006]. John FISKE (2002: 64) cita-o a partir da obra de J. Zeman, *Pierce’s Theory of Signs*, publicada em 1977: «Um signo é algo que representa algo para alguém a determinado respeito ou capacidade. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou, talvez, mais desenvolvido. O signo que ele cria designa-o por *interpretante* do primeiro signo. O signo representa algo: o seu *objecto*». Outros estudiosos, como Ogden e Richards usam outra terminologia: *objecto* (Pierce) = referente; *interpretante* (Pierce) = referência; *signo* (Pierce) = símbolo.

<sup>173</sup> John Fiske estudou na Universidade de Cambridge. É Professor emérito do Department of Communication Arts da Universidade de Wisconsin, Madison, EUA, onde começou a leccionar em 1988. Anteriormente leccionou em diversas Universidades britânicas e na Australian of Curtin University of Technology, em Perth (1982). Foi Director da *Cultural Magazine Studies* [dados recolhidos a partir do sítio [http://62.97.114.150/traducirpagina.aspx?slvidioma=es\\_en&url=http%3A%2F%2Fwww.infoamerica.org%2Fteoria%2Ffiske1.htm](http://62.97.114.150/traducirpagina.aspx?slvidioma=es_en&url=http%3A%2F%2Fwww.infoamerica.org%2Fteoria%2Ffiske1.htm), consultado a 29/07/2006].

<sup>174</sup> Peirce considera que existem *ícones* (correspondentes às relações icónicas saussurianas): o signo assemelha-se ao objecto (algo diferente de si mesmo); *símbolos* (correspondentes às relações icónicas saussurianas): não existe semelhança entre signo e objecto, ou seja, este comunica apenas o que as pessoas acordaram que ele deve representar; e, ainda, *índices*: existe uma relação directa entre o signo e o seu objecto.

entre os utentes». Se no caso de uma fotografia é fácil associar significante e significado, já no caso de uma palavra o significado resulta/é definido pelos utilizadores da língua<sup>175</sup>.

Então, se a língua é a expressão da tal vontade colectiva, podemos também classificá-la como um *código*, ou seja, um sistema «em que os signos se organizam» e se regem «por regras que são aceites por todos os membros de uma comunidade que usa esse código» (FISKE, 2002: 91).

Todavia, como já foi dito anteriormente, não podemos afirmar que existam apenas signos verbais. Por essa razão, podemos, também, falar de diversos tipos de códigos, tal como é referenciado na obra de FISKE (2002: 91-116): os *códigos de comportamento* (como, por exemplo, as regras do futebol ou outro qualquer desporto) e os *códigos significativos* (aqueles de que temos estado a falar, que são sistemas de signos); *códigos digitais* («é aquele cujas unidades (sejam significantes ou significados) estão claramente separadas», FISKE, 2002: 92) e os *códigos analógicos* (os que funcionam numa escala contínua); os *códigos apresentativos* (que são indiciais, no sentido em que Pierce se referia a índices – cf. nota de rodapé nº 175) e os *códigos representativos* (que são usados para produzir textos, ou seja, relacionam-se com o que Pierce e Saussure designavam como símbolo); *códigos restritos* (usados por comunidades fechadas e tradicionais) e *códigos elaborados* (produzidos por comunidades com relações mais fluidas, mutáveis, impessoais); *códigos de grande difusão* (partilhados por elementos de um grande público) e de *pequena difusão* (destinados a um grupo específico); *códigos arbitrários ou lógicos* (a «relação entre significantes e significados é afirmada e acordada. São simbólicos, denotativos, impessoais e estáticos», FISKE, 2002: 110-111) e *códigos estéticos* (constantemente em processo de negociação do significado, já que são muito influenciados pelo contexto cultural). Podemos falar, também, de *códigos icónicos*, ou seja, aqueles em que, nos signos usados, há uma clara relação, como defendia Saussure, entre o significado e o significante e que dizem respeito, por isso, à percepção que temos dos objectos e estão, por isso, ligados à linguagem visual. Aliás, a palavra ícone tem a sua origem

<sup>175</sup> Diz-se a propósito no artigo “Language” da *Encarta Encyclopedia* (COMRIE, 2004): «A prominent characteristic of language is that the relation between a linguistic sign and its meaning is arbitrary: There is no reason other than convention among speakers of English that a dog should be called dog, and indeed other languages have different names (for example, Spanish perro, Russian sobaka, Japanese inu)». E diz SAUSSURE (1999: 124): «[A] ideia de “pé” não está ligada por nenhuma relação à cadeia de sons [p] + [é] que lhe serve de significante; podia ser tão bem representada por qualquer outra: provam-no as diferenças entre línguas e a própria existência de línguas diferentes».

etimológica no vocábulo grego *eikon*, que significa imagem e tem relação directa com um outro vocábulo grego, *eikēnai*, que pode traduzir-se como parecer-se ou assemelhar-se. Dentro destes códigos icónicos, existiriam vários outros, como refere Raymond COLLE<sup>176</sup> (1999<sup>c</sup> e 1993-1996): os códigos sinaléticos, os códigos ideográficos, os códigos gráficos, os códigos pictóricos, os códigos icónicos sequenciais e os códigos icónicos superiores.

Podendo a língua ser encarada como um código marcadamente influenciado pelos aspectos sociais/históricos de quem o usa, continua, desde há muito, em aberto, a discussão de se existirá ou não uma “*língua-padrão*”, ou seja, uma “*norma*” ideal de utilização do código, uma forma “mais correcta” de construir um discurso recorrendo a uma determinada língua. O tema não é pacífico e gera, habitualmente, controvérsia entre os linguístas. Carlos ROCHA (2005)<sup>177</sup> diz o seguinte:

[P]ara Celso Cunha e Lindley Cintra (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 1984, pág. 4), a língua-padrão corresponde a «[...] uma entre as muitas variedades de um idioma, [mas] é sempre a mais prestigiosa, porque actua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade[...]». Estes autores apoiam-se depois nas reflexões do linguísta Eugénio Coseriu, concordando que, se uma língua pode abarcar vários sistemas, pode também abranger várias normas «[...] que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico[...]».

Samantha CHAREILLE<sup>178</sup> (2003) afirma:

La langue standard repose sur une structure stable, surtout du point de vue des règles grammaticales et orthographiques, ce qui est essentiel pour le rôle culturel et éducatif qu'elle joue, car elle doit servir de cadre de référence sûr face à la variation dialectale et aux variantes du langage populaire. Pour la micro-variation, on parvient à cette stabilité par la codification qui, idéalement, doit être assez souple pour ne pas

<sup>176</sup> Raymond COLLE é Professor da *Escuela de Periodismo, Facultad de Comunicaciones de la Pontificia Universidad Católica* de Chile, em Santiago do Chile e especialista em linguagens icónicas e infogravuras, sendo autor de diversos textos, alguns deles referenciados na bibliografia deste trabalho. [dados recolhidos a partir dos sítios <http://www.uil.es/publicaciones/latina/1999aaaa.htm> e <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/libros/libros/Mensajes.pdf>, consultados a 29/07/2006

<sup>177</sup> Carlos ROCHA é licenciado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e mestre em Linguística pela mesma Faculdade. Foi leitor do Instituto Camões na Universidade de Oxford e no King's College de Londres. Actualmente é professor do Ensino Secundário [dados recolhidos a partir do sítio <http://ciberduvidas.sapo.pt/ficha.html>, consultado a 06/08/2006].

<sup>178</sup> Samantha CHAREILLE é doutorada pela Universidade de Paris III-Sorbonne Nouvelle em colaboração com a Ecole Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines de Lyon, tendo dedicado boa parte dos seus estudos ao desenvolvimento linguístico em contexto regional, nomeadamente no caso dos países pertencentes ao Mercosul. Está ligada ao ensino do Francês através da Alliance Française da Argentina e lecciona nas Universidades de Paris VII-Denis Diderot e de Rouen [dados recolhidos a partir do sítio [http://www.telug.quebec.ca/cgi-bin/diverscite/genermtl/url.cgi?no\\_cours=cv&action=3&no\\_reference=53](http://www.telug.quebec.ca/cgi-bin/diverscite/genermtl/url.cgi?no_cours=cv&action=3&no_reference=53), consultado a 06/08/2006].

entraver toute évolution. Les linguistes du Cercle de Prague ont beaucoup insisté sur ce dernier aspect et ont lutté contre les puristes qui tentaient d'imposer une norme rigide. La langue standard doit permettre de s'exprimer de façon exacte, rigoureuse et abstraite.

Também Else Martins dos SANTOS (2003:79) comenta:

[A] norma é um factor de aglutinação social, resultante das forças colectivas *que cobram certa fidelidade de seus membros aos produtos culturais, entre os quais resalta a língua. (...) [É] uma variedade a que a comunidade da fala atribui um prestígio maior, em face do qual as demais variantes sofrem discriminação.*

Mas há quem conteste esta ideia, ou seja, de que a norma ou língua-padrão deverá ser aquela que os estratos mais cultos de uma dada sociedade dominam, o que produz teorias distintas, como explica C. ROCHA (2005):

No âmbito desta discussão, Evanildo Bechara (Moderna Gramática da Língua Portuguesa, 2003, pág. 37) começa por definir «língua histórica» como um «[...] produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico». O termo língua-padrão não é usado por este gramático, que recorre a norma, a língua comum, língua exemplar. Deste modo, para Bechara, norma é tudo o «[...] que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “assim, e não de outra maneira”». Língua comum é uma «[...] unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos [...]». Finalmente, também baseado em Eugénio Coseriu, Bechara refere-se a língua exemplar como «[...] um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior [...]». É assim que este gramático fala de uma «exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal», o que me parece significar que ele se refere a dois padrões ou duas normas diferentes no extenso domínio da língua portuguesa.

Assim, talvez seja interessante reter a ideia defendida por Sandra PALOMO<sup>179</sup>, que salienta o facto de a norma ser uma convenção estabelecida no seio de um determinado grupo, que a aceita e a passa a aplicar, estando esta, todavia, sujeita às

---

<sup>179</sup> Sandra Maria Silva PALOMO é Professora do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Nove de Julho e Doutora em Semiótica e Linguística Geral (USP) [dados recolhidos a partir dos sítios <http://www.google.com/u/usonline?domains=usp.br&site=search=usp.br&hl=pt-BR&q=sandra%20palomo> e <http://www.hottopos.com/vdlettras7/sandra.htm>, consultados a 06/08/2006].

evoluções impostas pelo tempo e por todos os demais factores que afectam a língua (geografia, tecnologia, poder político, estética, entre outros<sup>180</sup>).

Os fatos de norma são modelos abstratos e não manifestações concretas. Representam obrigações impostas numa dada comunidade sócio-lingüístico-cultural. Inclui elementos não relevantes, mas normais na fala dessa comunidade. A norma se constitui como realização coletiva, tradição, repetição de modelos anteriores. Indica como se diz, ao estabelecer códigos e subcódigos para diferentes grupos de uma mesma sociedade. É convencional e opcional, mas opção do grupo a que pertence o falante. Preserva apenas os aspectos comuns, eliminando tudo o que, na fala, é inédito, individual. A norma é modelo de como funciona.

## 5.2 – CONCEITOS APLICADOS AO “CHATÊS”

E o que poderemos dizer em relação ao tipo de comunicação usada nos *Chats*, SMS e MSN?

Tendo em consideração o que foi dito anteriormente em relação à linguagem, não podemos deixar de considerar o “chatês” como uma forma de comunicação que resulta na manifestação de ideias e permite uma produção infinita de enunciados.

Os seus utilizadores recorrem a dois tipos de linguagem: a linguagem verbal e a linguagem visual. Tão rapidamente usam o texto, ou seja, os sinais gráficos que designamos por letras e que integram um alfabeto<sup>181</sup> – sempre com muitas abreviaturas -, como recorrem aos caracteres do próprio texto para construir os já mencionados *emoticons* ou misturam, mesmo, no seu texto, elementos exclusivamente visuais, como é o caso dos *Smileys*. Poderíamos, pois, designar este tipo de linguagem como uma linguagem “mista”. Vejamos alguns exemplos:

### Uso de abreviaturas:

---

<sup>180</sup> Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras e reputado linguísta/filólogo, refere-se aos trabalhos dos linguístas Adolf Noreen e Otto Jespersen (sueco e dinamarquês, respectivamente) para salientar estes aspectos que influenciam a língua, numa conferência que proferiu a 04/07/2000, com o título “A norma culta face à democratização do ensino”, cujos registos se viram no sítio *Por trás das Letras*, <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/normaculta>, consultado a 29/07/2006.

<sup>181</sup> A palavra alfabeto é de origem latina (*alfabetum*), sendo constituída pelas duas primeiras letras do alfabeto grego, *alpha* e *beta*. No idioma Português usamos o alfabeto latino, que foi desenvolvido e difundido pelo Império Romano [dados recolhidos a partir do sítio do Museu Virtual da Imprensa (Porto) <http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress/port/alfa.html>, consultado a 06/08/2006] e que faz parte, como explica SAUSSURE (1999: 60), de um sistema de escrita fonético, ou seja, «que pretende reproduzir a sequência dos sons que se sucedem em cada palavra. As escritas fonéticas são umas vezes silábicas, outras vezes alfabéticas, isto é, baseiam-se em elementos irreduzíveis da fala».

(L)AMAR(K) ã: cm tas (*trad.*: Como estás?)<sup>182</sup>  
 (L)AMAR(K) ã: ? (espera resposta que demora)  
 A\_S: td fx... e tu? (*trad.*: Tudo fixe... E tu?)  
 (L)AMAR(K) ã: tb (*trad.*: Também.) (...)  
 (L)AMAR(K) ã: já n voi + á escola (*trad.*: Já não vou mais à escola.)  
 A\_S: eu só vou entregar o papel k tínhamos de levar assinado (*trad.*: Eu só vou entregar o papel que tínhamos de levar assinado.) (...)  
 (L)AMAR(K) ã: ya eu já nem meto lá os pés nem amnha vou (...) eu nem ixo vou (*trad.*: Ya/sim, eu já nem meto lá os pés, nem amanhã vou... Nem isso vou.)

#### Uso de Smileys e Emoticons:

☺ ou :-) feliz

☹ ou :-( triste<sup>183</sup>

\*Đ1zZy\* » te: 🙄 (*trad.*: Emoticon identificativo deste “falante” e, ao mesmo tempo, expressa tédio ou irreverência.)

\*Đ1zZy\* » te: bem vo durmir 😊 (*trad.*: Bem, vou dormir. Emoticon sonolento.)

\*Đ1zZy\* » te: 🍷🍷🍷 (*trad.*: Emoticons Beijos, que indicam despedida e por serem vários, indicam o grau de carinho/amizade entre os utilizadores.)

M: eu vou ver a novela (*trad.*: Eu vou ver a novela.)

M: xauz (*trad.*: Adeus [Ciao, Tchau].)

M: 🍷🍷

M: 🍷🍷

\*Đ1zZy\* » te: lol 😂 (*trad.*: *laughing out loud*, ou seja, rir às gargalhadas.)

Os signos, quaisquer que eles sejam e em particular estes usados nos Chats, SMS e MSN, são **arbitrários**, já que resultam da aceitação/convenção, ou seja, da «experiência partilhada pelos membros de uma cultura» (FISKE, 2002: 108), tal como defendia SAUSSURE (1999: 124), nomeadamente quando afirmava que «[o] laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou melhor, uma vez que entendemos por signo o total da associação dum significante e um significado: *o signo linguístico é arbitrário*». Têm uma representação que não é imediata e podem ter vários significados,

<sup>182</sup> Os exemplos e excertos de conversas tidas no SMS, Chat ou MSN utilizadas, são aqui reproduzidos depois de ter sido pedida a devida autorização aos seus produtores e de lhes ter sido explicada a finalidade dessa utilização. Alguns exemplos serão, também, retirados das obras da Professora Joviana BENEDITO e serão sempre devidamente referenciados.

<sup>183</sup> Estes dois exemplos são referidos por Joviana BENEDITO (2003<sup>a</sup>: 60 – 97). É de salientar que estes dois sinais, quando escritos na aplicação Word, são automaticamente transformados no desenho, ou seja, o próprio *software* já está preparado para assumir a sequência :-) como o desejo do utilizador de introduzir no texto o boneco ☺. Nos anexos inclui-se uma tabela com alguns dos mais conhecidos *Smileys e Emoticons*.

dependendo do sujeito a quem se dirigem, do contexto, bem como dos outros signos linguísticos que a eles se juntam (quer ao nível paradigmático, quer ao nível sintagmático). E isto fica mais explícito se pensarmos, por exemplo, que existem diferenças entre os signos usados em diferentes países, como é salientado na obra de Joviana BENEDITO, sobretudo no que diz respeito às abreviaturas<sup>184</sup>. Esta ideia foi expressa, igualmente, por diversos alunos que fizeram parte dos *Focus Groups* criados para a investigação deste tema, como foi o caso dos **alunos L e M**, do **Grupo 3**, como se pode comprovar pelo excerto que a seguir se reproduz:

**ES** – E quando falam, quando utilizam o MSN, utilizam-no mais com pessoas da vossa idade ou...

**L e M** – Com pessoas da nossa idade.

**M** – Principalmente, com os colegas de turma e com os amigos da escola.

**L** – Eu até tenho amigos no Brasil, em Inglaterra e nos Açores.

**ES** – Portugueses ou estrangeiros?

**L** – Dois brasileiros e portugueses que estão na Inglaterra e nos Açores.

**M** – E agora também já temos amigos do intercâmbio, que são holandeses [*estes dois alunos participaram de um intercâmbio que a Escola Secundária de Silves (ESS) promove anualmente com uma escola holandesa*].

**ES** – E também usam com eles as abreviaturas?

**L e M** – Sim, sim!

**M** – É mais difícil fazer abreviaturas com eles, porque é em Inglês.

**L** – Temos, por acaso, o exemplo do “LOL”. Nas primeiras conversas, púnhamos o LOL, porque é o que a gente usa, mas eles põem AH, que é a gargalhada e depois explicamos que LOL quer dizer... [*ficam sem saber o significado do acrónimo*]

**ES** – “Laughing out loud”.

**L e M** – É isso mesmo!!!!....

**ES** – Mas isso é espectacular, porque já estão a partilhar o código...

**L** – Sim, sim, foi o primeiro método de conversação entre eles e nós. O nosso professor entregou-nos os *e-mails* e nós começámos logo a falar.

Também os **alunos A, E e G**, do **Grupo 1** abordaram a questão da arbitrariedade:

**G** – Escreves porquê ou pk?

**A** – Umás vezes o pk e outras vezes o pq...

<sup>184</sup> Vejamos o exemplo da palavra *porque*: os portugueses usariam a abreviatura *pq* ou *pk*; os ingleses *y*; os franceses *pcq* e os espanhóis (ou falantes de castelhano) *xp* (BENEDITO, 2003<sup>a</sup>: 29-51-54 -59). Naturalmente, estas diferenças resultam do facto de os utilizadores serem falantes de línguas diferentes, ou seja, recorrem às estruturas das suas línguas maternas como base para este código, o que é de bastante importância, como refiro mais adiante.

E – Isso é uma coisa que me faz confusão...

ES – Também a mim!

E – Os que usam k; eu uso q e depois quando querem perguntar o porquê eu fico [*faz o gesto de estar baralhado*] ...

A – E às vezes tens de voltar atrás para dar sentido à frase por causa das abreviaturas...

Existe, igualmente, uma **dimensão icónica** neste tipo de comunicação, pois a introdução de imagens (como os *Smileys* e os *Emoticons*) com o objectivo de revelar emoções, estados de alma, desejos, etc., criando signos com características visuais muito evidentes, confere esta dupla caracterização a este tipo de comunicação, pois também há a preocupação de aproximar a representação do real. Essa busca de universalidade pode ser mais facilmente resolvida através da introdução da linguagem visual, como afirma Raymond COLLE<sup>185</sup> (1999<sup>b</sup>):

Mientras la palabra “estrella” permanecerá sin sentido para quien no hable castellano, su representación gráfica podrá ser correctamente interpretada por muchos otros. Se puede decir, por lo tanto, que el lenguaje visual tiene una vocación más universal que el verbal, aunque el acompañamiento de este último puede ser de vital importancia para una interpretación correcta.

Este autor (1999<sup>b</sup>) define *ícone* da seguinte forma:

El icono es una unidad discursiva, espacialmente delimitada (por un marco real o virtual), dentro del cual aparecen las señales o indicadores, que pueden indicar uno o varios referentes. Cada unidad menor que apunta a un referente específico es un iconema.

Pensando na “*Escala de Iconicidade Decrescente*”, desenvolvida por Abraham MOLES<sup>186</sup> e analisada por COLLE (1999<sup>c</sup>) poder-se-ia tentar estabelecer em que nível poderíamos incluir os *Smileys*. Esta escala tenta definir o nível de *isomorfismo*<sup>187</sup> do que

<sup>185</sup> Raymond Colle é Professor da Escuela de Periodismo, Facultad de Comunicaciones de la Pontificia Universidad Católica de Chile, em Santiago do Chile e especialista em linguagens icónicas e infogravuras, sendo autor de diversos textos, alguns deles referenciados na bibliografia deste trabalho [dados recolhidos a partir dos sítios [http://www.puc.cl/curso\\_dist/infograf/indexIG.html](http://www.puc.cl/curso_dist/infograf/indexIG.html) e <http://www.puc.cl/>, consultados a 11/07/04].

<sup>186</sup> Abraham Moles (1920-1992) dedicou-se à investigação epistemológica. A “Teoria da Informação”, uma das áreas de investigação das Ciências da Comunicação, foi a sua principal preocupação e escreveu uma vasta obra relacionada com esta temática, como por exemplo *Sciences of The Unexact* ou *Sociodynamique de la Culture* [dados recolhidos a partir de INFOAMERICA, s.d., “Abraham A. Moles (1920-1992 – Perfil General”, in *La Imagen y La Palabra – Los Teóricos*, <http://www.infoamerica.org/teoria/soles1.htm>, consultado a 29/07/2006 e RAIGADA, José Luís Piñuel, 1998, “Abraham A. Moles (1920-1992) y la Teoría de la Información”, in *CIC: Cuadernos de Información y Comunicación*, N° 4, 157-198, <http://www.ucm.es/info/per3/cic/Cic4ab11.htm> e <http://dialnet.unirioja.es/servlet/oaiart?codigo=188608>, consultados a 29/07/2006].

<sup>187</sup> Isomorfismo é uma palavra que resulta da junção de dois vocábulos de origem grega: *isso*, que significa igual/mesma e *morphos*, que significa forma. «Isomorfismo vem de isomorfo (=que tem forma idêntica) + sufixo nominal *-ismo* (que exprime as ideias de fenómeno linguístico, sistema, doutrina, etc.). Emprega-se este termo, com

Moles considerou serem ícones. Tendo em consideração que a linguagem verbal está no nível 0 (onde existem «signos abstractos sin conexión imaginable com el significado», COLLE, 1999<sup>c</sup>), penso que os níveis 7 ou 8 seriam aqueles onde os simpáticos desenhos apareceriam, já que neles existe «continuidad del contorno y cierre de la forma», bem como «cuantificación de elementos y simplificación». Julgo que os *Smileys* privilegiam os “aspectos pertinentes”, ou seja, aqueles indispensáveis à sua identificação<sup>188</sup>. Como diz COLLE (1993-1996), «[l]os niveles 9 a 6 hacen uso de diferentes recursos para conservar cierta analogia com el referente, aunque en un solo plano (bidimensional)».

Será, então, o “chatês” um código? E que tipo de código será: icónico ou outro?

Por estarmos na presença de sistemas de signos, podemos afirmar que este é um **código significativo**. Mas a dificuldade reside em tentar definir se este será um código estritamente pertencente a um dos dois grupos de classificação com relação entre si a seguir apresentados, pois como foi referido anteriormente, revela características de ambos, ou seja, combina o texto («mensagens com uma existência independente», como diz FISKE, 2002:94, que é a característica fundamental dos códigos representativos) e elementos não textuais, que podem indicar aspectos do comunicador e da sua situação social:

### Códigos Apresentativos e Representativos

<b>Códigos APRESENTATIVOS</b>	<b>Códigos REPRESENTATIVOS</b>
<b>Códigos icónicos</b>	<b>Códigos arbitrários ou lógicos</b>
	<b>Códigos estéticos</b>

Se pensarmos nos *códigos restritos*, nos *códigos elaborados*, bem como nos *códigos de grande difusão* e de *pequena difusão* a confusão aumenta, pois mais uma vez podemos encontrar características de todos eles nesta forma de comunicação. Vejamos: de acordo com o exposto por FISKE (2002: 100-101) e também por SPRING<sup>189</sup>

significados especializados, em várias ciências.» (definição retirada do sítio <http://ciberduvidas.sapo.pt/php/resposta.php?id=7250>, consultado a 11/07/2004). Indica, portanto, semelhança de forma e, segundo COLLE (1993-1996), «es la base de la mayor universalidad de la mayor parte de los lenguajes icónicos».

<sup>188</sup> COLLE (1999<sup>b</sup>) designa estes aspectos por «rasgos pertinentes» e diz a propósito: «Considerando las figuras utilizadas como signos, llamadas rasgos, se puede determinar cuáles son los componentes necesarios para que el objeto sea reconocible. (...) Los rasgos indispensables son llamados pertinentes y pueden estar acompañados de otros, complementarios.»

<sup>189</sup> Não me foi possível encontrar informações detalhadas acerca deste autor. Todavia, pude confirmar no sítio da *Humboldt State University*, Arcata, Califórnia, EUA, que terá sido professor nesse estabelecimento de ensino entre 1962 e 1999, tendo provavelmente leccionado uma cadeira relacionada com o estudo do “discurso/speech” [dados

(2002) acerca da teoria desenvolvida por Basil Bernstein<sup>190</sup>, as principais diferenças entre os códigos restritos e os elaborados são as seguintes:

### Códigos Restritos e Elaborados

<b>CÓDIGOS RESTRITOS</b>	<b>CÓDIGOS ELABORADOS</b>
São mais simples, menos complexos e elaborados.	São mais elaborados.
Tendem a ser orais, logo indiciais, apresentativos.	Pode ser escrito ou falado, adequando mais a mensagens simbólicas, representativas.
São redundantes.	São entrópicos, porque é difícil prever as reacções do utilizador.
São orientados no sentido das relações sociais, reforçando-as e expressando as semelhanças entre o orador e o grupo.	São orientados mais para o indivíduo enquanto pessoa. Ele torna-se necessário quando o indivíduo pretende comunicar significados únicos a nível pessoal.
Apoiam-se na interacção com códigos não verbais.	Minimizam a comunicação não verbal.
Exprimem o concreto.	Exprimem o abstracto.
Dependem da experiência cultural.	Dependem do treino e da educação, já que têm de ser aprendidos.

Diz, a propósito, J. BENEDITO (2003<sup>d</sup>: 16-17):

(...) [N]o ciberespaço que fala português (...) usa-se um código próprio que é constituído pela língua portuguesa padrão, algum jargão<sup>191</sup>, abreviaturas, acrónimos<sup>192</sup> e símbolos, muitos termos da língua-mãe da Internet, o inglês, e muitos outros contributos provindos da interactividade dos internautas de todo o mundo, comunicando entre si.

Os referentes do código são todas as partes que constituem as novas tecnologias usadas, o trabalho que com elas se desenvolve, os programas que se utilizam e ainda a linguagem comum de quem convive em programas de comunicação. Engloba também todos os vocábulos ou ideias que têm relação ou associação com tudo o que foi enumerado.(...)

recolhidos a partir dos sítios <http://www.humboldt.edu/> e <http://library.humboldt.edu/humco/holdings/archives/FacultyWXYZ.htm>, consultados a 29/07/2006].

<sup>190</sup> Basil Bernstein (1924-2000) era inglês e dedicou-se à investigação no campo da sócio-linguística, tendo dedicado especial atenção aos estudos relacionados com a Sociologia da Educação. A sua obra mais conhecida e que gerou, por ocasião do seu lançamento, alguma polémica e na qual vêm desenvolvidos os conceitos referidos neste trabalho, é *Class, Codes and Control*, publicada em 1971 [dados recolhidos a partir de INSTITUTE OF EDUCATION, UNIVERSITY OF LONDON, “DC/BB Basil Bernstein (1924-2000)”, Information Services/Archives <http://www.ioe.ac.uk/library/archives/bb.html>, consultado a 29/07/2006].

<sup>191</sup> De acordo com a *Nova Enciclopédia Larousse* (AA. VV., 1983, vol.1: 1094) jargão significa «gíria, linguagem incompreensível, estropiada».

<sup>192</sup> «Palavra formada com as iniciais de outras» (AA. VV., 1978, *Lello Universal - Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*, 44, vol. 1, Porto: Lello & Irmão Editores).

A comunicação SMS (...) por telemóvel também se constituiu como um código de necessidade, para poupar caracteres, que reduz vocábulos a abreviaturas, siglas ou acrónimos e encurta alguns grupos fonéticos (...).

Ou seja, podemos afirmar, seguindo a linha de raciocínio desenvolvida até ao momento, que o **“chatês é um código significativo, que mistura características dos códigos apresentativos (ícones) e representativos (texto) e apresenta, simultaneamente, marcas dos códigos restritos e elaborados.**

Contudo, não creio que este seja um código exclusivamente icónico. O facto de se misturarem os *Emoticons* e os *Smileys*, o facto de se recorrer bastante às onomatopeias, não é determinante para afirmar tal ideia<sup>193</sup>. Até, porque, como tenho vindo a dizer, este código tem características que o podem incluir noutros tipos de código e revela relações muito óbvias com os códigos dominantes dos seus utilizadores, ou seja, com as línguas por estes faladas/escritas<sup>194</sup>.

Também será discutível dizer que este é um código “original”, ou seja, que surgiu independentemente de outros códigos pré-existentes, já que a base que sustenta esta nova forma de comunicar é a língua materna dos seus utilizadores (no nosso caso, o Português), isto é, eles recorrem à sua língua materna, transformam-na (como diz muito expressivamente o **Entrevistado 1**, de 17 anos, aluno do 11º Ano «estrangulam-na»), abreviam-na, misturam-na com signos relacionados/pertencentes ao domínio da linguagem visual, mas servem-se das suas regras fundamentais para estruturar os seus enunciados<sup>195</sup>.

Todos os estudos relacionados com esta temática (de que eu tive conhecimento) apontam para uma característica fundamental do “chatês”: ele resulta de uma “adaptação” das características das línguas maternas dos seus utilizadores em função

<sup>193</sup> Na verdade, os estudos de THURLOW (2003), SEGERSTAD (2003: 152 e seguintes e 212) e SANTOS (2003: 62 e seguintes) confirmam o facto de não existirem nas produções textuais do “chatês” tantos Emoticons/Smileys quantos habitualmente se julga.

<sup>194</sup> Else M. SANTOS (2003: 72) salienta isso mesmo, ao referir que, apesar de os utilizadores dos Chats procurarem um “estilo” próprio, acabam por respeitar regras de construção dos textos que são iguais às utilizadas pelo Português padrão, como seja, por exemplo, a ordem gramatical da frase, que a autora define como «sujeito-verbo-predicado». Veja-se, a propósito, o que relata o **Entrevistado 1** sobre a construção das frases e que é descrito no Capítulo que se segue, no ponto 6.2 – APRENDIZAGEM E REGRAS DO “CHATÊS”.

<sup>195</sup> Diz, a propósito, Fernando CRISTÓVÃO, Professor Catedrático da Universidade de Lisboa (in BENEDITO, J., 2002: 6): «Surgem, deste modo, muitos erros ortográficos e estrangeirismos, pois sendo a ortografia uma convenção assente na média das prosódias devidamente dicionarizadas, a imediatez oral impõe o idiolecto em vez da norma, criando, pela soma de vários deles, um sociolecto virtual sendo já apelidado por muitos como “internautês”. Sociolecto que não sendo língua, habita no seu interior dinamizando-a. Também em vez de sociolecto, poderíamos chamar-lhe “língua de bricolage” recorrendo a uma classificação de Umberto Eco ao reflectir sobre a utopia da língua perfeita, pois é língua que resulta do encontro de duas civilizações, com carácter supranacional, mas elementar».

das características tecnológicas dos meios de CMC, bem como das **circunstâncias/contexto** em que se dá a troca de mensagens, ou seja, «o conjunto constituído, por um lado, pelas instâncias enunciativas e, por outro lado, pelo mundo extra-linguístico a que um texto se refere» (RODRIGUES, 2006). A construção das mensagens do “chatês” está marcada pela **sinconia/assincronia**<sup>196</sup>, pelo **recurso a um meio tecnológico de comunicação** (o computador ou o telemóvel) e pela **situação** (em relação à qual temos de ter em consideração aspectos tão diferentes como a capacidade de percepção/compreensão da mensagem, os indivíduos a quem ela se destina, o assunto abordado, as razões que motivam a troca de mensagens, entre outros aspectos)<sup>197</sup>.

As mensagens elaboradas pelos utilizadores destas formas de CMC são classificadas, muitas vezes, pelo cidadão comum como “fala”<sup>198</sup>. Os próprios utilizadores assim se referem a ela, como pude comprovar durante as entrevistas que efectuei aos diversos *Focus Groups* referenciados neste trabalho. Senão, vejamos os excertos retirados dos **Grupos 1, 2, 3 e 4** (respectivamente):

**A** – Mas ao meu pai eu mando-lhe uma mensagem com tudo escrito! [*risos de todos*]

**E** – Com tudo escritinho, tudo direitinho! [*a brincar com a colega*]

**A** – E na net *falo* com ele, com tudo direitinho! (...) Mas com o meu outro avô – quando *falo* com ele tenho de *falar* bem! -, mas na net *falo* com ele em “chatês”, que ele vai entender! [*risos*]

**K** – Eh pá, eu gosto mais de falar com a pessoa cara-a-cara! (...) [M]uitas vezes o que se passa (...) *falamos* com uma pessoa no MSN e depois passamos por ela na rua e nem falamos(...)! (...)

**H** – Ah, mas eu *falo* pela Internet por outra razão!

**M** – Eu utilizo-o [*refere-se ao computador*] essencialmente para *falar* com os amigos na Internet, fazer pesquisas e fazer trabalhos. Eu raramente estudo com o computador.

<sup>196</sup> Dependendo da forma de CMC em causa, podemos falar de sincronia – como no caso do MSN, em que as mensagens são produzidas em tempo real, estando o receptor/emissor a produzir mensagens ao mesmo tempo – ou de assincronia – como no caso do SMS, em que o emissor envia uma mensagem que nunca chega em tempo real ao seu destinatário. O facto de as mensagens serem sincornas ou assíncronas pode afectar as suas características, como analisa SEGERSTAD (2002) em todo o seu trabalho.

<sup>197</sup> C. THURLOW (2003) diz a propósito: «Specifically, as Herring (2001) also notes, language will necessarily be affected by technological (or medium) variables such as synchronicity (e.g. where instant messaging is synchronous, email is asynchronous), granularity (i.e. how long or short text may be) and multimodality (e.g. whether or not graphics, audio and video are included), as well as other non-linguistic variables such as participants' relationships, expectations and levels of motivation. To begin with, however, SMS may be broadly defined as asynchronous, text-based, technologically mediated discourse».

<sup>198</sup> Uma das professoras do grupo 1 a dada altura, produz um comentário que revela claramente esta concepção. Ela afirma: «aquilo [ou seja, o “chatês”] que eles estão a escrever não é escrita, é fala».

L – Eu também. Temos colegas que estudam mesmo com o computador. Estão a estudar, estão no computador a *falar* com eles [*refere-se ao facto de os colegas estudarem ao mesmo tempo que estão no MSN*]...

N – No meu caso, eu chego a casa, ligo o computador e deixo ficar lá [*com a janela do Messenger ligada, deduz-se da explicação*] e depois nem apareço lá, mas outras vezes sou capaz de *falar* duas ou três horas durante a tarde.

Mas estará o “chatês” mais próximo da fala (linguagem oral) do que da escrita (linguagem escrita)?

SEGERSTAD (2002: 53-55) refere as teorias de diversos autores que consideram a CMC como uma via “alternativa”, um “híbrido”<sup>199</sup> entre as duas formas mencionadas e com características assimiladas de ambas, que resultam no aparecimento de uma nova “linguagem”, uma nova forma de construir mensagens<sup>200</sup>. Essa adaptação revela, segundo essa autora e os linguístas por ela citados no seu estudo (nomeadamente David Crystal e Ferrara et al.), a capacidade inata de adaptação do ser humano ao seu meio ambiente, adaptação essa que se manifesta em todas as suas produções, incluindo na linguagem, que se vai transformando e revelando a capacidade criativa do Homem.

Luís António MARCUSCHI<sup>201</sup> (2002: 39) considera que os *e-mails*, os *chats* e os *blogs* «reproduzem estratégias da língua falada» e também Else M. SANTOS (2003: 38) entende que a produção de “textos” escritos e falados está sujeita a diversos condicionalismos, nomeadamente o contexto, a sincronia e o meio usado na produção (tal como foi referenciado anteriormente) e considera existirem géneros «que **mesclam a escrita** – em função do suporte – **com a fala** – em função de similaridades no processamento» e que «entre diversos géneros de textos falados e de textos escritos podem ocorrer sobreposições que não se adequam a uma oposição absoluta entre fala e

<sup>199</sup> Também LAMBRINIDI e DEPASTA (2004) se referem a esta natureza “híbrida” da CMC: «It is a technologically mediated discourse, which ‘borrows’ elements from many different kinds of linguistic forms.(...) The form of mobile text messages is undoubtedly written. Our research, however, showed that SMS also include many elements of oral speech which make them more direct and vivid (dialectal words, dialectal expressions), Whether the language used in a short message follows primarily written or oral established patterns depends on the receiver, the sender, the relation between them, their education, the purpose of the message, etc. In this sense, SMS language is not a stable language. It is multifunctional and context depended».

<sup>200</sup> SEGERSTAD (2002: 53-54) afirma: «Ferrara et al. view IWD [Interactive Written Discourse] as a “hybrid” language variety, which displays characteristics of both oral and written language, resembling speech and writing, but which is neither. (...) Crystal (2001) argues that CMC is developing into a new medium that show language users at their most inventive, adapting a variety of styles for a variety of purposes, of which some are formal and some are highly informal. (...) According to Crystal, CMC is fundamentally different from speaking and writing; it shares in their properties, but does something neither could possibly do».

<sup>201</sup> Este autor é Professor de Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita (NELFE), tendo completado o seu Doutoramento em Filosofia da linguagem pela Universidade Erlangen, em Nuremberga, na Alemanha [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.lucerna.com.br/downloads/8586930369.pdf>, consultado a 29/07/2006].

escrita». Estas ideias, curiosamente, vão ao encontro do que defende Pierre LÉVY<sup>202</sup> (2001:36), ao salientar que a comunicação on-line é fluida, desterritorializada, dinâmica e permite a inserção da mensagem e do seu contexto nas características próprias da comunicação oral, do diálogo ou da conversação.

Todavia, falar e escrever não são a mesma coisa, como salienta esta última autora. Na verdade, ao falarmos utilizamos recursos expressivos como o gesto, a expressão do olhar, o tom de voz e as suas inflexões, recursos esses que não são fáceis de transpor para a escrita (alguns serão mesmo impossíveis!). Até a forma como organizamos o pensamento não é a mesma. Assim, considerando apenas e somente que para se utilizar o “chatês” temos de recorrer à escrita, poderemos dizer que **este não será um código igual à fala**. Os seus utilizadores tentam, ainda assim, integrar nas suas produções elementos que lhe conferem semelhanças com ela<sup>203</sup>, mas nunca deixaremos de poder afirmar que também estão presentes – e de forma mesmo muito óbvia – as marcas da escrita<sup>204</sup>. Refere, a propósito MARCUSCHI (2002: 5-6):

O fato incontestado é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.

Será, então, o tal “híbrido”, a tal mistura de ambos, que C. THURLOW (2003) menciona, ao afirmar:

[E]mail language rather represented a creolizing blend of written and spoken discourse. Like email, and indeed most CMD, text-messages have much the same hybrid quality about them - both in terms of the speech-writing blend but also in terms of old and new linguistic varieties.

---

<sup>202</sup> P. Lévy é um reputado professor e filósofo de origem francesa, que cursou e leccionou na Universidade da Sorbonne e actualmente é um dos mais importantes especialistas nas temáticas relacionadas com a Internet e com o virtual. É professor na Universidade do Quebec, Canadá [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.ethoschannel.com/personalgrowth/planetwork/p-levy-bio.html>, consultado a 28/06/2006].

<sup>203</sup> Diz THURLOW (2003), a propósito: «In their text-messages, young people 'write it as if saying it' to establish a more informal register which in turn helps to do the kind of small-talk and solidary bonding they desire».

<sup>204</sup> SEGERSTAD (2002: 161) confirma esta ideia, ao referir os pontos de vista de diversos autores, como Du Bartell ou Baym.

TAGLIAMONTE e DENIS<sup>205</sup> (2006) referem, igualmente, que esta linguagem usada pelos utilizadores dos programas de *Instant Messaging* é um híbrido, que incorpora, numa fusão com características únicas, um conjunto de cambiantes («some formal, some vernacular, and some in between»), que comprovam que os seus utilizadores recorrem a todas as variantes linguísticas e a todos os registos de língua que estão à sua disposição.

Ou estaremos, como refere MARCUSCHI (2002 e 2005)<sup>206</sup> e a própria E. M. SANTOS (2003: 42) perante um novo género textual, um pouco como a crónica ou o romance ou o conto<sup>207</sup>.

Também não podemos deixar de salientar que o “chatês” retém algum do sentido saussuriano de fala, se o encararmos como uma produção marcadamente individual, em que se revelam as capacidades imaginativas e produtivas de cada sujeito falante, que poderá introduzir no código novos signos ou, pelo menos, novas formas de os escrever (ortografia)<sup>208</sup>. Isso também foi expresso pelos *Focus Groups* criados para este trabalho, nomeadamente os **Grupos 1, 2 e 3** dos Alunos, bem como pelo **Grupo de 1** dos Professores:

ES – Voltando a isso da forma: vocês acham que há regras para o “chatês” ou não?

A, B, C, D, E, F, G – Não.

G – Não, tanto que cada um é livre de escrever como quer. Depois, se não percebe: -“O que é que querias dizer? Queria dizer isto”. Para a próxima já sabe o que é que queria dizer.

<sup>205</sup> Sali Tagliamonte and Derek Denis são Professores do Departamento de Linguística da Universidade de Toronto, no Canadá. O seu trabalho *LOL for real! Instant messaging, teen language and linguistic change\** encontra-se em fase de publicação. Aborda as questões relacionadas com o uso da linguagem dos utilizadores de Instant Messaging canadianos, através da recolha de inúmeros exemplos e da sua análise linguística. Todavia, manteve contacto com a professora S. Tagliamonte via *e-mail* e, generosamente, ela enviou-me as conclusões do seu trabalho, que são referenciadas na Bibliografia.

<sup>206</sup> Diz L. A. MARCUSCHI (2002:4): «Se tomarmos o género como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana (Bakhtin, 1979), servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos (Swales, 1990) e como forma de ação social (Miller, 1984), é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do género produzido». Este autor (2002: 12-13) inúmeras vezes considera estarem a definir-se a partir da utilização dos meios de CMC, entre os quais inclui o *Chat*.

<sup>207</sup> Pierre LÉVY (2001:38) também considera que o computador permitirá a «aparência de novos géneros ligados à interactividade».

<sup>208</sup> THURLOW (2003) diz, a propósito: «In fact, a colleague (and more experienced text-messenger) informs us that it is not uncommon for recipients to recognise the 'visual signature' (cf. Jaffe, 2000:509) of incoming messengers based on cues such as abbreviations and emoticons or and message length, in addition presumably to common discursive style markers like topic and lexicon. It is surely a mistake to assume that text-messaging and/or young people are any less sensitive to contextual concerns for register and style, or that there is little variation in the appearance of messages; discursive factors such as interactional function and not technological features are just as likely to account for the relative use of 'new' linguistic forms».

**ES** – E vocês acham que há regras para escrever o chatês? O K tem mais dificuldade em dizer, não é?

**K** – Eh pá, não sei, mas eu acho que não! Cada um faz como quer e a gente depois decifra! [risos] Eu pergunto!!!! [risos]

**ES** – E acham que há regras? Vocês seguem uma regra? Ou não há regra nenhuma?

**L** – No MSN?

**ES** – Sim.

**M** – Acho que não!

**L** – Eu acho que não há assim muitas regras.

**ES** – É muito mais a criatividade de cada um a funcionar?

**M** – Eu acho que sim.

**ES** – O que eles hoje, por exemplo, me disseram e estou a confrontar-vos com isso, é que é o tipo de código mais pessoal que existe, na opinião deles. Porquê? Porque eles têm toda a liberdade para serem criativos. E mesmo que alguém não perceba o que eles estão a dizer, pergunta, explica e, na vez seguinte, já volta a utilizar aquela expressão, aquele sinal, aquele desenho que eles inventaram naquela hora. Portanto, eles não têm como preocupação, segundo consegui perceber da conversa com eles hoje, criar uma coisa universal, que facilmente permita a compreensão e descodificação da mensagem. Eles querem ser...

**P3** – Originais!... [P1 e P2 acenam, concordando]

Apenas o **Grupo 4** manifestou uma opinião diferente:

**ES** – Então, vamos agora pensar na linguagem, mesmo. Vocês aprenderam-na com alguém?

**O** – Acho que aprendemos uns com os outros.

**N** – Exactamente, acho que comecei a aprender essencialmente através de mensagens que ia lendo e ia perguntando: - “O que é que isso significa? Não estou a apanhar o significado!!!...” e depois começaram a traduzir e nós começámos a apanhar também. Agora, uma regra básica é que todos os “ses” é com o “x”.

**ES** – Portanto, há regras? Vocês conhecem as regras?

**P** – Há, algumas.

No fundo, parafraseando E. M. SANTOS (2003: 145), poderíamos dizer que o “chatês” poderá ser uma forma de comunicação que «busca levar para a escrita a liberdade da fala».

As características linguísticas destes tipos de mensagem são, pois, determinadas:

- pelo meio utilizado para enviar a mensagem (computador/MSN e telemóvel/SMS);

- pelas características dos comunicadores (SEGERSTAD, 2002: 199);
- pelas relações inter-pessoais que se estabelecem entre os comunicadores;
- pelas razões que levam os comunicadores a comunicar<sup>209</sup> (SEGERSTAD, 2002: 194-195);
- pelo contexto;
- pela sincronia/assincronia (SEGERSTAD, 2002: 256).

Essas **características linguísticas** são as seguintes<sup>210</sup>:

- ⇒ **PONTUAÇÃO**: omite-se, exagera-se/repete-se;
- ⇒ **ORTOGRAFIA**: uso de abreviaturas (convencionais da estenografia e não convencionais, como por exemplo o uso do *K*<sup>211</sup> ou do *X*, como refere a **Entrevistada 6**, de 18 anos, a concluir o 12º Ano, com alguma graça: «Xao usadax exenxialmt ax abvt e ox “xx” em x dx “ss”»), uso de maiúsculas ou de apenas minúsculas, uso de palavras curtas (com a introdução de acrónimos e siglas), uso de consoantes, repetição/extensão de vogais, escrita que reproduz o som das palavras (como, por exemplo, a substituição dos ditongos *ão* por *aum*);
- ⇒ **GRAMÁTICA**: omissão de pronomes/artigos/preposições, omissão do pronome sujeito;
- ⇒ **SIMBOLOS GRÁFICOS** (não alfabéticos): emoticons, smileys, asteriscos, símbolos que substituem palavras (emprego de numerais, por exemplo);
- ⇒ **LEXICO**: uso de expressões coloquiais (dialecto, gíria, jargão, etc), repetição de palavras e expressões, introdução de algumas palavras em línguas estrangeiras, sobretudo inglês;

<sup>209</sup> Mais adiante abordaremos este aspecto, quando falarmos do uso que os adolescentes fazem destas formas de CMC.

<sup>210</sup> Todos estes dados foram compilados a partir das leituras feitas de SEGERSTAD (2002), SANTOS (2003), THURLOW (2003), MARCUSCHI (2002) e BENEDITO (2003<sup>a</sup> e 2003<sup>b</sup>), bem como a partir das observações feitas de textos de “chatês” recolhidos ao longo deste estudo.

<sup>211</sup> Todavia, tanto THURLOW (2003) como SANTOS (2003) salientam o facto de não existirem tantas abreviaturas nos *corpus* por si analisadas, quantas inicialmente julgavam poder existir, tendo em consideração aquilo que popularmente e vulgarmente se afirma sobre o uso da linguagem nos MCM.



- ⇒ **PROSÓDIA**: ausência de recursos prosódicos (acentos gráficos, ritmo, intensidade, intonação, pausas, pronúncia) e tentativa de substituição dos mesmos através de recursos não convencionais (maiúsculas para indicar o grito, por exemplo), marcação por escrito de recursos para linguísticos (onomatopeias, riso), uso de marcadores conversacionais, uso da letra *H* para acentuar sílabas tónicas;
- ⇒ **TEMPO DE PRODUÇÃO**: No que diz respeito ao MSN, conversa em tempo real entre interlocutores espacialmente distantes, tornando-os ambos co-produtores do texto, a planificação/execução do que se vai escrever dá-se em simultâneo, o tempo de produção da escrita é mais lento que o da produção oral, dá-se a passagem/tomada de turnos;
- ⇒ **ESTILO**: Informal, sendo livres os temas abordados.

Vejamos alguns exemplos extraídos das “conversas” observadas no decurso deste trabalho<sup>212</sup>:

#### Quadro resumo das características linguísticas do “chatês”

<b>PONTUAÇÃO</b>	Exagero/Repetição	09-12-2005 14:31:22 (L)S M - dcpa n tar sempre a teclar m tenho k ir fazendo outras koisas!!!!!!..... 14:31:44 s - até já 14:56:44 s - eu só dou bjkas..... nada de pedras!!!!!!
	Omissão	[00:50:27] M: tou de ferias [00:50:31] M: um mes [00:50:34] M: julho [00:50:53] *D1zZy* » te: txxii [00:50:55] *D1zZy* » te: k sort [00:50:57] *D1zZy* » te: bem vo durmir 😊
<b>ORTOGRAFIA</b>	Abreviaturas (convencionais e não convencionais)	A 5 Feb 2006 (telemóvel) - Stora dsk n ter avisado antes, mx j n vai ser no café inglês, pr varias razoes k lgo xplicamx. D kker modo e as 8h num restaurante, k já lhe digo kal e kndo m cnfirmarem d vez o local. S poder avse o prof.G, pa ele ir tb. Nos n tmx o numero dele. Bjinho te já!
	Uso de maiúsculas ou de apenas minúsculas	C, 15 Mar 2006 (telemóvel)- O SOL NÃO .   / -( “ , )- /   ‘ BRILHARIA O MAR NÃO SERIA AZUL - - - -

<sup>212</sup> Mais uma vez se refere que os participantes nessas conversas deram o seu assentimento a que os registos das mesmas fossem utilizados. Ainda assim, teve-se o cuidado de omitir elementos que pudessem identificar, de algum modo, os interlocutores (por exemplo: *nick names* demasiado explícitos, que fizessem uso do nome próprio da pessoa em causa).

		<p>EU NÃO SERIA FELIZ</p> <p><b>09-12-2005 14:57:55 (L)S M</b> - quem disse o teu príncipe deve andar á tua procura e não acha o caminho....rrrs</p> <p><b>14:58:50 s</b> - coitado do príncipe..... não conhece os modernos meios de comunicação, sinalização, gps; gsm sms; msn:::.....]</p>
	Palavras curtas (introdução de acrónimos e siglas)	<b>Dark_1989 em 12:22 PM</b> - eu n tenho probs de comida lolol... tenho é fome lololol
	Uso de consoantes e repetição/extensão de vogais	<b>edarf em setembro 23, 2004 11:08 PM</b> - lindaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa adoro-te
	Escrita que reproduz o som das palavras	<p><b>[22:56:16] Đj d1zZy » S:</b> entaum n ias ao rock in rio lg hj?</p> <p><b>[22:56:45] Đj d1zZy » S:</b> eu afinal n vou</p> <p><b>[22:56:50] Đj d1zZy » S:</b> vou ao super bock super rock</p> <p><b>[22:56:55] Đj d1zZy » S:</b> vais ver k xpetakulo?</p> <p><b>[00:50:12] *Đ1zZy* » te:</b> entaum.. ainda em aulas, ne? :S</p> <p><b>[00:50:22] Mariana:</b> naum</p> <p><b>[00:50:25] *Đ1zZy* » te:</b> entaum?</p> <p><b>[00:50:27] Mariana:</b> tou de ferias</p> <p><b>P 9 Fev 2006 (telemóvel)</b></p> <p>kria k soubexa k gosto mto d si e cntinuo a expera d entrar e a ver na sua cadeira cm o seu xá. Ms se ixo n acontecer, estará na msm pra sp n meu coraxao. Obrigada por todo. 1grand bj da aluna, sp amiga, P. N se exkexa k n a esqueço... Nunca...</p>
<b>GRAMÁTICA</b>	Omissão de pronomes/artigos/preposições	<p><b>09-12-2005 14:51:08 s</b> - hoje so troco letras.....</p> <p><b>14:51:34 s</b> - mando-te agora</p> <p><b>14:51:55 s envia documento</b></p> <p><b>14:52:21 s</b> - tens de aceitar</p> <p><b>14:53:07 s</b> - ok chegou ebm?</p>
<b>SIMBOLOS GRÁFICOS</b>	Emoticons e Smileys	<p><b>19-12-2005 12:17:49 ~ jiru</b> - mas sem net trabalha-se + ;)</p> <p><b>12:18:19 s</b> - nem por isso.....:) n tou td tempo na converseta</p> <p><b>12:18:44 s</b> - ixto e 1 pausa p o cha.....)</p> <p><b>[20:22:45] r1tAh » "l'm:</b> oix</p> <p><b>[20:22:52] r1tAh » "l'm:</b> td e ctg?! </p> <p><b>[20:23:14] :\$.*. [s@ndr:</b> tb</p> <p><b>[20:23:21] :\$.*. [s@ndr:</b> tao hj foste á praia?</p> <p><b>[20:23:27] r1tAh » "l'm:</b> nao </p>
	Asteriscos	<p><b>[00:12:00] :(*.*. [S@nDr:</b> olá nina*****</p> <p><b>Dark_1989 em 12:22 PM</b> - E ve-la se kando vieres ca... me traxes uma prenda =)*****</p>
	Símbolos que substituem palavras	<p><b>19-12-2005 12:16:41 s</b> - tens reuniões hoje?</p> <p><b>12:16:46 ~ jiru</b> - leva o portátil atrás...</p> <p><b>12:16:56 ~ jiru</b> - já tive de manhã 2 e tenho + 1 as 14</p>
<b>LEXICO</b>	Expressões coloquiais (dialeto, gíria, jargão, etc)	<p><b>17:50:52] r1tAh * flna:</b> yah..</p> <p><b>[17:50:54] r1tAh * flna:</b> tu tb éx fixe..</p> <p><b>[17:51:05] guanamar9:</b> bgada</p>

		<p>[17:51:29] r1tAh * flna: ants kdo havia klake [17:51:33] r1tAh * flna: sp se falava uma beka</p>
	Repetição de palavras e expressões	<p>[20:23:30] r1tAh » "l'm: vou amanha.. e tu?! [20:23:34] :\$.*. [s@ndr: eu fui [20:23:39] :\$.*. [s@ndr: fui ai a armaçao [20:23:45] r1tAh » "l'm: yah [20:24:12] r1tAh » "l'm: eu n fui.. a amiga minha n pode ir [20:24:16] r1tAh » "l'm: 😞😞</p> <p><b>P, setembro 18, 2004 11:43 PM</b> - ja vi k estas bem inspirada...tas apaixonada ja vi...e pena k nao seja por mim..</p> <p><b>janeiro 6, 2005 08:16 PM</b> - nao nao nao nao!!! n podés acabar com o "apetece me dizer mal"...</p>
	Uso de palavras estrangeiras	<p>[00:45:29] *Đ1zZy* » te: ok.. 😞 [00:45:43] *Đ1zZy* » te: entaum e jah tax a preparar o teu birthday?</p> <p><b>P, setembro 18, 2004 11:43 PM</b> - lol...kidding....parabens o poema ta bue louco</p>
<b>PROSÓDIA</b>	Ausência de recursos prosódicos (acentos gráficos, ritmo, intensidade, intonação, pausas, pronúncia)	<p><b>site da ESS a 14/02/2006</b> - entao mx k é isto?? anda aki um gajo a trabalhar para dp gastar dinheiro em tinteiros para a impressora??? axim nao da...kem paga ixo no fim do mes???</p>
	Substituição dos recursos prosódicos por outros não convencionais	<p><b>c em janeiro 24, 2005 06:25 PM</b> - mas sendo assim aposto k andas super stressado por n libertares toda a tua raiva principalmente agora kom toda esta merda das eleicoes...Al K RAIVA!!!</p>
	Marcação escrita de recursos para-linguísticos	<p><b>19-12-2005 12:19:05 ~ jiru</b> - hmm.. chá <b>12:19:27 ~ jiru</b> - eu já fazia era uma pausa para o almoço</p> <p>[00:50:27] M: tou de ferias [00:50:31] M: um mes [00:50:34] M: julho [00:50:53] *Đ1zZy* » te: txxii [00:50:55] *Đ1zZy* » te: k sort</p> <p><b>c^^ janeiro 6, 2005 08:11 PM</b> - MAIS UM DETERGENTE D SABAO NATURAL grrrr!! mas s o pior fosse isso...</p>
	Marcadores conversacionais	<p>[00:50:12] *Đ1zZy* » te: entaum.. ainda em aulas, ne? :S [00:50:22] M: naum [00:50:25] *Đ1zZy* » te: entaum? [00:50:27] M: tou de ferias</p>
	Letra H acentua sílabas tónicas	<p><b>site da ESS a 14/02/2006</b> - opah isto nao se fax a ninguem!!!!</p> <p><b>setembro 9, 2004 11:50 PM</b> - bjuh Enviado por Nês</p>
<b>TEMPO DE PRODUÇÃO</b>	Passagem/tomada de turnos	<p><b>03-12-2005 12:08:24 s</b> - :( bom dia! :) tas melhor? <b>12:09:03</b> :( - +- <b>12:09:17</b> :( - acordei à coisa de 15 minutos <b>12:09:39 s</b> - eu tou a pé desde as .....7h!!!!</p>
<b>ESTILO</b>	Informal	<p><b>21-01-2006 14:36:18 s</b> - voltei</p>

	<p>14:36:50 ~ jiru .. :( - ok  14:36:57 ~ jiru .. :( - enviei-te um mail interessante  14:37:03 s - vou ver  14:39:03 s - eu tb quero um emprego desses!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!  14:39:10 ~ jiru .. :( - eu tb</p> <p>[00:12:40] :(*.*.[S@nDr: yah eu vi-te  [00:12:41] :(*.*.[S@nDr: lolol  [00:12:50] Đj d1zZy » F: lool.. eras tu axim kom uma saia tipu.. verde tropa?  [00:13:05] :(*.*.[S@nDr: yah era</p>
--	--

### 5.3 – LÍNGUA DE/EM/NA ESPECIALIDADE

Como nos explicou o Sr. Professor Doutor Célio Conceição durante o Seminário de Linguística Portuguesa leccionado na parte curricular deste Mestrado, todos nós usamos determinadas palavras na nossa vida diária, que só fazem sentido num determinado contexto e ditas a determinados interlocutores, pois elas veiculam «conceitos que remetem para significados específicos de uma determinada área»<sup>213</sup>. São os chamados *termos*, que integram o «conjunto de recursos linguísticos de uma determinada língua, usados no âmbito de um domínio de saber ou de uma esfera de actividade», ou seja, a língua de/em/na especialidade.

No caso desta forma específica de comunicação, atrever-me-ia a dizer que suspeito existirem ou poderem vir a existir termos e que isso vai sendo notório, nomeadamente pelo facto de já surgirem dicionários específicos para ela<sup>214</sup>. No entanto, esta é uma afirmação que resulta somente de uma observação empírica e não de um estudo sistemático, que não houve tempo de realizar para este trabalho (que, aliás, não pretendia aprofundar demasiado esta temática). Todavia, essa observação permite afirmar que palavras como “viajar”, “clicar”, “navegar”, “sítio”, “blogue”, “gifmania”, “hipertexto”, “emoticom”, “smiley”, “página”, “sítio”, “ícone”, “botão”, “interface”, entre muitas outras, fazem parte do vocabulário que cada vez mais tem de ser dominado por quem usa um computador e que têm, naturalmente, um significado muito próprio

<sup>213</sup> Estou a citar o Sr. Professor Doutor Manuel Célio Conceição, quando, na aula de 29/05/2004 do Seminário de Linguística Portuguesa, nos explicou o que eram *termos* e quais as particularidades da *língua de/em/na especialidade*.

<sup>214</sup> Como aqueles que foram mencionados na Bibliografia, compilados por Joviana Benedito. Mas existem outros, nomeadamente em sítios na Internet (basta fazer uma pequena pesquisa num motor de busca para nos depararmos com alguns exemplos, ainda que não com a qualidade ou sistematização dos compilados por esta autora). Para além disso, diversos autores de outras línguas têm feito trabalhos semelhantes ao desenvolvido por Joviana Benedito, como é o caso de obras publicadas pela Editora Inglesa Michael O’Mara (por exemplo: 2003, *Ltle Bk of Txt Msgs* e *Ltle Bk of Luv Txt*) ou pela Editora Buster Books (2002, *The Wicked Book of Txt Tlk*) e pela Editora Collins (2005, *Texting Dictionary*).

nos domínios de saber relacionados com esta área (por exemplo, “viajar” significará entrar na Internet e percorrer os diferentes sítios que aí existem, andar de “página” em “página” de hipertexto). A palavra “teclar” já poderá estar ligada, também, ao uso do telemóvel e representa uma outra característica importante, julgo eu, no que diz respeito a estas novas formas de comunicar: o aparecimento de neologismos (palavras novas) e estrangeirismos (palavras importadas de outras línguas)<sup>215</sup>. Este aspecto reflecte a capacidade que as línguas têm de se adaptarem e de continuarem vivas, a sua dinâmica, tal como defende SEGERSTAD (2002) em toda a sua obra. Celeste ARAÚJO (2003), num artigo escrito no jornal *Público*<sup>216</sup>, dizia:

Todos os especialistas partem da mesma ideia: a língua é um organismo vivo, em constante movimento. "É porque muda que a língua funciona", diz Paulo Osório, professor da Universidade da Covilhã. "Uma língua fechada, sem contacto, é uma língua local e regional e por isso vulnerável", diz Fernando Gonçalves, tradutor e professor na Universidade de Coimbra. "Entrar a fundo numa língua implica sempre sair dela", continua Gonçalves, explicando que os estrangeirismos vindos do francês (como dossiê), castelhano (como ampulheta), ou árabe (alguidar), enriqueceram o português. "O que muda actualmente é que as diferenças fonéticas e da estrutura gramatical entre o português e o inglês tornam o processo visível", diz Ivo Castro.

Também não é de deixar de lado a questão dos regionalismos e da intertextualidade. As expressões que revelam variações geográficas da língua também surgem neste novo tipo de comunicação. Vejamos o exemplo da introdução e simplificação do regionalismo algarvio “Que jeito”:

T: (L)A: parece me k o A anda apaixonado? (*trad.*: Parece-me que o A anda apaixonado?)

T: (L)A: lol (*trad.*: *Laughing out loud*; Rir às gargalhadas.)

T: (L)A: lol

A\_S: lool (*trad.*: Rir também.)

A\_S: kjeites (*trad.*: Que jeito!)

<sup>215</sup> Muitas expressões usadas pelos utilizadores do SMS, Chats e MSN são directamente importadas de idiomas estrangeiros, quase todas elas provenientes do Inglês, como é o caso de *NP* – *no problem*, não há problema; *ppl* – *people*, as pessoas, os indivíduos; *okay* – estar de acordo; *mail* – endereço; *site* – sítio. J. Benedito diz a propósito (2003d: 16): «A partir dos vocábulos de referência há uma imensa lista de formação de palavras, frases e expressões que são de uso comum dos internautas (...) Para além dos neologismos, em grande parte, na língua de origem, como os vocábulos cracker, hacker, nerd, geek, etc., há ainda o jargão próprio do meio e os hábitos linguísticos dos seus utilizadores.»

<sup>216</sup> ARAÚJO, Celeste, 2003, "*Sandwich*" *Ou Sandes? Não É Essa a Questão*, Domingo, 11 de Maio de 2003, Lisboa: Público, <http://www.fcsh.unl.pt/deap/sandwich.doc>. (consultado a 09/07/04).

Marcas intertextuais<sup>217</sup> também estão constantemente presentes. Atente-se em mais um exemplo:

- T: (L)A: então cm foi o teste de kimica? (*trad.*: Então, como foi o teste de Química?)  
(i)A\_S: lol (*trad.*: *Laughing out loud*; Rir às gargalhadas.)  
(i)A\_S: foi fácil (*trad.*: Foi fácil ...)  
(i)A\_S: por acaso n é mto difícil (*trad.*: ... Por acaso, não é muito difícil ...)  
(i)A\_S: penso eu de que (*trad.*: “Penso eu de que” – referência clara a uma expressão utilizada no programa televisivo *Contra Informação* e atribuída à personagem/boneco que caricaturiza o Presidente do Futebol Clube do Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa.)

Esta será uma área de investigação em que, de futuro, se poderá apostar, observando e reunindo *corpus* de análise extensos, que permitam identificar de forma sistemática e metodologicamente correcta os novos termos, para que os mesmos sejam compilados e entendidos correctamente por todos os falantes do português e, em particular, pelos utilizadores destes media.

---

<sup>217</sup> Maria Alzira SEIXO (1977:16), tal como já foi referido no Capítulo onde se abordaram as questões relacionadas com a metodologia empregue neste trabalho, define Intertextualidade como uma forma de, conscientemente e ao nível das mais diversas manifestações sociais, introduzir/absorver «textos anteriores», ou seja, é o conjunto de relações que um texto pode estabelecer com outros. Júlia Kristeva falava num “mosaico de citações”, em que os textos a que acedemos são transformados/ enformados por outros previamente lidos pelo seu Autor e pelo contexto social em que o mesmo se encaixa. São, também, trabalhados por nós, que temos a liberdade de seguir um caminho próprio, definido individualmente e que nos pode levar a cruzar um texto com outro.

## 6 – Uso destes Códigos

### 6.1 – PERFIL DO UTILIZADOR

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo e, de modo particularmente acelerado nos últimos 30 anos, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte de forma mais intensa da vida das pessoas e do cotidiano das instituições. Certamente, tudo isso tem contribuído para tornar as sociedades letradas cada vez mais complexas.

MARCUSCHI, Luís Antônio e XAVIER, Antônio Carlos, 2005, *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, <http://www.lucerna.com.br/downloads/8586930369.pdf> (consultado a 29/07/2006)<sup>218</sup>.

Quem usa, afinal, este tipo de comunicação?

Tentar-se-á, a partir de agora, traçar um perfil dos utilizadores portugueses desta forma de comunicação, feita com base em diversos tipos de dados:

- Na entrevistas mencionadas no Capítulo 2 deste trabalho (a alunos e professores);
- Nas discussões tidas com os diversos *Focus Groups* criados para esta investigação;
- Nos dados recolhidos em diversos artigos publicados nos órgãos de Comunicação Social portugueses (Jornais, revistas, sítios da Internet, que se referenciam na Bibliografia deste trabalho);
- Nos dados fornecidos pela TMN e pela Optimus através de contactos via e-mail;
- Nos dados constantes do estudo *Mediappo* (2006), no qual se inclui o “Relatório Final Europeu” e a “Síntese Portuguesa”<sup>219</sup> –

<sup>218</sup> Luís Antônio Marcuschi é Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil, tal como Antônio Carlos Xavier. O primeiro já foi citado e mencionado no Capítulo anterior deste trabalho. O segundo é doutorado em Linguística pela UNICAMP e Mestre em Letras e Linguística pela UFPE, onde ministra aulas nos cursos de graduação e pós-graduação [dados recolhidos a partir dos sítios <http://www.lucerna.com.br/downloads/8586930369.pdf> e <http://www.ufpe.br/>, consultados a 29/07/2006].

esta última realizada por Vítor Reia BAPTISTA, Neuza BALTAZAR e Samantha MENDES (2006) –, que se referenciam na Bibliografia deste trabalho;

- Dados constantes do estudo levado a cabo por Amanda LENHART, Mary MADDEN e Paul HITLIN (2005) para a Pew Internet & American Life Project.

O estudo efectuado nos EUA por LENHART, MADDEN e HITLIN (2005) para a Pew Internet & American Life Project<sup>220</sup> revela que cerca de 87% dos adolescentes americanos entre os 12 e os 17 anos usam regularmente a Internet e 51% usa-a diariamente. No que diz respeito ao uso de programas de *Instant Messaging* (como o MSN), 75% dos adolescentes usam-nos e 45% fazem-no pelo menos uma vez por dia, sendo esta a forma preferida por 24% deles para comunicar com os amigos.

Outro aspecto curioso tem a ver com o facto de os alunos do *6th Grade* (equivalente ao 6º ano do sistema de ensino português, ou seja, estudantes na faixa etária dos 11 aos 13 anos) serem aqueles que começam a revelar verdadeiro interesse por experimentarem o uso da Internet e esse interesse vai aumentando exponencialmente e regularmente até ao final do ensino (*11th/12th Grades*), o que não deixa de ser interessante, já que veremos, mais adiante, que no que toca à posse/utilização de telemóveis, em Portugal a percentagem de utilizadores também vai progredindo com o avanço da faixa etária dos estudantes.

Relativamente aos utilizadores do telemóvel, o mesmo estudo mostra que 45% dos adolescentes têm telemóvel e 33% recorre ao “chatês” (*texting*) para enviar mensagens SMS, salientando, mesmo, que esses jovens que usam mais frequentemente o SMS utilizam regularmente a Internet e outras ferramentas. Também os que já usam o computador, a Internet e os diversos serviços disponibilizados *on-line* são maiores produtores de SMS. Curiosamente, também uma investigação levada a cabo na Noruega

---

<sup>219</sup> Esta “Síntese Portuguesa” foi consultada em duas versões: a versão disponibilizada em CD-Rom pelo próprio projecto Mediappro, com o título “National Results: Portugal” (2006<sup>b</sup>) e a versão em papel, que tem como título “Apropriações dos Novos Media – Jovens Europeus dos 12 aos 18 anos” (2006<sup>c</sup>) e que me foi fornecida pela investigadora Neuza Baltazar.

<sup>220</sup> Este projecto é um dos que o Pew Research Center apoia e financia. Este Centro americano de investigação e sondagens realiza estudos de interesse social e é considerado uma espécie de instituição de interesse público nos EUA, uma fundação que se dedica a actividades de beneficência [dados recolhidos a partir dos sítios <http://pewresearch.org/about/> e <http://www.pewinternet.org/>, consultados a 14/08/2006].

por Berit SKOG (KATZ e AAKHUS, 2003: 265 e 269)<sup>221</sup>, com o título “Mobiles and Norwegian Teen: Identity, Gender and Class”, apresenta dados que comprovam esta ideia, nomeadamente, que 48% dos possuidores adolescentes de telemóvel usam a Internet, contra, apenas, 43% dos que não possuem este aparelho.

Na Europa, segundo dados apurados pelo estudo *Mediapro*<sup>222</sup>, levado a efeito por instituições Universitárias de nove países, entre eles Portugal (através do Centro de Investigação em Comunicação Social – CICCUM, da Universidade do Algarve), nove em cada dez jovens utilizam regularmente a Internet, sendo que 96% dos jovens portugueses já a utilizou (BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES, 2006<sup>c</sup>: 8).

Também a percentagem dos utilizadores de programas de *Instant Messaging* é elevada: sete em cada dez jovens europeus recorrem a estes serviços e 77% dos jovens portugueses também o faz (44% refere mesmo usar o MSN), colocando o país no 4º lugar entre os nove que participaram neste estudo.

No que toca ao uso do telemóvel, em Portugal 93% dos jovens tem um destes aparelhos e os mesmos 93% afirmam enviar SMS's. O “chatês” é usado com muita frequência («very often») por 36% dos jovens europeus e com frequência («often») por 20% (*Meddiapro*, 2006: 12).

Curiosamente, todos os entrevistados ouvidos para a realização desta dissertação também afirmam serem os mais novos, os jovens, aqueles que mais utilizam/recorrem a estas formas de comunicar.

Essa adesão será motivada por vários factores, alguns deles explicadas pelos meus entrevistados de faixa etária mais baixa (alunos). A facilidade de adaptação às novidades é uma das razões que levará os mais novos a experimentar e usar este tipo de comunicação, já que «os jovens são a classe etária que mais uso dão a algumas tecnologias e se adaptam, por vezes, um pouco melhor que os adultos», como explica o **Entrevistado 1**, de 17 anos, aluno do 11º Ano (Curso Científico-Natural)<sup>223</sup>. A **Entrevistada 4**, de 17 anos, aluna do 12º Ano, também destaca o facto de os jovens terem «mais facilidade a lidar com “as novas tecnologias”» e de terem «acesso a telemóveis/computadores/Internet». A **Entrevistada 5**, de 17 anos, aluna do 12º Ano

---

<sup>221</sup> Esta investigadora, tal como todos os outros citados a partir da obra de KATZ e AAKHUS (2003) são reconhecidos cientistas, com trabalhos publicados e cujos *Curricula* são reproduzidos nessa mesma obra. Neste caso particular, a investigadora é docente da Norwegian University of Science and Technology, em Trondheim.

<sup>222</sup> Este estudo abrange, ainda, a situação do Canadá, que resumindo

<sup>223</sup> Todas as citações relativas aos Entrevistados são retiradas das entrevistas feitas a professores e alunos, tal como se indica no Capítulo 2 deste trabalho e as suas transcrições integrais podem ser vistas no Apêndice C, “Entrevistas”.

confirma a ideia, salientando que os jovens «estão numa fase de “descoberta” da vida» e que «[à] medida que a idade avança (...) as pessoas perdem esse interesse»

Indicar as idades em que há mais utilizadores já se torna mais complexo, embora a faixa etária compreendida entre os 12 e os 26 anos seja a mais referida e existam, apenas, pequenas variações nas idades mínimas e máximas apontadas como sendo as que mais recorrem aos Chats, SMS e MSN (Apêndice C, “Entrevistas”, questão nº3). O **Entrevistado 2**, também de 17 anos, mas a terminar o 12º Ano na área de Informática, considera que é entre «os 12 e os 26 anos» que se está mais preso a este tipo de comunicação e justifica:

A indicada faixa etária é a que vejo como fase em que os jovens sentem uma maior necessidade de estar em constante comunicação com as pessoas que lhes são mais próximas e também pelo seu estilo de vida, nessa fase, reunir as condições em termos de tempo e responsabilidades para passar algumas horas em frente ao monitor a falar com *o ppl* [*people – acrónimo usado comumente pelos utilizadores do “chatês”, que indica “os outros”*]. Penso que a utilização dos vários serviços de mensagens é mais notória na fase do 2º e 3º ciclos e ensino secundário, visto na fase posterior ao secundário ser cada vez mais complicado arranjar tempo para os Chats e estes deixarem de ter a importância que haviam tido.

A **Entrevistada 9**, de 23 anos, a terminar a licenciatura em Ciências da Comunicação, tem uma visão ligeiramente diferente:

Na minha opinião, são os jovens e adultos (diria dos 14 aos 35 anos) quem mais utiliza esses serviços. Todavia, muitas são as pessoas de uma faixa etária superior a aderirem a esses mesmos serviços e por diversos motivos – entretenimento, curiosidade ou trabalho. Deste modo, considero ser difícil indicar como dado exacto a idade das pessoas que usufruem dos mesmos.

Tanto homens como mulheres usam os *Chats*, SMS e MSN, mas a **Entrevistada 9** acha que «os homens são mais dependentes do computador do que a mulher» e que, por isso, os usam «com maior frequência que a mulher». Ao contrário, a **Entrevistada 3**, de 17 anos, a terminar o 12º Ano, entende serem as mulheres («raparigas») quem mais usa estes media.

A formação académica também não é relevante no que toca a este tipo de comunicação, pelo menos de acordo com os participantes nesta investigação<sup>224</sup>: ela é

<sup>224</sup> SKOG (KATZ e AAKHUS, 2003: 267) sugere algo diferente, que, todavia, não há forma de comprovar, já que o estudo que agora se apresenta não abordou esta temática. Este autor menciona haver na Noruega (seu país de origem)

fácil de usar, é económica, não exige grande preparação e treino (como, aliás, veremos mais adiante), o que leva a que qualquer pessoa a possa experimentar. Ainda assim, o **Entrevistado 2** afirma: «A utilização destes meios de comunicação está directamente associada aos grandes centros populacionais e ao desenvolvimento tecnológico que nestes se verifica» e as **Entrevistadas 3 e 4** defendem existirem mais utilizadores nas regiões do Litoral/Sul e nas grandes cidades. Já a **Entrevistada 6**, de 18 anos, a terminar o 12º Ano, considera que tanto rapazes como raparigas recorrem a estes serviços, «independentemente da formação académica ou localização geográfica, desde que possuam uma condição financeira que lhes permita ter um PC e pagar uma ligação telefónica». Esta ideia também é defendida pelo **Entrevistado 7**, de 18 anos, a terminar o 12º Ano, que destaca a necessidade de verbas, porque, afirma, «para poder “teclar” na Internet é preciso ter um computador e ter Internet e nem todos os pais têm possibilidades económicas para tal».

Pode-se, pois, efectuar um resumo das características referidas pelos entrevistados do Grupo composto por alunos, como sendo as que definem um “utilizador regular” dos *Chats*, MSN e SMS:

---

uma percentagem maior de possuidores adolescentes de telemóvel nas famílias de classe média ou baixa, em que os progenitores são trabalhadores pouco qualificados, do que em famílias onde os pais trabalham em “serviços” («service-class parents»), o que lhe permite concluir que o telemóvel constitui, de algum modo, um “capital simbólico” de status e honra.

### Características dos utilizadores de “chatês” mencionadas pelos entrevistados/alunos

CARACTERÍSTICAS DOS UTILIZADORES REFERIDAS PELOS ENTREVISTADOS						
ENTREVISTADO	IDADE	SEXO	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	CONDIÇÃO SOCIO-ECONÓMICA	NÍVEL ACADÉMICO	CONHECIMENTOS/ DOMÍNIO DA TECNOLOGIA
1, 2, 4, 6	12-26 anos	M/F	Grandes centros urbanos, Litoral	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>
3	15-20	M/F - <i>mais o F</i>	Litoral/Sul	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>	São necessários
6, 7	12-26 anos	M/F	Todo o território nacional	Que permita ter PC e ligação à Internet	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>
8	12-26 anos	M/F	Todo o território nacional	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>
9	14-35 anos	M/F - <i>mais o M</i>	<i>Não refere</i>	<i>Não refere</i>	Qualquer	<i>Não refere</i>

Assim, se tivéssemos de traçar um perfil do utilizador do “chatês” a partir do que nos foi transmitido por estes entrevistados, poderíamos chegar ao seguinte resultado:

- . Terá entre os **12 e os 26 anos** (predominantemente, embora possam surgir utilizadores de faixas etárias diferentes);
- . Poderá ser do **sexo feminino ou masculino**;
- . Estará em **qualquer ponto do território nacional**, mas **com tendência a concentrar-se em maior número nas áreas urbanas** (que no nosso país existem em maior quantidade no Litoral);
- . **Não necessita de uma formação académica especial**;
- . Terá de possuir uma **condição económica que lhe permita suportar os custos de aquisição de um PC e uma ligação à Internet**.

Não existem muitos estudos científicos disponíveis especificamente relacionados com este tema<sup>225</sup>. No que toca à utilização de Telemóveis/SMS, as próprias Operadoras Móveis Portuguesas devem ter dificuldades em obter dados, já que grande parte dos seus clientes utilizam os serviços pré-pagos/carregamento, o que não lhes permite ter o controlo absoluto das informações relativas a cada utilizador, como me foi explicado (por *e-mail*) por Filipe Barbosa Múrias, responsável pela equipa de certificação de terminais da Optimus e por Susana Resende, do Departamento e Comunicação Institucional da TMN (empresas de comunicações móveis portuguesas). Todavia, num documento que me foi fornecido pela própria TMN (através da pessoa mencionada anteriormente) faz-se referência a um perfil dos maiores utilizadores de SMS<sup>226</sup>:

Podemos adiantar que até 2002, considerávamos clientes “heavy users” do serviço de mensagens escritas da TMN essencialmente jovens, adolescentes, destacando-se as mulheres mais jovens e estudantes. A seguir a este segmento, destaca-se a faixa etária dos 25 anos aos 35 anos, sobretudo nas zonas urbanas.

Este perfil parece ser confirmado pelos dados obtidos por BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES (2006<sup>a, b e c</sup>) que foram anteriormente relatados (C.f., igualmente, com a nota de rodapé nº227).

O pormenor de serem mais as mulheres a enviarem SMS's é confirmado por um estudo levado a cabo pela Multidados em parceria com a Mobyte Soft Systems e noticiados em diversos órgãos de imprensa nacionais<sup>227</sup> e que salienta serem as mulheres entre os 26 e os 34 anos quem mais escreve e envia SMS's<sup>228</sup>, como é relatado no artigo publicado no sítio da RTP (s.a., 2004):

Quanto ao perfil dos utilizadores, o estudo permite concluir que a maior parte são do sexo feminino (53,1 por cento), tem entre 26 e 34 anos (40,7 por cento), são estudantes (30 por cento) e vivem na região da Grande Lisboa (30,4 por cento).

---

<sup>225</sup> Pelo menos que eu conheça e que se refiram especificamente à situação portuguesa, a não ser os mencionados neste trabalho e, mais especificamente, no início deste Capítulo.

<sup>226</sup> Susana Resende considera que estes dados, ainda que relativos a 2002, estão, ainda, actualizados. O documento enviado por esta funcionária da TNM não tem indicações bibliográficas, mas é uma entrevista a um alto responsável desta empresa, que será incluída nos anexos deste trabalho, com a indicação de ter sido fornecida pela própria TMN, merecendo, por essa razão, credibilidade suficiente para que os dados que inclui sejam mencionados neste trabalho.

<sup>227</sup> Este estudo não está, todavia, disponível para consulta, pelo que os dados mencionados são os que se compilaram através das leituras dos citados artigos de imprensa, que são mencionados na Bibliografia deste trabalho e constam dos seus anexos, nomeadamente os que foram retirados do *Jornal de Notícias*, *TVI*, *RTP*, *Semana Informática*, *Diário de Notícias*, *Sapo.pt*, *Agência Lusa*, *Diário dos Açores*, *telemóveis.com*, *Observatório da Sociedade da Informação e Conhecimento*.

<sup>228</sup> Interessante é o facto de no estudo de LENHART, MADDEN e HITLIN (2005: 05) também se mencionar o facto de as raparigas adolescentes serem mais hábeis e mais propensas à utilização da Internet e ao envio de SMS's.

Este facto é bastante interessante e poderá ter uma relação directa com o que SKOG (KATZ e AAKHUS, 2003: 268) refere no seu estudo: que tanto o telemóvel, como o computador não são tecnologias associadas ao uso dos músculos (ou seja, da força bruta), à destreza manual e aos ambientes exclusivamente masculinos, pelo que as mulheres desenvolveram competências e conhecimentos que lhes permitem ocupar estes lugares nas estatísticas dos utilizadores. Aliás, o mesmo investigador refere que 75% das raparigas norueguesas considera que a possibilidade de enviar SMS é um dos “factores importantes” no uso dos telefones móveis (SKOG in KATZ e AAKHUS, 2003: 262), contra, apenas 62% dos rapazes.

Igualmente, a ideia de que é no Litoral e zonas urbanas que se concentra a maioria dos utilizados do “chatês” pode estar correcta, se tivermos em consideração dados do mesmo estudo, mencionados num artigo publicado na *Semana Informática* (DÂMASO, 2005):

A maioria dos utilizadores (30,4%) pertence à região da Grande Lisboa, 21,7% ao litoral, 20,1% à região do Grande Porto, enquanto 10,3% habitam no interior Norte, 8,1% no litoral centro, 7,5% na zona Sul e 1,9% nas ilhas.

Acredito, ainda, que, apesar de serem as pessoas entre os 26 e os 34 anos (logo seguidos dos que têm entre 19 e 25 anos) que mais usam telemóvel<sup>229</sup>, a idade mínima dos utilizadores de “chatês”, nomeadamente a que foi apontada pelas pessoas entrevistadas para este trabalho – 12 anos –, terá, a médio prazo, tendência a descer. Faço esta afirmação com base no seguinte facto: desde Fevereiro de 2006 que exerço funções de Técnica Superior na Câmara Municipal de Silves, sendo responsável pelo Sector de Juventude desta Autarquia; nessa qualidade, tenho a responsabilidade de orientar/controlar um Espaço Internet, que está diariamente aberto ao público e permite a utilização gratuita da rede a todos os que por ali passarem. Tenho, por isso, observado o tipo de população que procura este serviço e posso afirmar que os dados de que disponho (embora não tratados estatística/cientificamente) apontam para a existência de um grupo cada vez mais significativo de crianças (na casa dos 8-10 anos) a utilizarem, nomeadamente, o MSN.

---

<sup>229</sup> Dados do estudo levado a cabo pela Multidados em parceria com a Mobysoft Systems, mencionado anteriormente e que podem ser corroborados pelo facto de aumentar a percentagem de possuidores destes aparelhos à medida que a faixa etária sobe, como se relata em BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES (2006), ao afirmar-se que entre os 11-13 anos 88% dos jovens tem telemóvel; entre os 14-16 anos 94% tem telemóvel e entre os 17-19 anos 97% tem telemóvel e tendo em consideração que a taxa de penetração no final do quarto trimestre de 2005 era de 108,7%, segundo dados disponibilizados pela ANACOM (que se incluem na Introdução deste trabalho).

## 6.2 – APRENDIZAGEM E REGRAS DO “CHATÊS”

Aprender a usar este tipo de código não é algo institucionalizado, como aprender a usar a língua materna, ou seja, ninguém vai à escola, nem há profissionais especializados e treinados para transmitir esses conhecimentos, como é o caso dos professores de línguas. «Aprende-se com a prática, não é preciso decorar nada», dizia o **Entrevistado 1**. A experiência e o contacto com o grupo de amigos que já é utilizador deste tipo de comunicação é determinante, até porque o factor integração é muito relevante (como se poderá ver mais adiante neste trabalho, no ponto 6.4) e «[o] desejo de comunicar é muito», refere a **Entrevistada 13**, de 33 anos, professora de Informática. Por isso, «não existe um método para aprendizagem desta linguagem ou código», explica o **Entrevistado 2** e continua: «É algo natural e que se vai desenvolvendo à medida que se vão utilizando os Chats ou SMS. Aprende-se observando, compreendendo, experimentando e explorando» ou, nas palavras do **Entrevistado 15**, de 50 anos, professor de Informática, «[u]sando esses mesmos meios de comunicação» e «segundo a necessidade de se identificar com um grupo, obedecendo às suas convenções», opinião da **Entrevistada 8**.

Este assunto também foi abordado nas discussões mantidas entre os *Focus Groups* criados para este trabalho e as conclusões são as mesmas, como se pode comprovar pelos excertos que a seguir se introduzem (**Grupos 2, 3 e 4** respectivamente):

**ES** – Então e como é que vocês aprenderam o chatês? Alguém vos ensinou, ou...

**H** – Eu... Foi a receber mensagens assim e começar a aprender.

**ES** – Então, como é que vocês aprenderam?

**M** – Não vou dizer que nascemos “aprendidos” [*pretendia dizer “ensinados” e ri*], mas...

**L** – Pela experiência...

**M** – Por ver os outros fazer... Nós, normalmente, ensinamos muito uns aos outros, a passar as versões do MSN, o que fazer aqui, o que fazer ali, os bonequinhos do MSN que já têm, essas coisas todas. Então, ajudamo-nos muito.

**ES** – Então, vamos agora pensar na linguagem, mesmo. Vocês aprenderam-na com alguém?

**O** – Acho que aprendemos uns com os outros.

**N** – Exactamente, acho que comecei a aprender essencialmente através de mensagens que ia lendo e ia perguntando: - “O que é que isso significa? Não estou a apanhar o significado!!!...” e depois começaram a traduzir e nós começámos a apanhar também. Agora, uma regra básica é que todos os “ses” é com o “x”.

Os próprios *professores* têm a noção de que o “chatês” é aprendido através do contacto que os utilizadores mantêm entre si, como se comprova na seguinte transcrição feita a partir do **Grupo 1**:

**ES** – Vocês têm noção que os vossos alunos usam o chat, vamos chamar-lhe o “chatês”, porque já o chamamos entre nós. Têm noção de como eles aprendem? Fazem alguma ideia?

**P2** – Com o grupo de amigos.

**P1 e P3** – Uns com os outros.

**P3** – É a mandar de uns para os outros e a ensinarem-se uns aos outros. Digamos que é o tradicional “vai de boca-em-boca”.

Sendo este tipo de comunicação bastante recente (sobretudo, se tivermos em consideração que a escrita tem bem mais de dois mil anos, o cinema e a rádio já ultrapassaram os cem anos e a televisão já vai a caminho deles) e tendo características linguísticas (vistas no capítulo anterior deste trabalho) que o tornam bastante heterogéneo<sup>230</sup>, não é fácil falar de regras. Aliás, os utilizadores, nomeadamente os que foram entrevistados para este trabalho e os que fizeram parte dos *Focus Groups*, referem-se a este problema (**Grupos 1, 2 e 3**, respectivamente) e consideram não existirem regras:

**ES** – Voltando a isso da forma: vocês acham que há regras para o “chatês” ou não?

**A, B, C, D, E, F, G** – Não.

**G** – Não, tanto que cada um é livre de escrever como quer. Depois, se não percebe: -“O que é que querias dizer? Queria dizer isto”. Para a próxima já sabe o que é que queria dizer.

**B** – Por isso, eu acho que não há regras.

**E** – Acho que já vai mais pela sonorização...

**B** – Sim, exacto.

**ES** – Mais pelo som [*todos concordam*]. Vocês têm, com certeza, amigos de outras nacionalidades com quem tenham conversado...

<sup>230</sup> Nomeadamente, o facto de reproduzir directamente os sons ou de permitir a introdução de uma enorme variedade de abreviaturas convencionais de estenografia ou não.

**ES** – E vocês acham que há regras para escrever o chatês? O K tem mais dificuldade em dizer, não é?

**K** – Eh pá, não sei, mas eu acho que não! Cada um faz como quer e a gente depois decifra! *[risos]* Eu pergunto!!!! *[risos]*

**ES** – É assim? Vocês acham que sim? *[silêncio]* Nunca pensaram nisso?

**J** – Não...

**ES** – E como é que decifram as mensagens?

**J** – Pelo sentido das frases, às vezes.

**H** – E como utilizamos... São as mesmas abreviaturas...

**ES** – E acham que há regras? Vocês seguem uma regra? Ou não há regra nenhuma?

**L** – No MSN?

**ES** – Sim.

**M** – Acho que não!

**L** – Eu acho que não há assim muitas regras.

**ES** – É muito mais a criatividade de cada um a funcionar?

**M** – Eu acho que sim.

**L** – No MSN, as emoções ficam muito à flor da pele e tudo o que nos venha à cabeça nós dizemos, tudo o que queremos fazer naquele exacto momento, nós fazemos... Não há muitas barreiras!

O **Grupo 4** entende existirem «algumas» regras, embora os seus elementos entendam que não são «fanáticos por mensagens ou telemóveis» e, por isso, só dominam «as básicas».

A existência de regras não é, todavia, algo absolutamente definido e definitivo para alguns dos meus entrevistados, como por exemplo, o **Entrevistado 15**, que é taxativo ao dizer que «[n]ão há regras, qualquer um pode inventar uma abreviatura» ou o **Entrevistado 1**, que afirma: «Na minha opinião acho que não existe qualquer tipo de regras nesta linguagem; é só abreviar e “estrangular” palavras e já está». Os **Entrevistados 3, 4, 5, 6 e 7** são unânimes ao declararem que não consideram existirem regras, salientando todos que o objectivo é conseguir “falar” rapidamente, utilizando o menor número de letras/palavras possível. A **Entrevistada 8** também pensa desta forma:

Acho que a única regra a cumprir é aquela de escrever para que o contacto entre as duas instâncias da comunicação (emissor-receptor) possa, num determinado contexto social, ser cumprido com eficácia. Lembre-se que esta linguagem serve a

intenção de economia, bem como depende de alguma criatividade por parte do utilizador, o que faz com que seja frequentemente revista e alterada.

A **Entrevistada 12** (bem como as **Entrevistadas 9 e 13**) também tem dúvidas, mas defende outra ideia: «Regras propriamente não sei dizer, mas que existe uma espécie de código, julgo que sim, uma vez que existe entendimento entre eles; eles compreendem-se, comunicam».

O **Entrevistado 2** também considera que a existência de regras é complicada de definir, pois a subjectividade presente neste tipo de comunicação é muito elevada, mas vai dando exemplos de normas que se seguem quando se usam os Chats, SMS e MSN:

Em termos de regras é muito relativo, mas é possível identificar algumas, não considerando como linguagem incorrecta os casos em que estas não são aplicadas, por essa mesma subjectividade que nela se verifica. É muito habitual ver os “c” substituídos por “k”. Exemplo: casa > kasa.

Outra situação muito regular é ver um “h” acrescentado no final de uma palavra que termine com uma vogal (no caso de essa vogal ser um “o” transforma-se num “u”), sendo removido qualquer tipo de acentuação existente. Exemplos: exemplo > exempluh / olá > olah.

Este “h” também é muitas vezes aplicado a seguir à letra de onde foi removida acentuação, com o objectivo de lhe dar a mesma sonoridade. Exemplo: até > ateh.

Em situações de mais afectividade entre os “conversadores”, muitas vezes os “s” e “z” são trocados por “x”. Exemplos: assim > axim / fazer > faxer.

Para além da subjectividade, a criatividade é outra das marcas do “chatês”, como refere a **Entrevistada 4**: «[E]xiste uma grande quantidade de marcas individuais e depende em muito da criatividade de cada um». A **Entrevistada 5** diz, por exemplo, que não escreve como a maioria dos seus colegas e o **Entrevistado 7** afirma: «Muitas vezes até perguntam o que estava escrito anteriormente. As abreviaturas não têm um padrão, são abreviadas conforme cada um quer». A **Entrevistada 3** explica:

Segundo aquilo que tenho visto, as abreviaturas e a forma de escrever varia de pessoa para pessoa. Por exemplo: eu utilizo um determinado tipo de abreviaturas e existem certas palavras que nem sequer abrevio; já outras pessoas utilizam abreviaturas para tudo.

A **Entrevistada 8** comenta essa introdução de marcas individuais de uma forma muito interessante: «A língua pertence-nos! Veja-se o caso do nosso Mia Couto e as suas *Escrevências Desinventosas*».

Esta referência à introdução de marcas individuais não passa ao lado dos investigadores que se têm dedicado ao estudo deste fenómeno, nomeadamente THURLOW (2003), que afirma:

In fact, a colleague (and more experienced text-messenger) informs us that it is not uncommon for recipients to recognise the 'visual signature' (cf. Jaffe, 2000:509) of incoming messagers based on cues such as abbreviations and emoticons or and message length, in addition presumably to common discursive style markers like topic and lexicon.

SEGERSTAD (2002: 151) aponta, igualmente a este aspecto:

Just as non-verbal cues in face-to-face interaction can give information about the sender's age, gender, social background, and so on, a chat participant is able to convey something about himself or herself. (...) Being able to present yourself as someone who masters the code, establishes the chatter's identity and group membership.

Também o **Entrevistado 2** se refere a este facto:

[P]osso reconhecer a pessoa com quem estou a falar pela linguagem que esta utiliza, se for uma das com quem “teclo” habitualmente. Outro factor que eu vejo como relacionado com o tipo de linguagem utilizada é o nível de confiança que se tem com a pessoa com quem estamos a falar. Quanto maior for a afinidade que tenho com uma pessoa, mais distante do Português designado “correcto” é a linguagem que utilizo.

Volto, não obstante, a salientar que este tipo de comunicação se socorre das estruturas sintácticas e semânticas das línguas maternas dos seus utilizadores, já que são elas que lhes permitem encontrar as formas como constroem as suas mensagens, senão vejamos o que diz o **Entrevistado 1**:

Este tipo de linguagem só altera a forma como algumas palavras são escritas, não alterando o seguimento e ordem das palavras. Por exemplo: “Queres ir comigo a Portimão?” – “kers ir cmg a ptm??”

Os professores que integraram os *Focus Groups* destacam outro aspecto: as regras existem e são definidas pelo «tradicional “vai de boca-em-boca”» (**Grupo 1**, num excerto já citado anteriormente), mas **os utilizadores do “chatês” são capazes é de não ter a noção de que essas regras existem**, o que não deixa de ser curioso. Na verdade, os docentes expressam um ponto de vista muito interessante: provavelmente, os utilizadores não dominam suficientemente bem a língua materna e as suas regras e, por

isso, também não são capazes de identificar as regras que, intuitivamente, aprendem e põem em prática quando recorrem ao “chatês”, um pouco à semelhança de todos nós que, enquanto crianças, aprendemos a utilizar as estruturas/modo de funcionamento da nossa língua materna, mas só as identificamos enquanto tal e lhes atribuímos um nome depois de começarmos a aprender as regras da Gramática, quando iniciamos a aprendizagem da escrita<sup>231</sup>.

Na verdade, este ponto de vista é bastante relevante/tem relação directa com uma das conclusões deste estudo: caso os utilizadores de “chatês” revelem ter dificuldades de aprendizagem ao nível da língua portuguesa<sup>232</sup>, introduzirão, com maior facilidade, marcas deste código nas suas produções escritas, ainda que não estejam a manusear as ferramentas onde habitualmente ele se usa: os *Chats*, o SMS e o MSN.

Ainda assim, não podemos excluir a ideia de que existe um «acordo entre os utentes a respeito dos usos e reacções adequados a um signo» (FISKE, 2002:79), ou seja, de que a convenção está presente, como parece concordar THURLOW (2003):

The notion of standardness in written language is itself a convention and always an abstraction from spoken language (see Cameron, 1995); in this sense, therefore, like the fridge-door note and the phonetic transcriptions of expert linguists, many of the typographic practices of text-messaging offer more 'correct', more 'authentic' representations of speech.

Neste caso, podemos falar de algumas “regras” implícitas e resultantes, inclusivamente, das próprias características do meio de comunicação<sup>233</sup>. Tal como refere J. BENEDITO (2003<sup>a</sup>: 11), há «*normas p tclar rpd*»<sup>234</sup>:

<sup>231</sup> Diz, a propósito, P. LÉVY (2001:79): « Não há gramática enquanto disciplina antes da escrita e a quase totalidade dos seres humanos aprende a falar sem ter a mínima noção de gramática, o que não impede as palavras de serem verdadeiras combinações de fonemas, nem cada língua de ser (entre outras) uma espécie de combinatória sob regras especiais de construção de sequências sonoras».

<sup>232</sup> Quando se fala de dificuldades não são as que resultam de deficiências de natureza psicológica, ou mesmo cognitiva, mas de dificuldades que surgem ao longo do processo de aprendizagem da língua e que se relacionam com o pouco interesse que as matérias despertam, falta de motivação ou relacionamento difícil com a escola/professores. Ou seja, quando o aluno não tem habitualmente boas notas na disciplina de língua materna, esse processo arrasta-se até ao final do seu percurso escolar, empobrecendo o seu domínio da língua materna, deixando-o com um baixo nível de literacia.

<sup>233</sup> Há, ainda, quem se refira a normas de etiqueta (ou “*netiqueta*”, como dizem, com algum humor) que deverão ser respeitadas durante a troca de mensagens via Chat, SMS ou MSN. Por exemplo, no sítio *telemóveis.com* (s.a., 2001 e s.a., 2000) há pelo menos dois artigos que se referem a normas deste tipo (“Quando o telemóvel peca. Guia de etiqueta para utilizadores e interessados”, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?id=92> e “Telemóveis e Boas Maneiras: Use, Mas Não Abuse!”, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?ID=33>, ambos consultados a 27/06/2005). Ou podemos mencionar as regras compiladas por Pablo LORENZZONI (2001), por M. A. S. CASTRO (1997), por PEREIRA (2000) ou por G2C TECH CONSULTORIA LTDA. (1999), mencionadas na Bibliografia deste trabalho.

<sup>234</sup> O sublinhado e itálico são da minha responsabilidade.

- economia de caracteres;
- corta as vogais quase todas;
- aproveita o som dos vocábulos como mas+é=mazé, on-line=online, etc.;
- emprega mt sons onomatopaicos como ronc, miau, quá, fiu, cof, ffff, etc.;
- suprime muitos espaços;
- serve-te de todos os signos do teclado;
- usa maiúsculas só em abrev. e acrónimos, pois noutras situações significa que estás a gritar;
- o h usa-se para acentuação, abreviaturas e acrónimos;
- os acentos quase desapareceram;
- o ponto final desaparece (a frase acaba ali mesmo!!!);
- ch=x;
- qu=k;
- para os meses usam-se as antigas abreviaturas: Jan, Fev, Mar ...
- para os nomes das disciplinas tb: Port, Fr, Ing, Mat ...

J. BENEDITO refere, ainda, que os utilizadores têm liberdade para criar as suas próprias mensagens e que tudo é permitido, desde que os receptores sejam capazes de decodificar o significado, indicando claramente uma margem que possibilita a constante transformação do código (um pouco à semelhança do que acontece com as línguas, em constante mudança) e a possibilidade da introdução de marcas individuais nos discursos/usos deste tipo de comunicação. Os meus entrevistados, sobretudo os mais jovens, também referem este aspecto: «julgo que cada utilizador tem a preocupação e até o entusiasmo de partilhar essa mesma criatividade com o outro», comenta a **Entrevistada 9**.

### **6.3 – TEMAS TRATADOS NAS “CONVERSAS” QUE RECORREM AO USO DO “CHATÊS”**

Há estudos já feitos que abordam esta questão e estabelecem tipologias sobre os temas abordados, como é o caso dos trabalhos de THURLOW (2003), (SEGERSTAD, 2002: 207), LAMBRINIDI e DEPASTA (2004), KATZ e AAKHUS (2003)<sup>235</sup>, nomeadamente, tendo

---

<sup>235</sup> No caso destes últimos autores mencionados há que ter em consideração que a obra por eles realizada é a compilação de diversos estudos efectuados por investigadores de países diferentes, que abordam a utilização dos telemóveis sobre perspectivas muito diversas. Para além disso, existem outros estudos que, apesar de não estabelecerem tipologias exaustivas, referem temas que se incluem entre os que se abordam nas mensagens de “chatês” e tocam problemáticas que são abordadas ao longo do texto, sendo, por isso, citados e referidos ao longo

em consideração as funções/propósitos de cada mensagem, ou seja, a razão/razões pela qual a mesma era produzida e enviada. Estas tipologias referem-se ao uso do telemóvel, mas não obstante, julgo que poderão, igualmente, ser aplicadas ao Chat/MSN, com pequenas *nuances*, talvez, que tentarei analisar mais adiante. Também creio que podem, sem dificuldade, ser aplicadas no que toca à utilização que é feita no nosso país, pois pelo que pude observar quer no trabalho de recolha de informação junto de entrevistados e *Focus Groups*, quer pela observação e recolha de exemplos que fui efectuando, também em Portugal este tipo específico de produção textual tem essas mesmas funções/propósitos.

Vejamos, então, quais os principais temas abordados nas mensagens que recorrem ao “chatês”, sobretudo no caso dos jovens:

### Temas abordados nas mensagens em “chatês”

TEMA/FUNÇÃO DA MENSAGEM	DESCRIÇÃO DO TIPO DE ASSUNTO ABORDADO	EXEMPLO
<b>INFORMATIVA</b>	Pedidos directos de informação ou pedidos de favores pessoais.	<b>A em Agosto 22, 2006 (telemóvel)</b> – Olá! Podes enviar-m o n da MB?bjo <b>03-12-2005 12:16:40 s</b> - komo e k gravo uma janela destas komo imagem? <b>12:17:00</b> :( - printscreen <b>12:17:27 s</b> - komo??? perdoa a ignorância <b>06-12-2005 15:21:43</b> :( - importas-te k seja uma tua? posso pedir a outra pessoa, p ex a sara esta em linha agora e posso pedir-lhe a ela <b>15:21:45</b> :( - ok <b>15:21:53</b> :( - não faz mal <b>15:22:06 s</b> - + 1 vez BGDAS
<b>COMBINAÇÃO DE ENCONTROS/REUNIÕES DE CARACTER SOCIAL/RECREATIVO</b>	Proposta de marcação das referidas reuniões ou marcação efectiva de horários e locais de encontro.	<b>V em Fevereiro 05, 2006 (telemóvel)</b> - Prof. Sabe onde fika o bar 2 irmaos? É msm a entrada da guia ao lado da

deste sub-capítulo, nomeadamente ELDRIDGE e GRINTER (2001), HULME e PETERS (2001), TAYLOR e HARPER (2001), BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES (2006<sup>a</sup>, <sup>b</sup> e <sup>c</sup>), MEDIAPPRO (2006).

		rotunda. Encontramo nos todos ai as 8 pode ser? Beijinhos
<b>SAUDAÇÕES</b>	Cumprimentos e comentários breves, desejando bom dia ou algo semelhante.	<b>L em Fevereiro 17, 2006 (telemóvel)</b> - Olá mha linda! Cm estão a correr as coisas no novo emprego?esta a gostar?Espero q sim. Junhos doces
<b>MANUTENÇÃO DE RELACIONAMENTOS/AMIZADE</b>	Pedidos de desculpas, votos de felicidades, mensagens de apoio.	<b>V em Fevereiro 7, 2006 (telemóvel)</b> - Bom Dia! Espero q este novo dia d trabalho lhe traga mt alegria, já q p/ nos vai ser complicado sentirmo nos axim. Iremos entrar nakela sala smp c o pensamento em si (...) Bem, mas ca vamos nos a ixto! So p deixar mts beijinhos e desejar mt sorte ;) tenha 1 bom dia e n nos esqueca
<b>ROMANTICA</b>	Expressões românticas, de afecto e intimidade.	<b>P em fevereiro 8, 2005 07:04 PM</b> - ñ sei pk mas durante todo o dia de hoje ñ me saiste do pensamento, foi então k resolvi visitar o lugar onde te posso sempre encontrar e ñ é k??!! ñ sei o k dizer, ñ sei o k fazer nem depois deste tempo todo k passou as coisas ficam mais claras, só duas coisa vejo o amigo k tenho e o namorado k ainda ñ tive. muitos beijos grandes  <b>P em setembro 18, 2004 11:43 PM</b> – ja vi k estas bem inspirada...tas apaixonada ja vi...e pena k nao seja por mim...lol...kidding...parabens o poema ta bue louco.beijo
<b>SEXUAL</b>	Conteúdo explicitamente sexual.	<b>J em Julho 03, 2006 (telemóvel)</b> - o sexo e como a mat. somam-se os corpos subtr. as roupas dividem-se as pernas e espera-se k n haja

		<p>multiplicação</p> <p><b>P em Agosto 18, 2006 14:46</b>          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - tb  <b>[b][c=#000000]*ηαηα*/c[/b]</b> -          olahh  <b>[b][c=#000000]*ηαηα*/c[/b]</b> -          xim td e          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - bue bem          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - keres saber          pk  <b>[b][c=#000000]*ηαηα*/c[/b]</b> -          xe kixrex kontar          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - encontra          uma rapariga para m          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - estavamos          um enfrete ao outro e scaimos          os ds          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - agora          andamos  <b>[b][c=#000000]*ηαηα*/c[/b]</b> -          skairam xe komo axim          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - percebes  <b>[b][c=#000000]*ηαηα*/c[/b]</b> -          +/-          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - beijamonos          \$°_P`đ`3`@`ı`°`\$ - e agora          andamos</p>
<p><b>MENSAGENS EM CADEIA</b></p>	<p>Mensagens que contêm a instrução explícita de que devem ser passadas de utilizador em utilizador.</p>	<p><b>De uma operadora móvel portuguesa em Junho 02, 2006 (telemóvel)</b> – a ... esta a dar sms grátis sem carregamentos obrigatórios para quem fizer publicidade desta mensagem enviando a 20 pessoas</p> <p><b>An em Agosto 21, 2006 (telemóvel)</b> - Quantos amigos tens? Podes ter 10 e rir com 9. Conhecer 8 e conversar com 7. Festejar com 6 e desabafar com 5. Contar com 4 e chorar com 3. Precisar de 2... so não podes esquecer 1: eu! Manda a todos</p>

		os teus amigos incluindo eu! Se não receberes nenhuma resposta, cuidado, faz novas amizades! Se receberes 2, tas longe de um bom começo. Se receberes 3, es um bom amigo. Se receberes 4 es popular. Se receberes 5, há anjos a olhar por ti.
<b>MENSAGENS URGENTES</b>	Mensagens que contêm pedidos em que se indica a necessidade de resposta breve.	<b>14-12-2005 17:48:23 Reflect</b> ..tuh :^) - o computador já está ok... se quiser pode passar apartir das 19h ke estou por casa <b>17:51:16 s</b> - mais uma hora estou em casa
<b>PROFISSIONAIS/ESCOLARES</b>	Relativas a assuntos profissionais ou assuntos relacionados com a escola (relembrar datas de testes, trocar apontamentos ou realizar trabalhos de grupo – no caso do MSN)	<b>P em Julho 21, 2006 (telemóvel)</b> - Bom dia?! N sei cm esta a divulgacao do concerto, mx cm já tinha uma ideia avancd envio p/ ver <b>23-02-2006 13:50:35 NN_Gatinha_NN</b> - o teste de axo k vai ser mudado em vez de dia 7 de março vai passar para outro dia <b>13:50:39 NN_Gatinha_NN</b> - mas nao sei kal <b>13:50:52 s</b> - tou trab m tou por aqui se precisares <b>31-01-2006 18:14:18 (*) (F)NeNe(F)(S)</b> - k nota tiveram? <b>18:14:21 (*) (F)NeNe(F)(S)</b> - va k n digo nd <b>18:14:23 (*) (F)NeNe(F)(S)</b> - juroooo <b>18:14:53 s</b> - 13, qq coisa a ad e 10,5 a d tu tiveste11,6 <b>18:15:13 s</b> - vai estudar!!!!!! <b>18:15:23 (*) (F)NeNe(F)(S)</b> - :S q mau.. mas pronto
<b>FAMILIARES</b>	Toca de informações entre pais	<b>A em Agosto 14, 2006</b>

	e filhos (ou outros parentes), regra geral para controlar a localização/actividade que está a ser feita.	<b>(telemóvel)</b> – A, onde tas? vem almoçar keres pizza?? quando saires do espaço jovem vem logo para casa
<b>MANTER CONTACTO COM AMIGOS/FAMILIARES QUE ESTÃO DISTANTES</b>	Trocar informações sobre saúde ou forma como decorre a vida do que está longe (no caso do MSN, poder ver e ouvir o outro que se encontra a grande distância).	<b>03-12-2005 12:08:24 s</b> - bom dia! :) tas melhor? <b>12:09:03</b> :( -+- <b>12:09:17</b> :( - acordei à coisa de 15 minutos <b>12:09:39 s</b> - eu tou a pé desde as .....7h!!!! <b>12:10:01</b> :( - uh

Ainda assim, é necessário ter em consideração que muitas vezes **uma só mensagem combina diversos aspectos dos anteriormente mencionados**, conferindo a este tipo de produções textuais um carácter multi-funcional.

Uma das *nuances* que referia anteriormente poderá estar ligada ao facto de não se encontrarem mensagens de carácter familiar no MSN, ou seja, pais a questionarem os filhos. Pelo menos, não com a frequência e regularidade com que se encontra no SMS. Isto, porque qualquer adulto tem, actualmente, um telemóvel, mas nem todos utilizam o MSN para comunicar com os filhos. Este facto é confirmado no estudo realizado pelo MEDIAPPRO (2006:12), em que se refere que 62% dos jovens europeus usa os programas de *Instant Messaging/MSN* para comunicar com os amigos e apenas 14% os usa para comunicar com a família, dados que, aliás, são atestados nas discussões dos *Focus Groups*<sup>236</sup>. No **Grupo 3** um dos participantes relatava, mesmo, uma situação interessante:

**M** – A minha mãe interessa-se muito pelo MSN e quer sempre saber o que significam as abreviaturas, quer saber as conversas e agora, inclusivamente, estou a ensiná-la a mexer no MSN, porque como vou para a Holanda e não vou levar telemóvel, vamos conversar pela Internet e ando há uma semana a ensiná-la.

**ES** – Que giro! E ela...

**M** – O que lhe custa é ligar o computador e o cabo, mas o MSN tem conseguido.

**L** – Os meus pais são um pouco preguiçosos. Eles têm trabalhos para a escola, para fazer e, então, são os filhos que lhes passam aquilo...

**M** – Eu também!

<sup>236</sup> Os investigadores finlandeses KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003: 172), no seu estudo “Mobile Culture of Children and Teenagers in Finland”, também corroboram esta afirmação.

L – Eles de vez em quando vão para lá [*refere-se ao computador e ri*], mas isto é engraçado... Isto até é verdade: nós temos mais facilidade em mexer naquilo, enquanto que vão para lá o meu pai e a minha mãe, a minha mãe diz uma coisa, o meu pai diz outra, aquilo é uma confusão, que ninguém se entende a escrever!

No que diz respeito aos pais, também é referido que mesmo a troca de SMS's com eles se reporta maioritariamente (senão, exclusivamente) a informações como as que são mencionadas na tabela anterior, ou seja, troca de horários para estar em casa, averiguar o paradeiro dos comunicadores, por exemplo, o que sugere que os adolescentes são capazes, mesmo ao usar o SMS ou o MSN, de adequar a sua produção textual à situação/contexto (KASESNIEMI e RAUTIAINEN, in KATZ e AAKHUS, 2003: 185), dado de bastante relevância para este trabalho, já que se pretende analisar a existência (ou não) de afeitos do uso deste “código” na língua Portuguesa. Vejamos o que foi dito, a propósito, pelos intervenientes no **Grupo 4**:

ES – Mas eu achei esse comentário interessante: depende das pessoas.

P – Eu, para a minha mãe, não vou mandar um SMS, não é? Porque, normalmente, ela não conversa por telemóvel: - “Então, como é que estás? Tudo bem?” e não sei o quê!...Eu telefono para ela com uma pergunta, qualquer coisa que eu preciso de saber nesse momento. Enquanto que para a O eu mando mensagens, estamos todo o dia juntas na escola, mas depois falamos só por mensagens.

Aliás, no que diz respeito aos telemóveis, verifica-se que ao avançarmos para faixas etárias mais altas, o uso que é dado a este media se vai alterando (BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES, 2006<sup>b</sup>:8 e 2006<sup>c</sup>:14), começando os mais novos por se servirem dele para estarem, sobretudo, em contacto com os pais e passando, à medida que a idade avança, a usá-lo muito mais para comunicarem com os amigos/pares.

Os jovens também referem factos muito interessantes relativamente ao uso dos telemóveis e do MSN, nomeadamente o facto de considerarem (alguns deles) que as “conversas” mantidas através destes meios – sobretudo, as conversas telefónicas – **não são propiciadoras da criação de um clima de intimidade entre os comunicadores**, pelo que preferem recorrer ao telemóvel muito mais para o envio de SMS's, que servem para a troca rápida de uma informação, que se pretende o mais objectiva e sintética possível<sup>237</sup>. Aliás, um dos participantes no **Grupo 3** diz mesmo que as produções

<sup>237</sup> BAPTISTA, BALTAZAR, MENDES (2006<sup>a</sup>: 35) dizem: «[S]ome students have drawn attention to the fact that people talk differently according to the media they use and nothing substitutes a good face-to-face talk».

comunicacionais obtidas através destes media são «frias», sendo que ao fazê-lo se refere precisamente a essa falta de intimidade que o meio proporciona. Por outro lado, se sentem que são eles mesmos cada vez maiores utilizadores da CMC e do telemóvel, também consideram que estes novos media estão a afastar as pessoas do convívio e da criação de relações comunicacionais directas e em presença, o que parece ir ao encontro do que afirma Jukka-Pekka PURO<sup>238</sup> no seu estudo “Finland: a Mobile Culture” (KATZ e AAKHUS, 2003: 27). Este autor defende que a distância entre pessoas no “palco” das conversações por telemóvel é pequena, mas o elo emocional entre elas é fraco e que não há obrigatoriamente o estabelecimento de relações de amizade/afecto entre os comunicadores. Um pouco à semelhança do que afirmava Giles LIPOVETSKY (1978:10-11), na sua obra *Era do Vazio*, trabalho em que este autor analisava a relação das sociedades modernas com as novas tecnologias e em que salientava que a completa capacidade para lidar com a máquina e dela extrair o máximo de satisfação individual (o “eu” e o “agora” são determinantes na actualidade) que os cidadãos modernos possuem cada vez mais, está a aumentar a sedentarização e a empobrecer a comunicação interpessoal, esvaziando-a de verdadeiro conteúdo (basta, por exemplo, observarmos, durante algum tempo, as conversas que se têm à mesa de qualquer café e que não vão além das banalidades, como o futebol ou o tempo).

A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável (...).

Esse clima de intimidade tem a ver/surge, segundo os participantes neste trabalho, com o facto de se poder ver os gestos e expressões do outro, de se poder perceber as suas reacções e linguagem corporal, pelo que o uso do SMS e do MNS (quando não se recorre à *web-cam*) não permite que o acto comunicacional se concretize plenamente. Vejamos o que disseram os jovens do **Grupo 1 e 4** (respectivamente):

E – Eu falo quando preciso, não costumo falar muito para conversar, porque acho um bocado parvo usar o telemóvel para conversar... Acho que é mais mesmo para trocar informações úteis e para marcar alguma coisa...(...) penso que perde todo o significado a conversa entre um humano...Uma pessoa olhar nos olhos da outra e ver os gestos e ver as atitudes enquanto conversa com uma pessoa do que estar... Não sabemos como a

<sup>238</sup> J. P. Puro é Professor na Turku Scholl of Economics and Business Administration na Finlândia [dados recolhidos em (KATZ e AAKHUS, 2003: xvi)].

outra pessoa está a reagir se estivermos a falar pelo telemóvel. E a mensagem normalmente também é só para trocar informações úteis, data e local onde uma pessoa se vai [faz um gesto, que dá a entender que se refere à marcação de compromissos].

(...)

**D** – Eu prefiro mandar uma mensagem do que telefonar, quando as mensagens são informação pura, sobre coisas que o grupo tem de fazer, então mando a mensagem e como a mensagem fica gravada no telemóvel eu tenho a certeza de que eles não se vão esquecer e não vou estar a telefonar outra vez para eles.

**A** – Eu também acho que também tem uma vantagem por aquilo que há bocado o E disse, que não gosta de falar ao telefone, porque não existe contacto nenhum... Eu acho que não existe mesmo... É “toma lá disto”!... Disse-te e acabou, “t-chau”. Eu, sinceramente, não gosto de falar ao telefone... Falo muitas horas, é verdade! (...) Mas é com pessoas com quem tenho mais confiança. Por exemplo: se eu tiver de telefonar ao B, ou isso, eu não me sinto muito à vontade a falar ao telefone, então mando uma mensagem. Já sei: ele lê e eu li e pronto!

(...)

**ES** – Mas então deixem-me lá colocar uma questão que vocês é que levantaram e que eu acho interessante: vocês estão a dizer que não gostam de falar ao telefone porque perdem o contacto cara-a-cara e se perde alguma coisa da mensagem. Então e nos SMS's não perdem?

**E** – Perde, sim.

**A** – Perde! Mas eu queria falar nisso. Eu acho que nesta nova era da tecnologia está-nos a limitar muito ...

**G** – E a afastar-nos...

**A** – Porquê? Porque, por exemplo, na Internet nós falamos de mil e uma coisas que, se calhar, durante o dia, estamos frente-a-frente e não falamos. É como nas mensagens... E depois não telefonamos, porque há sempre um contacto mais pessoal

**E** – Há o contacto da voz...

**A** - E não telefonamos porquê? Porque se calhar não temos coragem para dizer coisas ou não temos vontade para falar nisso e acaba por nos limitar, esta nova era das tecnologias...

**E** – O SMS ainda afasta mais do que a chamada...

**N** – No meu caso, tanto por computador, como por SMS eu tento evitar esses assuntos ao máximo. Quando são assuntos mais importantes eu gosto, sempre, de tratar cara-a-cara. (...)

**N** – Computadores ou qualquer outro tipo de meio de comunicação, eu prefiro excluir e se é para discutir qualquer coisa, também se discute. Por telemóvel ou por computador não dá jeito e não tem qualquer tipo de sentido, estarmos a falar com um aparelho.

**ES** – Achas que se perde alguma coisa na mensagem?

**P** – Completamente.

**N, O e Q** – Sim!

**Q** – As expressões, não é? Os olhos...

**P** – E mesmo a voz! Pela voz tu consegues perceber o que se quer dizer.

**N** – Às vezes é aquela coisa: uma imagem vale por mil palavras, não é?

**O** – E às vezes a própria escrita é interpretada de uma maneira que nós não queríamos que fosse, mas depois passa para a outra pessoa... [*todos concordam e a aluna O procura uma palavra para completar a ideia*]

**N** – Uma intenção diferente daquela que nós queríamos exprimir.

Simultaneamente, não deixam de entrar em contradição, quando referem que há **alguns assuntos/temas de conversa que só abordam por estarem a utilizar o SMS e, sobretudo, o MSN<sup>239</sup>, já que de outra forma nunca tratariam da mesma forma esses temas ou nem sequer os chegariam a abordar**, como relatam os participantes no **Grupo 3:**

**ES** – Para vocês quais são as maiores vantagens do MSN?

**L** – Permite escondermo-nos atrás do nosso computador, tal como o telemóvel. Eu acho que há muitas coisas que nunca diria, se não estivesse com a câmara ligada...

**M** – Às vezes eu vou ver os meus registos e fico estupefacta! Como é que eu fui capaz de dizer aquilo?!... A maior parte das conversas, por exemplo, quando estamos de férias... Eu já estive até às três da manhã a falar com uma pessoa e é mesmo muito tempo, coisa que se eu estivesse a fazer por telemóvel ou a falar, claro que não faria.

SEGERSTAD (2003: 195) concorda com esta ideia. A investigadora cita diversos autores que consideram ser **mais fácil revelar as emoções através da CMC<sup>240</sup>**, precisamente pelo facto de esta não ser uma comunicação em presença (em que emissor e receptor estão no mesmo espaço físico). THURLOW (2003) aborda esta questão e afirma mesmo que existe uma curiosa e interessante mistura entre intimidade e distância nas diversas formas de CMC e que é normal os utilizadores mencionarem o facto de serem capazes de produzir afirmações quando escolhem enviar este tipo de mensagens, que nunca produziriam estando face-a-face.

<sup>239</sup> Este facto é confirmado pelo estudo de BAPTISTA, BALTAZAR, MENDES (2006<sup>a</sup>: 35): «They say that the SMS' allow people to "say" things that they wouldn't have the courage to say face-to-face».

<sup>240</sup> KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003: 171) ressaltam este facto: «Teen use short messaging to express the entire spectrum of human emotions. Through SMS, teens hate, love, gossip, mediate and express longing, even when the writer lacks the courage to call, or in situations where other communication channels are inappropriate».

SEGERSTAD (2003: 195) menciona, ainda, um outro aspecto bastante curioso, que se prende com o facto de muitas vezes se recorrer ao SMS (e, na minha opinião, também ao MSN) como **forma de colmatar/pôr fim a estados de aborrecimento/tédio e ansiedade**. «People send SMS to stave off boredom and anxiety», afirma a autora (SEGERSTAD, 2003: 195). Não foi abordada esta questão durante a investigação levada a cabo para este trabalho, mas considero que este é um ponto de vista válido, pois eu própria acabo por recorrer a estas formas de CMC muitas vezes com o propósito de me ocupar ou de me descontraír, pelo que acredito que esta seja uma das razões pelas quais muitos utilizadores se ligam ao MSN ou enviam SMS's.

Outra utilização que é frequentemente mencionada pelos jovens dos diversos *Focus Groups* criados para este estudo é o facto de o MSN lhes permitir realizarem **trabalhos de grupo sem saírem de casa**. Trocam mensagens, enviam ficheiros com rascunhos ou versões definitivas dos trabalhos, trocam ideias e partilham imagens/conteúdos, o que lhes facilita a vida, mais ainda se tivermos em atenção que, regra geral, todos têm horários escolares muito cheios e, na maioria do território nacional têm de se deslocar alguns quilómetros para poderem frequentar as escolas (como é o caso da maioria dos alunos envolvidos neste trabalho, já que existe somente uma escola de nível secundário no concelho de Silves, pelo que os alunos oriundos das suas oito freguesias necessitam, forçosamente, de apanhar um transporte para chegar à escola, a não ser que residam na cidade de Silves e esses estão em minoria). Esta vantagem é mencionada pelos alunos do **Grupo 2 e 3**, respectivamente:

**I** – Mas a Internet tem outras vantagens: eu posso fazer um trabalho em casa e depois enviá-lo por ali [*depreende-se que se refere a trabalhos de grupo e que os membros do grupo podem estar ligados via MSN e trocar ideias e partes dos trabalhos*] e pronto, tenho o trabalho feito.

**L** – Eu acho que o MSN é muito mais proveitoso para nós, primeiro porque já não temos de gastar dinheiro, apenas a Internet; hoje, permite uma maior rapidez de conversação, há mais interfaces com imagens, podemos ver-nos uns aos outros...

**M** – E depois, nós, o que fazíamos muito, era ir trabalhar nas casas uns dos outros. Agora, com o MSN, podemos passar os trabalhos de uns para os outros e ajudar-nos todos, pelo menos na nossa turma nós fazemos muito isso e o MSN é uma grande ajuda.

Mandar mensagens é **económico**, é **rápido**<sup>241</sup>, tal como permanecer ligado ao MSN e, porque não se podem usar mais de 160 caracteres (ou escrever frases demasiado longas, mesmo no *Messenger*), **os utilizadores acabam por se habituar a ser directos e objectivos**<sup>242</sup>, limitando-se a abordar o essencial de qualquer questão, como salienta SEGERSTAD (2003:196):

[B]ecause most SMS communication is interpersonal communication between people who know each other, one can be brief when relying on pragmatic and shared background knowledge. (...) The character limit forces both sender and respondent to stick to the topic.

Para além disso, cada um pode escolher atender a chamada (ou não) e estabelecer ligação (ou não) com uma pessoa que está *on-line* no MSN<sup>243</sup>.

Na verdade, THURLOW (2003) resume muito bem todas as vantagens do uso do “chatês”:

[T]ext-messaging has come to be stitched so seamlessly into the social fabric of young people's lives; by no means necessarily replacing face-to-face interaction, mobile phones and SMS enhance communication in ways which allow for multiple (or even parallel) communication events, offering an attractive combination of mobility, discretion, intimacy and, indeed, fun - illicit or otherwise.

#### 6.4 – O “CHATÊS” COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO/SOCIALIZAÇÃO DOS UTILIZADORES JOVENS

Tal como é definido para os códigos de grande difusão<sup>244</sup>, este tipo de comunicação exerce uma atracção imediata, pois é diferente e, sobretudo, apela ao comum, de forma a estabelecer pontes, laços entre os indivíduos que o usam<sup>245</sup>. Não é

<sup>241</sup> Martin Cooper salienta isto mesmo, na entrevista que me concedeu (APÊNDICE A): « People use SMS for two important reasons. Firstly, it is a store-and-forward service. You can send an SMS the moment you think of it and let the person to whom the SMS is addressed answer it at their convenience. The second major advantage of SMS is it's very low cost. It is this combination that has made SMS so popular». Estas vantagens dos SMS's são igualmente mencionadas por *todos* os *Focus Groups* criados para este trabalho.

<sup>242</sup> O *Entrevistado 7* refere, com algum sentido de humor, que o “chatês” é «uma linguagem mais “preguiçosa”».

<sup>243</sup> Esta vantagem foi apontada pelos intervenientes no Grupo 2.

<sup>244</sup> Vamos considerá-lo assim, já que se referiram, nos capítulos anteriores (nomeadamente, na Introdução deste trabalho, bem como nos Capítulos seguintes), dados que permitem perceber a utilização em larga escala que hoje se faz dos *Chats*, SMS e MSN, ou seja, formas de comunicar que recorrem a este tipo de “código”, o “chatês”.

<sup>245</sup> É, também, bastante interessante (e não deixa de ter alguma relação com o que aqui se refere) o conceito de “*televisão bardica*”, exposto por FISKE (2002:106-107) e desenvolvido por este autor, em parceria com J. HARTLEY (1978, *Reading Television*, Londres: Methuen), conceito esse que aponta para o facto de a televisão cumprir as funções outrora, durante a Idade Média, desempenhadas pelo bardo, entre as quais o autor destaca, por exemplo,

de excluir a hipótese deste tipo de comunicação poder ter funções socializadoras e de integração dos seus utilizadores num determinado grupo. Este aspecto interessou-me, inicialmente, por diversas razões: a primeira nasce do interesse que me despertou uma conversa entre uma jovem de 13 anos, a sua mãe e um grupo de amigos que as escutava – nos quais eu me incluía –, conversa essa em que a mãe relatava as dificuldades de uma das amigas da filha em usar este tipo de comunicação e tudo o que tivesse relação com a Informática como algo que a tornasse muito diferente de todos os amigos pertencentes a esse grupo e impedisse, de alguma forma, o estabelecimento de uma boa comunicação, já que durante boa parte do tempo, todos “conversavam” através do MSN e, para ambas – mãe e filha –, era impensável que um adolescente não dominasse tudo o que se relacionasse com as TIC; a segunda, resulta das respostas dadas pelos entrevistados para este trabalho, nomeadamente a **Entrevistada 9** e que passo a relatar:

Para haver comunicação, seja ela de que índole for, é preponderante que os interlocutores partilhem o mesmo código, pois caso contrário a comunicação não se efectua e concretiza. Deste modo, julgo ser algo que nos desperta curiosidade por se ouvir tantas pessoas falarem do mesmo e para que não se passe pela tal situação de não sabermos do que se trata, tenta-se, por iniciativa própria, adquirir essa língua, esse código. Todavia, indubitavelmente que o grupo social em que nos inserimos tem um papel fundamental nessa apreensão.

A **Entrevistada 8** refere, igualmente:

Penso que os indivíduos da faixa etária compreendida entre o liceu e a universidade (...) estão numa idade em que a actividade social proporcionada por este tipo de serviços é fulcral (...) acho que esta linguagem é apenas passível de ser utilizada por elementos pertencentes a um certo grupo social. Apenas partilhando das mesmas convenções conseguirá o candidato entrar neste grupo (...) ela nasceu da necessidade de encurtar o discurso e neste momento define quem pertence a um determinado grupo ou não.

Também a **Entrevistada 12** aponta para a questão da importância do grupo:

Actualmente, os *teenagers* para se inserirem em determinados grupos necessitam de conhecer e utilizar esse tipo de linguagem, caso contrário surgem como

inadaptados, incapazes de interagir com os restantes colegas. Acabam por seguir “a onda” dos líderes, senão não são sequer aceites pelos outros<sup>246</sup>.

Else Martins SANTOS (2003: 72 e seguintes), no estudo já citado neste trabalho, refere este aspecto diversas vezes, salientando, através da sua análise das características do “chatês”, como este desempenha um papel na afirmação dos adolescentes e lhes confere, simultaneamente, um estatuto de pertença a um determinado grupo e, dentro dele, uma personalidade distinta, criativa, que o leva a ter, perante os pares, uma posição de destaque, que resulta da sua capacidade de utilização criativa do código.

TAYLOR e HARPER (2001)<sup>247</sup> também são desta opinião. Estes investigadores consideram que tanto ao nível funcional, como simbólico, o telemóvel permite aos jovens demonstrar que fazem parte de uma rede social e, até mesmo, revelar o seu envolvimento e o seu lugar, a sua posição nessa mesma rede. O facto de vermos que existe a preocupação de usar determinado tipo de “código”, o facto de ir eliminando símbolos ou caracteres que são considerados pouco apropriados (ou na linguagem dos jovens, “pirosos”) ou o facto de se desejar ter o telemóvel da marca X, com as funcionalidades Y, e com o aspecto/design XPTO revela esta realidade, como, aliás, foi constatado por estes estudiosos. Ou seja, como dizem HULME e PETERS (2001)<sup>248</sup>, KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003:177), SKOG (KATZ e AAKHUS, 2003: 255-256) e BAPTISTA, BALTAZAR e MENDES (2006<sup>a</sup>: 35), através dessa relação com o media, os adolescentes formam a sua **identidade** e a sua visão deles mesmos, aproximando-se e, simultaneamente, diferenciando-se dos pares.

Esta mesma ideia é defendida por SEGERSTAD (2003: 210), ao salientar que o uso de abreviaturas (e atrevo-me a dizer de todas as restantes características do “chatês”) resultam, em grande medida, do efeito social e emocional da linguagem, ou seja, no fundo resultam do desejo de partilhar com os demais (sobretudo com os pares) o conhecimento que se tem de uma determinada ferramenta, de um determinado “código”, revelando simultaneamente que se é capaz de ser diferente e original e, também, que se pertence ao grupo. Vejamos:

---

<sup>246</sup> Diz FISKE (2002: 107): «O público [de códigos de pequena difusão] espera ser transformado ou enriquecido pela comunicação, enquanto o público de códigos de grande difusão, restritos, espera segurança e confirmação».

<sup>247</sup> A propósito dizem TAYLOR e HARPER (2001): «Text messaging was used, for example, to consolidate a community of peers and to differentiate themselves and their peers from others». Estes investigadores são membros do Digital World Research Centre (DWRC), no Reino Unido [dados recolhidos a partir do documento consultado].

<sup>248</sup> Michael Hulme é presidente do Teleconomy Group Plc e Investigador na Management School da Lancaster University, Reino Unido. Sue Peters é Research Analyst, Assistente de Investigação na Teleconomy e na Management School da Lancaster University [dados recolhidos a partir do próprio documento consultado].

Besides the economy function, Döring claims that short forms are also a product of a collective identity function. (...) The specialized use of short forms is thus an indicator of belonging to a community (Sveningsson, 2001) and is a component of the group identity.

“Marcar um território” de criatividade individual e, simultaneamente, ao fazê-lo, estar cada vez mais integrado num grupo, impedindo quem não domina o código de compreender não apenas as mensagens trocadas, mas todas as referências culturais/sociais de quem dele faz parte, será este um dos principais usos do “chatês”, como referem os docentes que integraram os **Grupos 1 e 2** deste trabalho (respectivamente), destacando, do mesmo modo, que esta poderá ser uma marca geracional de diferenciação, como existiram outras em épocas anteriores:

**P3** – Eu acho que esta linguagem para eles muitas vezes até é benéfica, no sentido em que: se ele tiver em casa um pai que não domine, ele pode estar a escrever no computador e estar despreocupado, porque o pai, mesmo que vá lá e que leia, não percebe nada do que lá está! É uma linguagem que eles, também, para os cotas, entre aspas, usam para se distanciarem e é fruto da idade deles, da afirmação deles, que... – “Eu tenho o meu espaço” – ... é uma maneira, também, de se valorizarem a eles. (...) Mas isso é a tal situação que eu digo: aquilo é a intimidade da pessoa e por isso é que, às vezes, esse tipo de linguagem é utilizada num sentido em que quanto mais originais eles forem, quanto mais figuras e códigos entre eles criarem, mais obstáculos criam às pessoas que não têm nada a ver com aquele meio e é uma maneira de eles se comunicarem, de eles poderem dizer tudo aquilo que quiserem “com as letras todas” (entre aspas, como eles utilizam), mas tendo a salvaguarda de que nem toda a gente domina aquilo, principalmente as pessoas que são mais velhas e que a eles não lhes interessa que...

**P1** – Quando eu era *teenager* era a linguagem dos “p’s”!...

**P3** – Toda a gente aprendia a linguagem dos “p’s” e toda a gente ficava feliz porque estávamos ao pé dos mais velhos e ninguém percebia “patavina”daquilo! [*risos*] De certa forma, é o fruto de uma geração, porque todos nós vamos encontrando meios...

**P1** – ...De contornar...

**P3** - ...De contornar a situação, porque não queremos que os mais velhos se apercebam.

**ES** – E qual será o objectivo de aprenderem, então? Se é só “entre nós”...

**P4** – Eu não sei se não terá a ver, até, com aquele código que já “no meu tempo” havia, aquela brincadeira de jogar com a linguagem, de construirmos uma linguagem onde mais ninguém entrasse, que não fosse permeável...

No estudo que efectuaram do uso de SMS's por parte dos adolescentes gregos, LAMBRINIDI e DEPASTA (2004) diziam:

A form of communication that is extremely interactive, text messaging is used by teenagers to create a cultural context that separates them from other age groups. Greek youngsters very often use text messaging to initiate, establish, and nurture relationships.

THURLOW (2003) menciona as ideias defendidas na “Teoria dos Usos e Gratificações”<sup>249</sup>, para abordar este fenómeno, defendendo que são os usos que as pessoas dão a uma determinada tecnologia que a explicam, ou seja, as necessidades a que o público pretende dar resposta justificam os usos que eles fazem dos media/da tecnologia<sup>250</sup> e no caso do telefone (e, na minha opinião, podemos alargar esta ideia ao telemóvel e ao MSN), Thurlow afirma que as principais gratificações dos utilizadores são: «sociability (i.e. social bonding)<sup>251</sup>, instrumentality (i.e. social coordination) and reassurance (i.e. security and understanding)», classificando o telemóvel e os SMS's como «'technologies of sociability'». Ou como afirmam TAYLOR e HARPER (2001):

Through the act of using their phones [*e eu acredito, por tudo o que foi referido anteriormente e por tudo o que pude observar/ouvir durante a minha investigação, também pelo uso do computador/MSN*], young people appear to consolidate their peer relationships, differentiate themselves from family or household relations, and contribute to a growing sense of both independence (from family) and collectivity (amongst peers).

Na verdade, a sensação que muitas vezes perpassa na mente de um observador destas formas de comunicação é que os conteúdos veiculados não são o mais importante. A forma e o facto de se estar ali, “ligado” aos demais e disponível, dizendo

---

<sup>249</sup> Esta teoria surgiu na década de 40 do século XX e ganhou novo fôlego nos anos 70 do mesmo século (SANTOS, 1992:112-117), sobretudo pela mão de autores como Elihu Katz, Jay G. Blumler e centrava-se na questão: porquê e para quê que as pessoas usam os media, defendendo os autores que nela trabalharam ao longo dos anos (como Berelson e Herzog, por exemplo, que foram seus iniciadores) que o público é capaz de conhecer os tipos de conteúdos veiculados pelos meios de comunicação e escolher o meio que mais convém às suas necessidades, atribuindo aos receptores um papel activo e um carácter heterogéneo, em que as condicionantes sociais e psicológicas têm um papel determinante na forma como se relacionam com os media e recebem a informação por eles transmitida.

<sup>250</sup> No estudo MEDIAPPRO (2006: 57) diz-se o seguinte: «[T]he technical devices are used by young people whenever they give meaning to their social relations, their aspirations, their area of interests».

<sup>251</sup> Este sentido de “bonding”/aproximação é importante e, de certo modo, contaria a ideia de que o “chatês” é um código apenas utilizado em comunicações privadas e individuais, ideia que ganha consistência se se pensar no número de vezes que observamos alguém (e os adolescentes, em particular) a partilhar com um amigo o conteúdo de uma mensagem recebida. Aliás, KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003: 181) destacam este aspecto.

aquilo que vulgarmente consideramos serem banalidades<sup>252</sup>, é bem mais significativo para os utilizadores. É um pouco como se pudéssemos pegar na máxima cartesiana “penso, logo existo” e a pudéssemos adaptar a este “novo mundo”, afirmando, ao invés e recorrendo ao neologismo, “teclo, logo existo”<sup>253</sup>. Não obstante, não parece ser essa a forma de pensar dos jovens, como ficou claro com as afirmações produzidas pelo

#### **Grupo 4:**

**O** – (...) Eu estou sempre com eles e já falamos tanto, que a gente chega lá [*ao Messenger*] e não tem nada para falar! Só que com outras pessoas, por exemplo, amigos que eu tenho e que não são de cá, sei lá, falamos de coisas que não temos oportunidade quando eles vêm cá. E gera-se um ambiente, um bocado, de conhecimento. (...)

**N** – E de qualquer forma, relativamente a essas mensagens curtas – olá, tudo bem, o que é que estás a fazer –, elas também são importantes, porque mostram que nós nos lembramos ou somos lembrados por alguém. Em relação a pessoas que estão a longa distância, o *Messenger* sempre dá para nos “juntarmos” um bocado mais; quanto às mensagens: o próprio facto de eu mandar uma mensagem aqui do Algarve para uma pessoa do Porto já mostra que estou a pensar nessa pessoa e ela está a pensar em mim. E, lá está, são laços de amizade que nós criamos e que primeiro temos sempre de estabelecer-los e torná-los mais fortes, nem que seja só com uma mensagem que diga que nós nos lembramos das pessoas.

**ES** – E não haverá o outro lado da medalha, ou seja, pelo facto de eu ligar o meu computador e estar lá, significa que eu existo? Estão a perceber a minha ideia?

**N, O, P e Q** – Sim.

**ES** – Basta só entrar, dizer olá e dizer – “Eu existo e sou igual a vocês todos”?!...Não há muito essa percepção vossa?

**N, O, P e Q** – Não.

**ES** – É mais o lado do N?

**N, O, P e Q** – Sim.

<sup>252</sup> Jukka-Pekka PURO (KATZ e AAKHUS, 2003: 27) diz que o telemóvel é, em muitos aspectos «a place where one can go to chat about anything» e Shin Dong KIM (KATZ e AAKHUS, 2003: 65) também afirma que as conversas mantidas entre falantes de telemóvel têm «little substance»; KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003: 170) citam uma rapariga que participou no seu estudo e que analisando a sua própria produção textual no que toca às SMS's que recolheu, classifica-as de «“pointless” messaging». É um pouco como se interessa-se somente a fruição de quem se envolve no acto comunicacional, sem preocupações relativas ao conteúdo, um pouco como sugere Pierre LÉVY (2001:46) quando afirma: «A interpretação, ou seja, a produção de sentido, não reenvia mais para a interioridade de uma intenção, nem para a hierarquia de significações esotéricas, mas para a apropriação sempre singular de um navegador».

<sup>253</sup> J. P. PURO (KATZ e AAKHUS, 2003: 28) também acredita que todas as pessoas que não aceitarem/seguirem o estilo de comunicação da sociedade da informação móvel («mobile information society») estarão fora da sua comunidade e Shin Dong KIM (KATZ e AAKHUS, 2003: 69) afirma: «It is important to be in touch any time and any place. As the saying goes, out of sight, out of mind – and out of connections».

No fundo, quase apetece voltar à classificação estabelecida por Marshall McLuhan (1965), em *Understanding Media: The extensions of Man* (apud SANTOS, 1992), em que o autor divide os media em “quentes” ou “frios”<sup>254</sup>. O “chatês”, enquanto “código” usado para produzir enunciados transmitidos através dos telemóveis e dos computadores, vinca, mais ainda, a ideia de que estes serão “media frios”, porque promovem a interactividade, são pessoais, recorrem a uma forma original e não-especializada de construir mensagens, ao contrário dos media quentes, definidos por este autor como mecânicos, uniformes, repetitivos e que não deixam nenhum (ou muito pouco) espaço de interacção.

Como afirmava a **Entrevistada 8**, o “chatês” «[é] uma linguagem dinâmica, moderna, à qual eles [jovens] querem ter acesso e cujo uso está muito em voga». E que é preciso conhecer e compreender cada vez mais e melhor, para que não possam surgir problemas no processo comunicacional.

---

<sup>254</sup> Ainda que a mesma tenha sempre levantado as maiores polémicas, por se considerar não existirem bases científicas para proferir tal afirmação (Santos, 1992: 75).

## 7 – Problemas ou vantagens para o processo comunicativo e para a prática pedagógica resultantes do uso do “chatês”

### 7.1 – COMUNICAÇÃO E PROCESSO COMUNICATIVO

“Comunicar” tornou-se, em todas os domínios da nossa actividade, um verdadeiro imperativo categórico. Tornámo-nos parte de um verdadeiro "dispositivo comunicacional" que transforma todos os nossos comportamentos em comunicação, torna transparentes os nossos gestos mais íntimos, encara como uma "doença" toda a recusa, afinal frustrada, à comunicação. (...)

Com efeito, enquanto que as restantes utopias se caracterizam por uma dialéctica união-conflito que não pode deixar de excluir ao mesmo tempo que inclui, a utopia da comunicação apresenta-se, hoje, como uma utopia da união de todos com todos, da inclusão total. Ela só não incluiria os que se recusassem a comunicar; o que, afirmam os seus promotores – que nesta matéria subscreveriam plenamente a afirmação dos pensadores da “Nova Comunicação” e da Escola de Palo Alto “não podemos não comunicar” –, se revela completamente impossível, na medida em que a própria recusa da comunicação já é, e é-o de forma muito significativa, uma forma de comunicação.

SERRA, Paulo<sup>255</sup>, 2006:1, 4

Etimologicamente, o termo Comunicação vem do latim *communis*, comum. Introduz, assim, a ideia de tornar comum, de comunhão, comunidade, de partilha daquilo que é pertença de todos. O indivíduo, ao comunicar, participa e faz participar o outro; não o consegue fazer sozinho. Comunicar pressupõe, assim, a existência do outro.

Charles Cooley (*apud* SANTOS, 1992:9), em 1909, refere que a comunicação é «o mecanismo através do qual existem e se desenvolvem as relações humanas». Cada homem existe por si enquanto sujeito, individualidade, contudo, as suas capacidades intelectuais levam-no a necessitar de se relacionar com os outros e a juntar-se em grupos. A comunicação é, pois, vista como instrumento das relações sociais enquanto desencadeadora da interactividade entre indivíduos, ou como dizia Jean CAZENEUVE (s.d.:68), é a «passagem do individual ao colectivo e a condição de toda a vida social».

---

<sup>255</sup> Professor na Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.ubi.pt/departamentos/departamento.php?dep=ART>, consultado a 18/08/2006].

John DEWEY (1936:23)<sup>256</sup>, autor ligado às questões da aprendizagem, destacava esta “vocalção” do ser humano para a partilha e da comunicação como «o meio por que chegam a possuir coisas em comum», um pouco ao jeito do que George Herbert Mead<sup>257</sup> (*apud* CRONK<sup>258</sup>, 2005) preconizava, defendendo que a comunicação é um processo determinante na formação de cada individuo, já que estes adquirem consciência de si mesmos pela interiorização de comportamentos apreendidos na troca de mensagens. Logo, de acordo com a perspectiva deste autor, a sociedade é “transmissão”, é “comunicação”. Quer isto dizer que não há sociedade, tal qual a entendemos hoje em dia, sem comunicação, sem trocas que se alicerçam numa transmissão que lhe está subjacente.

SCHRAMM<sup>259</sup> (*apud* Gerhard MALETZKE, 1965:17) afirma que «quando comunicamos, tratamos de estabelecer uma comunidade. Isto é, tratamos de compartilhar uma informação, uma ideia ou uma atitude».

BARAGLI<sup>260</sup> (1965:34) define Comunicação como a «faculdade de tornar comum aos outros não somente as coisas externas a ele, mas também ele próprio e suas acções mais íntimas de consciência – ideias, volições (vontades), estados d’alma».

Comunicar significa, portanto, tornar comum, estabelecer comunhão, participar da/na comunidade, usufruir da condição de ser parte de um todo, através do intercâmbio de informações e experiências entre as várias gerações, dado que os homens vivem em comunidade, em conjunto uns com os outros. Comunicação é, pois, participação, é incluir.

---

<sup>256</sup> John Dewey foi um reputado professor americano de Filosofia, Psicologia e Pedagogia, que viveu no final do séc. XIX e séc. XX (1859-1952), tendo leccionado nas Universidades Jonh Hopkins - Baltimore, Michigan, Chicago e Columbia - Nova York e deixado marcas profundas na Filosofia americana e no que toca às teorias da educação, tendo sido defensor da importância da aprendizagem activa e da escola centrada no aluno.

<sup>257</sup> G. H. Mead (1863-1931) foi uma figura de proa na História da Filosofia Americana, tendo exercido grande influência a nível das diversas Ciências Sociais, através dos seus escritos/pensamento. Foi Professor, durante toda a sua vida, na Universidade de Chicago.

<sup>258</sup> George CRONK (2005), Professor e Director do Departamento de Filosofia e Religião da Bergen Community College, Paramus/New Jersey, EUA, afirma a este propósito: «Mind, according to Mead, arises within the social process of communication and cannot be understood apart from that process» [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.bergen.edu/faculty/gcronk/resume04.htm>, consultado a 18/08/2006].

<sup>259</sup> Wilbur Schramm (1907-1987) foi um teórico da comunicação americano, com uma importante obra, que leccionou nas Universidades de Illinois, Stanford e Hawaii, tendo produzido inúmeros trabalhos escritos, não apenas relacionados com o seu trabalho de investigação, mas de natureza literária [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.lib.uiowa.edu/spec-coll/Archives/guides/schramm.htm#biohist>, consultado a 09/06/2004 e de PARDO, 1999].

<sup>260</sup> Enrico Baragli (1908-2001) foi um padre jesuita, perito em cinema e televisão que trabalhou durante boa parte da sua vida na *Civiltà Cattolica*, uma revista da sua congregação [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.laciviltacattolica.it/Quaderni/2001/3619/Articolo%20Baragli.html>, consultado a 09/06/2004].

Podemos, igualmente, dizer que em termos pedagógicos a comunicação é a acção exercida pelas gerações adultas sobre as gerações mais jovens, de forma a adaptá-las à vida social. Por outras palavras, é o processo de transmissão de experiências e de ensinamentos. Este processo não é mais do que o processo de socialização: integração dos que chegam àquilo que já se afirmou, como património de uma sociedade, feito através da aprendizagem e da comunicação, que permite essa aprendizagem (CAZENEUVE, s.d.:68)

Em termos históricos, a comunicação é entendida como o fundamento da existência humana, na medida em que solidifica, através da cooperação e da coexistência, essa mesma existência. «Nunca pensamos sós», diz Pierre LÉVY (2001:93) e acrescenta:

As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem o nosso intelecto: as comunidades que os criaram e os fizeram evoluir “pensam em nós”. A nossa inteligência possui uma dimensão colectiva maior porque somos seres de linguagem.

O acto de comunicar é, então, a materialização do pensamento/sentimento em signos conhecidos por aqueles que tomam parte nesse acto; a linguagem (cuja definição vimos já no Capítulo 5 deste trabalho e que pode manifestar-se de diferentes formas, verbais ou não) é, evidentemente, a maneira mais clara de a exercer, na medida em que se constitui como uma troca de significações que utiliza sistemas simbólicos como suporte, ou mais simplesmente, uma transmissão de informações que implica a emissão de uma mensagem e a sua recepção (CASCAIS, 2002: 68)<sup>261</sup>.

O objecto principal da comunicação é a informação, mas para que ela seja transmitida é necessário que no processo comunicativo existam/participem determinados elementos.

Esses componentes que explicam o processo de comunicação têm variado um pouco através dos tempos, segundo a formação de quem os explicita, os conhecimentos do momento e a finalidade pretendida (como foi visto por todos os mestrandos que participaram nos Seminários da parte curricular deste Mestrado, nomeadamente nos de *Teoria da Comunicação* – leccionado pela Sr.<sup>a</sup> Professora Dr.<sup>a</sup> Fernanda Gil Costa e

---

<sup>261</sup> Fernando Cascais é Director do CENJOR – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas e professor de Géneros Jornalísticos na Universidade Católica, em Lisboa, para além de ter tido outros cargos de alto relevo, como o de Presidente da Associação Europeia de Formação em Jornalismo (EJTA) (1999/2000). Também colaborou na orientação de doutorandos na Universidade Complutense de Madrid [dados recolhidos a partir da obra consultada].

*Imagem e Media* – leccionado pelo Sr. Professor Dr. Vítor Reia Baptista). Várias escolas de Pensamento e muitos investigadores se debruçaram sobre esta temática, entre elas (e mencionando apenas algumas) a “Escola Funcionalista<sup>262</sup>”, a “Escola de Frankfurt<sup>263</sup>”, a “Escola Canadiana<sup>264</sup>” e muitos nomes ligados a História da Teoria da Comunicação trouxeram modelos e hipóteses para explicar o funcionamento do processo comunicativo, como Harold Lasswell<sup>265</sup>, Shannon e Weaver<sup>266</sup>, Katz e Lazarsfeld<sup>267</sup>, entre outros. Assim, não podemos afirmar que exista um modelo universalmente e taxativamente aceite como aquele que definirá a forma de funcionamento deste processo, mas podemos indicar os componentes/elementos que, desde sempre, foram apontados como fundamentais para o estabelecimento do acto comunicativo: o **emissor**, a **mensagem** e o **receptor**.

O emissor é, como afirma CAZENEUVE (s.d.:121), «o ponto de partida observável das mensagens na cadeia que constitui qualquer comunicação», é o «quem» mencionado por Lasswell (cf. nota de rodapé nº 266). Ele, regra geral, codifica a mensagem e envia-a<sup>268</sup>, devendo ter sempre em consideração que a deve estruturar da melhor forma, garantindo que da sua parte não há a introdução de problemas que dificultem ou mesmo impeçam a correcta recepção da mesma e subsequente decodificação. Tem, pois, de

<sup>262</sup> Tal como diz WOLF (1987:53) existe uma grande preocupação com «as funções exercidas pelas comunicações de massa» nas sociedades, mais do que com os efeitos que elas poderão induzir. Destaca-se, neste caso, o teórico Talcott Parsons.

<sup>263</sup> O grupo de teóricos que formariam este grupo ligado por um pensamento comum emergiu no Instituto para Pesquisa Social (Institut für Sozialforschung) da Universidade de Frankfurt-am-Main na Alemanha, logo após a 2ª Guerra Mundial. Erich Fromm e Herbert Marcuse, bem como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas são quem mais se destaca, tendo analisado conceitos como “*indústria cultural*” e “cultura de massas” e desenvolvido uma teoria que ficou conhecida como “*Teoria Crítica*” (SANTOS, 1992:45-50).

<sup>264</sup> Entre os pensadores que fizeram parte desta escola de pensamento estava Marshall McLuhan, cujas ideias relativas à formação de uma “*aldeia global*” são bem conhecidas. Na verdade (SANTOS, 1992:65-78), estes teóricos centraram-se nos estudos dos efeitos dos meios de comunicação enquanto tecnologia (McLuhan ficou célebre pela afirmação «the médium is the message»).

<sup>265</sup> H. Lasswell (1902-1978) passou por diversas Universidades americanas, como docente, entre elas as de Chicago e Yale, tendo dedicado a sua carreira à investigação do processo comunicativo. Formulou a célebre frase «quem, diz o quê, em que canal, a quem, com que efeito», que viria a dar origem ao que ficaria conhecido por “paradigma de Lasswell”, ou seja, um modelo explicativo do processo comunicacional, centrado no estudo dos efeitos causados pelas mensagens (SANTOS, 1992:22-24).

<sup>266</sup> Estes americanos foram responsáveis pela formulação da “*Mathematical Theory of Communication*”, que centrava as suas preocupações no estudo da comunicação enquanto processo de transmissão de mensagens, explicando-o de forma muito simples e linear. Foram eles, igualmente, os introdutores do conceito de “*ruído*” (FISKE, 2002:19-25).

<sup>267</sup> Também americanos, estes “cientistas políticos” (já que se dedicavam à análise do discurso/estratégias dos políticos do seu país) centraram a sua análise do processo comunicativo na figura do “*líder de opinião*”, ou seja, alguém que fazia a ligação entre os meios de comunicação e o público em geral, sendo vistos como personalidades de referência a quando da tomada de decisões/formação de opiniões. Ao seu modelo comunicacional deu-se o nome de “*Two Step Flow*” (SANTOS, 1992:26-30).

<sup>268</sup> Este processo pode não ser exactamente tão linear, mas esta é uma reflexão breve sobre o tema, em que se pretende, tão somente, abordar de forma simples os conceitos.

dominar o código que usará e adequá-lo ao conteúdo e situação em que ocorre a comunicação, bem como ao repertório daquele(s) a quem ela se destina.

A mensagem é o «o quê» de Lasswell, ou seja, é o conjunto de sinais transmitidos entre emissor e receptor, que visam a produção de um significado. É «um elemento numa relação estruturada, cujos outros elementos incluem a realidade exterior e o produtor/leitor», como explica FISKE (2002:16). Tanto é a informação contida nesse conjunto de sinais, como a forma como esses sinais são transmitidos, tal como dizia MacLuhan, na frase célebre já mencionada neste trabalho.

O receptor é aquele a quem se dirige a mensagem, o ponto de chegada das mensagens, para voltar a usar a mesma linha de raciocínio de Cazeneuve; é aquele que recebe a informação e a descodifica, isto é, transforma os sinais em conteúdos com significado.

Mas, hoje em dia, os modelos de comunicação consideram para além destes, o **canal**, ou seja, o suporte físico necessário para o envio dos sinais que compõem as mensagens (CAZENEUVE, s.d.:46 e FISKE, 2002:34) e **código** (que já foi definido no Capítulo 5 deste trabalho). No entanto, se tivermos em conta a comunicação de massas, há que não descurar a inclusão de mais dois elementos necessários a este tipo de comunicação, nomeadamente, a **finalidade** e o **efeito** (como se pode ver no caso do Modelo de Lasswell).

Deste modo, quando se transmite uma mensagem deve definir-se/clarificar o papel do emissor no processo: porque está ali, o que vai fazer, de que maneira. O que liga o emissor ao receptor é a mensagem, logo, também deve ser alvo de considerável atenção. É, em primeira instância, ao nível da mensagem que se colocam os problemas de interpretação e significação<sup>269</sup>. Cada mensagem tem um significado para quem a emite e esse significado tem de ser interpretado/descodificado por quem o recebe. A

<sup>269</sup> Digo em primeira instância, porque a comunicação é troca de mensagens, sim, e é necessário promover o entendimento, diminuindo os fenómenos que podem atrapalhá-lo (o **ruído**, ou seja, «qualquer sinal recebido que não foi transmitido pela fonte, ou qualquer coisa que torna o sinal pretendido mais difícil de descodificar com exactidão», como diz FISKE, 2002:22 e que pode ser de natureza interna/psicológica, se assim lhe quisermos chamar, ou estar simplesmente relacionado com fenómenos de ordem física); é preciso, pois, ter em consideração factores menos objectivos que interferem, permanentemente, no processo comunicativo e que vão desde os de ordem **fisiológica** (o facto de eu estar com uma grande dor de cabeça ou de ser surda vai-me impedir de compreender nas melhores condições, p. ex., uma palestra a que assista e, no entanto, o emissor terá posto todos os seus conhecimentos e capacidades na construção da sua mensagem), **emotiva ou cognitiva** (os estados emocionais e a capacidade cognitiva interferem na percepção), **cultural** (o grau académico dos intervenientes no processo comunicativo, p. ex., interfere; basta pensar em entregar um ensaio académico a alguém de formação académica equivalente ao Ensino Básico e podemos perceber que, certamente, surgirão problemas de descodificação). E quem nunca ouviu alguém pronunciar: «-Não era bem isso que queria dizer»?! É que entre o que se pensa e o que se diz e, posteriormente, o que se ouve e o que se retém/compreende, vai uma grande distância. E poderíamos continuar, mencionando todos os problemas relacionados com fenómenos de ruído.

comunicação só é efectiva quando os significados coincidem. O receptor assume, também, um papel preponderante já que toda a comunicação deve ser feita em função do receptor – quando comunicamos fazê-mo-lo para alguém. No entanto, não basta falar a mesma linguagem do receptor, é necessário partilhar com ele o mesmo **meio** (os recursos técnicos ou físicos que permitem transformar um sinal em algo passível de ser transmitido ao longo do canal, FISKE, 2002:34)<sup>270</sup>. Do mesmo modo, há que definir o objectivo que se pretende atingir no acto comunicativo. Por último, deve ter-se em atenção o **feed-back**, o resultado da comunicação ou «a transmissão da reacção do receptor de volta para o emissor» (FISKE, 2002:38), pois, só assim se poderá estabelecer uma comunicação efectiva, sem ruído e em que os elementos que fazem parte da relação de comunicação vão adaptando o seu desempenho às situações ocorridas nessa relação.

Existem, essencialmente, três tipos de comunicação: a comunicação pessoal ou auto-comunicação, a comunicação interpessoal e a de massas. A primeira é a comunicação que o indivíduo tem consigo próprio e a segunda envolve duas pessoas (em presença ou à distância). Para Fernando CASCAIS (2001:53) a comunicação de massas é:

Comunicação de tipo essencialmente unidireccional emitida por uma organização para um vasto conjunto de receptores numa área geográfica mais ou menos extensa. Envolve sectores empresariais altamente centralizados e especializados na produção e emissão de mensagens, como a imprensa, a rádio e a televisão. Quanto às mensagens, caracteriza-se por uma relativa homogeneização, propiciadora de largas audiências, e uma simultaneidade de recepção (no áudio e audiovisual), permitindo um conhecimento comum que reforça ou altera valores e modelos, além de gerar opinião pública.

A palavra *mass-media* é constituída pela junção dos vocábulos anglo-saxónico *mass* e latino *media*. De uma maneira geral, surge associada ao conceito de “massificação”. Também se diz, habitualmente, que os mass-media (CASCAIS, 2001:173-174) são intermediários, meios de difusão que têm como finalidade a

---

<sup>270</sup> Existem diferentes tipos de meios (FISKE, 2002:34-35): os apresentativos (que recorrem a linguagens naturais, como a voz e requerem a presença do comunicador), os representativos (que permitem registar os apresentativos e não requerem a presença do comunicador, como, p.ex., um livro) e os mecânicos (que combinam as características dos dois anteriores e estão sujeitos às limitações impostas pela tecnologia, como é o caso da televisão, da rádio ou da Internet).

«transmissão de uma mensagem de um centro emissor para a pluralidade de indivíduos receptores».

No entanto, tal como refere Sónia Mira COELHO<sup>271</sup> (2001: 151), «frequentemente é esquecido que os media em si são apenas canais de comunicação. O sentido e valor que lhes damos depende da nossa atitude cultural e educativa e das representações que construímos sobre eles».

Não existe uma atitude consensual acerca do papel e/ou influência dos media na sociedade em geral e no indivíduo, em particular. Nos primórdios (aquando do seu aparecimento) os media, para além de assumirem uma função de entretenimento, foram também vistos, de modo genérico, como meios de transmissão de conhecimento e/ou saber, como reflexo fiel da realidade; mais recentemente, estes surgem associados, grosso modo, à ideia de «pólo massificador de ideias, gostos, vontades (...) como uma poderosa peça de informação e manipulação» (GODINHO<sup>272</sup>, 1996), criadores de uma nova realidade.

Até aos anos trinta/quarenta, tendo por base os princípios liberais vigentes na época (a objectividade, a independência e a veracidade), julgava-se que os meios de comunicação de massa eram meros transmissores da realidade. A informação reflectia, acreditava-se, então, de forma neutra e fiel a realidade e os meios de comunicação social não eram mais do que um instrumento que servia de veículo a essa informação. As notícias eram vistas como um verdadeiro reflexo da sociedade, porque as práticas seguidas na sua elaboração eram um puro saber técnico e, como tal, eram inquestionáveis.

Desde então, no entanto, as convicções e conhecimentos têm vindo a evoluir/transformar-se e hoje crê-se que os meios de comunicação são construtores, eles mesmos, da realidade, ganhando o seu estudo e a análise dos seus efeitos contornos de grande complexidade.

A nossa sociedade é, cada vez mais, uma sociedade geradora e consumidora de mensagens e, por isso, há que alertar e/ou incentivar os receptores, que são constantemente bombardeados por mensagens, a fazer uma leitura crítica de tudo aquilo

---

<sup>271</sup> O texto desta autora, com o título *Educação, Imaginário e Cultura dos Media: um Desafio* foi apresentado na II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação *Challenges'2001/Desafios'2001*, organizada pela Universidade do Minho (ver Bibliografia) e a autora foi apresentada como vindo a Universidade Portucalense, não tendo sido encontrados mais dados relativos a ela.

<sup>272</sup> Luísa Godinho foi redactora do *Diferencial - Jornal dos Estudantes do Instituto Superior Técnico* [dados recolhidos a partir do documento consultado].

que lhe é oferecido neste “admirável mundo novo” das novas tecnologias, muitas vezes considerado uma força negativa que se deve, pronta e indiscutivelmente, abafar, controlar e, até mesmo, extinguir, porque gera problemas, não apenas sociais, culturais, económicos, mas outros, ligados ao próprio acto de comunicar que é, como vimos anteriormente, definidor da própria existência das civilizações e promove, em si mesmo, a partilha.

## 7.2 – PROBLEMAS E/OU VANTAGENS PARA O PROCESSO COMUNICATIVO RESULTANTES DO USO DO “CHATÊS”

Por vezes este tipo de comunicação provoca alguma confusão entre o emissor e o receptor, pois se o segundo não tiver a mesma prática nesta linguagem que o emissor, pode vir a não o perceber.

Entrevistado 1

Preconiza-se, como foi referido anteriormente, que o emissor e o receptor têm de partilhar o mesmo código para que a descodificação da mensagem se processe, ou seja, para que exista, de facto, compreensão dos significados veiculados pelos signos. Também é certo que todos os estudiosos deste tema/processo sabem que raramente aquilo que o emissor transmite corresponde ao que, na realidade, ele elaborou em pensamento, assim como o que o receptor compreende raramente é igual ao que, no acto de recepção, ele escutou/leu/viu e vai processar como material inteligível para si. O próprio canal pode apresentar características que facilitem ou não a compreensão das mensagens e a sua correcta circulação, características que promovam a **redundância**<sup>273</sup> e impeçam que o acto comunicativo seja demasiado afectado pelo **ruído** (cf. nota de rodapé nº270).

O tipo de mensagens de que tenho vindo a falar neste trabalho está, julgo, muito mais sujeito aos efeitos do ruído do que qualquer outro. A partilha de um código, como o usado pelos utilizadores dos *Chats*, SMS e MSN, que não corresponde ao código dominante, que não prevê uma aprendizagem (pelo menos, de acordo com os modelos tradicionalmente definidos para isso), que está em constante mutação e introduz fortes

<sup>273</sup> Diz FISKE (2002:25-26-27) a propósito: «A redundância é aquilo que, numa mensagem, é previsível ou convencional. (...) Na comunicação, a redundância não só é útil como absolutamente vital (...) A redundância ajuda a superar as deficiências de um canal com ruído. (...) Aumentar a redundância ajuda também a superar os problemas de transmissão de uma mensagem entrópica [ou seja, o oposto de uma mensagem redundante]. (...) A escolha do canal pode afectar a necessidade de redundância na mensagem.»

marcas individuais dos utentes, como foi descrito nos Capítulos 5 e 6 (sobretudo, este último), está muito exposto aos efeitos do ruído. Os meus entrevistados, todos eles utilizadores destes serviços, têm essa mesma consciência. Vejamos o que diz a **Entrevistada 12**:

[A] nível da mensagem, esta só poderá ser decodificada se ambos (emissor e receptor) conhecerem esse código, que partilhem o mesmo canal e que obviamente não haja qualquer ruído (físico) durante o acto comunicativo.

As próprias características do meio de comunicação podem conduzir a situações de confusão, caso os utilizadores não dominem completamente o manuseamento tecnológico dos mesmos, como refere a **Entrevistada 9**:

Essa situação é bastante visível no MSN. Na maioria das vezes, um dos interlocutores não aguarda a resposta do outro e quando a lê não percebe a que se refere. Este facto provoca o chamado “ruído” comunicacional, porque dificulta a compreensão da mensagem na sua plenitude.

A **Entrevistada 13** reconhece que este problema é muito claro, porque «[n]em tudo se pode reduzir a uma "abreviatura"», ou seja, o “não dito”<sup>274</sup> tem, neste tipo de comunicação, uma dimensão muito própria e que poderá resultar no aumento dos níveis de incompreensão das mensagens. Na verdade, quase podemos extrapolar as palavras de Adriano Duarte RODRIGUES<sup>275</sup> (1990) para esta realidade:

Os processos comunicacionais não abrangem, no entanto, apenas os actos expressivos e os actos pragmáticos explicitamente manifestados através de signos e comportamentos materiais. Uma palavra esperada mas não enunciada ou uma acção não realizada mas esperada ou virtualmente sugerida são igualmente actos comunicacionais. É por isso que o silêncio e a omissão podem comunicar de maneira tão forte como uma palavra proferida ou uma acção efectivamente realizada. Por vezes, a força do silêncio é ainda maior do que um longo discurso. Aquilo que não se disse e aquilo que se deixou por fazer pertencem igualmente ao domínio da comunicação, na medida em que são processos transformadores de interacções.

<sup>274</sup> Os teóricos apontam para a existência de vários níveis, se assim os pudermos designar, dentro de uma mensagem: aquilo que claramente é enunciado e constitui a "face iluminada" dos media – o **dito**; o que **não é dito**, mas "está lá" e o que pura e simplesmente é **interdito** defender ou pronunciar.

<sup>275</sup> Adriano Duarte Rodrigues é Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 1980. Doutorando em Comunicação Social, pela Universidade Católica de Lovaina (1977) tem ainda duas licenciaturas, uma em Sociologia e outra em Teologia e lecciona na área da Comunicação e da Linguística [dados obtidos a partir do sítio <http://www.fcsh.unl.pt/hp/UNIDADES/Cecl/curriculos/adriano/adr.html>, consultado a 14/06/2004].

Ao pensar algo, um emissor está a fazer um exercício em tudo diferente àquele no qual transforma esse pensamento em palavras, recorrendo à linguagem verbal, quer escrita, quer oral. Se essa produção oral for (e é muito difícil que não o seja) acompanhada de gestos e expressões faciais, podemos afirmar que a mensagem transmitida ganhou um grau superior de complexidade e não é mais igual à que, em pensamento, foi elaborada pelo emissor. E nem vamos falar das circunstâncias em que a emissão da mesma decorre, que igualmente aumentariam essa complexidade. Vamos apenas pensar no canal e código usados pelo emissor para transmitir a mensagem e na sua recepção. Transmitir uma mensagem oralmente já implica a possibilidade de **distorção** e **desgaste**, fenómenos intimamente relacionados com o ruído, ou seja (de forma simples), com tudo o que, durante a transmissão, possa alterar a mensagem e dificultar a sua correcta recepção e descodificação. Se pensarmos que essa mensagem pode ser transmitida através de um canal ainda mais sofisticado, como é o caso dos que estão em análise neste trabalho – telemóveis/SMS e computadores/chat e MSN –, que, ainda por cima, pressupõem que emissor e receptor não estejam em presença um do outro, que ambos tenham um bom conhecimento do código usado (que combina linguagens mistas, possuidoras de elementos textuais e icónicos e que tem uma prevalência muito alta de marcas individuais de cada emissor), pressupõem (como também já foi visto nos dois Capítulos anteriores) a troca síncrona ou assíncrona da mensagens e que o ruído seja mínimo, então, tudo ganha novos contornos.

O não dito está presente nas mensagens que recorrem ao “chatês” de uma forma muito vincada, até porque, pelas próprias características dos meios usados para as transmitir, se torna necessário dar grande relevo a alguns dos seus aspectos formais, para garantir a correcta descodificação, senão vejamos:

- Por se recorrer à escrita, perdem-se elementos que conferem significado às mensagens, como todos os que se relacionam com a prosódia (SANTOS, 2003:30 e SEGERSTAD, 2002:44-45, 70, 200), logo, há que tentar “suprir” essa falta e, por isso, surgem, p. ex., as onomatopeias, a pontuação excessiva/exagerada e os próprios emoticons;
- Factores como idade, sexo, formação académica e outros “pesam” na hora de escrever/criar mensagens, bem como na de as receber (como se viu anteriormente – cf. nota de rodapé nº 270 e

Capítulos 5 e 6, quando se refere as diferenças entre a produção textual destinada a pais e a produção textual destinada a amigos da mesma faixa etária);

- Tudo o que se relaciona com a construção/*design* dos *softwares* empregues para codificar as mensagens escapa ao controlo dos utilizadores (emissores e receptores) e influencia, decisivamente, a construção das mensagens (basta pensar, p. ex., que se um utilizador estiver a usar uma versão mais antiga do MSN não disporá de tantas funcionalidades como outro que esteja a usar a versão mais actual, como poder convidar diversos “amigos” incluídos na sua lista de contactos para uma mesma conversa);
- A própria “capacidade” das máquinas usadas (memória, interfaces, velocidade, tipo de ligação à rede) influenciam o processo em construção/envio/recepção de mensagens.

Estes são apenas alguns dos aspectos que revelam o que não está dito, mas “está lá” e por vezes influencia mais do que tudo o que é dito<sup>276</sup>.

Por sua vez, a já mencionada criatividade individual que marca a produção textual do “chatês” também traz os seus problemas. Cada um é livre de introduzir novos signos (icónicos ou textuais – as abreviaturas não convencionais, p. ex.) no discurso<sup>277</sup> e pode fazê-lo em qualquer altura, sem que o(s) receptor(s) tenha conhecimento prévio do significado que é atribuído a esses signos por parte do emissor. A norma não existe claramente definida<sup>278</sup> e isso permite que se gerem problemas. Podem, pois, surgir interpretações diversas e conflituosas entre si. Quase que poderíamos afirmar que a **arbitrariedade** é, no “chatês”, “levada ao extremo”, podendo dificultar aquele que é o objectivo último do processo comunicativo e da comunicação: a existência de partilha de conhecimentos/significados. Como afirma em jeito de exemplo a **Participante A**

---

<sup>276</sup> Edmundo CORDEIRO (1995), Professor da Universidade da Beira Interior, diz, citando Michel Foucault na sua obra *A Ordem do Discurso*: «A palavra é alvo do exercício de poderes que a controlam; os poderes não incidem apenas sobre os corpos, mas também sobre as palavras. E porque sucederá isso? Ao que parece, pela suspeita de que há na actividade discursiva «poderes e perigos que imaginamos mal» (Ibidem) – e porque o discurso é também objecto do desejo, porque «o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos apoderar-nos.» (Ibidem)».

<sup>277</sup> O **Entrevistado 7** diz que «cada um tem a sua maneira de escrever», reforçando esta ideia.

<sup>278</sup> Vimos, anteriormente, que o “chatês” utiliza as estruturas sintácticas/semânticas das línguas maternas dos seus utilizadores e, nesse sentido, pode-se pensar na norma dessas mesmas línguas como aplicável a este “código”, mas, todavia, essa norma será sempre alterada, em função de características presentes no “chat-es” e que não são contempladas pela norma da língua escrita, como a presença dos emoticons.

**Grupo 1**, dos *Focus Groups* de **alunos**: «Às vezes tens de voltar atrás para dar sentido à frase por causa das abreviaturas». Basta pensarmos em alguns casos relacionados com a Literatura, para podermos ter uma perspectiva mais concreta disto mesmo. James Joyce, o famoso romancista e Prémio Nobel da Literatura Irlandês, escreveu o seu livro *Ulisses* recorrendo, nos seus dezoito capítulos, a uma linguagem e sintaxe re-inventadas, explorando processos de associação de imagens e recursos verbais, fazendo paródias estilísticas, usando o fluxo da consciência e incorporando teorias da psicanálise freudiana sobre o comportamento sexual<sup>279</sup>. José Saramago, Prémio Nobel da Literatura português, também recorre nos seus trabalhos a “formas”, chamemos-lhe assim, “não muito ortodoxas” de escrever<sup>280</sup>. E é frequente ouvir os leitores, que habitualmente não estão familiarizados com estas “escritas” queixarem-se, revelando dificuldades de compreensão.

Usando de algum sentido de humor, podemos dizer que até ORWELL (1948), na sua famosa obra *1984*, ao “criar” o “*Newspeak*”<sup>281</sup>, previa algum tipo de norma, já que o próprio personagem principal, Winston Smith, trabalhava como “seleccionador” de documentos e de novos termos a usar nessa língua imposta e artificialmente criada.

O **reportório** do receptor é, pois, determinante para que a descodificação seja bem sucedida, como salienta o **Entrevistado 2**:

[o uso do “chatês”] Pode criar [problemas] se houver uma grande diferença entre a capacidade de compreensão de um dos comunicadores, relativamente a este código. Falando por mim, quando teclo com alguém que sei ser menos “viajado” por este tipo de conversações, tenho cuidado e evito certas expressões que lhe possam ser desconhecidas. Regra geral todos podem compreender a linguagem ao absterem-se do

<sup>279</sup> Vejamos um pequeno excerto dessa obra (JOYCE, 1922, Episode 18 - Penelope), onde se vêem claramente marcas diferentes da norma, como a não utilização de pontuação, exclusão de apostrofes (determinantes, na Língua Inglesa), entre outras: «Monday frseeeeeeeffronnnng train somewhere whistling the strength those engines have in them like big giants and the water rolling all over and out of them all sides like the end of Loves old sweet synnnng the poor men that have to be out all the night from their wives and families in those roasting engines stifling it was today Im glad I burned the half of those old Freemans and Photo bits leaving things like that lying around hes getting very careless and threw the rest of them up in the W C».

<sup>280</sup> Curiosamente, os professores do grupo 1 usando de algum sentido de humor, referem-se aos textos deste autor como algo que «é capaz de ser pior do que o “chatês”!...».

<sup>281</sup> George ORWELL (1948<sup>a</sup>), na sua obra *1984*, “fantasiava” sobre a criação de uma nova língua, que substituiria o Inglês, a que deu o nome de “*Newspeak*” e que serviria os objectivos políticos do ditador descrito na história, o famoso “*Big Brother*”. O próprio ORWELL (1948<sup>b</sup>), no texto *The Principles of Newspeak*, um apêndice à edição de *1984* publicada em 1948, dizia: «*Newspeak* was the official language of Oceania, and had been devised to meet the ideological needs of Ingsoc, or English Socialism. In the year 1984 there was not as yet anyone who used *Newspeak* as his sole means of communication, either in speech or writing. The leading articles of the Times were written in it, but this was a tour de force which could only be carried out by a specialist. It was expected that *Newspeak* would have finally superseded *Oldspeak* (or standard English, as we should call it) by about the year 2050. Meanwhile, it gained ground steadily, all party members tending to use *Newspeak* words and grammatical constructions more and more in their everyday speech».

Português a que estão habituados e tentarem compreender as palavras pela sua sonoridade, à excepção de determinados termos que abreviam expressões (algumas de origem não portuguesa) e que necessitam de ser definidos. (Exemplo: **lol** = **laught out loud**. Expressão muito utilizada para definir o acto de “rir”).

Vantagens do “chatês” para o processo comunicativo, existirão? Para além das que já foram descritas pelos próprios utilizadores que colaboraram neste estudo – **rapidez, economia**, promoção da **objectividade** (no sentido de limitar as mensagens apenas à ideia central que se pretende transmitir) –, creio que a mais evidente se prende com o desenvolvimento da **criatividade** de cada um dos jovens que a ele recorre, criatividade que se justifica e exprime de formas já anteriormente descritas/analizadas.

### 7.3 – “CHATÊS” *VERSUS* PORTUGUÊS OU “CHATÊS”, «UM “ANEXO” DA LÍNGUA»?

Será, então, que o “chatês” está a influenciar o Português, a alterá-lo substancialmente? Estará o nosso idioma a ser “prejudicado”, ao ponto de podermos alguma vez chegar ao extremo de um “*Newspeak*”?

Mais uma vez, as opiniões dividem-se quanto a este assunto, não só entre os meus entrevistados, como, na sociedade em geral<sup>282</sup>. A **Entrevistada 8**, por exemplo, entende que a «aprendizagem da língua materna pode ser condicionada se o uso dos *Chats* e dos SMS for de tal forma extenso que o falante perca o sentido original da sua língua». E dá como exemplo «o caso de “Tiveste no cinema?” em vez da forma correcta “Estiveste no cinema?”».

A **Entrevistada 3** diz:

[P]or um lado acho que prejudica, isto porque existe muita gente que já está tão acostumada a utilizar este tipo de comunicação, que, em certas alturas que deve utilizar o português correcto, engana-se e deixa de desenvolver o vocabulário correcto. Por outro lado, apura o nosso raciocínio a nível da compreensão rápida; afinal, em pouco tempo temos de descodificar um monte de mensagens que vem escrita de uma determinada forma e sempre diferente.

---

<sup>282</sup> Outras sociedades debatem o mesmo tema: será que este novo código afecta as línguas maternas, a sua aprendizagem e uso correctos? A confirmação pode ser feita através dos artigos recolhidos em órgãos de comunicação estrangeiros (e nacionais) e que se encontram nos anexos deste trabalho.

O uso do “chatês” pode, de acordo com as **Entrevistada 4 e 5** trazer «dúvidas» na hora de recorrer ao Português padrão e até mesmo «confusão», nas palavras da **Entrevistada 6**. Esta ideia é reforçada por aquilo que se dizia na discussão mantida nos *Focus Groups* de **alunos, Grupo 1**, quando a **Participante A** dizia: «eu nunca tive muitos problemas de erros e ultimamente, desde que utilizo mais o MSN, muitas vezes vou escrever e tenho dúvidas se é assim ou não que se escreve».

A **Entrevistada 12** refere a utilização de «abreviaturas, como por ex.: tb para também, k para que» e de «estrangeirismos» como a mais visível consequência para o Português padrão do uso do “chatês”. Os **professores** do **Grupo 1**, nomeadamente a Participante P2, salientam que as abreviaturas, o uso do x cada vez surgem mais nas produções textuais dos alunos, e notam, mesmo que «as regras de acentuação, com estas mensagens, são uma coisa que eles podem estar a esquecer, porque podem acentuar um bué, mas podem estar a esquecer as regras de acentuação, porque estas mensagens não necessitam».

Os professores sentem, pois, a presença deste tipo de comunicação nas suas salas de aulas, como me foi dito pelos **Entrevistados 13, 10 e 12**, respectivamente:

Já tive uma aluna que me respondeu num teste de avaliação com recurso à linguagem de código. E, não era a brincar...

[O]s alunos quando escrevem demonstram já uma grande tendência para o uso desse tipo de linguagem em trabalhos escolares e até mesmo nos testes, principalmente, quando o fazem condicionados pelo factor tempo, sem se darem conta disso.

Alguns alunos misturam, por vezes, ambos os tipos de códigos quando tiram um apontamento ou mesmo num teste.

Encontram-se registos nas produções textuais dos estudantes, nomeadamente em testes, trabalhos escritos e composições, como os que a seguir se introduzem como exemplo e foram recolhidos durante o ano lectivo de 2005/2006 na Escola Secundária de Silves.

1.1) A tipologia inserida neste texto é  
- um diário, porque começa com a data e da maneira como é escrito. inc

1.2) O texto escrito é baseado numa  
- ação que já aconteceu, ao autor  
- a algum tempo, e que (ela) agora  
foi relatada no presente, e comparada  
com a do passado. inc

2.1) ~~o que levou o escritor~~  
- O que levou o escritor foi a ~~TV~~  
TV (televisão) dominar o país, com  
a publicidade e os interesses políticos.  
por detrás disso tudo. X inc

2.2) Os Apícos são:  
- Tv  
- Um concurso,  
- Os comerciais  
- Os programas. inc

Deve constar um texto.

Excerto 1  
Teste da Disciplina de Português, 10º Ano, realizado a 05/12/2005

10 Dezembro (sabado)  
Quando diario hoje, me passa pela  
cabeça o que me aconteceu, conheci uma  
moça linda de morrer, bem tudo o que é preciso  
no lugar, e bonita, inteligente, sabe falar, e ter  
uma boa conversa, (axo) que (sou) "inlove" por  
ela, mas isto é só o começo.  
Depois de a ter conhecido fui para a escola  
onde recebi uma noticia que final mente ia mudar  
de escola, vou para ~~positivaz~~ para onde  
queria ir, recebi as minhas notas, e dire  
mais ou menos, mas patia ser pior, enfim  
isto foi só o que me aconteceu hoje.

Excerto 2  
Teste da Disciplina de Português, 10º Ano, realizado a 05/12/2005

O meu nome é João, tenho 18 anos e moro no concelho de Silves. Os meus defeitos são ser preguiçoso, tímido e preconceituoso, mesmo comigo. Em relação a qualidades, tenho algumas, mas não as utilizo muito, porque o meu defeito de timidez não deixa algumas das minhas qualidades avançarem, "funciona como barreira" → Temos de melhorar isto!

Bem, mas vou referir algumas das minhas qualidades: Sou carinhoso, não gosto de fazer as coisas mal feitas, também não gosto de fazer mal a animais e isso. → ⊗

Também os meus defeitos e qualidades vão mudando ao longo do tempo. Bem acho que é tudo.

acho

Excerto 3

Composição para a Disciplina de Cidadania e Mundo Actual, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 24/11/2005

Sou natural de Silves. A minha residência é em Silves, por vários. Qualidades sendo algumas mas vou referir as mais simples: Sou preguiçoso, mas sei distinguir quando é (pa) sair e quando é (pa) trabalhar. Defeitos, já tive 1 ano sem (pa) na escola (pa) e não sei ou mesmo o que é o mundo de fora, que é muito diferente da escola. (Aco) que a escola é muito importante e adquire muita conhecimentos que já me serviram no mundo do trabalho. O meu hobby são os desportos moderados, como o futebol.

Excerto 4

Composição para a Disciplina de Cidadania e Mundo Actual, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 24/11/2005

Chamo-me yoric [redacted], morei em Faro e tenho 17 anos. Morei mais precisamente em Algoz, numa vila que fica no concelho de Silves. Estudo na Escola Secundária de Silves, no curso de Técnico de Instalações Eléctricas. Escolhi este curso, porque penso que seja o melhor para mim daqui em diante. Pratico desporto ~~futebol~~ (futebol) há 4 anos e sou muito satisfeito.

As minhas melhores qualidades, pensando bem, são a jogar futebol (j), não, sou educado, divertido e sou a melhorar algumas coisas com o tempo.

Os meus defeitos ainda não sei quais são, mas tenho. O que eu considero ter aprendido de melhor foi ter escolhido este curso e de ter aprendido a jogar futebol. E espero melhorar em alguns aspectos da minha vida, como saber viver neste mundo actual.

## Excerto 5

Composição para a Disciplina de Cidadania e Mundo Actual, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 24/11/2005

Não é só em Portugal, mas no resto do planeta, que se observa este fenómeno, como também se pode comprovar pela leitura das notícias que se encontram nos anexos deste trabalho e pelo excerto que a seguir se reproduz, relatando um caso no Reino Unido:

### Inovação Aluna Escreve Composição em Linguagem "SMS"

"My smmr hols wr CWOT. B4, we used 2go2 NY 2C my bro, his GF & thr 3:- kids FTF. ILNY,i's a gr8 plc". Este é apenas um excerto da composição escrita por uma aluna inglesa de 13 anos sobre as suas férias de Verão.

Perceber o texto, escrito em linguagem "sms" - o sistema "short message system" utilizado nos telemóveis - torna-se difícil, se não impossível, a quem estiver menos familiarizado com este código. Atónito, o professor que tinha pedido a redacção bem se esforçou por tentar compreender: "Não queria acreditar no que estava a ver", contou ao "Daily Telegraph", citado pela Reuters. (...)

## Excerto 6

Jornal PÚBLICO, Terça-feira, 04 de Março de 2003

<http://www.saladosprofessores.com/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&t=1766>

(consultado a 21/06/2004)

Na Finlândia, esses efeitos e medos são experimentados, da mesma forma, pelos docentes, como relatam KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003:183-184):

Finnish teachers have been worried about the negative effects that the free-form, often quickly written text messages may have on teenagers' capacity for written expression. (...) Teachers presume that these elements will be transferred from text messages to more formal texts. They are partly right. More than girls, Finnish boys have a tendency to resent official teaching of Finnish, and their texts are short and less expressive. So the negative transfer from SMS communication to essays written once or twice a month is possible.

Tendo os factos anteriores em consideração e pensando no impacto que as estatísticas de utilização destes serviços têm nos media e os relatos relacionados com o uso do “chatês”, percebe-se que a preocupação dos docentes do nosso país surja muitas vezes expressa, até na comunicação social. Temem que a Língua Portuguesa esteja a sofrer um impacto negativo, queixam-se – porque os pude ouvir durante os 12 anos de carreira docente que tive – que se escreve cada vez pior, que não há cuidado com a acentuação e a pontuação, que não há aprofundamento de ideias, nem uma correcta articulação das mesmas. Cristina GRADIM (2006:41), uma professora de Português do Ensino Secundário, num artigo publicado na Revista *Pontos nos ii*, afirma:

Às vezes pergunto aos meus alunos como conseguem defender um ponto de vista ou organizar o dia que têm pela frente, sem construírem um discurso lógico. Respondem-me que se entendem assim.

Do meu ponto de vista, começa a ser perigoso porque apenas nomeiam, não estabelecem relações entre as ideias, não têm vocabulário suficiente para se expressarem.

Os próprios alunos se apercebem cada vez mais do surgimento deste tipo de marcas dentro da sala de aula, ou porque são chamados à atenção por isso, ou porque assistem a esse tipo de situação envolvendo colegas de turma. Os **alunos** dos **Grupos 1, 2, 3 e 4** (respectivamente) comentaram, a propósito:

**ES** – Vocês não eram capazes de usar “chatês” num teste?

**A, B e C** – Não! [*B é veemente na negação!*]

**D** – Já me aconteceu.

**G** – Já usei sem querer o porquê e o professor de Matemática disse-me: -“O que é isto?!...”

**A** – Há uma colega na minha turma... Ela engana-se muitas vezes e coloca isso e tenho um caso de um colega meu no 9º ano que fez um teste todo em “chatês”, mas é que todo!!!!.... [*muito enfática*]

**C** – Eu já me enganei nos testes e nunca me disseram nada!

**ES** – Porquê?

**C** – Não sei, mas já houve várias vezes que pus porquê com um p e um k e ninguém me disse nada.

**ES** – Continuou a usar?

**C** – Ah! Às vezes, quando me esqueço...

**E** – Eu também tive esse problema foi no ciclo, quando parti o braço. Fiz um teste de Francês no computador e mesmo em Francês o “non” era um n e montes de abreviaturas... [*risos*] E depois, não se punha vírgulas, pontos finais...

**ES** – Essa é outra...

**D** – Eu, por acaso, procuro não me esquecer.

**J** – Eu uso muitas abreviaturas!

**ES** – Usa? E quando escrevem fora do chat, do MSN, também usam?

**J** – Sim, num teste de Português [*ri-se e a H ri-se ruidosamente*]!

**ES** – Usou num teste de Português?!... Conte lá isso! Como é que fez isso?!...

**J** – Na composição escrevi “porquê”, “como”... Foi só isso.

**ES** – Foi só isso?!...

**H** – Eu por acaso nas aulas até nem...

**J** – Ah, mas no meu caderno é só abreviaturas!...

**H** – Pois, mas depois em casa, se estou a escrever um texto ou qualquer coisa...

**J** – É mais rápido!

**H** – ... uso sem querer!

**ES** – Então e nas aulas, vocês acham que já vão de vez em quando utilizando?...

**M** – É difícil...

**L** – Eu acho que isso tem sido uma batalha para mim, porque eu tinha uma colega no 9º ano e ela utilizava, nos textos de Português, em vez dos “q’s”, os “k’s”. Na altura, eu não utilizava muito o SMS e o MSN, mas agora que utilizo, ao escrever não utilizo essa linguagem. Acho que o teclado do computador permite mais facilmente nós escrevermos dessa forma, mas escrito [*refere-se ao escrever com a mão*], acho que não.

**M** – Eu escrevo sempre correctamente...

**L** – Mas há pessoas que escrevem dessa forma... (...) Eu uso para fazer os apontamentos no caderno! É isso! Não quando a professora está a ditar, mas aqueles apontamentos que nós fazemos para não nos esquecermos disto...

**ES** – Mas sabe que num teste não vai fazer isso?

**L** – Claro, é isso!

**M** – Eu não utilizo, quase...

**ES** – Mas, se calhar, têm colegas que nos testes também fazem!

**L** – Pois, agora no Secundário não tenho notado nada disso e se acontecesse, se calhar a professora...

**M** – Sei que dão muitos erros ortográficos, agora...

**ES** – E os erros não resultarão muito disso? Por exemplo, “tá”, “tou”?!...

**M** – Se calhar!

**L** – Talvez. Embora isso do “tá” e do “tou” já seja muito usado em Literatura, em diálogos...

**ES** – Depende do nível de língua de que estivermos a falar... Também em Literatura podemos chegar ao calão e não vamos utilizá-lo correntemente.

**L** – É isso mesmo!

**ES** – Nos vossos apontamentos não usam nada?

**Q** – Sim, às vezes, porque é mais rápido.

**N** – Sim, para conseguir apanhar tudo!

**ES** – E na vossa turma têm algum colega que já tenha utilizado em algum trabalho, se tenha esquecido?!... Num teste?!...

**O** – Eu! [risos] Num teste, a Biologia, que utilizei a abreviatura de “que” (o “q” com o “til” em cima)! Só que foi mesmo naturalmente que eu fiz aquilo! Fiz e só depois, quando recebi o teste, estive a ler é que me apercebi que tinha feito aquela abreviatura!

**N** – Eu, também, nos testes de Português usei uma vez, numa composição. Já estava um bocado à pressa e usei nos “nãos” e nos “quês”, mas não me descontou! E acho que não devia descontar, porque são abreviaturas que nós usamos tanto na Secundária – e então nas Faculdades, é essencial usarmos! -, que acho que deviam ser aprovadas em relação aos testes, porque nem sempre temos tempo para escrever as palavras completas e, para poupar tempo, acho que deveria ser aprovado. [risos]

**Q** – Eu acho que não tem muita lógica, porque então, a Português, vamos estar a escrever textos, e composições e testes com abreviaturas?!... Não faz sentido!

**O** – Eu não concordo, porque há muita gente que acaba por perder, mesmo, a própria linguagem!

**Q** – Pois, há muita gente que não controla: ou é oito ou é oitenta!

Esta questão da **adequação do “código” ao contexto/situação de comunicação** é bastante importante e interessante, já que, como foi referido, surgem marcas do “chatês” na sala de aula, nos testes e noutras produções escritas em contexto escolar, produções essas, que exigiriam um cuidado maior e um grau de formalidade no uso da linguagem acima daquele que é mostrado nos excertos 1, 2, 3, 4 e 5, o que leva os docentes a queixarem-se da intrusão deste código e dos seus malefícios em termos

pedagógicos. Todavia, os alunos participantes neste estudo, quando confrontados com os exercícios (de que se falará adiante, neste trabalho) que incluíam o “chatês” e incluíam expressões de calão, revelaram total desconforto, manifestando isso mesmo aos docentes e revelando que não fazia parte das suas concepções a inclusão desta modalidade de discurso no contexto/situação “sala de aula”.

Os meus Entrevistados também analisam esta questão da adequação do “código” ao contexto/situação e apesar de alguns salientarem (como o **Entrevistado 10**) que ao nível da escrita «as marcas da utilização do mesmo tipo de códigos e expressões que são utilizados *on-line*» aparecem com frequência, sobretudo, em «documentos pessoais», mencionam, igualmente, um factor que consideram determinante para que surjam falhas a esse nível, factor esse que lhes parece mais significativo que a própria influência que o “chatês” possa estar a exercer sobre os mais novos. Vejamos o que afirma o **Entrevistado 14**:

Os mais jovens não conhecem as situações/contextos "tradicionais" porque não são colocados perante elas, não escrevem cartas, requerimentos, não lêem documentos oficiais, não lêem!

Ou seja, a norma, a língua padrão não estaria somente a ser “prejudicada” pelo uso deste novo “código”, mas por alterações dos hábitos de leitura e de estudo dos jovens, que são vistos, inclusivamente, como a única forma de corrigir/minorar os efeitos do “chatês”, como adianta a **aluna Participante E, do Grupo 1**:

[A] única técnica para corrigir será mesmo ler um livro. Uma pessoa lê um livro em Português, não percebe uma palavra (há muitas palavras esquisitas que se encontram nos livros), vai-se ver ao dicionário e eu acho que é assim que poderemos eventualmente tentar corrigir isso.

Outro ponto de vista que nos parece ser um dos mais consistentes no que toca a à existência, ou não, de uma “intromissão”, por assim dizer, do “chatês” no Português é o que manifesta o **Entrevistado 2**:

[N]os casos em que não existe (...) domínio da Língua Portuguesa e as pessoas partem para variações da mesma, é natural que haja confusões em relação a como escrever determinadas palavras, devido à incapacidade de compreender o que é correcto ou não, ou mesmo por distração (devido ao hábito de escrever de determinado modo)!

Celeste ARAÚJO (2003), no seu artigo do jornal Público, cita Mário Vilela<sup>283</sup>, que confirma esta ideia, ao afirmar: «Não se trata de um processo criativo, mas de falta de conhecimento, o que conduz à desfiguração da língua». Esta falta de conhecimento associada à necessidade de rapidez e de simplificação, reforçadas pelo enorme impacto dos meios de comunicação audiovisuais<sup>284</sup>, que por questões essencialmente de ordem económica vão introduzindo referências a estes novos códigos nas suas mensagens<sup>285</sup> vai contribuindo para que alguns usos menos adequados possam vir a “esgueirar-se”, usando uma expressão popular, pela língua padrão.

**Quem não sabe escrever ou falar correctamente o seu idioma – ou seja, quem não tem um vocabulário razoavelmente extenso, não domina as regras da sintaxe, não aplica as regras da ortografia –, é mais permeável ao uso deste código, como se pode constatar durante a investigação realizada para este trabalho, mas é, igualmente mais permeável à introdução de expressões coloquiais, de gíria e regionalismos em produções textuais (ou mesmo em situações de comunicação em que se recorre à linguagem oral) de carácter mais formal<sup>286</sup>.**

Esta afirmação é comprovável, tendo em consideração os seguintes dados:

- Aquando da realização durante as aulas de Português dos diversos exercícios elaborados por mim (que constam do “Pequeno Guia para Uso do “Chatês” na aprendizagem do Português”), pode observar-se que os alunos que tinham habitualmente maiores dificuldades na disciplina de Português e, conseqüentemente, piores notas, tiveram mais contrariedades para conseguirem atingir os objectivos propostos, sobretudo os que se prendiam com a correcção sintáctica/ortográfica dos textos apresentados em “chatês”;

<sup>283</sup> Mário Vilela é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e autor de uma extensa obra na área da linguística portuguesa e membro da Associação Portuguesa de Tradutores [dados recolhidos a partir do sítio [http://sigarra.up.pt/flup/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=185](http://sigarra.up.pt/flup/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=185), consultado a 14/08/2006].

<sup>284</sup> «“Os meios de comunicação têm um poder normativo no uso quotidiano da língua, mais do que a escola ou um congresso de linguística”, diz Carlos Reis, professor da Universidade de Coimbra» (ARAÚJO, 2003).

<sup>285</sup> Veja-se o caso da Publicidade que recorre a esta linguagem para garantir inovação e poder de atracção aos seus anúncios; ou o caso dos estrangeirismos, difundidos por eles nos seus produtos, como por exemplo, as telenovelas, programas de grande audiência e de grande impacto junto da população.

<sup>286</sup> Este tema tem ligação com o que é exposto por Ana Amélia CARVALHO (1998:106 e 113) e que se relaciona com os estilos de aprendizagem (a forma como os alunos encaram e reagem aos estímulos que têm como objectivo promover a aprendizagem) e com o conhecimento prévio que se tem sobre os temas/conteúdos a abordar. Pode-se inferir da análise desta autora que os alunos metódicos e organizador, possuidores de mais conhecimentos prévios sobre um dado tema, terão melhores resultados (no caso do estudo efectuado por esta autora, tiveram melhores resultados na utilização de hiperdocumentos).

- Esses alunos revelaram ter interiorizado<sup>287</sup>, já algumas das expressões que mais usam no “chatês” (sobretudo as que têm origem na reprodução textual do som, como o “tou” em vez de estou ou o “pa” em vez do para, a presença do k, o uso do X em vez dos s ou ch – aliás, os excertos 4 e 5 são mostra disso, bem como os excertos que a seguir se introduzem), interiorização essa que os impediu de corrigir esse tipo de expressões, revelando considerarem-nas adequadas à norma do Português padrão; empregaram menos e de forma mais incorrecta a pontuação e a acentuação. Vejamos os excertos que se retiraram de alguns desses exercícios:

Professora quer saber o que me a contaram? Recibi o papel da conta da água e ia-me dando uma coisa <sup>queimada por.</sup> ~~500~~ pelos meses de agosto e setembro! Nem ~~esperaria~~ a quem dizesse como tenho debito automático fiquei logo sem dinheiro na conta!

Em ha camãra quer saber o que se passaram e foi para o balcão onde se paga a água e terra da mesma feita, espera duas horas para me atenderem, incrédulo! A funcionaria era mesmo lenta! Ei aqui de todas as coisas mas ~~estava~~ o nome dela é Maria Silva.

Bom mas o mais chato foi o que ela me disse: que de terra os <sup>quinhentos.</sup> ~~500~~ na factura é porque terra lento e em terra era que pagar, porque os gerentes queriam minuta água e depois não quer pagar e que eu era uma de desorganizada, porque não respeitava a natureza e depois os valores e que ficaram sem água em casa, insultou-me e fiquei passada!

Acabei por não perguntar como fazer para ter a certeza de que a conta está errada mas já sei que tenho de pedir que vejam o contador esta a funcionaria bem e se é assim, tenho um amigo que trabalha na na camãra de placem-me e me o contador e de 2 o meu está a funcionaria bem.

## Excerto 7

Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006

<sup>287</sup> Este facto é referido pelos **professores** do **Grupo 1** com toda a clareza, nomeadamente pela **Participante P2**, ao relatar a experiência vivida com os seus alunos: «Não têm noção, porque era pedido para eles escreverem em português correcto e eles já não escreveram “estar”; escreveram “tar”. Vários fizeram isso!».

1 - Para mim nem sempre é janeiro  
O sol também pode brilhar  
deixarei de tar ~~triste~~ deprimido  
se o amor me encontrar

Se a Primavera chegar  
E o amor me encontrar  
Então o sol vai brilhar  
E eu vou sorrir a valer

Excerto 8

Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006

Venho por este meio comunican~~do~~ a vossa ex.<sup>a</sup>, que no passado dia dirigi-me à secção de águas da câmara para reclamar uma factura que não estava connecta. No local fui obrigado a esperar, visto que a funcionária demonstrava muito a exacer~~ção~~ a sua função e quando finalmente chegou a minha vez e fiz a reclamação, a funcionária Maria Silva respondeu-me mal, insultando-me e dizendo que a factura tava bem. Resolvi então pedir a um amigo, funcionário da câmara, para que ~~se~~ vi-se o contador e foi verificado que o contador não estava em bom estado.

Não sou disposta a pagar uma factura de água que não gostei e gostava de ser informada como posso vir a reaver o meu dinheiro.

Sem mais assunto de momento

Atenciosamente

Excerto 9

Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006

Professora quer saber o que me aconteceu? Recebi o papel da <sup>conta</sup> água e ia-me dando uma coisa !!! 500€ pelos meses de Agosto e Setembro !!! Nem queria acreditar! e como tenho débito automático fiquei logo sem dinheiro na conta, fui na câmara para saber <sup>que</sup> se passava e fui para o balcão de atendimento onde se paga a conta água e tava lá uma fila... ~~espere~~ esperei 2 horas para me atenderem !!! incrédível!!! a funcionária era mesmo lenta !!! Fiquei de todas as cores mas exceção o nome dela: Maria Silva.

Bom mas o mais chato foi que ela me disse que se tavam a 500€ na fatura é porque tava certo e eu tinha mais que pagar, porque as pessoas gastam muito água e depois não querem pagar... e que eu era um ~~de~~ desaquejado porque não respeitava a natureza e depois os outros é que iam ficar sem água em casa... insultou-me e

## Excerto 10

Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006

professora quer saber o que me aconteceu? Recebi o papel da conta de água e ia-me dando uma coisa !!! ... 500€ pelos meses de Agosto e Setembro !!!! ... nem queria acreditar! e como tenho débito automático fiquei logo sem dinheiro na conta !!!

Fui na câmara para saber o que se passava e fui para o balcão onde se paga a água e tava lá uma fila... esperei 2 horas para me atenderem !!! incrédível!!! a funcionária era mesmo lenta !!! ... fiquei de todas as cores mas ascreei o nome dela: Maria Silva.

Bom, mas o mais chato foi o que ela me disse: que se tavam os 500€ na fatura é porque tava certo e eu tinha mais que pagar, porque as ~~meas~~ pessoas gastam bué água e depois os outros e que iam ficar sem água em casa... insultou-me e fiquei passada !!! ... acabei por não perguntar como fazer para lar a cabeça de que a conta está avariada mas já sei que tenho de pedir que vejam o contador se esta a funcionar bem e assim... 1 amigo que trabalha na câmara explicou-me, e viu o contador e diz que não está a funcionar bem).

Queria escrever uma carta a contar isto tudo e a reclamar porque não me informaram como se deve ser, porque me tinham bué mal e porque não vai pagar uma conta de água de 500€ que não gastei !!! Porque a parcaria do contador esta avariada.

Pode ajudar-me ??? não sei como fazer... se sei que a carta tem de ser para o presidente da câmara de ...

Obrigada professora mesmo!!! Bajos <sup>2006</sup>

## Excerto 11

Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006

- Esse tipo de marcas surgiu muito mais frequentemente no discurso dos **alunos do Grupo 2** (dos *Focus Groups* criados para esta investigação), composto por alunos que foram indicados pelos professores que colaboraram neste estudo como tendo grandes dificuldades/lacunas ao nível da disciplina de Português. São exemplo dessa falta de adequação ao contexto/situação as seguintes expressões surgidas durante a conversa: «Só atendes “se quiseres”!»; «Eh pá, é por isso mesmo que por vezes não utilizo muito! Às vezes olho para aquilo e: - “Eh pá, o que é isto que está aqui?!”....»; «uma cena assim»; «não dou feito daquilo»;
- Este grupo manifestou, ainda, uma menor capacidade de aprofundamento das questões propostas para discussão e, caso se pudessem colocar na transcrição da conversa mantida todos os momentos de silêncio e o esforço do moderador para que a conversa seguisse num ritmo útil e interessante, seria fácil compreender as dificuldades de expressão desses jovens. Pode ver-se esse pouco à vontade para responder e aprofundar as questões olhando para as inúmeras intervenções em usaram apenas sim e não, dadas por este grupo, em comparação com os restantes; outro dado a juntar para justificar esta ideia prende-se com a duração desta conversa, menor do que as outras, tendo em consideração o número de participantes (quatro).

Veja-se a tabela que se segue:

GRUPO	Nº DE ELEMENTOS DE CADA GRUPO	NOTA MÉDIA NA DISCIPLINA DE PORTUGUÊS	TEMPO DE DURAÇÃO DA CONVERSA	Nº DE INTERVENÇÕES DE SIM/NÃO OU DE UMA SO PALAVRA
<b>Grupo 1</b>	7 (sete)	11,8 valores	00.43'58"	21
<b>Grupo 2</b>	4 (quatro)	9,75 valores	00.24'00"	43
<b>Grupo 3</b>	2 (dois)	18 valores	00.34'00"	16
<b>Grupo 4</b>	4 (quatro)	16,5 valores	00.25'00"	23

Abordou-se, por isso, a possibilidade de existência de um “**perfil tipo**” dos alunos que mais “misturassem” os dois “códigos” e as respostas são bastante interessantes: o **Grupo 1** considera serem alunos «mais distraídos»; o **Grupo 3** refere «uma pessoa mais desleixada». O **Grupo 4** considera não haver um perfil tipo, embora sempre mencione que «depende da consciência de cada um» e «da capacidade». O **Grupo 2**, mais uma vez, tem uma resposta inesperada:

**ES** – E, por exemplo, se vocês pensarem na vossa turma, vocês acham que há assim um perfil de um aluno que use muito o chatês? Que tipo de aluno usa muito o chatês? É, por exemplo, um aluno que domina bem as regras do Português ou que domina mal as regras do Português?

**H** – Acho que é quem domina melhor, apesar de tudo!

**I e J** – Exacto.

**ES** – Quem domina melhor o Português usa mais o chatês?!...

**H** – Porque depois deciframos mais.

**ES** – Usa mais?!...

**I, J e H** – Sim.

Esta conclusão – de que os alunos com maiores dificuldades misturam mais o “chatês” nas suas produções textuais do Português padrão – nasce, igualmente, das diversas conversas informais tidas com o grupo de docentes de Língua Portuguesa desta escola, mantidas durante o ano lectivo de 2005/2006, que frequentemente me chamaram a atenção para este facto, mostrando-me exemplos com estas características elaborados por alunos seus. Também eu, enquanto docente, pude observar muitas vezes, nas turmas a quem leccionava, que mais facilmente um aluno com dificuldades de expressão recorria ao “chatês” do que um aluno que dominasse a norma do Português. Mas vejamos o que comentaram os *professores* do **Grupo 1**, que considero ser de grande relevância:

**ES** – Vocês acham que os miúdos sabem distinguir quando devem utilizar e quando não devem utilizar o “chatês”?

**P1** – Depende da idade, acho eu. Se calhar no 10º ano ou mais novos são capazes de utilizar mais; em anos mais avançados, um ou outro é capaz de utilizar em contexto de sala de aula, mas já é mais raro!

**ES** – Mas mesmo não sendo em contexto de sala de aula?

**P1** – Ai, isso aí eles usam todos!...

**ES** – Em qualquer situação? Eles não sabem distinguir situações?

**P1 e P2** – Sim!

**P3** – Eu acho que depende também dos miúdos, porque estou convencida que se tiver um aluno, bom aluno [*ênfatisa, dando uma entoação muito mais expressiva*], ele dificilmente vai utilizar aquilo dentro do contexto de sala de aula ou, então, não estou a ver esse tipo de aluno a utilizá-lo numa situação que não esteja dentro do contexto de sala de aula, ou esteja a falar com alguém com quem saiba que não deva utilizar aquilo. Um aluno mais fraco, tanto faz! Se sair sai, se não sair também não se preocupa muito!

**P2** – Acho que tem a ver com a consciência que os alunos têm dos níveis de língua, isto é, que tipos de linguagem podem utilizar em cada situação. Há uns que não têm e usam uma determinada linguagem, numa determinada situação... E aí, utilizam indiscriminadamente! Há outros que têm mais essa consciência, que há determinadas linguagens que não podem utilizar em determinados sítios. Então, esses aí, não utilizam o “chatês” assim.

**ES** – Então, um aluno que saiba distinguir quando pode utilizar ou não o calão, sabe quando deve utilizar ou não o “chatês”?

**P2** – Sim. (...)

**P3** – Eu não noto tanto isso! Eu noto que um bom aluno, regra geral, ele até utiliza entre eles – eu vejo às vezes que, quando estão a mandar mensagens, estão a utilizar isso –, mas quer em situação de aula ou mesmo fora, se houver outro tipo de trabalho, não os vejo utilizar isso. Um aluno “para o fraco”, acho que, como ele não domina a língua, utiliza aquilo que sabe!

**P1 e P2** – Sim! [*durante todo o comentário da colega, acenam, concordando*]

**P1** – Os meus alunos são mais daquele tipo, todos mais fracos!

**ES** – E tu sentes que eles usam mais...

**P1** – Sim... Do que outros que sejam... [*fica subentendido, melhores*]

Todavia, **não creio que se possa afirmar taxativamente existir um perigo para a língua**, que advenha desta nova forma de comunicar, ainda que os *professores*, nomeadamente do **Grupo 1**, sintam que há marcas que podem vir a “ficar”:

**ES** – (...) vocês acham que o Português está a ser influenciado por este tipo de coisa, como “o chatês”?

**P2** – Claramente. [*P1 acena, mostrando concordar*]

**ES** – E acham que vai haver evoluções, transformações, como outras que ocorreram ao longo do tempo?

**P2** – Pois, se esta tendência se mantiver...

**P3** – (...) Enquanto nós, até aqui, tínhamos neologismos, estrangeirismos franceses, italianos, cada vez mais esses estão a ficar anulados e praticamente tudo o que entre é Inglês. E acho que muitas das expressões (...) tipicamente portuguesas, começam a ser anuladas pelas estrangeiras.

ES – E a nível sintáctico... (...) Estou a pensar, por exemplo, no caso claro do verbo “estar”. (...) Acham que há a possibilidade de isto, por exemplo, passar a ser norma? (...)

P3 – Nunca, nunca, porque [*gera-se alguma confusão, porque todas querem falar ao mesmo tempo*] ... (...)

P3 – Mas ouve, não seria nada de escandaloso, porque a base do verbo estar parte do verbo latino “stou, star, stare”, que é o S, o T e o O. Portanto, a palavra, dá a sensação de que evoluiu complicando-a, porque o “stou, star, stare” está na base do Latim. Portanto, eles utilizarem o S e o T poderá não ser assim tão descabido, porque está na base do Latim, que é o verbo ser.

ES – Ou seja, uma evolução com base na fonética...

SEGERSTAD (2002:262-263) diz nas conclusões do seu estudo que os usos dados à linguagem nas formas de CMC são variantes dessa mesma linguagem, o que, segundo ela, não só acontece de outras formas e relativamente a outros contextos comunicacionais, como resulta da necessidade de dar resposta às condições particulares em que as CMC ocorrem. «One variant does not necessarily exclude other variants, and we do not lose the ability to adapt because we communicate via CMC», refere esta autora, para quem a linguagem revela a capacidade única de o ser humano se adaptar a tudo e, muito em particular, adaptar o seu comportamento linguístico.

Martin Cooper (APÊNDICE A), inventor do telemóvel, também salienta esta capacidade plástica das línguas:

Is it possible that the distortion of maternal languages could be better expressed as enhancement of maternal languages? Language is a dynamic thing and not all of the changes are negative. I remind you, however, that the major application, worldwide, of mobile telephony is still speech and speech still uses maternal language.

SANTOS (2003:145-153) destaca que o seu estudo não lhe permitiu concluir que as manifestações de oralidade ou os desvios da norma vulgarmente vistos nos *chats* não foram encontrados na análise efectuada a dois tipos de documentos elaborados pelos alunos da sua amostra: as cartas a professores e os testes da disciplina de História, pelo que conclui que a influência deste “código” na Língua é inexistente, a não ser que os jovens estudantes não recebam orientações adequadas e actualizadas dos seus professores de Português<sup>288</sup>.

---

<sup>288</sup> Este ponto é de grande interesse e será abordado com mais detalhe no próximo capítulo deste trabalho.

TAGLIAMONTE e DENIS (2006) também concluem que a forma como os utilizadores dos programas de *Instant Messaging* operam a língua demonstra a sua «fluid mastery of the full spectrum of sociolinguistic resources in their speech community» e que esse “código” está firmemente enraizado no modelo da própria língua, reflectindo a mesma heterogeneidade estruturada, a mesma dinâmica e processos de mudança permanentes que acontecem na comunidade em que se inserem os participantes no processo comunicativo.

BENEDITO (2003<sup>c</sup>), por seu turno, defende que do «uso prolongado e expandido» destes códigos «ficarão apenas alguns vocábulos que serão aquisições para a Língua Portuguesa» e que «[n]ão devemos temer estes “acrescentos”, porque resultam da dinâmica que os falantes imprimem ao corpo vivo que é a língua e que não vai tocar na estrutura da mesma». Farão, talvez, parte da sua evolução e, como diz o **Entrevistado 10**, «resta saber se as gerações mais novas continuarão a utilizar esta língua à medida que crescem, influenciando as gerações seguintes», porque, na verdade, nada acontece por acaso. THURLOW (2006) destaca o seguinte facto, indesmentível:

[N]ew linguistic practices seldom emerge in isolation nor do they neatly replace or break completely with long-standing patterns of interaction and language use. Furthermore, (...) technology is only ever one of many factors involved in language change.

Martin Cooper (APÊNDICE A) diz, por sua vez:

I think there will be major changes in the way people behave when the generation of SMS children grows up. They are learning how to speak in shorthand terms and this is bound to carry over into their day-to-day behaviour but that is getting out of my field, the anthropologists should study that.

Os próprios jovens, os mesmos que são utilizadores de “chatês” e afirmam sentir-se às vezes como «escravos do MSN»<sup>289</sup>, revelam uma lucidez muito curiosa e interessante nos comentários que fazem a propósito deste assunto. Vejamos o que foi dito no **Grupo 1**:

**G** – Qual é o Português correcto?! Não sei! Em vez de nos adaptarmos ao Português que já foi feito, não deveria ser a Língua Portuguesa que deveria adaptar-se a nós e ser actualizada?!...

**A** – É isso que nós estamos a tentar fazer!

<sup>289</sup> Esta referência é feita pelos Participantes no **Grupo 3** dos *Focus Groups* criados para esta investigação.

**ES** – Anda muita gente a interrogar-se sobre isso... E eu sou mais uma, por isso é que vos estou a colocar estas questões...

**G** – As línguas evoluem... (...) Devia era considerar-se isso um dialecto...

**ES** – Acha?!...

**G** – Acho e já evitava haver estes conflitos.

**ES** – E depois como é que fazíamos: ensinávamos nas escolas o Português ou o dialecto?

**G** – Não, então nas tribos, por exemplo nas tribos africanas e nos índios não são línguas oficiais, mas os dialectos das tribos... Podia, por exemplo, ser um dialecto social e na escola ensinava-se o bom Português. E eles aprendiam – eles, nós – na rua o dialecto. (...)

**E** – É um “anexo” de uma língua...

**G** – Exacto!

**ES** – É um anexo de uma língua?!... Espere lá: explique-me lá isso!

**E** – Nós temos a língua Portuguesa, que tem as palavras correctas; depois [a rir], na capa ao lado, anexada àquela é o “chatês” e temos os k’s e temos todas as abreviaturas...

**ES** – Ou seja, o que me está a querer dizer é que o “chatês” se calhar é...

**A** – Um complemento...

Por tudo isto, julgo ser indispensável abordar aqui a necessidade de se melhorarem/aumentarem as ferramentas de codificação/descodificação dos utilizadores destes serviços; se quisermos, de melhorar o seu grau de *literacia* em relação ao uso destes códigos. Lino Moreira da Silva (2001:771)<sup>290</sup> diz:

[I]mpõe-se que os indivíduos saibam utilizar a Internet e aproveitar todas as potencialidades que ela oferece para o desenvolvimento humano. (...) [I]mporta, mais que tudo, dar atenção ao desenvolvimento da competência de leitura em ambiente de Internet (que se revela de modo muito mais complexo do que acontecia com os textos com que habitual e tradicionalmente trabalhávamos), onde confluem textos em linguagem verbal, oral, linguagem verbal escrita, linguagem icónica, recorrentes de som e imagem, apelativos da dimensão de hipertexto... levantando, além de problemas de leitura, problemas de crítica e de valores éticos e morais.

---

<sup>290</sup> Lino Moreira da Silva é Professor no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.iep.uminho.pt/cied/homepages/index.asp?idhomepage=56>, consultado a 14/08/2006].

## 7.4 – O “CHATÊS” NA ESCOLA

Uma das portas que tem de se abrir para que se analise este novo tipo de código é a porta das escolas, como também refere SILVA (2001:772):

Sendo a escola um espaço de formação e preparação dos indivíduos para a vida, todas as disciplinas terão, mais que nunca, de se preocupar com a leitura, cada vez mais voltada para essa plural dimensão.

O computador (e demais ferramentas tecnológicas) é, também, ferramenta educativa, «poderoso auxiliar na “mudança do modo como se aprende”, na “mudança das formas de interação entre quem aprende e quem ensina”» (SILVA, 2001:774)<sup>291</sup>. Ou como diz Martin Cooper (APÊNDICE A): «The requirement in schools is for people to have the full access of the Internet and full communications with their sources of information and wisdom».

Diz António Nóvoa<sup>292</sup> (Centro de Referência em Educação Mário Covas, 2003):

É preciso compreender que as tecnologias da informação e da comunicação transportam formas novas de conhecer e de aprender. Como escreve Manuel Castells, um dos maiores desafios da Galáxia Internet é a instalação de capacidades de processamento da informação e de produção de conhecimento em cada um de nós – e particularmente em cada criança. Mas, continua este autor, antes de começarmos a mudar a tecnologia, a reconstruir as escolas e a voltar a formar os professores, necessitamos de uma pedagogia nova, baseada na interatividade, na personalização e no desenvolvimento de uma capacidade autónoma para aprender e para pensar.

Mas essa porta, que tem de se abrir, não é para se escancarar ao **uso irrefletido** deste tipo de linguagem, pondo de lado os códigos dominantes, nomeadamente, o nosso código dominante, o português. Esta é, pelo menos, a minha opinião e a de alguns daqueles com quem falei, alguns, sobretudo os mais jovens, bem mais radicais que eu – como se pode ver nas entrevistas – que não vêem com bons olhos a introdução deste código nas aulas ou nos manuais escolares. Veja-se o que diz, por exemplo, a

### Entrevistada 8:

<sup>291</sup> Martin Cooper (APÊNDICE A) concorda com esta ideia: «SMS is a stop gap. The requirement in schools is for people to have the full access of the Internet and full communications with their sources of information and wisdom. SMS will not do this nor will today’s cellular. It will take new systems that are broadband in nature and that are much lower cost than cellular».

<sup>292</sup> António Nóvoa é doutor em Educação, catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Reitor da Universidade de Lisboa. Publicou *Vidas de Professores, Profissão Professor, Os Professores* e a sua formação e *Dicionário de Educadores Portugueses*, entre vários outros livros (CENTRO DE REFERENCIA EM EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS, 2003).

[P]enso ser uma boa ideia usar este tipo de linguagem para motivar os alunos. É uma linguagem dinâmica, moderna, à qual eles querem ter acesso e cujo uso está muito em voga. Contudo, acho que o deve ser feito com moderação. Os alunos devem saber distinguir o que foi feito para os motivar e o verdadeiro objectivo de uma aula. Para além do mais o uso exagerado daquela linguagem na sala de aula pode vir a provocar a sua banalização e perda de sentido inicial. Ao transferi-la no tempo e espaço, é preciso ter em conta que esta linguagem é muito própria e que o seu objectivo didáctico deverá ser apenas a motivação (por exemplo, numa aula de inglês poderá funcionar como introdução ao tema programático "internet") e não o ensino regulamentado desta linguagem.

É preciso, pois, trabalhar para que tanto professores como alunos adquiram competências que lhes permitam ser melhores utilizadores destas ferramentas, como diz SILVA (2001:776) e, dessa forma, talvez se consiga que eles melhorem a compreensão e o uso do seu código dominante. Diz Pierre LÉVY (s.d.:184):

[A] função principal do ensino já não pode ser uma difusão de conhecimentos, doravante garantida mais eficazmente por outros meios. A sua competência deve deslocar-se para o lado do desafio para aprender e pensar. O docente torna-se um *animador da inteligência colectiva* dos grupos de que se encarrega. A sua actividade centrar-se-á no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: a incitação à troca de saberes, à mediação relacional e simbólica.

Também SANTOS (2003:145) defende esta ideia, ao afirmar:

Este novo gênero, dentre outros, traz a necessidade de se instaurar na escola o estudo das variedades linguísticas, procurando lançar um olhar sem preconceitos ou julgamentos à língua que vivenciamos em nosso cotidiano, com suas diferenças sintáticas, morfológicas, lexicais e fonéticas, observando os elementos que determinam as variações, através de considerações acerca dos fatores que levam a essa ou aquela alteração, fatores esses de ordem social, cultural, geográfica, histórica, entre outras (...). Essas diferenças vistas como variações e não como erro, podem tornar mais simples o entendimento da necessidade de adequação do texto escrito ou falado às circunstâncias de produção. Se um nosso aluno usa um VC em um texto formal ou um por obséquio em um texto informal, é porque ele não está percebendo a necessidade de adequação do texto a uma situação de produção, e ninguém está mostrando isso a ele.

«Quanto mais rápida é a mudança tecnológica mais ela parece vir do exterior» (Lévy, s.d.:30) e, portanto, mais resistências e desconfianças gera, mas se os dispositivos comunicacionais estão a mudar (permanentemente), mais do que censurar

ou culpabilizar, está na hora de “pôr as mãos ao trabalho e dar tratos às ideias”, de modo a que se possa usufruir não apenas da tecnologia em si mesma, mas compreender e tirar partido das transformações que ela possa estar a imprimir nas mentalidades, nos modos de viver, já que o uso que se fará dessa mesma tecnologia é que definirá se ela será boa ou má, útil ou inútil e nos colocará, como sempre, aliás, na busca de novas soluções e promoverá o avanço científico, social, etc.. No fundo, é o que preconiza Pierre LÉVY (s.d.:27), quando afirma que uma «técnica não é boa nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), nem neutra (visto que ela é condicionante ou constrangedora, dado que tanto abre o leque das possibilidades aqui como fecha mais adiante)».

O professor tem de compreender todas as dimensões do seu papel enquanto educador e, como preconizava o famoso pedagogo brasileiro, Paulo Freire<sup>293</sup> (FREIRE E NOGUEIRA, 1989:20-21), enveredar por um tipo de **educação não formal**, em que os homens adquirem os conhecimentos e as competências necessários para funcionar no seu grupo e na sua cultura e, no fundo, para poderem continuar a estabelecer laços, a partilhar, a comunicar.

[O] conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que inventamos uma educação familiar às classes populares (...) Não há programa, inexistente nessa pedagogia um programa preestabelecido de conteúdos a serem ensinados. No entanto, essas pessoas se ensinam umas às outras, elas se medem em atos grupais de conhecimento.

Apontar o dedo ao que está certo ou errado não é o caminho; ao invés, todos os que estão ligados ao ensino, sobretudo os docentes, devem trabalhar no sentido de promover o estudo destes fenómenos, de modo a garantir que é dentro da escola, dentro da sala de aula, sob a sua supervisão e tendo como mais valia a sua formação técnica e pedagógica, que os alunos, depois de um trabalho de análise e estudo da adequação da linguagem ao processo comunicacional e a todos os seus elementos – emissor, receptor, canal, meio, código, etc. – compreendam/definam aquilo que é útil e adequado a cada situação/contexto. Como sugere SEGERSTAD (2002:262):

Hopefully, we will continue to be taught at school, among other institutions of learning, to use language in different situations, for varying purposes. Teaching

<sup>293</sup> Paulo Freire (1921-1997), brasileiro nascido no Recife, dedicou-se à Pedagogia, tendo desenvolvido o conceito de educação não formal. Ensinou na Pontifícia Universidade de São Paulo, onde ainda hoje existe uma cadeira com o seu nome [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.pucsp.br/paulofreire/>, consultado a 28/08/2006].

methods have to take into consideration language varieties, and that what is “correct” and “appropriate” in one setting might be the reverse in another. Education professionals also have to be aware of the fact that norms of language use change over time, and today’s norms will eventually become outdated. Language changes, it is just not necessarily something bad.

E, assim, neste espírito de confiança e abertura poder-se-á dizer como a **Participante P3 (Grupo 1, dos *professores*)**, quando se referia ao uso de novas abordagens e métodos na sala de aula:

Eu acho que é uma mais valia, principalmente pela profissão que nós temos, acho que é muito degradante nós não querermos participar nelas, porque será admitir que parámos e que não queremos acompanhar os nossos alunos (...) ou (...) procuro acompanhar a nova geração ou, provavelmente daqui a uns anos, não consigo falar com eles, nem consigo despertar-lhes a atenção, porque estou totalmente desfasada da realidade deles (...).

Existem, neste sentido, diversos projectos em Portugal, mas todos eles mais ligados à Informática/Internet, do que ao SMS e ao MSN. É o caso da *Rede Telemática Educativa – UARTE – Programa Internet na Escola*, promovido pelo Ministério da Ciência e da Cultura e no qual a UAlg tem uma participação muito interessante, desenvolvendo conteúdos que disponibiliza através do seu sítio. Mais Universidades e escolas de outros níveis de ensino do nosso país participam deste projecto, que tem como grande objectivo promover uma nova forma de olhar para a Internet, de produzir conteúdos de melhor qualidade e com motivações pedagógicas. O Estado português teve um organismo vocacionado para o desenvolvimento de iniciativas nestas áreas e para a formação de docentes e discentes: era o Instituto de Inovação Educacional (IIE)<sup>294</sup>, que entretanto, com as reformas promovidas pelos diversos Governos (no caso, o último Governo presidido pelo Eng.º. António Guterres), passou a ser apenas uma secção na estrutura do Ministério da Educação. Também já há, em Portugal, alguns manuais que introduzem o código de que falei neste trabalho, como é o caso do manual de inglês *Teen 3, Inglês, 9ºAno, Nível 5*, da Porto Editora<sup>295</sup>. No Brasil<sup>296</sup> e em

<sup>294</sup> Este instituto foi criado um pouco à semelhança de uma instituição francesa, que se dedica ao estudo dos mesmos assuntos, o *CLEMI*. Existem, por toda a Europa, estruturas idênticas, pelo menos na Suécia e na Suíça, que são os casos que eu conheço.

<sup>295</sup> A referência encontra-se na Bibliografia.

<sup>296</sup> Por exemplo, através do *Projecto EDUCAREDE*, que visa a formação de professores para o uso pedagógico da Internet.

Espanha<sup>297</sup> também se debatem bastante estas questões e se implementam projectos de estudo e aproveitamento destes serviços.

No fundo, o que se impõe é que exista reflexão sobre estas questões, para que as práticas possam ser melhores e mais estimulantes, tanto para professores, como para alunos. Aproximar professores e alunos para haver mais compreensão mútua (como refere a **Entrevistada 13**), sem proibir, mas estimulando o espírito crítico pode ser a chave para guardar a porta do ensino e garantir o sucesso, como aponta a **Entrevistada 12**:

Tal como acontece com a introdução das novas tecnologias na educação, não julgo que se deva “fechar os olhos” a tal influência ou até mesmo proibi-la; deve-se antes alertar para os seus possíveis malefícios se não for utilizada de uma forma crítica. Há que sensibilizar os alunos para fazerem um uso adequado das várias linguagens de acordo com as situações comunicativas em questão. (...) o ensino deve ser contextualizado e ir de encontro aos interesses dos alunos; no entanto, há que lhes inculcar a necessidade de apreensão de espírito crítico e que melhor local do que a sala de aula para se discutir essa temática?

Assim, nasceu a ideia de poder utilizar o “chatês” nas aulas de Português, como uma ferramenta para que se pudessem ensinar as normas e regras do Português padrão. Partindo da premissa de que “tudo pode ser pedagógico”, transmitida e discutida no Seminário “Imagem e Media” (parte curricular deste Mestrado), leccionado pelo Sr. Professor Doutor Vítor Reia Baptista, preconizou-se a aplicação de uma série de exercícios que abordassem questões essencialmente ligadas à utilização das regras de ortografia, pontuação, recursos estilísticos e géneros literários. A forma como esses exercícios foram preparados e as razões por detrás da sua construção serão explicadas no Capítulo que se segue.

Esses mesmos exercícios foram aplicados na sala de aula pelos diversos professores envolvidos neste estudo (cf. Capítulo 2), embora não tenham sido todos aplicados, por todos os professores, já que os docentes tiveram oportunidade de os analisar à medida que os ia propondo (sugerindo alterações e correcções, como se verá adiante) e foram seleccionando os que melhor se adequavam às suas turmas e à fase de leccionação dos programas/temáticas em que se encontravam.

---

<sup>297</sup> Nomeadamente, através das Universidades, como por exemplo, a que está mais próxima de nós, Huelva, que tem cursos nesta área e promove a investigação e a publicação de estudos sobre estas temáticas, através do *Grupo Comunicar*.

Pretendia-se, deste modo, mostrar que era possível utilizar o “chatês” como uma forma divertida, interessante e motivadora de aprender a Língua, utilizando como mote a ideia de que “com o que está errado se pode aprender o que está certo”. Acredito que este objectivo foi bem sucedido, já que professores e alunos revelaram, nas conversas mantidas informalmente (durante a realização da investigação) e nas conversas tidas nos *Focus Groups* a sua adesão à experiência, sem que, no entanto, não deixassem de surpreender pela forma algo “desconfiada” como encararam, à partida, as actividades propostas, sobretudo os alunos.

Na verdade, da parte dos professores houve uma pequena resistência inicial, que depois de uma conversa explicativa e clara<sup>298</sup>, durante a qual se responderam a todas as perguntas que foram colocadas sobre esta investigação, foi vencida<sup>299</sup>, com a excepção, apenas, de um único professor (outro não aderiu, mas não se manifestou nem contra, nem a favor), que mostrou permanentemente ser contra a experiência, assumiu o compromisso de colaborar nela e, posteriormente, acabou por nunca o fazer (e por isso não se incluiu nos grupos de professores que compõem os *Focus Groups*), alegando sempre «não ter tempo agora», «estar muito ocupado», «ser altura de fazer testes e corrigi-los», até que deixou de se contar com a sua colaboração e não foi mais questionado sobre a forma como decorreria o trabalho com as suas turmas. Aliás, o comentário inicial deste docente, aquando da reunião mencionada, ficará para sempre na minha memória e comprova a total oposição à ideia de se introduzir este tipo de “estratégia” na prática lectiva e revela a existência deste espírito de resistência completa numa boa parte dos professores: «Eu não sou professor de “chatês”; sou professor de Português». Curiosamente, esse docente era o mais novo dos que tinham sido “convidados” para integrarem o grupo (tinha 30 anos) ... Na verdade, a minha convicção é que as razões para a recusa foram apenas duas:

1º - Confrontado com este novo trabalho, que exigia alguma leitura e preparação da sua parte, entendeu ser “mais cómodo” não se envolver, o que levanta, pelo menos a mim, sérias preocupações, pois revela um professor (e como ele poderão existir muitos outros...) que não quer apostar num trabalho contínuo de adequação da sua prática aos

---

<sup>298</sup> Durante a essa mesma conversa forneceu-se a todos eles (inclusivamente o professor que viria a não colaborar no trabalho) um *Dicionário para chat, SMS e e-mail*, de Joviana BENEDITO (2003<sup>a</sup>).

<sup>299</sup> Não obstante, algumas marcas de resistência ou, pelo menos, que revelam que o “chatês” não é um “código” que habitualmente os docentes usem ou com o qual se sintam familiarizados permaneceram, sobretudo no discurso mantido durante as conversas dos *Focus Groups*, algumas delas muito pouco óbvias para quem não estivesse atento, como, p. ex., o facto de utilizarem constantemente os pronomes demonstrativos para se referirem a esta forma de comunicar (aquilo, isto, etc).

grupos de alunos e ao contexto social, cultural, geográfico e histórico a que fazia referência Else SANTOS (2003:146) e que obriga a um trabalho de actualização permanente, quer de conhecimentos (pedagógicos e outros), quer de estratégias;

2º - Temeu mais que a sua imagem junto dos pares e, sobretudo, junto dos encarregados de educação, ficasse de algum modo “afectada” por trazer para a sala de aula algo que considerava não ser próprio de uma docente de Português, do que arriscar, para poder ter resultados mais enriquecedores em termos pedagógicos junto dos seus alunos.

No caso dos alunos, essa resistência também foi curiosa. Primeiro, quando lhes foi proposto pelos seus professores a realização do exercício ficaram surpresos. Estavam habituados a ser “chamados à atenção” pelo facto de usarem o “chatês” na sala de aula e, de repente, o próprio professor de Português propunha-lhes um exercício em que tinham de mostrar que conheciam esse “código”?!... Vejamos o que dizem os *alunos* dos **Grupos 3 e 4**, respectivamente (*Focus Groups*):

**ES** – E o facto de o professor de Português vos propor um exercício em que tivessem que utilizar o MSN, o que é que vocês pensaram disso?

**M** – Foi giro, porque nós nunca pensámos que a professora aparecesse ali com um texto de chatês, porque aquela é a nossa linguagem, a linguagem dos jovens... Foi estranho, mas foi giro.

**ES** – E negativos? O que é que vocês acharam: de repente chatês na aula de Português? A primeira reacção?

**P** – Foi negativo, porque e eu falo por mim, eu não percebi a maior parte das palavras e, então, se me fizesse um teste com aquilo e eu não conhecesse os textos, eu ficava... Não sabia o que lá estava a dizer! A primeira reacção é sempre um choque, mas nós todos íamos conseguir aprender...

Posteriormente, surgia o desconforto, ou por chegarem à conclusão que afinal não conheciam todas as abreviaturas e *emoticons* que surgiam nas produções textuais incluídas nos exercícios ou porque elas incluíam calão de uma forma visível e que apenas espelhava a realidade das conversas mantidas sobretudo através do MSN e, porque sempre as escutei, nos corredores da própria escola, tidas em “alto e bom som”, sem qualquer espécie de pudor ou inibição. Este facto permitiu-me, como mencionei anteriormente, concluir que, apesar de tudo, pelo menos os alunos que revelam menos dificuldades ao nível da Disciplina de Português – já que esta situação foi mais visível

com estes jovens – há a noção clara de que o discurso deve ser adequado ao contexto/situação de produção. Atente-se no que se dizia nos **Grupo 3 e 4**:

**ES** – E o que é que vocês acharam dos exercícios que fizeram com a professora de Português? Aqueles que eu propus?

**L** – estava lá muito calão...

**ES** – E eu acho que o calão vos perturbou, não foi? [*sorrisos...*]

**ES** – Então e em relação aos exercícios, gostava de saber a vossa opinião: podem dizer bem, mal... O que é que vocês acharam? O que foi positivo, negativo? Quais as vantagens que poderiam ter?...

**N** – Eu achei positivo termos feito aqueles exercícios, porque realmente tivemos um tipo de sucesso que não se estava à espera. Se era esperado nós entendermos aquele tipo de linguagem, tiremos o “cavalinho da chuva”! [*risos*] Não percebemos algumas coisas!

Os próprios docentes mostraram surpresa por se usar tanto calão nas conversas mantidas através do MSN e comprovam o desconforto dos alunos, como se relatava na conversa tida com o **Grupo 1** dos *professores*:

**P3** – Olha, eu fiquei escandalizada foi com a quantidade de asneiras [*refere-se a palavras, linguagem vernácula, calão*] que eles dizem!

**P2** – Eu não! Eu não fiquei! [*risos*]

**P3** – Eu quase [*faz o gesto que indica ter corado*] ...

**ES** – Ó P3, mas tu costumavas estar cá por cima [*refere-se ao facto de a professora em causa raramente se deslocar à zona da escola mais frequentada pelos alunos durante os intervalos entre aulas*] na sala de professores!

**P2** – Exactamente!

**ES** – Começa a...

**P1** – Passear pelos corredores...

**ES** – E perdes essa sensação...

**P2** – Sim, sim!

**ES** – É muito comum, é normalíssimo.

**P1** – Numa frase vêm duas ou três... Numa frase com poucas palavras.

**ES** – E não há diferenças, quer de sexos, quer de...

**P1** – Não, não!

**P3** – Eu notei... Repara, eu fiquei, mas também notei da parte de alguns alunos que viram aquilo escrito...

**ES** – Não acharam aquilo “bem”...

**P3** – Não, não vi... E repara, ao princípio eu nem tinha dado conta, porque tinha lido transversalmente, não estive a ler e no final tinha uma data de asneiras...

**ES** – [*dirige-se às outras duas professoras*] É aquele exercício dos níveis de língua...

**P3** – Sou sincera, não me apercebi e quando eles me chamaram a atenção: -“E eu vou escrever isto? E mais não sei o quê?!” Portanto, este distanciamento – e provavelmente é a tal situação: eles dizer dizem, mas não escrevem e uma coisa é aquilo que podem dizer...

**ES** – Olha que escrevem e com todas as letras, porque aí é bastante difícil abreviar!...

**P3** – Mas provavelmente porque aquilo que eles estão a escrever não é escrita, é fala, porque eles estão a falar uns com os outros. Agora, quando é para escrever, eu notei da parte deles uma certa relutância em ter de escrever, a ponto de, a alguns dos alunos eu ter de dizer: - “Se te está a incomodar põe Piii e reticências, que já sabemos o que isso quer dizer”. Portanto, a relutância não foi só da minha parte, mas foi também da parte deles, que provavelmente utilizam aquilo num determinado contexto, mas que achavam pouco adequado dentro do contexto da aula aquilo aparecer lá. E quase que me senti incomodada, porque não estava à espera. Eu pensei que eles pegassem naquilo e fizessem normalmente e não levantassem nenhuma onda. E quando a dada altura eles começam: -“Então, e eu escrevo isto?”

**ES** – Essa observação também não me tinha passado pela cabeça!

**P2** – O 11ºano também notou... Notou, escreveu, quis mudar de palavras...

**P3** – Estás a ver, a procura de mudar de palavras!!! [*risos*]

**P2** - -“Ò professora, filho da.... posso escrever outra palavra aqui?” Quiseram fugir, para não escrever!

**P3** – Dá-me a sensação que eles são muito “para a frente” mas só em algumas coisas e “da boca p’ra fora”! Depois bate lá fundo e...

**P1** – Lá entre eles!

Também salientam a dificuldade de alguns, sobretudo os alunos mais velhos, de compreenderem todas as abreviaturas e *emoticons* (**Grupo 2**):

**ES** – Falaste-me das dificuldades que eles tiveram, mas essa dificuldade não foi do exercício em si, mas o conteúdo...

**P4** – Sim, porque eles não estavam habituados aos caracteres... Eles ficaram admirados: como é que havia alguém que usava aquilo! E eu pensei: -“Bom, afinal onde é que andam os utilizadores deste código?!” Deparei-me com essa dificuldade!

Os participantes nesta investigação foram unânimes em salientar a validade da estratégia enquanto forma motivadora de estudo, com excepção do **Grupo 2** dos *alunos*, aquele que era composto por estudantes com maiores dificuldades na disciplina de Português.

**ES** – Então e em relação aos exercícios que fizeram, contem-me lá, o que é que vocês acharam? Por exemplo, a carta [*risos*].

**H** – Acho que estava bem escrita, estava!

**ES** – Está bem, mas fora isso! Estava bem escrita, estava escrita em chatês. Mas fora isso, vocês acharam útil, pouco útil, acharam interessante, acharam que a aula era mais motivante?

**I e H** – Achei interessante.

**H** – Achei que para pôr aquilo no Português padrão, como dizia lá, não era possível fazer, não era possível respeitar as frases inteiras.

**J** – Era complicado fazer aquilo!

**H** – Não tinha lógica, nem dava.

**ES** – E foi uma maneira interessante de fazer um exercício de Português ou vocês acharam que aquilo não tinha nada a ver com...

**I, J e H** – Foi interessante... [*silêncio*]

**ES** – Podem dar a vossa opinião sincera, porque só me estão a ajudar! Se acharem que não, podem dizer na mesma, porque vão-me ajudar na mesma!

**H** – Ah, não, eu acho que foi útil e ajuda.

**ES** – É o tipo de aula que vocês gostam? Por exemplo, os vossos professores fazem esse tipo de aula: pegar nas coisas que vocês utilizam todos os dias e utilizar para vos explicar alguma coisa do Português? [*silêncio; apenas a H acena afirmativamente com a cabeça*] Os professores fazem muito isso, pegar na experiência do dia-a-dia para vos explicar as coisas?

**H** – Alguns sim, outros não. Mas não muito.

**ES** – Mas voltando aos exercícios. Desculpem lá eu ser chata, mas vocês acham que é uma estratégia que pode levar os alunos a aprenderem melhor aquilo que fazem de errado, ou não?

**J** – Sim. [*I acena concordando*]

**ES** – Porquê? [*silêncio*]

Este facto levou-me a reflectir acerca dos motivos da recusa e a questionar, em conversas informais, os professores, mas não consegui chegar a uma explicação objectiva. Apenas posso atribuir esta reacção à sua pouca capacidade de expressão (mais uma vez chamo a atenção para a pobreza do vocabulário, para os silêncios, para a não argumentação dos próprios pontos de vista), que os leva a ter dificuldades em verbalizar os seus pensamentos/sentimentos e, ao facto de, colocados perante o seu próprio erro, terem uma atitude de negação, de afastamento quase como que querendo eliminar algo que os poderia “comprometer” ou “identificar” enquanto “maus utilizadores” da língua. A mesma atitude que os leva a culpabilizar somente os professores pelas más notas ou a não saber justificar porque gostam de uma dada disciplina ou, mesmo, porque não têm nenhuma preferida...

Vejamos o que disseram os **Grupos 3 e 4** (respectivamente) dos *alunos*:

**ES** – E em termos do próprio exercício em si: acharam interessante, estava bem feito, era motivador ou não?

**L** – Ah, eu acho que sim, a história estava uma história engraçada... Atraiu, porque a história estava articulada de uma forma muito... inteligente.

**M** – Sim. (...)

**ES** – E acham que aprenderam alguma coisa, foi produtivo?...

**L** – Acho que sim, foi produtivo na medida em nos conseguimos... Não teve muito proveito, porque era um exercício simples, mas despertou-nos para o problema de...

**M** - ... Estarmos muito afectados... Estamos sempre a usar o MSN.

**ES** – Então, se calhar, o recorrer a uma coisa que não é tão correcta no que diz respeito ao Português padrão levou-vos a aprender um bocadinho mais do Português padrão?

**L** – Eu acho que sim.

**M** – Sim. (...)

**ES** – E, por exemplo, vocês acham que pode ser uma boa forma de motivar os alunos para aprenderem alguns conteúdos gramaticais, por exemplo, mais complicados às vezes de abordar porque podem ser mais aborrecidos. Regra geral, os alunos não gostam tanto de estudar a Gramática; gostam de estudar os textos, porque são mais interessantes. A Gramática é mais lógica e mais exigente... O que é que vocês acham?

**N** – Eu acho que tudo o que foge à regra é uma ótima forma de aprendizagem. Aliás, nem tudo! A maior parte das actividades que são trazidas para as aulas e que exijam da parte deles algum esforço, alguma capacidade deles, mas que não só os prenda a uma actividade que estão habituados constantemente a fazer, acho que isso é ótimo, porque...

**Q** – Foge à regra!

**N** – E eles vão ser seduzidos por isso! E vão tentar descobrir aquilo e chegar primeiro que o outro que está ao lado.

Os *professores* dos **Grupos 1 e 2** (respectivamente) salientaram, igualmente, a validade da estratégia, ressaltando, no entanto, que deve haver cuidados sempre que se pretenda recorrer ao uso do “chatês”, para que não se criem confusões entre o que é a norma e o que é um uso particular da língua:

**ES** – (...) Qual foi a reacção deles?

**P3** – Ai, é uma aula diferente das outras!

**P2** – Foi bom, gostaram!

**P3** – Vamos fazer uma coisa diferente e que nós gostamos [*diz, como se citasse os alunos*]! (...)

**ES** – Mas não se pode partir do pior exemplo para mostrar o melhor?

**P3** – (...) Eu acho que se pode introduzir, pegando aí para ensinar o certo, mas o tirar do nada aquele tipo de exercícios, não pode ser utilizado. Porque eles não percebem e podem por vezes confundir e achar que aquilo poderá até ser a norma e que, ao ser utilizado dessa maneira, dentro da sala de aula, é como se estivéssemos de certa forma a dar um “passaporte”, a dizer “podes utilizar, porque eu também utilizo”. Terá se ser utilizado num contexto de mostrar: -“Isto que vocês fazem podem-no fazer aqui, mas cuidado, que não devem aplicar nesta situação”.

**ES** – Ou seja, partir da experiência concreta dos alunos para lhes ensinar aquilo que de facto vem no programa...

**P2** – Partir sempre do desvio para a norma... Apresentando sempre a norma, na instrução do exercício: -“Transformem isto, naquilo”, porque eles têm sempre de visualizar que têm de utilizar um Português correcto.

**ES** – A tua reacção inicial foi boa, eu sei...

**P4** – Eu reajo sempre positivamente, mas tenho pena de não ter contribuído com mais!

O facto de se salientar que estratégia “foge à regra” não deixa de ser interessante, já que o objectivo era, como se explicou no Capítulo 2 deste trabalho, recorrer a metodologias que tivessem por base teorias pedagógicas que prevêm a “inclusão” das experiências dos próprios *alunos*. Por isso, também se questionou os jovens sobre a relação com o docente e a aprendizagem, tendo em atenção a presença ou não desse tipo de estratégia. A expressão mais interessante utilizada surgiu na conversa do **Grupo 3**, em que o **Participante M** dizia que um professor que recorresse a esse tipo de metodologia era como se «tivesse um cartão para entrar no nosso mundo» e conseguiria mais facilmente recorrendo ao “chatês” «estar ligada» a eles.

Os *professores* encaram, igualmente, com grande optimismo estas formas de ensinar e sentem-se mais perto dos seus alunos e das suas experiências, sentem-se mais capazes (e, por isso, privilegiados) capazes de acompanhar o seu ritmos e de incorporar essas vivências nos seus próprios conhecimentos<sup>300</sup>, como se afirmou no **Grupo 1 e 2** (por esta ordem):

**P3** – [T]u aproximas-te mais da realidade deles, porque de certa forma quebras aquela barreira de que o professor tem de escrever sempre como professor, mas apercebe-se que o professor até poderá utilizar um pouco daquilo que eles sabem para aprender e

---

<sup>300</sup> No fundo, sentem um pouco aquilo que Pierre LÉVY defende (s.d.:183), quando diz: «Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e trazem á luz do dia continuamente tanto os seus saberes “disciplinares” como as suas competências pedagógicas».

que aquela ideia de que o professor não ensina, mas que o professor também pode aprender. Isso é benéfico, porque, não só consegues cativá-los mais, mas, por outro lado, também consegues que eles se aproximem mais de ti e são capazes de dar mais do que noutras situações.

**P4** – [É] algo que os motiva, de certeza, sentem que estamos a entrar n’alguma coisa que é “o lugar deles”, algo que só eles dominavam, mas agora nós também estamos lá... Eu tive um aluno que me perguntou: -“Mas a professora também sabe disto?!” Eu não sei, mas quero aprender e nota-se que eles acham que somos os “cotas” que não percebem nada destas coisas e ficam admirados. Ainda que eles não dominem, mas pode revelar um certo gosto pelo desconhecido – que para mim é – e partilhar com eles novas formas de aprender, porque eu também aprendo muito com os alunos!

Em relação aos exercícios desenvolvidos no âmbito desta investigação e aplicados por eles consideram-nos «muito bem feito[s]», porque os estudantes foram capazes de os perceber, «levar para casa e fazer sozinhos», como se referiu no **Grupo 2**, destacando-se, ainda, o pormenor de que os mesmos tinham «a ver com o conteúdo que eles estavam a dar», o que lhes permitiu ir «ao livro para desvendarem algumas coisas», tendo entendido claramente a proposta. No Grupo 1 também se salientou que os jovens descodificaram bem os exercícios/fichas, mas que para isso é necessário que os mesmos sejam «muito específicas e objectivas»

Quando confrontados com a possibilidade de inclusão do “chatês” nos livros (tendo-lhes mesmo sido dito que já há obras que o fazem), os *alunos* consideraram que a mesma não deveria ser equacionada. Vejamos: O **Grupo 2** começou por dizer «que motiva mais as pessoas» para terminara a achar «um bocado errado»; o **Grupo 3** entende que se o livro for um livro didáctico de Inglês, poderá ser «muito útil para a vida profissional». Os **Entrevistados 1, 3, 4, 5, 6, 7, e 9** são mais contundentes: acham que não.

## 8 – A construção do “Pequeno Guia Rápido para o Uso do “chatês” na aprendizagem do Português”

**s. f.,**

Acto ou efeito de guiar, de conduzir; pessoa que guia; livro que contém informações úteis sobre determinada região, assunto, etc.;

**s. 2 gén.,**

Pessoa que guia, dirige ou aconselha; conselheiro; livro, folheto que orienta;

**adj. f.,**

Que orienta;

**v. tr.,**

Servir de guia a; encaminhar; orientar; aconselhar; ensinar.

Dicionário Priberam Informática da Língua Portuguesa/Texto Editora, [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx)

(consultado a 26/08/2006/).

Ensinemos os nossos filhos a nadar, a flutuar, a navegar talvez.

Lévy, Pierre, s.d.:15

Viu-se, no Capítulo anterior, como foi posto em prática um plano de aplicação de exercícios, que tiveram por base uma série de ideias intimamente relacionadas com uma facta central: os jovens, com ajuda dos seus professores, participariam de forma activa e dinâmica no processo de construção do seu próprio saber, responsabilizando-se, dessa forma, muito mais pelas suas aprendizagens e podendo, por isso mesmo, vir a ser autónomos na aplicação das capacidades desenvolvidas.

Ora, esta ideia assenta nos pressupostos do **Construtivismo** como teoria/modelo de pedagógico, desenvolvido por pensadores como Jean Piaget<sup>301</sup>, Lev Vigotzky<sup>302</sup> ou Jerome Bruner<sup>303</sup>, entre outros<sup>304</sup>.

<sup>301</sup> Jean Piaget, suíço, nasceu em Neuchâtel em 1896 e morreu em Genebra em 1980. O seu trabalho de pesquisa nas áreas da psicologia transformá-lo-ia num dos mais importantes pensadores e teóricos modernos dos problemas relacionados com o ensino/aprendizagem, sendo o seu trabalho analisado, estudado e aplicado por milhares de estudantes e professores pelo mundo inteiro [dados recolhidos a partir do sítio da “Jean Piaget Society”, <http://www.piaget.org/aboutPiaget.html>, consultado a 30/08/2006].

<sup>302</sup> Lev Semenovich Vigotsky nasceu na Rússia curiosamente em 1896, o mesmo ano do nascimento de Piaget. Trabalhou no Instituto de Psicologia de Moscovo e, apesar de ser profundamente marxista, não mantinha boas relações com Stalin, tendo tido alguns problemas com a publicação dos seus trabalhos. Morre em 1934, vítima de tuberculose [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.monografias.com/trabajos14/vigotsky/vigotsky.shtml>, consultado a 30/08/2006].

<sup>303</sup> Jerome Bruner nasceu em Nova York em 1915, tendo estudado nas Universidades de Duke e de Harvard. O seu trabalho centrou-se no estudo do desenvolvimento cognitivo do ser humano, tendo contribuído decisivamente, nomeadamente através da sua obra *The Process of Education* (1960), para a definição das políticas educacionais nos EUA (SMITH, 2002).

Sucintamente, podemos afirmar que o Construtivismo prevê que o conhecimento é fruto de uma elaboração – ou se quisermos, pegando na origem da expressão, de uma CONSTRUÇÃO –, ou seja, é o resultado de um processo interior (de pensamento) no qual o sujeito organiza e atribui significado a diversas noções/situações/factos, relacionando-os entre si. Cada um de nós passa por esse processo, que nos permite, *à posteriori*, pôr em prática estratégias intelectuais de recurso a conhecimentos, que serão úteis sempre que se enfrentem novas situações e problemas, que obriguem/impliquem novas aprendizagens. O conhecimento estará, assim, de acordo com os pressupostos construtivistas, em permanente construção, pois sempre que o sujeito age sobre o seu meio, vai adquirindo saberes e integrando-os, se assim lhe podemos chamar, no seu “reportório”. A este processo, Piaget deu o nome de **assimilação**. Ao agir sobre o meio, o sujeito constrói uma imagem do mesmo, ajustando-a aos seus saberes anteriores e, simultaneamente, transformando-os, gerando-se um processo permanente e infindável de transformação. A esse ajuste, Piaget deu o nome de **acomodação**. Por outro lado, as aprendizagens são condicionadas, igualmente, pelo estágio de desenvolvimento psicológico/fisiológico de cada um, permitindo que, em fases diferentes, se estabeleçam relações diferentes entre significantes e significados, que se vão complexificando à medida que o desenvolvimento psico-fisiológico vai progredindo<sup>305</sup>.

Vigostky, por seu turno, reflecte nas suas teorias uma visão marxista do mundo. Para ele o ser humano forma-se num processo em que a História e a sociedade desempenham um papel central. Só quando o ser humano ainda não tem consciência deste facto tem atitudes espontâneas; a partir do momento em que passa a ter noção de que possui consciência, ou seja, capacidade para reflectir sobre o seu relacionamento com os outros e com a natureza, os seus actos deixam de ser espontâneos e passam a ser sociais, sendo a aprendizagem o resultado da interiorização mental de uma constante relação entre o interior e o exterior dos indivíduos. Ou seja, como diz Ana Amélia

---

<sup>304</sup> Jaques Derrida, Michel Foucault, Gaston Bachelard, Howard Gardner e, mesmo, John Dewey (já referido anteriormente) foram pensadores construtivistas. Todavia, as suas perspectivas oferecem variações sobre a forma como se analisa o problema da aprendizagem (por exemplo, Foucault centra o seu trabalho nas questões da linguagem) e como se pretende neste trabalho dar tão somente uma perspectiva sucinta dos principais pressupostos deste modelo, apenas referiremos os teóricos anteriores.

<sup>305</sup> Piaget estabelece diversas fases/etapas de desenvolvimento: sensório-motor (0 aos 18/24 meses, aproximadamente), pré-operatório (dos 2 aos 7 anos aprox.), operatório concreto (dos 7 aos 11 anos, aprox.) e formal (dos 10/11 até aos 15/16 anos).

CARVALHO<sup>306</sup> (1998:7), dá especial destaque à ideia de que a interacção social influencia a aprendizagem.

Outro teórico construtivista, Jerome Bruner, também considera que a aprendizagem é um processo activo, em que quem aprende constrói novos conceitos baseados nos seus conhecimentos actuais e passados. Na verdade, Bruner sugere no seu trabalho que a capacidade intelectual do ser humano se desenvolve por etapas, através de mudanças graduais na forma como a própria mente vai sendo usada por cada indivíduo. Por isso, para que o processo de aprendizagem seja bem sucedido, é necessário, segundo este autor, ter em consideração alguns pressupostos básicos: *em primeiro lugar*, que o processo de transmissão de conhecimentos deve preocupar-se com as experiências e contextos que concorrem para que o aluno tenha vontade e seja capaz de aprender<sup>307</sup>; *em segundo lugar*, que o processo de aprendizagem tem de ser estruturado de modo a que os conceitos sejam facilmente apreendidos pelos alunos, desenvolvendo-se “currículos em espiral”, ou seja, currículos que permitam que as ideias principais/básicas sejam “revisitadas” repetidamente, de modo a que os alunos as vão podendo compreender na sua total complexidade e relacionando-as com outras à medida que a sua capacidade de as entender aumenta, isto é, quando estão “prontos” para aprender; *em terceiro lugar*, Bruner propõe que a aprendizagem deve ser pensada de modo a facilitar a extrapolação e a procura de soluções, levando os alunos a explorarem os temas para além da informação que lhes é fornecida pelo professor, valorizando, desse modo, conceitos como “intuição” e “análise”.

No fundo, quase podemos dizer que o professor (na perspectiva construtivista), para cumprir o seu papel na totalidade, deverá estimular os seus alunos a descobrir por eles mesmos, proporcionando-lhes momentos de franco e dinâmico diálogo, em que a informação é transmitida/”descoberta” de acordo com as suas capacidades, o seu estágio de desenvolvimento e tendo em atenção o seu contexto social, histórico, económico,

---

<sup>306</sup> Ana Amélia Amorim Carvalho é professora no Departamento de Currículo e Tecnologia Educativa do Instituto de Educação e Psicologia, na Universidade do Minho, como foi referido na Introdução deste trabalho. Para poder ver mais dados sobre o trabalho desta docente dever-se-á consultar o seu sítio pessoal, no endereço <http://www.iep.uminho.pt/aac/frmindex.htm>.

<sup>307</sup> Bruner, na sua obra *The Process of Education* (1960:14 e 80, *apud* SMITH, 2002), afirmava: «interest in the material to be learned is the best stimulus to learning, rather than such external goals as grades or later competitive advantage. (...) In an age of increasing spectatorship, motives for learning must be kept from going passive... they must be based as much as possible upon the arousal of interest in what there is to be learned, and they must be kept broad and diverse in expression».

etc<sup>308</sup>. O professor será, assim, quase que uma imagem do próprio Sócrates, que advogava a implementação de um método em que através da colocação de questões e recorrendo à ironia e à maiêutica, levava os alunos ao caminho da verdade completa.

Na verdade, podemos até relacionar esta visão construtivista do processo de ensino/aprendizagem com uma metáfora apresentada por Fernando BEKER (1994)<sup>309</sup>: se o universo está em permanente mudança, tendo o nosso olhar sobre ele, sobre o mundo e a natureza, mudado desde os filósofos pré-socráticos, até aos nossos dias, tendo passado por contribuições/olhares tão diferentes como os de Platão e Aristóteles, São Tomás de Aquino, Galileu e Kepler, Darwin, Freud e tantos outros, é porque esse mesmo universo e as nossas convicções a ele associadas estão em permanente “construção”, transformando-se ao ritmo a que as nossas capacidades e conhecimentos científicos se vão modificando e integrando novos e velhos saberes e nunca estando completa e terminada (CARVALHO, 1998:10).

Entre as modernas correntes construtivistas encontram-se algumas novas teorias pedagógicas, já anteriormente mencionadas (nomeadamente na Introdução deste trabalho), entre elas a Teoria da Flexibilidade Cognitiva, a Teoria da Acção Situada e a Teoria da Instrução Ancorada.

A Teoria da Flexibilidade Cognitiva foi desenvolvida por Rand Spiro e outros investigadores da Universidade de Illinois (EUA) e é uma teoria geral de aprendizagem, de ensino e de representação do conhecimento. Ela surge de uma investigação feita por diversos Professores universitários, entre eles, o Professor R. Spiro, em que se constatava que a razão pela qual se verificava a ocorrência de inúmeros erros médicos nos EUA, nomeadamente na análise de situações que tinham a ver com os ataques cardíacos, tinha relação directa com a forma como esse tema era ministrado durante os cursos, concluindo estes investigadores que havia uma tendência para a simplificação de conceitos, que eram por si só complexos e dependentes de muitos outros.

Esta teoria tem como metáfora central o "atravessar cruzado de uma paisagem", inspirada na obra *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein<sup>310</sup> e consiste numa

---

<sup>308</sup> A. A. A. CARVALHO (1998:14) salienta este aspecto, ao referir que na perspectiva construtivista se devem criar ambientes de aprendizagem estimulantes e fornecer múltiplas perspectivas de análise dos temas, de modo a contextualizá-los.

<sup>309</sup> Fernando Beker é Professor de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação de Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Doutor em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS (BEKER, 1994).

<sup>310</sup> Ludwig Wittgenstein (1889-1951) nasceu em Viena de Áustria, tendo-se formado como engenheiro e estudado com Bertrand Russell, na Universidade de Cambridge, onde mais tarde seria, ele também professor. Foi um dos mais

possibilidade de aprendizagem baseada em leituras cruzadas do conteúdo, destinando-se sobretudo, à «aquisição de conhecimentos de nível avançado, em domínios complexos e pouco-estruturados», como salienta CARVALHO (1998:140). Segundo Spiro, o processamento dos conteúdos sob múltiplas perspectivas intelectuais pode contribuir para o desenvolvimento de estruturas cognitivas, que são suficientemente flexíveis para ser usadas em diferentes contextos, o que permite uma maior elasticidade na forma como o conhecimento é estruturado e por sua vez na resolução de problemas diversos. Esta teoria tem sido bastante aplicada na criação de Hipertextos e na investigação da forma como estes podem ser aplicados pedagogicamente, sobretudo por investigadores do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho (como, por exemplo, Ana Amélia Amorim Carvalho, já mencionada diversas vezes).

Resumidamente, o que se propõe é que os “aprendentes”<sup>311</sup> vão analisando uma série de casos<sup>312</sup> e relacionando-os entre si (bem como os temas/conceitos neles abordados), recorrendo à analogia e desenvolvendo, dessa forma, uma maior capacidade para compreender situações complexas, ou seja, a referida *flexibilidade cognitiva*. CARVALHO (1998:171-172) explica o processo:

Conhecedores do conteúdo do assunto e dos temas, os sujeitos passam a abordar a complexidade através de dois aspectos complementares: o primeiro consiste na desconstrução da situação em análise (o caso) através dos múltiplos temas que se lhe aplicam e o segundo consiste nas travessias conceptuais sucessivas, permitindo aproximar situações aparentemente distintas e compreender as diferenças entre situações aparentemente idênticas. (...)

Deste modo, vai-se desenvolvendo um conhecimento profundo do assunto em análise, aumentando a probabilidade de que mais facilmente se reestruturam esquemas para se adequarem às necessidades das novas situações. Ou, dito de outro modo, desenvolve-se a flexibilidade cognitiva tão imprescindível para solucionar situações complexas e pouco estruturadas.

---

importantes filósofos do século XX, tendo o seu trabalho marcado diversas áreas do saber, nomeadamente, os estudos relacionados com a linguagem[dados recolhidos a partir dos sítios <http://www.philosophypages.com/ph/witt.htm> e <http://www.utm.edu/research/iep/w/wittgens.htm> consultados a 28/08/2006].

<sup>311</sup> É assim que CARVALHO (1998) se refere àqueles que estão envolvidos no processo ensino/aprendizagem, com o objectivo de aprender.

<sup>312</sup> CARVALHO (1998: 172) explica que os casos podem ser excertos de filmes, de livros ou relatos de acontecimentos (ou seja, propõe que *exista, sempre, uma relação directa com o mundo concreto e real do aprendente*), que deverão ser decompostos em *mini-casos*, de modo tornar mais fácil a sua compreensão. Esses mini-casos deverão ser ponto de paragem, se assim podemos dizer, em diversas travessias, ou seja, os aprendentes deverão voltar diversas vezes ao mesmo ponto, para compreender e relacionar ideias no conjunto do tema em análise.

Esta teoria associa-se a outra – a Teoria da Acção Situada (*Situated Action Theory*), que se baseia na seguinte ideia central: quando a aquisição de conhecimento está relacionada com o contexto físico e social onde se insere e quando as actividades concretas são baseadas em experiências do sujeito, o processo cognitivo é favorecido e as aprendizagens são significativas.

Henrik ARTMAN e Yvonne WÆRN<sup>313</sup> (1995:1) definem, deste modo, esta forma de encarar o processo de aprendizagem:

Situated Action is a class of theoretical approaches, mainly emerging from social anthropology and sociology, which have in common a general theoretical claim that cognition is situated and cannot be studied and meaningfully discussed without taking context and environment into account. The focus in Situated Action lies on manifest action rather than internal information processing.

Este aspecto que se prende com a relevância atribuída ao facto de a aprendizagem normalmente decorrer de uma actividade, contexto ou cultura é determinante para todos os autores que trabalham no campo do “*Situated Learning*”, como Lave<sup>314</sup>, Wenger<sup>315</sup>, Schuman<sup>316</sup>, entre outros e CLANCEY<sup>317</sup> (1995), que afirma:

Situated learning is the study of how human knowledge develops in the course of activity, and especially how people create and interpret descriptions (representations) of what they are doing.

ARTMAN e WÆRN (1995:4-5) salientam que uma interpretação válida da actividade cognitiva pode surgir apenas quando se entendem as circunstâncias, o contexto ou a construção que os sujeitos fazem dele, sem esquecer que nessa análise devem ser incluídos o ambiente e as ferramentas que ele usam, já que ambos podem, igualmente, alterar a forma como ele processa mentalmente o conhecimento.

---

<sup>313</sup> Estes dois investigadores, Henrik Artman e Yvonne Wærn, trabalham no Departamento de estudos Comunicacionais da Linköping University, Suécia [dados obtidos através do documento referenciado].

<sup>314</sup> Jean Lave é antropóloga social, formada pela Universidade de Harvard, EUA e actualmente Professora na Universidade de Berkeley, na Califórnia. É co-responsável, com Etienne Wenger, pelo desenvolvimento desta teoria e, nomeadamente, pelo conceito de “Community of Practise” [dados recolhidos a partir do sítio [http://geography.berkeley.edu/PeopleHistory/faculty/J\\_Lave.html](http://geography.berkeley.edu/PeopleHistory/faculty/J_Lave.html), consultado a 28/08/2006].

<sup>315</sup> Suiço de nascimento, Etienne Wenger vive actualmente nos EUA, mais propriamente na Califórnia, onde é Professor [dados recolhidos a partir dos sítios <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Etienne+Wenger> e <http://www.ewenger.com/index.htm>, consultados a 28/08/2006].

<sup>316</sup> Lucy Schuman é socióloga e Professora da Universidade de Lancaster. Formou-se na Universidade de Berkeley, Califórnia e trabalhou na Xerox, na Universidade de Palo Alto, Califórnia, EUA [dados recolhidos a partir do sítio <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Lucy+Suchman>, consultado a 28/08/2006].

<sup>317</sup> William J. Clancey é Professor no Institute for Human and Machine Cognition, da Universidade de West Florida, Pensacola, tendo trabalhado anteriormente na NASA e sendo detentor de um extenso Currículo de trabalhos na área da adequação do uso das tecnologias informáticas à Educação [dados recolhidos a partir do sítio <http://homepage.mac.com/wjclancey/~WJClancey/ClanceyResume.html>, consultado a 28/08/2006].

Using action as the unit of analysis it becomes clear that people think in action together with other people or culturally and socially constructed tools such as sticks, calculators, computers or pencils.

Jean Lave e outros autores apontam algumas ideias pré-concebidas habitualmente tidas como referência para a preparação de actividades relacionadas com o processo ensino/aprendizagem e que são, segundo estes teóricos, erradas e pouco propiciadoras da criação/surgimento de ambientes facilitadores da aprendizagem, como, por exemplo, que quem aprende é apenas um sujeito passivo na recepção do saber, vazio e preparado, por assim dizer, para ser “preenchido” de conhecimentos; ou que as capacidades/conhecimentos, para serem transferidos/aplicados numa outra situação, terão de ser apreendidos independentemente dos seus contextos de utilização. A aprendizagem implica, sim, a percepção clara de que o mundo, os relacionamentos e, conseqüentemente, as identidades estão em permanente transformação, pelo que os sujeitos terão de se empenhar nesse processo de mudança e nesse relacionamento, já que a aprendizagem é o resultado de se estar/pertencer a um determinado sítio/local (DUNCAN e LEANDER<sup>318</sup>, 1998-2003), é o resultado da interacção e da comunicação (ARTMAN e WÆRN, 1995:12)<sup>319</sup>.

Por isso, surge, associado a esta teoria, o conceito de “*Communities of practise*”, ou seja, grupos – formais ou informais –, cujos membros se relacionam, porque aprenderam algo nas actividades que exercem em comum, existindo estes grupos em todos os lados, quer seja nas escolas, nos locais de trabalho ou mesmo em casa, no seio da família. WENGER (1998: 45) refere:

Being alive as human beings means that we are constantly engaged in the pursuit of enterprises of all kinds, from ensuring our physical survival to seeking the most lofty pleasures. As we define these enterprises and engage in their pursuit together, we interact with each other and with the world and we tune our relations with each other and with the world accordingly. In other words we learn.

Over time, this collective learning results in practices that reflect both the pursuit of our enterprises and the attendant social relations. These practices are thus the

---

<sup>318</sup> Barbara Duncan é Professora na Universidade do Kentucky (Department of Educational Policy Studies and Evaluation). A sua investigação centra-se na Filosofia da Educação. Kevin Leander é Professor na Universidade de Vanderbilt (Department of Teaching and Learning). Dedicou-se ao estudo, essencialmente, da linguagem e da literacia entre os adolescentes [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.readingonline.org/electronic/duncan/index.html#author>, consultado a 28/08/2006].

<sup>319</sup> Estes autores dizem, mesmo (1995:13): «There is nothing there if it is not shared with others and every thought is an attempt at sharing».

property of a kind of community created over time by the sustained pursuit of a shared enterprise. It makes sense, therefore to call these kinds of communities communities of practice.

Na verdade, esta perspectiva sobre o processo ensino aprendizagem suscita reflexões sobre o papel da escola tradicional e do professor, considerando-se que é necessário abrir novas perspectivas, de modo a dar ao ensino uma “cara nova”, mais atraente e mais eficaz, neste mundo de permanentes mudanças e de ritmos cada vez mais acelerados. Por isso, Duncan e LEANDER (1998-2003) expressam de forma muito objectiva a perspectiva que deverá ser a de um docente que tenha em atenção esta teoria nas suas práticas:

Traditional forms of learning as found in most schools where students sit in rows for an exact amount of time each day listening to a lecture or working on worksheets fail to recognize the unique and multi-faceted opportunities for learning that exist in situations where taking a test or completing homework is not the main agenda. That is, if learning is viewed as becoming a community member and learning the talk of the community, it should be understood not as a special case of teaching, but as a relation to whatever learning context, community, and activity is present for the learner.

Estes trabalhos têm dado frutos na sala de aula, como é descrito no texto de KNAPP (s.d.).

A Teoria da Instrução Ancorada foi desenvolvida por John Bransford<sup>320</sup> no Cognition Technology Group at Vanderbilt (CTGV), na década de 90 e consiste em colocar o aluno perante uma situação problemática: a âncora. A âncora representa uma situação a resolver, um problema, que se pretende que ponha o estudante na situação de ter necessidade de conhecer determinado conteúdo. A âncora pode ser, por exemplo, uma história e corresponder a uma situação verosímil e real. Inicialmente, Bransford criou diversos vídeos, procurando que os mesmos tivessem características que despertassem imediatamente a curiosidade e o interesse do seu público, pela forma realista como contextualizavam os assuntos, contando, preferencialmente, histórias e nunca apresentando os temas como se estivesse numa palestra.

No fundo, todas estas teorias assentam em algumas ideias comuns, que estiveram, também, por detrás das preocupações que motivaram este estudo e que

---

<sup>320</sup> Actualmente, J. Bransford é Professor de Educação e psicologia na Universidade de Washington, em Seattle, EUA, e director do Center for Learning in Informal and Formal Environments [dados recolhidos a partir do sítio [http://education.byu.edu/news/2005\\_features/bransford.html](http://education.byu.edu/news/2005_features/bransford.html), consultado a 28/08/2006].

levaram à criação de uma série de exercícios e estratégias que permitissem o recurso ao “chatês” nas aulas de Português. Vejamos:

- A primeira ideia comum a todas elas é a de que o saber é algo que se constrói, com o envolvimento não apenas de quem pretende transmitir conhecimentos (que tem, evidentemente, de se empenhar nesse acto, para que ele seja eficaz), mas, sobretudo, de quem pretende aprender novos conteúdos. Envolver os alunos na descoberta de novos saberes ou levá-los a aprofundar conhecimentos já adquiridos, tendo em consideração que poderão estar num estágio de desenvolvimento psico-fisiológico mais avançado;
- A segunda prende-se com a ideia de que o saber não é algo estático e, logo, o processo de aprendizagem também tem de se transformar, acompanhando as mudanças contextuais, culturais, sociais dos sujeitos envolvidos nele. Assim, o próprio tema deste trabalho é um reflexo desta ideia, já que se não se encarasse o processo de ensino/aprendizagem desta forma, dificilmente se conceberia a introdução de um tema como o “chatês” na sala de aula, proporcionando aos alunos e aos docentes, um contacto com uma realidade, com um contexto profundamente actual e marcante nas sociedades contemporâneas;
- A terceira ideia é a de que os participantes no processo ensino/aprendizagem, nomeadamente os alunos, podem aprender melhor se se recorrer ao seu próprio “mundo” à sua “biblioteca de saberes” à sua realidade e experiência quotidianas, pois a proximidade dos temas e o recurso a estratégias que concorram para que se estreite essa proximidade aumentarão o grau de interesse e motivação dos estudantes e, por seu turno, facilitarão a tarefa dos docentes, criando uma relação de proximidade entre todos e um espírito de alegria e satisfação na transmissão/recepção dos conteúdos, conduzindo-os, através da exploração de situações/temas reais (“âncoras” alicerçadas nos contextos e vivências destes jovens), ao desenvolvimento de uma

capacidade de análise e reflexão cada vez mais profunda, ou seja, de uma flexibilidade cognitiva cada vez maior;

- A partilha de saberes, a troca de conhecimentos entre docentes e discentes, numa situação em que os segundos também mostrem os seus conhecimentos específicos numa determinada área em que, muito provavelmente, são mais conhecedores do que os primeiros, contribuirá, igualmente, para a criação de laços em tudo semelhantes àqueles que preconizam Lave e Wenger, quando falam das “communities of practise”, facto que, aliás, foi salientado pelos participantes nos diversos *Focus Groups* e que foi, igualmente, destacado no Capítulo anterior deste trabalho;
- Essa troca de saberes permitiria que se promovesse uma maior adequação do ensino ao perfil de cada discente e ao contexto em que os mesmos se integram, podendo os professores tirar partido das competências específicas de cada aluno, mostrando-lhes que há saberes aparentemente nada relacionados com as matérias leccionadas que, quando analisados à luz dos conhecimentos apreendidos, podem revelar diferentes características e serem úteis para a compreensão do que antes se considerava “monótono”, “aborrecido”, “enfadonho”, “chato”.

A ideia de criar um pequeno livro que servisse de guia para os docentes que quisessem usar o “chatês” tinha, precisamente, como objectivo, motivá-los para a introdução destas ideias nas suas práticas lectivas, proporcionando-lhes mais uma opção de exploração de temas que, à partida, são pouco apelativos para os alunos, nomeadamente os que se relacionam com a Gramática. No fundo, é um pouco o que diz Ana Amélia CARVALHO (1998:156):

[E]nsinar implica seleccionar materiais de aprendizagem que proporcionem explorações multidimensionais da paisagem sob a activa iniciativa do aluno, bem como proporcionar comentário temático para ajudar a obter o máximo proveito das suas explorações. As representações do conhecimento reflectem as travessias em várias direcções que ocorrem durante a aprendizagem.

Assim sendo, volta-se a referir que este “Pequeno Guia Rápido para o Uso do “Chatês” na aprendizagem do Português”, não será mais do que a compilação de um

conjunto de exercícios/estratégias/informações que, ao longo do estudo, foram aplicadas/transmitidas pelos docentes envolvidos na pesquisa e que demonstraram ser eficientes na motivação dos alunos e no seu processo de compreensão do funcionamento da língua materna.

Salienta-se, igualmente, que na preparação desses exercícios foram tidos alguns cuidados:

5. Procurou-se que os mesmos se *adequassem aos conteúdos abordados nos programas* definidos pelo Ministério da Educação para os anos de escolaridade leccionados pelos professores que colaboraram nesta investigação;
6. Procurou-se que os mesmos se *enquadrassem nas programações estabelecidas* e, logo, nos *tempos* que os docentes previam para o desenvolvimento desses mesmos conteúdos programáticos;
7. Procurou-se que fossem, também, *o mais diversificados possível* (incluindo propostas de análise da gramática, estilística, entre outras), permitindo que os docentes tivessem uma margem de escolha maior, podendo adaptar estas propostas, de forma mais fácil, aos alunos que os iriam executar;
8. Procurou-se que as propostas feitas pudessem, de alguma forma, *espelhar metodologias inovadoras ao nível da pedagogia*, como já foi mencionado, ainda que não se recorresse a um único modelo teórico/conceptual.

É importante referir, mais uma vez, que nem todos os exercícios foram aplicados e também que não foram todos aplicados por todos os docentes. No entanto, todos os docentes que colaboraram nesta investigação receberam todos os exercícios propostos, fizeram a sua análise e deram a sua opinião sobre todos eles.

Salienta-se, igualmente, que este “guia” é um “complemento”, uma ajuda, constituindo-se como uma estratégia que visa motivar e nunca substituir outras formas de abordagem (mais tradicionais) da língua, mas que pode acrescentar uma dimensão/componente de certa forma lúdica e de aproximação entre docentes e discentes e entre todos eles e a realidade, com o intuito de promover aquilo que defende António Nóvoas (CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS, 2003):

A pedagogia moderna baseou-se na ideia que as aprendizagens se faziam do mais simples para o mais complexo e do mais concreto para o mais abstracto. Hoje, sabemos que os processos de aprendizagem seguem percursos que nem sempre são lineares e que se constroem e reconstroem a partir de lógicas inesperadas e de

dimensões muitas vezes imprevisíveis. Temos de abrir as nossas pedagogias a concepções mais amplas e menos lineares de aprendizagem.

### **8.1 – PASSOS DADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO “PEQUENO GUIA RÁPIDO PARA O USO DO “CHATÊS” NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS”**

A construção deste pequeno “guia” passou por várias etapas, várias fases, que a seguir se descrevem:

1. A primeira etapa consistiu na *análise das programações estabelecidas pelos docentes da disciplina de Português* que colaboraram neste estudo. Foram vistas as suas grelhas de programação, que incluíam estratégias, objectivos a atingir, textos a estudar, exercícios a realizar e uma previsão do tempo necessário para a leccionação dos mesmos. Essa análise foi determinante para poder seleccionar os temas que poderiam resultar em exercícios úteis a esta investigação, ou seja, que contivessem textos do “chatês”. A maioria destes professores estava a trabalhar com turmas do 10º Ano, pelo que os exercícios foram pensados para este nível de ensino/faixa etária, ainda que pudessem ser adaptados a outros alunos, nomeadamente, mais velhos;
2. Ainda para preparar a elaboração propriamente dita dos exercícios, foram *recolhidos diversos materiais* e feitas pesquisas em livros e na Internet, de modo a obter dados que pudessem constar das fichas de trabalho, sempre com a preocupação de que as mesmas deveriam levar os alunos a poder explorar, por si mesmos, os temas, chegando a conclusões e sendo capazes de se autocorrigirem, caso isso fosse necessário; também foram analisados diversos materiais didácticos (nomeadamente, os produzidos pelo CLEMI/França e pelo INSTITUTO DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL/Portugal), de modo a poder observar a forma como estas reputadas instituições punham em prática um trabalho do género daquele que se pretendia criar, buscando inspiração e apoio na experiência e prestígio destes organismos;

3. Terminada esta fase de reflexão e recolha de materiais, passou-se à *construção dos exercícios/fichas de trabalho*. Todas elas contêm os seguintes elementos:

- **Objectivos:** faz-se uma breve compilação dos principais objectivos que devem ser atingidos no final da aplicação do exercício, tendo sempre em consideração que esses objectivos tiveram uma relação directa com o que se preconizou em termos programáticos pelos docentes, mas que, doravante, caso algum outro docente esteja interessado em explorar esta propostas, poderão ser facilmente “encaixáveis” em qualquer situação/ano escolar;

- **Público-alvo:** indica-se o público para o qual o exercício foi preparado ou que poderá, eventualmente, vir a realizá-lo;

- **Material necessário:** indica-se o material extraordinário para a realização do exercício (sem incluir papel, caneta ou lápis, por se considerar que esse é o material indispensável e de uso regular dentro da sala de aula), de modo a que os docentes, ao prepararem com antecedência a sua aula, possam ter a “vida facilitada”;

- **Organização do trabalho:** Sugere-se a forma como o mesmo pode ser feito (em grupo ou individualmente), dando indicação do tempo que poderá ser necessário para a sua conclusão (esta informação é meramente indicativa, já que aqui estará em causa o tipo de alunos que irá realizar o exercício e a disponibilidade temporal do docente, face aos objectivos programáticos que tem de cumprir; o que aconteceu com o grupo envolvido neste trabalho foi que, frequentemente, os professores me indicaram não ter muito tempo para consolidar conteúdos, pelo que preferiam os exercícios mais rápidos ou aqueles que poderiam facilmente ser executados como TPC);

- **Palavras-chave:** as palavras-chave (bem como os temas a aprofundar e artigos/materiais a consultar) devem permitir que os docentes, em primeiro lugar, possam orientar o trabalho dos estudantes, no sentido de estes serem capazes de explorar os

conteúdos autonomamente, aprofundando saberes, relacionando conceitos, estabelecendo analogias e procurando, por si mesmos, desenvolver saberes que não seriam muito aprofundados na sala de aula. Todavia, o que se verificou foi que, a maioria (senão a totalidade) dos docentes, pouca importância deu a este tipo de informação. Consideraram-na meramente contextualizadora e, por isso mesmo, não a destacaram junto dos alunos, como mais uma ferramenta de trabalho e, tão pouco, a usaram como sua ferramenta na preparação dos conteúdos a leccionar. Ainda assim, entendeu-se que, num “guia” deste tipo, ela seria indispensável e de grande valia, já que, durante esta investigação, o pesquisador/criador dos exercícios estava presente junto do grupo que os aplicou, mas, doravante, caso alguém se interesse pela sua aplicação, o mesmo não acontecerá, pelo que serão indispensáveis todas as orientações/informações que se puderem fornecer. Estas palavras-chave tinham relação directa, com os conceitos-chave, não se encontrando, no entanto, definidas, pelo que seria interessante que os jovens pudessem recorrer a outras ferramentas de trabalho (dicionários, enciclopédias, Internet, Gramáticas, etc.) para o fazer, proporcionando-se, deste modo, a experiência da intertextualidade;

- **Temas que podem ser aprofundados:** estas são sugestões de temas a aprofundar, quer em termos individuais/pessoais por cada aluno, quer colectivamente, na sala de aula (muitos destes temas têm relação directa com os temas globais apontados pelos programas definidos pelo Ministério da Educação e sugeridos nos manuais escolares adoptados pelo grupo que participou neste estudo);

- **Artigos/materiais a consultar:** estes materiais podem ser uma boa base de apoio para o docente preparar as suas aulas ou, para o aluno, que esteja verdadeiramente disponível/motivado para procurar, por si próprio, mais conhecimentos relacionados com os temas abordados;

- **Actividade:** Neste espaço descreve-se o modo como a actividade deverá decorrer, os passos a dar para a mesma poder ser posta em prática, de modo a que os professores a consigam entender e aplicar ou que os alunos, autonomamente, a possam interpretar e pôr em prática, sozinhos ou em grupo, na sala de aula ou em casa;

- **Conceitos-chave:** definem-se, sempre, os conceitos-chave, de modo a permitir, à partida, uma melhor contextualização do tema, indicando, sempre, as fontes de onde essa informação foi retirada, não só para permitir uma consulta posterior das mesmas, mas para criar hábitos de respeito pelo trabalho alheio, sobretudo, naturalmente, nos alunos;

- **Notas:** regra geral, integram mais sugestões metodológicas.

Ao preparar os exercícios teve-se em conta o tipo de vocabulário empregue, a construção de frases curtas, a própria disposição/arranjo gráfico, já que se pretendia que o material, ainda que reproduzido em casa, recorrendo a um simples PC e uma impressora comum, pudesse ser apelativo e contivesse o menor nível de ruído possível. Daí que, alguns dos elementos que acima foram mencionados, visassem, igualmente, a inclusão de uma certa redundância, de modo a reforçar a mensagem e a garantir a sua correcta transmissão/recepção. Procuraram-se, ainda, diversos exemplos de textos de “chatês”, que foram retirados dos textos por mim compilados e cujos autores acederam a que fossem utilizados para este fim ou foram, mesmo, construídos por mim para servir os objectivos específicos de cada exercício.

4. Depois de preparados *os exercícios, foram analisados pelos docentes* que os iriam aplicar, sendo ouvidas e integradas as suas sugestões de alterações, que, regra geral, se prenderam exclusivamente com dois aspectos: a duração do exercício (os professores entenderam todos, que os exercícios tinham de ser muito curtos, para poderem cumprir todos os seus outros objectivos programáticos) e o seu grau de complexidade (que

acabava por estar relacionado, também, com a duração do exercício, mais do que com a preocupação de que houvesse dificuldades de interpretação/descodificação – na verdade, exercícios mais complexos obrigam a maior uso de tempo na sala de aula, mas também, fora dela, na preparação dos mesmos, sobretudo tendo em consideração que os docentes não eram, regra geral, grandes conhecedores/utilizadores do “chatês”). Todavia, um dos *professores* do **Grupo 1**, o **participante P3**, quando questionado na conversa tida nos *Focus Groups*, afirmou:

Aqueles primeiros que tu nos deste não os podia aplicar a alunos, porque era muita informação e eles iam dispersar-se... Dá-me a sensação de que eles têm que ter coisas muito específicas e objectivas... No início, aquelas primeiras fichas eu não as conseguia aplicar aos alunos que tinha, porque era muita informação e eles iam-se perder naquilo.

Ainda assim, todos os docentes foram unânimes (como se referiu no Capítulo anterior) ao considerarem a estrutura destas fichas adequada e motivadora, capaz de permitir a realização de trabalhos muito interessantes, quer de pesquisa individual dos alunos, quer com a orientação, em presença, do professor. Referiram, ainda, que as mesmas eram fáceis de descodificar;

5. A *aplicação dos exercícios* ficou a cargo dos docentes, tendo estes optado apenas por aplicar alguns deles (mais uma vez motivados/condicionados, segundo aquilo que me foi transmitido, pelo factor tempo, já que os docentes se queixavam, permanentemente, da extensão dos programas a cumprir, que permitiam pouco tempo de consolidação dos conteúdos) e tendo decidido, em função do seu grupo/turma e planificação, se o fariam na sala de aula, ou como TPC. Todos os alunos foram, previamente informados sobre a razão da sua aplicação (através de uma carta minha, lida pelos docentes na sala de aula e que consta dos Apêndices deste trabalho) e foi pedido aos docentes que explicassem, sempre, ainda que de forma breve, os exercícios, de modo a garantir que os mesmos seriam correctamente compreendidos. Também os directores de turma foram todos por mim contactados, no sentido de os informar sobre este trabalho e de me

colocar à sua disposição para o caso de entenderem ser necessário entrar em contacto com os encarregados de educação. A aplicação decorreu sem problemas de maior, como se descreve no Capítulo anterior deste trabalho, embora se tenha registado que alguns dos *emoticons* usados, por não serem dos mais comuns, geraram, inicialmente, algumas dúvidas (o que se verificou, ao longo desta investigação, ser normal, já que a prevalência do uso dos *emoticons* não é tão alta como empiricamente se julga – ver THURLOW (2003), SANTOS (2003), SEGERSTAD (2002), KATZ e AAKHUS (2003) e TAGLIAMONTE e DENIS (2006));

6. Teve-se em consideração, naturalmente, ao construir este pequeno “guia”, o seu aspecto gráfico. Tentou-se criar um produto final que assentasse em duas características fundamentais: por um lado, trabalhou-se para que ele fosse prático de manusear e de consultar, permitindo uma compreensão rápida da sua estruturação; por outro lado, pretendeu-se criar um documento apelativo, que despertasse o interesse e fosse agradável de ver.

Por esses motivos, preparou-se um pequeno livro, cujos temas estão identificados não apenas no índice, mas por cores, que se distinguem claramente através de separadores destacados (com algum relevo), o que permite que o seu leitor possa andar de forma lesta para trás e para a frente, sem correr o risco de estragar o livro, já que se optou por prender as folhas com argolas.

No que diz respeito às cores, podemos dizer que houve a preocupação de as seleccionar, de modo a que as mesmas reflectissem uma ideia de dinamismo e, ao mesmo tempo e sobretudo, que se tornassem bastante apelativas, quer para os adultos, quer para os jovens. Por isso, recorreu-se essencialmente aos tons quentes (**Amarelo**: é uma cor que atrai a atenção, é alegre e plena de energia, sendo considerada a cor da confiança e do optimismo; **Laranja**: é uma cor vibrante, viva e clara, associando-se ao conforto e segurança; **Vermelho**: esta é a cor das emoções, da paixão, da força), de modo a estimular o interesse e a curiosidade, a contribuir para que os leitores se empenhassem na exploração do “guia”, procurando-se que as letras fossem de cor neutra,

como o *branco e o preto* e introduzindo-se notas de **azul** (cor associada à lógica, à tranquilidade e à comunicação sem obstáculos).

Podemos, ainda, dizer que se pensou que **a cor deve ajudar a leitura e não complicá-la**, podendo constituir-se como mais um elemento de redundância neste documento, contribuindo para enfatizar os aspectos mais relevantes do mesmo.

7. Por fim, deve referir-se, também, que se integrou neste pequeno “guia” uma **listagem sucinta de emoticons e smileys**, incluindo-se, sobretudo, aqueles que constam dos exercícios/textos em “chatês” ali reproduzidos. Serve esta listagem apenas para facilitar o trabalho de quem consultar este “guia” e, nunca, para substituir a pesquisa ou a consulta de documentos muito mais elaborados, organizados e aprofundados neste campo, como são todos os da autoria de Joviana BENEDITO (2002 e 2003<sup>a, b, c e d</sup>) e que se mencionam na Bibliografia deste trabalho.

## 9 – Reflexão/Conclusão

«Una revolución tecnológica, centrada en torno a las tecnologías de la información, está modificando la base material de la sociedad a un ritmo acelerado», diz Manuel CASTELLS (s.d.)<sup>321</sup>. Aliás, a questão da rapidez da circulação de informações é preponderante nas sociedades actuais, nas sociedades pós-modernas e contribuiu, como defendem alguns teóricos (Giles Lipovetsky, Gianni Vattimo, Paul Virilio<sup>322</sup>, o próprio Manuel Castells, entre outros), para a mudança das nossas visões do que deve ser a vida e o relacionamento humano. A necessidade de rapidez está na base do surgimento dos meios de comunicação que servem de canal às mensagens de que falei neste trabalho<sup>323</sup>, bem como no surgimento de um código específico para poder concebê-las. A necessidade de chegar rapidamente a todos os lados, de economizar tempo e espaço no que toca à transmissão de significados, resultou nesta profusão de expressões identificadas de forma muito clara nos trabalhos de Joviana Benedito. «A nossa memória está, hoje, no disco duro», refere José REBELO (2003:34)<sup>324</sup>, citando Michel Serres e não deixa de ter razão; mais ainda, se pensarmos nos jovens, que absorvem tudo o que se relaciona com as TIC com uma voracidade só possível a quem tem um olhar ainda repleto daquela curiosidade própria dos primeiros anos da vida. Mas a questão mais importante é a seguinte: será que estamos a criar uma sociedade de “preguiçosos linguísticos”, que, escondidos atrás da obrigatoriedade de usar apenas 160 caracteres numa mensagem SMS, ou de enviar mensagens o mais curtas possíveis através do MSN, não cultivam nem valorizam a expressividade das línguas, ou o conhecimento e a aquisição de novo vocabulário?

Não acredito ser esta a estrada pela qual nos conduzirá este rumo que as TIC nos começam a traçar. Habitualmente, o ser humano tem tendência para desconfiar de tudo

---

<sup>321</sup> Esta ideia é mencionada, também, no Capítulo 3 deste trabalho, mas a partir do texto da tradução portuguesa. O texto original, em Castelhana, que aqui se cita, foi consultado a partir do sítio <http://www.hipersociologia.org.ar/catedra/material/> (consultado a 30/12/2003), que se indica na Bibliografia deste trabalho.

<sup>322</sup> Gianni Vattimo: filósofo, professor, em diversas Universidades de grande prestígio (Yale, por exemplo), ensaísta, escreveu *Sociedade Transparente*; Paul Virilio: arquitecto, urbanista e filósofo francês [informações recolhidas a partir do sítio <http://www.infoamerica.org/>, consultado entre 2003 e 2006, regularmente].

<sup>323</sup> E é, também, uma das principais consequências desses mesmos media.

<sup>324</sup> José Rebelo é Professor Auxiliar no ISCTE onde lecciona as cadeiras de Sociologia dos Media, Práticas Discursivas e Sistema dos Média. Foi colaborador no programa da RTP Acontece e jornalista em Portugal e em França, país onde se licenciou em Sociologia da Informação pela Universidade de Direito, Economia e Ciências Sociais de Paris e obteve o Diplôme d'Études Approfondies (especialidade de Ciências da Informação) na Universidade de Paris-Sorbonne [dados recolhidos a partir do sítio <http://www.eusou.com/republica/rebelo.html>, consultado a 30/12/2003].

o que é novo, mas essa não deve ser a perspectiva do investigador, que, ao contrário, deverá procurar compreender os fenómenos que analisa, encontrando explicações para eles e soluções para os problemas/desafios que, eventualmente, eles colocam.

Assim sendo, é necessário reflectir sobre tudo o que foi mencionado neste trabalho, de modo a poder retirar dele algumas conclusões.

### **9.1 – O “CHATÊS” VISTO PELO SENSO COMUM E PELOS OLHOS DOS INVESTIGADORES**

O cidadão comum, adulto, com mais de trinta anos e um nível cultural/académico superior ou médio, sempre que olha para as produções textuais identificadas neste trabalho como fazendo parte do “chatês”, tem algumas desconfianças. «“Aquilo” não é Português!»; «não é “língua de gente”!»; «não percebo nada e nem quero perceber!»: são alguns dos comentários que se ouvem frequentemente e que, ao longo desta investigação pude escutar; revelam uma distância profunda relativamente às gerações mais novas, grandes dificuldades em acompanhar o já mencionado ritmo acelerado da evolução, a falta de domínio do código e, muitas vezes, do próprio meio de comunicação. Esse cidadão comum tem algumas “convicções” sobre o “chatês”, que foram, de algum modo, uma base de partida para a realização desta investigação, que me permite, neste momento, olhar de modo diverso para esta problemática.

Uma dessas convicções do senso comum permite acreditar que, no que diz respeito às mensagens produzidas nos *Chats*, SMS e e MSN, a forma como algo é dito é, muitas vezes, mais importante do que o conteúdo, ou seja, valoriza-se o aspecto gráfico, a introdução de *emoticons*, *smileys* e abreviaturas muito mais do que as ideias que se pretendem transmitir.

Este pressuposto é enganador. Na verdade, os investigadores que se dedicaram até agora à pesquisa destas questões e que procederam à análise estatística de *corpus* textuais compostos por mensagens deste tipo, são unânimes ao afirmarem que a percentagem destes “símbolos” não é tão significativa assim. Vejamos: Else SANTOS (2003:62,70 e 80) e THURLOW (2003) referem esse facto, salientando que, nos *corpus* por si estudados, a presença destas marcas para-linguísticas são o que de menos significativo parece existir, sobretudo, se se tiver em consideração que outras

características típicas do “chatês” estão mais presentes, como a pontuação excessiva, ou mesmo as abreviaturas/reduções de palavras. SEGERSTAD (2002:241, 242) também menciona tal facto, sugerindo que os símbolos mais usados são aqueles que mais comumente são conhecidos e que a introdução de *smileys* complexos torna o diálogo mais difícil de acompanhar e perceber, ideia que se comprovou neste estudo, sobretudo quando se introduziram alguns desses *emoticons/smileys* mais complexos em exercícios do “Guia Rápido” e os alunos tiveram claras dificuldades na sua descodificação. Todavia, os utilizadores mais novos (especialmente pré-adolescentes, como posso comprovar pela observação diária que tenho tido, desde que sou responsável por um Espaço Internet), são aqueles que, eventualmente, poderão contrariar esta tendência (SANTOS, 2003:58 e 60), já que vão adicionando cada vez mais *emoticons* às suas listas pessoais (no MSN, mais do que no SMS), “carregando” as suas mensagens com eles, tornando-as, em alguns casos, virtualmente impossíveis de decifrar, pois muitas letras e expressões são substituídas por desenhos, quase todos eles em movimento, que fazem parte de um “glossário” (se assim lhe podemos chamar) que só o próprio utilizador e aqueles com quem ele habitualmente troca mensagens, compreendem/dominam.

Aliás, o tipo de relacionamento entre os “falantes”/comunicadores influencia a construção das mensagens (SEGERSTAD, 2002:259), como ficou claro durante esta investigação, já que em várias ocasiões se constatou que os conteúdos e tipos de mensagens variam consoante os destinatários, quer nos *Chats*, quer no MSN, ou no SMS. E este não é o único factor condicionante. Se tivermos em consideração a sincronia/diacronia destes meios (*Chat* e MSN são síncronos e SMS é assíncrono) poderemos facilmente entender que o conteúdo destas mensagens é muito mais “concreto” do que reflexivo, porque os utilizadores têm grandes preocupações com a economia de tempo e espaço e podemos, ainda, afirmar que quanto mais síncrono é o meio, maior é a pressão para que o discurso se produza rapidamente e, logo, maiores as possibilidades de recorrer a formas menos canónicas de escrita (SEGERSTAD, 2002:259).

Do mesmo modo, o meio/canal utilizado<sup>325</sup>, o grau de conhecimento da língua materna de cada utilizador, o tipo de assunto abordado (se a mensagem serve apenas

---

<sup>325</sup> As características do próprio meio de comunicação influenciam, assim, a forma como as mensagens são produzidas. Marshal McLuhan dizia que «o meio é a mensagem» (este conceito foi desenvolvido na sua obra *Understanding Media*, publicada em 1964, segundo relata José Rodrigues dos SANTOS, 1992: 74).

para cumprimentar, ou para contar coisas mais importantes<sup>326</sup>) interferem na forma como as mensagens são construídas, levando-as a ter mais ou menos abreviaturas, *emoticons* e *smileys*. Para além disso, todos estes factores são interdependentes entre si (SEGERSTAD, 2002:260). Esta capacidade plástica do discurso face às situações/contexto é muito interessante, sendo o que SEGERSTAD (2002:260) designa como *capacidade adaptativa da linguagem*.

Outra das convicções correntes do senso comum é a de que a descodificação se baseia exclusivamente na “associação”, mais uma vez devido ao facto de se olhar para este tipo de produção textual apenas tendo em mente, que é marcada por uma super abundância de abreviaturas e de *emoticons*, ou seja, pela presença de linguagem icónica. Na verdade, o que o trabalho dos investigadores permite concluir – incluindo esta mesma investigação – é que não há “associação” apenas na linguagem icónica; a linguagem verbal é, como afirmava Saussure, arbitrária, ou seja, baseada numa convenção em que se atribui aos signos um valor, sejam eles signos exclusivamente verbais ou signos que combinem linguagens diferentes. Ora, se todos são arbitrários, poder-se-á afirmar que os menos arbitrários de todos são os signos icónicos, já que eles, tal como Moles explica (ver Capítulo 5), têm uma forte ligação com o objecto ou ideia concreta que representam. A complexidade que se sente na descodificação destas mensagens não tem a ver com o facto de os signos que as compõem serem mais ou menos icónicos, mas na junção de vários códigos que ela permite (verbal e visual, para não falar da linguagem sonora – toques, música, etc.) e na busca que os utilizadores fazem, quase permanentemente, de introduzirem marcas pessoais. Pierre LÉVY (2002<sup>327</sup>), numa conferência feita no Brasil/S. Paulo, dizia algo muito curioso:

Estou persuadido que o alfabeto vai continuar a resistir, mas é perfeitamente possível que uma linguagem de imagens animadas ou de desenho animado seja cada vez mais utilizada. Por exemplo, o *Power Point* pretende expressar ideias não apenas com um texto alfabético, mas também através de esquemas, através de cores, etc. e cada vez mais vamos dispor de ferramentas que nos permitem exprimir ideias não apenas através de esquemas fixos, mas também através de imagens que mexem. (...) Há o

<sup>326</sup> Else SANTOS (2003:47-48) refere-se à introdução de marcas de diferentes géneros textuais nas próprias mensagens dos *Chats*, o que nos permite ver que, consoante o que se pretende transmitir, há maior ou menor “cuidado” na forma como se escreve.

<sup>327</sup> Esta citação foi recolhida a partir da gravação de uma conferência realizada a 28/08/2002 no SESC, em São Paulo, na qual o autor participou e cujo tema era “As Inteligências Colectivas/Internet e Desenvolvimento Humano”, gravação essa, que se consultou a partir do sítio [http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/pierre\\_levy/interna.asp](http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/pierre_levy/interna.asp).

nascimento de uma nova escrita animada em toda a largura da banda cultural, dos jogos de vídeo até à pesquisa científica, passando pela televisão.

Mais uma das convicções do senso comum prende-se com o facto de se considerar que o vocabulário e a sintaxe no “chatês” são restritos ao mínimo compreensível, também por questões de economia e rapidez de construção das mensagens. Na verdade, o que prova esta investigação, bem como todos os trabalhos relacionados com este tema mencionados nesta dissertação, é que as frases são, regra geral, curtas e sintéticas, o que não significa que se esteja perante uma situação de empobrecimento lexical ou perante distorções de sintaxe. A realidade mostra que essa noção pode ser falaciosa, uma vez que se conseguem perceber variações dos níveis de língua nos discursos produzidos pelos utilizadores destes serviços (regionalismos, gíria, calão, texto cuidado – como se referiu nos Capítulos 5 e 6 e como afirmam TAGLIAMONTE e DENIS, 2006<sup>328</sup>), o que nos faz pensar na questão da criatividade. THURLOW (2003) e SEGERSTAD (2002:263), bem como os dois autores mencionados anteriormente, referem-se a isso mesmo, classificando os utilizadores deste tipo de código como criativos e capazes de estabelecer novas significações e grafias, construindo acrónimos e abreviaturas pouco usuais.

## 9.2 – ALGUMAS IDEIAS CENTRAIS DESTE TRABALHO

Estas noções expressas pelo senso comum facilitaram a problematização do uso deste tipo de código, permitindo que se delimitassem algumas questões centrais no que toca à análise destas temáticas e, mais especificamente, algumas das questões que se tornaram prioritárias para a investigação que se relata neste trabalho.

Perceber, em primeiro lugar, a própria natureza desta forma de expressão era muito importante. Estruturar-se-ia ou não como um código, que, em termos comunicacionais, permitiria que emissor e receptor se entendessem, partilhando um referencial comum?

Acredito ter tornado claro para o leitor deste trabalho, que há um código usado pelos utilizadores destes serviços, um código não completamente original, com

---

<sup>328</sup> Estes autores referem nas conclusões do seu estudo, ainda não publicado e que me foram enviadas por *e-mail*: «For every linguistic variable we have studied, Instant Messaging reveals a unique fusion of variants, some formal, some vernacular, and some in between, demonstrating that users pick and choose from all the available variants that a linguistic system has to offer from every register of the language that exists at a given point in time».

características que o aproximam tanto dos códigos dominantes dos utilizadores (ou seja, as suas línguas maternas), como de outros tipos de códigos já definidos pelos teóricos (ver Capítulo 5) e que, se não é possível estabelecer uma “gramática” (pois é uma compilação de normas muito extensa), é pelo menos possível identificar algumas regras básicas e perceber, tal como apontava Noam Chomsky (SZABÓ, 2004), que os seus utilizadores têm de desenvolver *competências* que conduzam a uma *performance* aceitável no seio do grupo composto pelos que usam o *Chat*, o SMS e o MSN.

Os investigadores apontam para a ideia de que este será um código híbrido, que mistura características das línguas maternas dos seus utilizadores, como já se referiu e que, simultaneamente, lhes somam factores que têm a ver com as próprias particularidades da CMC, considerando que, em termos linguísticos há uma forte tendência para se poder configurar como mais um género textual, tal como defendem MARCUSCHI (2002) e SANTOS (2003), mais do que como um “dialecto”<sup>329</sup>. As próprias palavras de Lévy, anteriormente transcritas, fazem-nos considerar esta possibilidade. Mais do que uma moda, o “chatês” terá tendência para se afirmar como uma forma de expressão característica da CMS, com singularidades tão próprias e marcantes como as linguagens cinematográfica ou televisiva, por exemplo, que surgiram naturalmente associadas ao desenvolvimento desses meios de comunicação e que, inicialmente, levantaram as mesmas dúvidas e receios nos espíritos mais cépticos, que, hoje, não só as dominam, como o fazem, já, de forma praticamente inconsciente, como se de um respirar se tratasse. Essas mesmas dúvidas terão sido levantadas em relação à própria escrita alfabética, como sugere Umberto ECO<sup>330</sup> (2004:7-13), ao narrar a história escrita por John Wilkins, um Bispo e estudioso do século XVII, que descrevia a estupefacção

<sup>329</sup> Dialectos são, regra geral, considerados formas características que uma língua assume regionalmente, ou seja, são variantes regionais de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como língua. Mas, se quisermos, todas as línguas são, elas mesmas, dialectos, já que derivam de outras e estão em permanente transformação, como se pode comprovar pela definição desta palavra expressa no dicionário *on-line* da Real Academia Espanhola (AA. VV., s.d.), que afirma: «1. Sistema lingüístico considerado con relación al grupo de los varios derivados de un tronco común. El español es uno de los dialectos nacidos del latín. 2. Sistema lingüístico derivado de otro, normalmente con una concreta limitación geográfica, pero sin diferenciación suficiente frente a otros de origen común. 3. Estructura lingüística, simultánea a otra, que no alcanza la categoría social de lengua». Por isso mesmo, na minha opinião, é mais viável considerar que o “chatês” poderá ser um “género textual”, ainda que, em sentido figurado, possamos considerar que “a tribo” dos jovens utilizadores destas formas de CMC o tenham como “dialecto”, já que o “chatês” é um código.

<sup>330</sup> Umberto Eco nasceu numa cidade situada perto de Turin, Itália, de nome Alexandria, em 1932. Em 1954 doutorava-se pela Universidade de Turin, tornando-se especialista em Filosofia e Literatura Medievais. Os seus trabalhos de Semiologia transformaram-no num dos mais importantes teóricos mundiais nesta área. Para além disso, é autor de inúmeras obras literárias, entre as quais, *O Nome da Rosa* e *Baudolino*. Tendo passado pela Universidade de Milão, é hoje Professor da Universidade de Bolonha e *Doutor Honoris Causa* por diversas Universidades europeias e americanas [dados recolhidos a partir do sítio do autor, no endereço [http://www.themodernword.com/eco/eco\\_biography.html](http://www.themodernword.com/eco/eco_biography.html), consultado a 24/09/2006].

de um índio americano perante as palavras escritas numa carta/bilhete. O mesmo Umberto ECO (1996), numa conferência proferida na Italian Academy for Advanced Studies in América, intitulada *From Internet to Gutenberg*, contava o seguinte:

According to Plato (in Phaedrus) when Hermes, the alleged inventor of writing, presented his invention to the Pharaoh Thamus, he praised his new technique that was supposed to allow human beings to remember what they would otherwise forget. But the Pharaoh was not so satisfied. (...) We can understand the preoccupation of the Pharaoh. Writing, as any other new technological device, would have made torpid the human power which it substituted and reinforced (...) the Pharaoh was instantiating an eternal fear: the fear that a new technological achievement could abolish or destroy something that we consider precious, fruitful, something that represents for us a value in itself, and a deeply spiritual one.

A escrita, por permitir o veicular de ideias e a codificação convencionada dos sons num suporte físico, assumiu sempre um papel de “rotulador” social<sup>331</sup>, mesmo após a sua massificação (resultante da invenção e desenvolvimento da prensa, por J. Gutenberg), já que continua a ser ela o barómetro do nível cultural das sociedades e, dos indivíduos, dentro delas.

Por isso, sempre que estiver em causa a sua utilização ou transformação, haverá tendência para questionar, pôr em causa, censurar as “evoluções” ou “novidades” que se possam introduzir, o que nos leva, inevitavelmente, a outra questão, também ela uma das convicções fundamentais do senso comum: a Língua Portuguesa (no caso do nosso país, mas em geral, todas as línguas maternas) estará ou não a ser ameaçada pelo “chatês”, pondo-se em perigo a sua “pureza” e a sua “norma”?

O Português não está em risco (como também não o estão os demais idiomas), acredito, tal como diz Joviana BENEDITO (2002, 2003<sup>c</sup> e <sup>d</sup>), SEGERSTAD (2002:262), THURLOW (2003 e 2006) e TAGLIAMONTE e DENIS (2006). Ele está, sim, em permanente transformação, como todas as coisas neste planeta, ideia comprovada por cientistas tão notáveis como Lavoisier ou Darwin e tão bem expressas em linguagem poética pelo imortal Luís Vaz de Camões, no seu soneto *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as*

<sup>331</sup> Na antiguidade, nomeadamente nas civilizações mesopotâmicas (Suméria, por exemplo) e egípcia, o próprio acto de escrever era reservado a alguns – os escribas –, que, muitas vezes, estavam ligados à hierarquia religiosa, relacionando a palavra escrita ao divino, ao sagrado; do mesmo modo, durante toda a Idade Média, na Europa, o domínio da escrita esteve confinada quase exclusivamente ao Clero; até mesmo a Bíblia sublinha esta ligação, senão vejamos o texto retirado do Evangelho de S. João, 1, 1-4 (ver Bibliografia): «No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, com Deus, tudo começou a existir por meio d’Ele, e, sem Ele nada foi criado. N’Ele estava a Vida e a Vida era a luz dos homens».

*Vontades*<sup>332</sup>. Aliás, mais uma vez podemos salientar que a norma de uma língua não passa de uma convenção, que é aceite e transformada, ao ritmo a que as próprias sociedades andam e se modificam. E os jovens têm noção disso. Recordo que num dos *Focus Groups* criados para esta investigação, um dos participantes dava o exemplo da alteração da norma portuguesa, que permitiu que *Pharmácia* se passasse a grafar Farmácia. Na verdade, esta percepção de que estamos perante um fenómeno de permanente transformação das línguas pode associar-se ao conceito de Dialogismo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin<sup>333</sup>, para quem a escrita é encarada como uma produção constante e infinita, que carrega em si as marcas de todos os textos que o precederam e de todos os que se lhe seguirão, colocando em relação directa cada um dos envolvidos nesse processo. No fundo, o Dialogismo é uma relação dialéctica entre o “Eu” e o “Outro”, sendo que o “Eu” necessita do “Outro” para existir, passando escrita/fala/idiomas a ser o “registro” de uma “multidão” de vozes anónimas, as vozes de quantos os utilizaram e foram (sem que disso tivessem consciência) deixando neles as suas marcas. Júlia KRISTEVA<sup>334</sup> (1977:74) afirma que Bakhtine considera o Dialogismo como inerente à própria linguagem, ao declarar que «[o] diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem»; e se a noção corrente de diálogo já implica a presença de duas “pessoas distintas” em comunicação, Bakhtin ainda reforça esta ideia, segundo KRISTEVA (1977: 775), ao dizer que «[o] diálogo não é somente a linguagem assumida pelo sujeito, é uma escrita onde se lê o outro».

Definido o Dialogismo, será fácil de entender que é pelo facto de o estatuto da palavra se definir duplamente, ou seja, de uma forma vertical (relação com os textos anteriores) e horizontal (relação do sujeito que escreve com o leitor), sincrónica e diacrónica; que é pelo facto de o “Eu” estar sempre implícito no “Outro”, de o destinatário ser sempre parte integrante do texto; que é pelo facto de um texto pressupor sempre um contexto, que podemos afirmar a existência de um novo conceito: a Intertextualidade. Segundo Maria Alzira SEIXO (1977:16) e como já se mencionou anteriormente<sup>335</sup>, esta é «a consciência do texto como absorção de textos anteriores ao

<sup>332</sup> Luís Vaz de Camões dizia, na primeira estrofe desse poema: «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / muda-se o ser, muda-se a confiança; / todo o mundo é composto de mudança, / tomando sempre novas qualidades. (...)» [reproduzido de memória].

<sup>333</sup> Bakhtin (1895-1975) foi Professor da Universidade Estatal da Mordovia (URSS). Foi preso em 1926, acusado pelo regime soviético de manter relações clandestinas com a banida Igreja Ortodoxa Russa. Foi associado aos Formalistas Russos e viveu parte da sua vida no exílio (BRANDIST, 2006).

<sup>334</sup> Dados Biográficos incluídos no Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>335</sup> Capítulo 2 deste trabalho.

nível das variadas manifestações sociais (literárias, artísticas, económicas, religiosas, políticas) que o precederam». De uma forma simples, Intertextualidade é o conjunto de relações que um texto pode estabelecer com outros e que, lógica e naturalmente, acaba por nos remeter, mais uma vez, para a ideia de que as produções textuais são sempre marcadas pelo passado e presente das línguas, perpetuando-se um processo de transformação, que, não as deverá colocar em risco, mas enriquecê-las e adaptá-las às necessidades e características das sociedades que as usam.

Por tudo isto, é preciso estarmos atentos e procurar entender as movimentações que se vão dando e as razões pelas quais elas surgem, para que possamos saber distinguir aquilo que vai permanecer e aquilo que é efémero e possamos encaminhá-nos no sentido que, colectivamente, nos pareça mais proveitoso, mais correcto. Há, igualmente, que distinguir e compreender, as razões que levam a que alguns jovens sejam mais vulneráveis à influência que estes códigos podem exercer, ao fascínio que indubitavelmente têm, sobretudo, se essa influência resulta de uma má preparação académica e de um deficiente conhecimento da língua materna. É preciso identificar as falhas e procurar colmatá-las, ainda que à partida nos preencha a certeza de que a tarefa é hercúlea e, por isso, praticamente impossível de concluir...

A compreensão de que as línguas vivem, evoluem, não deve impedir-nos de tentarmos ser melhores falantes (no sentido em que Saussure definia a “fala”); não deve impedir-nos de sermos críticos em relação às nossas próprias produções e criações, porque, afinal, pelo menos nestas questões, o Bem e o Mal estão ao alcance da nossa vontade. Pierre LÉVY (s.d.: 17) afirma:

Sim, a técnico-ciência produziu o fogo nuclear como as redes interactivas. Mas o telefone ou a Internet não fazem “mais nada” além de comunicar. Uma e outros construíram, pela primeira vez, neste século de ferro e loucura, a unidade concreta do género humano. Ameaça de morte à escala da espécie pela bomba atómica, diálogo planetário pelas telecomunicações.

Nem a salvação nem a perdição residem na técnica. Sempre ambivalentes, as técnicas projectam no mundo material as nossas emoções, as nossas intenções, os nossos projectos. Os instrumentos que construímos dão-nos poderes mas, colectivamente responsáveis, temos a escolha nas nossas mãos.

A realidade resulta da mistura (“dialógica e intertextual”, se quisermos) de diversas interpretações e imagens que os *media* nos transmitem; «o mundo verdadeiro transforma-se em fábula» (VATTIMO, 1992:13). Mas resulta muito mais, quanto a mim,

do uso que nós mesmos fazemos desses *media*, da tecnologia que está ao nosso alcance, como os computadores ou os telemóveis. E penso ter interpretado correctamente a mesma opinião nas palavras de Manuel CASTELLS (s.d.):

Esta elección metodológica no implica que las nuevas formas y procesos sociales surjan como consecuencia del cambio tecnológico. Por supuesto, la tecnología no determina la sociedad. Tampoco la sociedad dicta el curso del cambio tecnológico, ya que muchos factores, incluidos la invención e iniciativas personales, intervienen en el proceso del descubrimiento científico, la innovación tecnológica y las aplicaciones sociales, de modo que el resultado final depende de un complejo modelo de interacción.

A nossa capacidade de olhar para o que nos rodeia, de pensar as nossas acções e as consequências delas, dá-nos uma habilidade razoável, acredito eu, para discernir entre os bons e maus usos que podemos fazer das nossas próprias invenções. Dá-nos, quanto mais não seja, a garantia de que, pelo menos, vamos questionando esta nossa relação com o mundo e com os outros. E penso que podemos estar de acordo com McLuhan (*apud* SANTOS, 1992:74), quando defende que «(...) o que verdadeiramente interessa não é o que a rádio ou a televisão [*ou os computadores e os telemóveis(?)*] dizem. O mais importante é o facto de existirem, trazendo transformações à sociedade»<sup>336</sup>.

### 9.3 – CONTRIBUIÇÕES DESTE TRABALHO

Quando me propus realizar este trabalho, ao elaborar o plano de investigação, colocava alguns problemas gerais para esta pesquisa: os códigos usados nos *Chats*, MSN e SMS estão a afectar o uso da língua materna, sobretudo o uso feito pelos indivíduos mais jovens? E se está, de que forma se poderá tirar partido desses códigos para melhorar o processo de aprendizagem gerado nas escolas?

Em relação à primeira questão, acredito que este estudo terá permitido perceber que a Língua Portuguesa não está a ser prejudicada, uma vez que estruturalmente, ela permanece tal como a conhecemos; no entanto, a população juvenil, sendo a maior utilizadora deste código, reflecte na sua prática quotidiana e no seu uso diário do idioma, a intimidade que vai construindo com ele, intimidade essa que se revela na introdução, nas produções textuais do Português padrão, de algumas marcas desse

---

<sup>336</sup> José Rodrigues dos Santos refere-se a uma ideia de M. McLuhan.

“chatês”, nomeadamente, nos textos escritos em contexto escolar. Essa “intrusão” nos textos escolares ficou demonstrada com exemplos recolhidos no decurso da investigação (quer na escola, quer na imprensa) e com os relatos de docentes e a minha própria experiência de 12 anos como professora.

Também se indicou, neste estudo, que os alunos com maiores dificuldades na disciplina de Português são, regra geral, aqueles que mais facilmente recorrem ao “chatês” em situações/contextos nos quais não é conveniente que o façam (testes, trabalhos de casa ou trabalhos escolares, em geral). Dou como exemplo o caso de *RAT* (é o *nickname*<sup>337</sup> de um utilizador que conheço e com quem troco mensagens, de 17 anos, que se encontra, ainda, a frequentar o 7º ano de escolaridade). Este jovem tem tantas dificuldades de expressão/domínio do Português, que mesmo quando utiliza o MSN não as consegue ultrapassar, sendo incapaz de descodificar até as frases/palavras mais triviais, quer aquelas que correspondem ao Português padrão, quer as que correspondem a exemplos claros/clássicos do “chatês”, o que me permite, mais uma vez, reforçar a ideia de que os alunos com maiores dificuldades nesta disciplina, mais facilmente “misturam” estes dois códigos nas suas produções. Simultaneamente, essas dificuldades promovem a continuação dos problemas, quando esses alunos/jovens pretendem eles mesmos, ou lhes é pedido, que utilizem expressiva e criativamente este recurso, ao contrário dos que são mais competentes linguisticamente (no que toca aos idiomas maternos), que revelam maiores capacidades estilísticas e criativas, mesmo ao utilizarem o “chatês”.

Esta situação é bastante problemática, sobretudo se tivermos em consideração notícias que todos os anos são publicadas na imprensa nacional e que dão conta das más notas dos alunos nos exames/provas nacionais de Português, quer os do 12º ano, quer os do 9º e 4º anos de escolaridade. A verdade é que esses maus resultados aparentam demonstrar que o nível de conhecimentos da Língua Materna parece não ser o melhor na grande maioria da população estudantil portuguesa e isso pode colocar-nos perante a seguinte questão, tendo em consideração o que foi afirmado nos parágrafos anteriores: ainda que o “chatês” possa não ser responsável por esse mau domínio da língua, todos estes “maus” utilizadores do Português não estarão cada vez mais sujeitos a influências exógenas, sejam elas quais forem e partam elas de onde partirem?!...

---

<sup>337</sup> O *nickname* é uma espécie de “alcunha”, pela qual se identifica um utilizador de Chat ou, mesmo do MSN. É por esse nome que ele passa a ser conhecido por todos quantos interagem com ele através dessas formas de CMC.

Podemos sempre afirmar que este debate não é novo: desde que o já mencionado poeta Luís Vaz de Camões (séc. XVI) escrevia as suas obras, se discutia o “empobrecimento” da língua, o seu desvirtuamento, a sua descaracterização... Este é um tema tão antigo quanto a própria língua. O que não nos deve impedir de reflectir e de o perspectivar, tendo em consideração as condições actuais do ensino e do desenvolvimento social, cultural e tecnológico. Devemos questionar, inclusivamente, a forma como os próprios conteúdos leccionados na disciplina de Português são pensados<sup>338</sup>, a formação dos docentes, as cargas horárias a que os alunos são sujeitos e que lhes permitem ter pouco tempo livre, a falta de hábitos de leitura, o papel das famílias na estimulação desses hábitos, o papel dos meios de comunicação... Enfim, um sem número de factores que contribuem, certamente, para que este fenómeno exista.

Apesar de acreditar que a língua não está em perigo, não pode deixar de ficar expresso, por tudo o que referi nos parágrafos anteriores, que também julgo que este código poderá vir a deixar algumas marcas no nosso idioma, pelo que, entendo igualmente ser útil que se recorra a ele, para que os mais novos possam perceber a norma e o funcionamento do Português, de uma forma criativa, divertida para eles e que os poderá levar a perceber, jogando “as suas regras” e entrando “no seu território”, que todos os géneros textuais fazem parte da riqueza e diversidade da língua, mas que devem ser usados em situações específicas, existindo regras/convenções socialmente aceites quanto a isso.

Por isso, as preocupações centrais e hipóteses de investigação estabelecidas ao elaborar este estudo foram:

1. As tecnologias mencionadas, de facto, influenciam a aprendizagem;
2. Se elas influenciam a aprendizagem, então poderemos averiguar as formas de tirar partido desse uso, construindo um “*Pequeno Guia Rápido para o Uso do “chatês” na aprendizagem do Português*”.

Ambas foram, quanto a mim, comprovadas, já que se pode perceber, no decurso da investigação, que os telemóveis e os computadores estão permanentemente presentes na vida dos estudantes e que, em muitas situações, são utilizados na/pela escola, para veicular, com resultados positivos, os conteúdos das diversas disciplinas. Sobretudo, o computador é um objecto/meio de comunicação de uso quotidiano para alunos e

---

<sup>338</sup> Será, por exemplo, que programas com grandes cargas de análise literária e poucas cargas de análise gramatical e funcional da língua se adequam ao perfil actual dos estudantes? Sobretudo os dos níveis de ensino básico?

professores<sup>339</sup> e, muitos, recorrem ao MSN, por exemplo, para esclarecer dúvidas, realizar TPC's e trocar informações sobre as diversas disciplinas, incluindo a de Língua Portuguesa. Tudo isto foi relatado pelos participantes no estudo e comprovado pela observação diária feita por mim, nos já mencionados anos de experiência profissional no ensino.

Daí o surgimento da ideia de construir um “*Pequeno Guia Rápido para o Uso do “chatês” na aprendizagem do Português*”, que resulta da aplicação de uma série de exercícios práticos, postos em execução pelos participantes neste estudo. Acredito ter ficado demonstrado, pelos relatos dos mesmos, que se reproduziram neste trabalho, que a sua aplicação pode constituir uma estratégia válida de motivação e de construção do saber, que induzirá, nos jovens, uma maior capacidade crítica, uma maior atenção ao mundo que os rodeia e às actividades nas quais participam/se envolvem, ou seja, permitirá que desenvolvam/concebam ferramentas próprias, individuais, para construir as suas aprendizagens.

A ideia não foi, todavia, pacífica, ou seja, não existiu unanimidade quanto à sua validade, já que no grupo dos docentes escolhido para colaborar na investigação, houve quem não se manifestasse favorável a ela, mesmo sem a ter testado. Curiosamente, foram os docentes mais novos que tiveram essa atitude de recusa e foram os mais velhos que se empenharam em colaborar e em pôr à prova as hipóteses anteriormente descritas, o que não deixa de ser interessante e, apesar de não encontrar uma explicação imediata para o facto (que, julgo, poderia ser, até, tema para uma outra investigação, quiçá de carácter mais psicológico), não posso deixar de o referir e de o destacar, já que esse espírito me parece totalmente oposto ao desejável/idealmente perseguido por qualquer docente, pois revejo-me numa figura de professor (no sentido platónico de ideia) que busca permanentemente o conhecimento e a actualização, para poder transmitir as suas mensagens de uma forma cada vez mais eficiente e adequada ao seu público-alvo. No fundo, revejo-me nos princípios daquilo que Paulo FREIRE (1995:83 e 1987:83) designou como “Educação Dialógica”:

Defendo uma pedagogia crítico-dialógica (...) apreensão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica (...) onde se propõe a

---

<sup>339</sup> Ainda subsiste uma pequena percentagem de docentes que utiliza pouco ou nada o computador, mas que tendencialmente tem vindo a diminuir.

construção do conhecimento colectivo articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediado pelas experiências do mundo.

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.

A escola tem sempre um papel fundamental nas nossas vidas. Nela e na família começamos a construir as bases das nossas personalidades e as nossas cosmovisões. Ela tem, portanto, quanto a mim, que ser um espaço de abertura e de conhecimento, um espaço de reflexão, em que TODOS estejam disponíveis para aprender e alargar os horizontes dos seus sentidos críticos e em que TUDO possa ser objecto de discussão e análise. Por isso, tem, também, de participar na reflexão destas questões, não se colocando na posição cómoda do “Velho do Restelo”, que critica em vez de procurar entender; que permanece estática, em vez de acompanhar o ritmo a que o mundo gira.

#### **9.4 – FALHAS/LIMITAÇÕES DESTE TRABALHO**

Naturalmente, este trabalho não está ausente de falhas/limitações, até mesmo, porque quem o realizou dá os primeiros passos neste mundo fascinante da investigação e, por isso, não tem nem a firmeza/segurança, nem conhecimentos tão vastos que lhe permitam resolver todos os problemas e dúvidas que vão, evidentemente, surgindo.

Uma dessas falhas/limitações tem a ver com as amostras textuais que serviram de base a toda a análise feita. Embora tenham algum volume, não terão sido, talvez, suficientemente exaustivas e extensas quanto seria desejável. Todavia, são o que foi possível recolher ao longo de todo o tempo em que decorreu este trabalho e houve sempre o cuidado de solicitar aos envolvidos (nos registos de conversas via MSN ou de mensagens SMS) permissão para guardar esses registos e utilizá-los. Acredito, ainda assim, que foi reunido um conjunto suficiente de textos, que permitiu uma análise (“*close reading*”) interessante e esclarecedora, já que os exemplos são bastante característicos daquilo que acontece habitualmente quando se usa o “chatês”.

Outra das falhas/limitações que alguns poderão apontar a este estudo é a inexistência de tratamento estatístico dessas mesmas amostras textuais, mas tendo em consideração que não se pretendia que este estudo fosse de aprofundamento linguístico (uma vez que também não sou especialista nessa área) e, sim, um estudo destinado a avaliar um tema da área da pedagogia da comunicação, entendeu-se que não haveria

necessidade dessa análise estatística, que obrigaria, igualmente, ao uso de *softwares* específicos para esse fim e que não estavam disponíveis. Esse poderá, no entanto, ser um caminho a seguir numa investigação futura, na qual se deverá reunir um *corpus* mais extenso de exemplos de “chatês” e analisá-los, com a ajuda de um especialista em linguística.

A observação participante e a pesquisa qualitativa foram, deste modo, privilegiadas neste estudo, o que poderá permitir que alguns apontem a necessidade de análises de teor quantitativo. Neste campo, a necessidade mais sentida foi a de efectuar um estudo mais aprofundado no que toca aos alunos com maiores dificuldades, para poder apurar dados quantitativos relativos à introdução que os mesmos fazem de maior quantidade de expressões próprias do “chatês” no discurso corrente e que não houve tempo, nem condições para fazer. Ainda assim, procurou-se sempre colmatar a falta de dados quantitativos com o registo rigoroso das observações feitas, através da troca de ideias e informações, não apenas com as fontes de informação/sujeitos envolvidos nela, mas recorrendo aos trabalhos de outros investigadores.

No que diz respeito à Teoria da Flexibilidade Cognitiva – TFC, tinha-se, inicialmente, pensado que seria mais fácil aplicá-la de modo directo e objectivo neste trabalho, nomeadamente, na construção do “*Pequeno Guia Rápido para o Uso do “chatês” na aprendizagem do Português*”. Mas esse processo não foi tão linear assim. Como se referiu, manteve-se contacto (via *e-mail*) com a Sr<sup>a</sup> Professora Doutora Ana Amélia Carvalho (Universidade do Minho), especialista neste tema, de modo a poder perceber melhor essa Teoria e, até, receber alguns conselhos práticos. Através dessa troca de ideias foi-se compreendendo que os exercícios desse mesmo “Guia Rápido” não estavam completamente estruturados nos moldes da TFC, já que isso implicaria, como explicou esta investigadora, que se definissem Temas (= conceitos, princípios), que ajudariam os alunos a analisar as diferentes situações (p. ex.: explicaria o que é o texto narrativo, dramático e lírico, para, depois, aplicar a TFC, arranjando vários textos e analisando-os de acordo com os princípios definidos, explicando aos alunos como identificar se o texto é narrativo, dramático, etc.) e se fosse implementando um processo de desconstrução textual. Acabou-se, pois, por associar muito mais este trabalho à Teoria da Acção Situada, do que à TFC, o que não significa que não fique uma “porta aberta” a uma investigação futura, já que se continua a acreditar ser viável esse trabalho

de desconstrução, que em relação à presente dissertação, não houve tempo nem condições para pôr em marcha.

### 9.5 – POSSÍVEIS TÓPICOS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Uma das possibilidades de investigação que se perspectivou durante a realização deste trabalho implicará uma análise dos comportamentos/usos do “chatês” por parte de faixas etárias mais baixas (pré-adolescentes, 9-12 anos de idade), já que nesta investigação que agora se conclui, pode perceber-se que os alunos do 10º ano revelavam maior tendência para dominar e incluir nas suas produções textuais escolares, esse tipo de marcas, como nos relataram os professores e como se pode ver por diversos exemplos recolhidos. Do mesmo modo, também foi referido que, enquanto responsável por um Espaço Internet, pude verificar, nos últimos meses, a enorme adesão desta faixa etária, não apenas ao uso dos telemóveis, mas, sobretudo, ao uso do MSN, o que nos coloca perante uma possibilidade muito interessante de perceber qual será o “relacionamento” destes sujeitos com o “chatês” e quais as consequências desse uso em relação à língua materna.

Outra possibilidade de investigação futura igualmente apelativa e pertinente tem a ver com as diferenças de estilo de escrita entre rapazes e raparigas KASESNIEMI e RAUTIAINEN (KATZ e AAKHUS, 2003:185) apontam, no seu trabalho, para a existência de estilos diferentes, consoante o sexo e, tendo em atenção que não foi feito esse tipo de análise no presente estudo, poderá vir a ser interessante e revelará, certamente, resultados curiosos numa investigação futura.

Também a questão da identidade e o sentido de pertença ao grupo que este tipo de “código” pode fomentar, o recurso a ele como forma de colmatar a necessidade de “estar com/como os outros”, pode ser um motivo de análises futuras. Aliás, esta questão da identidade tem sido abordada pelos investigadores que estudam os fenómenos associados às TIC, nomeadamente, por Manuel CASTELLS (2002:26 e 3), que aponta as relações sociais como sendo definidas «em relação com os outros». Para este investigador, a identidade é «o processo pelo qual um actor social se reconhece a si próprio e constrói significado, sobretudo através de um dado atributo cultural ou conjunto de atributos culturais determinados». E vai mais longe, afirmando:

Num mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade colectiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. (...) a identidade está a tornar-se na principal e, por vezes, única fonte de significado num período da história caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e pelas expressões culturais efémeras. Cada vez mais as pessoas organizam o seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que são ou acreditam ser.

Para além de tudo o que foi mencionado anteriormente, julgo que “novos mundos” (voltando a recordar Camões) se abrem à investigação relacionada com a CMC, sobretudo se tivermos em consideração que, todos os dias, surgem novidades, senão vejamos: os *blogs* são, actualmente, um fenómeno popularíssimo entre os utilizadores da CMC; os jovens estão, cada vez mais, a aderir a esse fenómeno, criando páginas pessoais em que se expõem completamente, quer de forma física, quer de forma psicológica, sem que exista controlo por parte de autoridades e por parte das famílias (aliás, o próprio fosso geracional entre pais e filhos no que concerne a estas questões seria um tema pertinente de estudo). Veja-se o caso do popularíssimo *Hi5*, que poderá ser um interessante objecto de análise. Mas para além dos *blogs*, estão a surgir outros fenómenos interessantes: veja-se o caso de um sítio em que os utilizadores votam a “qualidade e interesse” das notícias e elas só permanecem aí quando têm um determinado número de votos (<http://www.digg.com/>) e em que é possível ver títulos, entre as notícias mais votadas, como: «The COOLEST road you'll ever see!» ou «Croc Hunter's wife: I've lost my prince», entre outras. Ou uma sala de conversação que permite estabelecer uma conversação/«chat with a random stranger (who wants to chat with a random stranger)», tal como nos é explicado na abertura da mesma (<http://randomchat.free.fr/> e <http://randomchat.free.fr/faq.php>) e em que se acrescenta: «Modern ways of communication on the Internet often keep people into a group or a community (forum, IRC, MSN, email). A random chat allows the dialog between groups. It's like meeting someone in a train»; ou, ainda, os sítios em que se disponibilizam conteúdos vídeo feitos pelos seus utilizadores<sup>340</sup> (como, por exemplo, o <http://www.youtube.com/>), vídeos caseiros, que, em alguns casos, são de excelente qualidade, mas na maioria, não têm qualquer interesse, tendo, no entanto, este tipo de

<sup>340</sup> Que nos remete para o conceito de *self media*, exposto por Jean CLOUTIER (1973) na sua obra *La communication audio-scripto-visuelle à l'heure des self media*, Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal.

formato/sítio, grande número de utilizadores, de tal modo que já despertou o interesse de grandes companhias, como a Apple, por exemplo (que disponibiliza um formato semelhante) e que motivou o surgimento da *Current TV* (canal de TV por cabo, americano, criado por Al Gore, antigo Vice-presidente dos EUA - <http://www.current.tv/>), cujos conteúdos são exclusivamente criados por espectadores, que, inclusivamente, chegam a ser pagos pelos trabalhos que enviam.

Não posso terminar sem afirmar que este desafio/trabalho foi profundamente enriquecedor em termos culturais e pessoais. A aprendizagem da paciência e da resistência – física e psicológica –, quer ao cansaço, quer às dificuldades e obstáculos da investigação, permitiram-me desenvolver métodos de trabalho e conhecimentos que antes não possuía e, sobretudo, desenvolver hábitos de disciplina, quer na observação, quer na organização de tempo, de trabalho, de informação, que me serão úteis, doravante. A busca do conhecimento não é fácil; «aprender é sofrer», terá dito um filósofo clássico recordado no Seminário de Matrizes Culturais Europeias, ministrado durante este Mestrado pela Professora Doutora Adriana Nogueira e é bem verdade. Não sei, definitivamente, se agora, que termino este trabalho, posso dar resposta a todos os desafios que a mim própria lancei ao estabelecer o plano do mesmo. Tenho a sensação, ao terminá-lo (e outros, que tenho realizado), de que respondi menos do que problematizei, que cheguei ao fim com a necessidade de buscar mais certezas, mas igualmente, com a sensação de me ter tornado uma «leitora-modelo crítica» (ECO, 2004:34-41) mais perspicaz e atenta, que buscou e buscará, de forma muito mais cuidada, realizar uma melhor interpretação dos textos que lê (sejam eles quais forem), tentando captar as suas estruturas de forma mais clara/profunda/lúcida e tendo em consideração que todas as leituras resultam sempre de uma mistura entre o uso e a interpretação (ECO, 2004:41). E, sobretudo, chego ao fim com a capacidade de compreender por que é que todos os Filósofos, independentemente da escola de pensamento a que pertenceram e da época em que viveram, terão, de algum modo, experimentado/sentido que pensar/reflectir é tão essencial, ao ponto de um deles, Descartes, ter produzido a tão célebre afirmação «penso, logo existo». Reforço, igualmente, a minha convicção de que a Comunicação, a troca constante de ideias, o diálogo, é parte desse processo, tão intrínseca como afirma Paulo FREIRE (1987:79):

[O] diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se ao ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Não é também discussão guerreira, polémica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua.

E termino com uma esperança, mais uma vez, de natureza individual/pessoal: que possa este trabalho ser o primeiro de muitos que venha a realizar ao longo de uma vida académica que desejo e que, cheia de esperança, me leva a recordar as palavras do Poeta que mais admiro e que me proponho a mim mesma como lema, esperando nunca desistir de buscar, sempre.

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...  
Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender... (...)

CAEIRO, Alberto, 1914, *O Guardador de Rebanhos*, in SIQUEIRA, Rodrigo de Almeida, “Ficções do Interlúdio – Poemas de Alberto Caieiro”, *Fernando Pessoa – Obra Poética*, <http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/207.html> (consultado a 28/09/2006).

## BIBLIOGRAFIA

- AA. VV., 2005, “Bell, Alexander Graham”, in *Dictionary of Canadian Biography Online*, University of Toronto e Université Laval <http://www.biographi.ca/EN/ShowBio.asp?Biold=42027> (consultado a 17/08/2005).
- AA. VV., 1982, *Bíblia Sagrada*, Edição Comemorativa da Visita de Sua Santidade João Paulo II a Portugal, s. l.:Verbo.
- AA. VV. 2005, “Chat”, in *Webopedia.internet.com*, <http://webopedia.internet.com/TERM/C/chat.html> (consultado a 27/06/2005).
- AA. VV, 2005, “Chat”, in *Britannica Concise Encyclopedia from Encyclopædia Britannica Premium Service*, <http://www.britannica.com/ebc/article-9360421> (consultado a 27/06/2005).
- 2005, “Computer”, in *Britannica Concise Encyclopedia from Encyclopædia Britannica Premium Service* vice, <http://www.britannica.com/ebc/article-9361308> (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2005, “Cellular Telephone”, in *The Columbia Encyclopedia*, <http://www.bartleby.com/65/ce/cellulart.html> (consultado a 29/06/2005).
- AA. VV., 2005, “Computador”, in *Dicionário Universal da Texto Editora*, Priberam Informática, [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx) (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2005, “Computador”, in *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=computador> (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2005, “Computador”, in *Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, <http://www2.uol.com.br/michaelis/> (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2005, “Computer”, in *Funk & Wagnalls New Encyclopedia*, World Almanac Education Group, [http://www.historychannel.com/thcsearch/thc\\_resourceDetail.do?encyc\\_id=206234](http://www.historychannel.com/thcsearch/thc_resourceDetail.do?encyc_id=206234) (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2005, “Computer”, in *MSN Encarta Encyclopedia*, <http://encarta.msn.com/encnet/refpages/search.aspx?q=computer> (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV., 2003, “Computer”, in *The Columbia Encyclopedia, Sixth Edition*, Columbia University Press, <http://education.yahoo.com/reference/encyclopedia/entry/computer> (consultado a 1/11/2005).
- AA. VV. , 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Ed. Verbo.
- AA. VV. , s.d., *Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española*, 20º Ed. <http://www.rae.es/> (consultado a 25/09/2006).
- AA. VV., 1983, *Grande Enciclopédia Larousse*, vol. 1 e 3, Rio de Janeiro: Librairie Larousse, Editora Delta.
- AA. VV., 2005-2006, “História da Matemática”, in *Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra*, <http://www.mat.uc.pt/~jaimecs/hm06/> (consultado a 1/11/2005).
- AA.VV., 2005<sup>a</sup>, “Abacus”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Abacus> (consultado a 1/11/2005).
- 2005<sup>b</sup>, “Alexander Graham Bell”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Graham\\_Bell](http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Graham_Bell) (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>c</sup>, “Analog Computer”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Analog\\_computer](http://en.wikipedia.org/wiki/Analog_computer) (consultado a 4/11/2005).
- 2005<sup>d</sup>, “Antônio Meucci”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Antonio\\_Meucci](http://en.wikipedia.org/wiki/Antonio_Meucci) (consultado a 17/08/2005).

- 2005<sup>e</sup>, “ARPANET”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arpanet> (consultado a 05/07/2005).
- 2005<sup>f</sup>, “Atanasoff-Berry Computer”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Atanasoff\\_Berry\\_Computer](http://en.wikipedia.org/wiki/Atanasoff_Berry_Computer) (consultado a 9/11/2005).
- 2005<sup>g</sup>, “Commodore 64”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Commodore\\_64](http://en.wikipedia.org/wiki/Commodore_64) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>h</sup>, “Computer”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Computer> (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>i</sup>, “Computer-mediated Communication”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Computer\\_mediated\\_communication](http://en.wikipedia.org/wiki/Computer_mediated_communication) (consultado a 29/06/2005).
- 2005<sup>j</sup>, “Cordwainer Smith”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Paul\\_M.\\_A.\\_Linebarger](http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_M._A._Linebarger) (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>k</sup>, “Elisaha Gray”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Elisha\\_Gray](http://en.wikipedia.org/wiki/Elisha_Gray) (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>l</sup>, “E-mail”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/E-mail> (consultado a 05/07/2005).
- 2005<sup>m</sup>, “E-mail [português]”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://pt.wikipedia.org/wiki/E-mail> (consultado a 05/07/2005).
- 2005<sup>n</sup>, “Emoticon”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Emoticon> (consultado a 11/06/2005).
- 2005<sup>o</sup>, “Global System for Mobile Communications”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/GSM> (consultado a 29/06/2005).
- 2005<sup>p</sup>, “Harvey Ball”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Harvey\\_Ball](http://en.wikipedia.org/wiki/Harvey_Ball) (consultado a 11/06/2005).
- 2005<sup>q</sup>, “Herman Hollerith”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Herman\\_Hollerith](http://en.wikipedia.org/wiki/Herman_Hollerith) (consultado a 4/11/2005).
- 2005<sup>r</sup>, “History of Computing Hardware”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_computing\\_hardware](http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_computing_hardware) (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>s</sup>, “History of Computing Hardware (1960s-present)”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_computing\\_hardware\\_%281960s-present%29](http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_computing_hardware_%281960s-present%29) (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>t</sup>, “Internet Relay Chat”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=IRC> (consultado a 05/07/2005).
- 2005<sup>u</sup>, “Instant Messaging”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Instant\\_messaging](http://en.wikipedia.org/wiki/Instant_messaging) (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>v</sup>, “J. Presper\_Eckert”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/J.\\_Presper\\_Eckert](http://en.wikipedia.org/wiki/J._Presper_Eckert) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>w</sup>, “Jack Kilby”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Jack\\_Kilby](http://en.wikipedia.org/wiki/Jack_Kilby) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>x</sup>, “Johann Philipp Reis”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*, [http://en.wikipedia.org/wiki/Philip\\_Reis](http://en.wikipedia.org/wiki/Philip_Reis) (consultado a 17/08/2005).
- 2005<sup>y</sup>, “John Von Neumann”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,

- [http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Von\\_Neumann](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Von_Neumann) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>z</sup>, “LEO Computer”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/LEO\\_I](http://en.wikipedia.org/wiki/LEO_I) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>aa</sup>, “Mensageiro Instantâneo”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mensageiro\\_instant%C3%A2neo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mensageiro_instant%C3%A2neo) (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>ab</sup>, “Microprocessor”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://en.wikipedia.org/wiki/Microprocessor> (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>ac</sup>, “MSN Messenger”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/MSN\\_Messenger](http://en.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger) (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>ad</sup>, “Mobile Phone”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Mobile\\_phone](http://en.wikipedia.org/wiki/Mobile_phone) (consultado a 29/06/2005).
- 2005<sup>ae</sup>, “Multimedia Messaging System”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Multimedia\\_Messaging\\_System](http://en.wikipedia.org/wiki/Multimedia_Messaging_System) (consultado a 29/06/2005).
- 2005<sup>af</sup>, “Operating System”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Operating\\_system](http://en.wikipedia.org/wiki/Operating_system) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>ag</sup>, “Podcasting”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://en.wikipedia.org/wiki/Podcast> (consultado a 08/12/2005).
- 2005<sup>ah</sup>, “Protocolo”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Protocolo> (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>ai</sup>, “Robert Noyce”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Noyce](http://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Noyce) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>aj</sup>, “Short Message Service”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Short\\_message\\_service](http://en.wikipedia.org/wiki/Short_message_service) (consultado a 19/11/2005).
- 2005<sup>ak</sup>, “Sinclair ZX80”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://en.wikipedia.org/wiki/ZX80> (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>al</sup>, “Smiley”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://en.wikipedia.org/wiki/Smiley> (consultado a 11/06/2005).
- 2005<sup>am</sup>, “Scott Fahlman”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Scott\\_Fahlman](http://en.wikipedia.org/wiki/Scott_Fahlman) (consultado a 11/06/2005).
- 2005<sup>an</sup>, “Tally Sticks”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Tally\\_stick](http://en.wikipedia.org/wiki/Tally_stick) (consultado a 1/11/2005).
- 2005<sup>ao</sup>, “Turing Machine”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Turing\\_machine](http://en.wikipedia.org/wiki/Turing_machine) (consultada a 9/11/2005).
- 2005<sup>ap</sup>, “User Interface”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/User\\_interface](http://en.wikipedia.org/wiki/User_interface) (consultado a 29/06/2005).
- 2005<sup>aq</sup>, “Vacuum Tube”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Vacuum\\_tubes](http://en.wikipedia.org/wiki/Vacuum_tubes) (consultada a 17/08/2005).
- 2005<sup>ar</sup>, “Von Neumann Architecture”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Von\\_Neumann\\_architecture](http://en.wikipedia.org/wiki/Von_Neumann_architecture) (consultada a 9/11/2005).
- 2005<sup>as</sup>, “Webquest”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
<http://en.wikipedia.org/wiki/Webquest> (consultado a 19/12/2005).
- 2005<sup>at</sup>, “ZX Spectrum”, in *Wikipedia - The Free Encyclopedia*,  
[http://en.wikipedia.org/wiki/ZX\\_Spectrum](http://en.wikipedia.org/wiki/ZX_Spectrum) (consultada a 17/08/2005).

- ABOUT BUSINESS/ NEWSTREAM/ARRAYCOMM, s.d., “Martin Cooper - History of Cell Phone”, *ABOUT Business* [http://inventors.about.com/cs/inventorsalphabet/a/martin\\_cooper.htm](http://inventors.about.com/cs/inventorsalphabet/a/martin_cooper.htm) (consultado a 27/06/2005).
- AGUADED GÓMEZ, José Ignacio, 1996, *Comunicación Audiovisual en una Enseñanza Renovada*, 2ª Ed., Huelva: Grupo Pedagógico Andaluz «Prensa e Educación» [1993].
- ALMEIDA, Alexandre Cruz, 2003, “Em defesa da língua Portuguesa”, in *Liberal Libertário Libertino*, <http://www.sobresites.com/alexandreacruzmeida/artigos/defesa.htm> (consultado a 05/07/04)
- AACS, 1991, Legislação Reproduzida (*Publicação e Difusão de Sondagens e Inquéritos de Opinião/Lei n.º 31/91 de 20 de Julho*), [http://www.aacs.pt/legislacao/publicacao\\_e\\_difusao\\_de\\_sondagen.htm](http://www.aacs.pt/legislacao/publicacao_e_difusao_de_sondagen.htm) (consultado a 09/02/2004).
- ALTA AUTORIDADE PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2003, “Deliberação publicada no “Diário da República”, II Série, n.º 246, de 23 de Outubro”, pp.16 012 e 16 013, in *ICS – Instituto da Comunicação Social*, <http://www.ics.pt/verfs.php?fscod=563&lang=pt> (consultado a 08/12/2005).
- ANACOM, 2005, *Arquivo dos Relatórios Estatísticos Trimestrais do Serviço Móvel (Serviço Móvel Terrestre)*, Lisboa, <http://www.anacom.pt/template15.jsp?categoryId=33988> (consultado a 07/07/2005).
- ANSELMO, Artur, 1998, *Técnicas de Pesquisa – 1º Volume*, Col. Cadernos de Ciências da Informação 3, Lisboa: Fac. de Ciências Humanas/Dep. de Comunicação Social/Universidade Católica Portuguesa.
- APPLE, 2005, “Apple Takes Podcasting Mainstream”, in *Press Release Library – Apple*, <http://www.apple.com/pr/library/2005/jun/28podcast.html> (consultado a 08/12/2005).
- ARAÚJO, Celeste, 2003, “Sandwich” Ou Sandes? Não É Essa a Questão, Domingo, 11 de Maio de 2003, Lisboa: Público, <http://www.fcsh.unl.pt/deap/sandwich.doc>. (consultado a 09/07/2004).
- BRANDIST, Craig, 2006, “The Bakhtin Circle”, in *The Internet Encyclopedia of Philosophy*, <http://www.iep.utm.edu/b/bakhtin.htm> (consultado a 20/01/2004).
- BARAGLI, Enrico, 1965, “Incidenza Quantitativa degli Strumenti della Comunicazione Sociale”, in *L’apostolato della Comunicazione Sociale*, Roma: Centro Cattolico Stampa.
- BARROS, Virgínia, BARROS Luísa, PINTO, Fernando, 2004, *Teen 3 – Inglês 9º Ano: Nível 5*, 109, Porto: Porto Editora.
- BARTHES, Roland, 1989, *Elementos de Semiologia*, Lisboa: Edições 70.
- BBC NEWS, 2005, *Wordsmiths Hail Podcast Success*, December 7<sup>th</sup>, <http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/4504256.stm> (consultado a 08/12/2005).
- BEALS, Gerald, 1999, “Biography Of Thomas Alva Edison”, Thomas Edison’s Home Page, <http://www.thomasedison.com/> (consultado a 19/11/2005).
- BELLIS, Mary, 2005, “The History of the Telephone - Antonio Meucci: Antonio Meucci and the Invention of the Telephone”, *ABOUT*, [http://inventors.about.com/library/inventors/bl\\_Antonio\\_Meucci.htm](http://inventors.about.com/library/inventors/bl_Antonio_Meucci.htm) (consultado a 17/08/2005).
- s. d., “Selling The Cell Phone”, *ABOUT Business Magazine*, <http://inventors.about.com/library/weekly/aa070899.htm> (consultado a 27/06/2005).
- BENEDITO, Joviana, 2002, *Que Lingu@ Portuges@ no Ch@t da Internet? (antologia)*, Lisboa:Edições Colibri.

- 2003<sup>a</sup>, *Dicionário para Chat, SMS e E-mail*, Famalicão: Edições Centro Atlântico.pt.
- 2003<sup>b</sup>, *Dicionário da Internet e do Telemóvel*, Famalicão: Edições Centro Atlântico.pt.
- 2003<sup>c</sup>, “A Língua Portuguesa na Internet e no SMS”, in *centroatlantico.pt magazine*, Dossier A Língua Portuguesa na Internet e no SMS, 10-11, Maio, Famalicão: Edições Centro Atlântico.pt.
- 2003<sup>d</sup>, “Uma Nova área de Formação de Palavras”, in *centroatlantico.pt magazine*, Dossier A Língua Portuguesa na Internet e no SMS, 16-17, Outubro, Famalicão: Edições Centro Atlântico.pt.
- BENTLEY HISTORICAL LIBRARY/UNIVERSITY OF MICHIGAN, 2001, *A University Chronology -- 1899/1900*, <http://www.umich.edu/~bhl/bhl/myumich/umhist/cooley.htm> (consultado a 27/12/2005).
- BLANK, Glenn David, 2002-2005, *Conducting a Focus Group*, P.C. Rossin College of Engineering & Applied Science Computer Science & Engineering, Packard Laboratory, Lehigh University, Bethlehem, PA, USA, <http://www.cse.lehigh.edu/~glennb/mm/FocusGroups.htm> (consultado a 11/01/2006).
- BOLENDER, Ronald, 2005, *Charles Horton Cooley 1864-1929*, [http://www.bolender.com/Dr.%20Ron/SOC4044%20Sociological%20Theory/Class%20Sessions/Sociological%20Theory/Cooley.%20Charles%20Horton/cooley\\_charles\\_horton.htm](http://www.bolender.com/Dr.%20Ron/SOC4044%20Sociological%20Theory/Class%20Sessions/Sociological%20Theory/Cooley.%20Charles%20Horton/cooley_charles_horton.htm) (consultado a 27/12/2005).
- BROWN, John Seely, COLLINS, Allan, e DUGUID, Paul, 1989, “situated Codnition and Culture of Learning”, in *Educational Researcher*, 32-42, v. 18, Jan/Fev, <http://www.exploratorium.edu/IFI/resources/Museumeducation/situated/.html> (consultado a 26/08/2006).
- BURCH, Robert, 2006, “Charles Sanders Peirce”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Fall Edition, Edward N. Zalta (ed.), <http://plato.stanford.edu/entries/peirce/> (consultado a 29/07/2006).
- CAEIRO, Alberto, 1914, *O Guardador de Rebanhos*, in SIQUEIRA, Rodrigo de Almeida, “Ficções do Interlúdio – Poemas de Alberto Caeiro”, *Fernando Pessoa – Obra Poética*, <http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/207.html> (consultado a 28/09/2006).
- CALDWELL, Chris, 1994-2005, “Ishango Bone”, in *Prime Pages' Glossary*, <http://primes.utm.edu/glossary/page.php?sort=IshangoBone> (consultado a 1/11/2005).
- CANADIAN PARLIAMENT, 2002, *Sessional Paper No. 8525-371-46*, [http://www.parl.gc.ca/Search/qfullhit-E.htm?CiWebHitsFile=/37/1/parlbus/chambus/house/journals/211\\_2002-06-21/211Votes-E.HTML&CiRestriction=alexander+graham+bell&CiBold=True&CiItalic=True&CiBeginHilite=%3Cfont+color%3Dred%3E&CiEndHilite=%3C%2Ffont%3E&CiHiliteType=Full&CiUserParam3=%2Fsearch%2Fadvanced%2Easp%3FLanguage%3DE%26Parl%3D38%26Ses%3D1#CiTag3](http://www.parl.gc.ca/Search/qfullhit-E.htm?CiWebHitsFile=/37/1/parlbus/chambus/house/journals/211_2002-06-21/211Votes-E.HTML&CiRestriction=alexander+graham+bell&CiBold=True&CiItalic=True&CiBeginHilite=%3Cfont+color%3Dred%3E&CiEndHilite=%3C%2Ffont%3E&CiHiliteType=Full&CiUserParam3=%2Fsearch%2Fadvanced%2Easp%3FLanguage%3DE%26Parl%3D38%26Ses%3D1#CiTag3) (consultado a 17/08/2005).
- CANADA RESEARCH CHAIRS, s.d., [http://www.chaires.gc.ca/web/chairholders/viewprofile\\_f.asp?id=584&Province\\_ID=9&UniversityID=53&SubjectID=3&DisciplineID=20600&Researcher=l%E9vy&Date\\_Announce=&Keyword](http://www.chaires.gc.ca/web/chairholders/viewprofile_f.asp?id=584&Province_ID=9&UniversityID=53&SubjectID=3&DisciplineID=20600&Researcher=l%E9vy&Date_Announce=&Keyword) (consultado a 29/06/2005)
- CANDIDO, Celso *et al*, 1998, *Notice Biographique sur Pierre Lévy*, <http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/bio.html> (consultado a 29/06/2005)
- CARRIÇO, José António, 1997, *Hard e Software – Curso de Computadores*, Col. ISTECA, Lisboa: CTI – Centro de Tecnologias de Informação, Lda.
- CARROLL, Rory, 2002, “Bell did not invent telephone, US rules - Scot accused of finding fame by stealing Italian's ideas”, in *Guardian Unlimited – The Guardian*, <http://www.guardian.co.uk/international/story/0,3604,738675,00.html> (consultado a 17/08/2005).
- CARVALHO, Castelar de, 2004, “Saussure e a Língua Portuguesa”, in *VII Semana Nacional de Estudos*

- Filológicos e Linguísticos - Curso de Verão do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, CIFEFIL: Rio de Janeiro, <http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm> (consultado a 06/08/2006).
- CASCAIS, Fernando, 2001, *Dicionário de Jornalismo: as Palavras dos Media*, Lisboa/São Paulo: Editorial O Verbo.
- CASTELLS, Manuel, 2002, *A Sociedade em Rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I [1996 – 2000, *The Rise of the Network Society*, s.l.:Blackwell Publishers Ltd.].
- s.d., “La Red y el Yo, La Era de la Informacion – Tomo I, Economía, Sociedad y Cultura”, in *El Surgimiento de la Sociedad de Redes*, <http://www.hipersociologia.org.ar/catedra/material/> (consultado a 30/12/2003).
- CASTRO, Maria Alice Soares de, 1997, *Netiqueta - Guia de Boas Maneiras na Internet*, Guias de Consulta Rápida, São Paulo/Brasil: Novatec Editora, <http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html> (consultado a 27/06/2005).
- CAZENEUVE, Jean, s.d, *Guia Alfabético das Comunicações de Massas*, Lisboa:Edições 70.
- CHAREILLE, Samantha, 2003, “De la Reconnaissance de la Variété Brésilienne du Portugais dans le Cadre du Mercosur”, in *Calliope: Journal de Littérature et Linguistique*, Septembre, Bogotá, Colombia, <http://webperso.mediom.qc.ca/~extrudex/articles/lp-bresil.html> (consultado a 06/08/2006).
- CHEW, Robin,1996, “Alexander Graham Bell - Inventor”, in *Lucidacafé Library*, lucidcafe.com, <http://www.lucidcafe.com/library/96mar/bell.html> (17/08/2005).
- CHRISTENSEN, Gerry, 2000, *An Introduction to Mobile Networking*, [http://www.uwcc.org/pdfs/mobile\\_comm\\_networking.PDF](http://www.uwcc.org/pdfs/mobile_comm_networking.PDF) (consultado a 29/06/2005).
- COELHO, Sónia Múrias Mira, 2001, “Educação, Imaginário e Cultura dos Media: um Desafio”, in 2001, *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Chalanges'2001/Desafios'2001*, 149-155, org. Paulo Dias e Cândido Varela Freitas, Braga:Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, <http://www.nonio.uminho.pt/challenges/actchal01/024-Sonia%20Coelho%20149-155.pdf> (consultado a 09/06/2004).
- COLLE, Raymond, 1999<sup>a</sup>, “El Contenido de los Mensajes Icónicos: Introduction y Capitulo 1º”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, número 18, junio, Tenerife: La Laguna, <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999gjn/76coll/intro.htm> (consultado a 25/06/04).
- 1999<sup>b</sup>, “El Contenido de los Mensajes Icónicos: Capitulo 1, Particularidades del Lenguaje Visual”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, número 18, junio, Tenerife: La Laguna, <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999gjn/76coll/76anim1/aci1..htm> (consultado a 25/06/04).
- 1999<sup>c</sup>, “El Contenido de los Mensajes Icónicos (2): El Discurso Icónico como Totalidad”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, número 19, julio, Tenerife: La Laguna, <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999fjl/63col/anim2/aci2..htm> (consultado a 25/06/04).
- 1999<sup>d</sup>, “El Contenido de los Mensajes Icónicos: Capitulo 3, El Significado Denotado”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, número 20, agosto, Tenerife: La Laguna, <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999eag/51col/anim3/aci3..htm> (consultado a 25/06/04).
- 1999<sup>e</sup>, “El Contenido de los Mensajes Icónicos: Capitulo 4º, Los Significados Connotados”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, número 21, septiembre, Tenerife: La Laguna, <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999dse/39colle/anim4/aci4..htm> (consultado a 25/06/04).
- 1993-1996, *Curso Optativo de la Escuela de Periodismo de la Pontificia Universidad Católica de Chile*, [http://www.puc.cl/curso\\_dist/infograf/texto/igraf\\_1.html](http://www.puc.cl/curso_dist/infograf/texto/igraf_1.html) (consultado a 25/06/04).

- COMPERA, 2004, “SMS ou TV?”, *Mobilidade Brasil*, 09 de Agosto, nº 18 – ano 2, Direcção de Paulo Henrique Ferreira, <http://www.compera.com.br/Newsletter/mbrasil-ago-04.htm#smstv> (consultado a 27/06/2005).
- COMRIE, Bernard, 2004, "Language," *Microsoft® Encarta® Online Encyclopedia*, [http://encarta.msn.com/encyclopedia\\_761570647\\_4/Language.htm](http://encarta.msn.com/encyclopedia_761570647_4/Language.htm) (consultado a 21/06/04).
- CORDEIRO, Edmundo, 1995, *Foucault e a Existência do Discurso*, Cadernos do Noroeste, vol. 8 (1), 179-186, Universidade do Minho: Braga, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=cordeiro-edmundo-foucaultd.html> (consultado a 14/06/2004).
- COSTA, Isabel e ANTUNES, Rafael G., 2004, “Telemóveis sub-18”, in *Sábado*, 16/07/2004, nº 11, pp. 24-28, Lisboa: Presselivre/Cofina-Investec.
- CROCKER, Dave, s.d., “Email History”, in STEWART, William, 1997-2005, *LivingInternet.com*, <http://www.livinginternet.com/e/ei.htm> (consultado a 19/11/2005).
- CRONK, George, 2005, “George Herbert Mead (1863-1931)”, in *The Internet Encyclopedia of Philosophy*, <http://www.iep.utm.edu/m/mead.htm> (consultado a 08/06/2005).
- DÂMASO, Luísa, 2005, “Mulheres são quem mais utiliza SMS”, in *Semana Informática*, nº 727, 28 de Janeiro a 3 de Fevereiro, <http://semanainformatica.xl.pt/727/tel/300.shtml> (consultado a 06/06/2005).
- DIÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES, 2000, “Martin Cooper - O Inventor dos Telemóveis”, *Telemóveis.com*, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?ID=41> (consultado a 05/07/04).
- 2001, *O SMS, a Voo de Pássaro: Vectores Chave do seu Sucesso*, 16 de Julho, Telemóveis.com, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?ID=194> (consultado a 29/06/2005).
- 2003, “Telemóvel celebra hoje 30 anos”, *Telemóveis.com* <http://www.telemoveis.com/news/item.asp?id=17419> (consultado a 05/07/04).
- 2003, *Pelos caminhos das SMS's*, 28 de Março, Telemóveis.com/Webware, <http://www.telemoveis.com> (consultado a 29/06/2005).
- DARLINGTON, Roger, 2005, “Fascinating Facts and Figures About all Aspects of the Information Society – Mobile Telecommunications”, in *Roger Darlington's Homepage*, <http://www.rogerdarlington.co.uk/FFF.html> (19/11/2005).
- DEWEY, John, 1936, *Democracia e Educação*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- DUARTE, Aristides, s.d., “Francisco Fanhais”, in *Vilar de Mouros 1971*, <http://www.geocities.com/vilardemouros1971/franciscofanhais.htm> (consultado a 14/01/2006).
- DIÁRIO DIGITAL, 2005, *Utilização do MSN Quintuplicou este Ano em Portugal*, 15 de Fevereiro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=15000> (consultado a 27/12/2005).
- DOWNING, Douglas S., COVINGTON, Michael A. e COVINGTON, Melody Mauldin, 2001, *Dicionário de Termos Informáticos e da Internet*, trad. Carlos Dâmaso, Lisboa: Paralelo Editora [1998, *Dictionary of Computer and Internet Terms*, s.l.:Barron's Educational Series, Inc.].
- Eco, Humberto, 1988, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 4ª ed., trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, Lisboa: Editorial Presença [1977, *Como si Fa Una Tesi di Laurea*, Milão: Casa Editrice Valentino Bompiani & C.].
- 1996, *From Internet to Gutenberg*, The Italian Academy for Advanced Studies in America, <http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm> (consultado a 24/08/2006).

- 2004, *Os limites da Interpretação*, Lisboa: Difel [1990, *I Limiti Dell'Interpretazione*, s.l.: Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S. p.A.].
- EDUCATIVA – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, ÓRGÃO DA COOPERATIVA EDUCACIONAL SÃO CARLOS, s.d., *O Poder Da Língua, Que Acaricia e que Mata!*, S. Paulo, Brasil, <http://paginas.terra.com.br/educacao/calculo/Artigos/Professores/lingua.htm> (consultado a 29/07/2006).
- ELDRIDGE, Marge, GRINTER, Rebecca, 2001, “Studying Text Messaging In Teenagers”, in *Mobile Communications: Understanding Users, Adoption & Design - CHI 2002 Workshop*, Universidade do Colorado/EUA, [http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi\\_workshop/papers/EldridgeGrinter.pdf](http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi_workshop/papers/EldridgeGrinter.pdf) (consultado a 14/08/2006).
- ELECTRONIC OBERLIN GROUP, 2005, “Elisha Gray (1835-1901)”, in *Oberlin College Archives*, <http://www.oberlin.edu/external/EOG/OYTT-images/ElishaGray.html> (consultado a 17/08/2005).
- ELOUAI.COM, 2003-2005, *Original Smilies*, <http://elouai.com/smiley-history.php> (consultado a 11/06/2005).
- EUROSTAT PRESS OFFICE, 2005, *Telecommunications in the EU: Around 80 mobile subscriptions per 100 inhabitants in the EU25 in 2003: Slight decrease in the number of main telephone lines since 2001*, 7 February, Luxembourg: Eurostat, the Statistical Office of the European Communities/EU, [http://epp.eurostat.ec.eu.int/pls/portal/docs/PAGE/PGP\\_PRD\\_CAT\\_PREREL/PGE\\_CAT\\_PREREL\\_YEAR\\_2005/PGE\\_CAT\\_PREREL\\_YEAR\\_2005\\_MONTH\\_02/4-07022005-EN-AP.PDF](http://epp.eurostat.ec.eu.int/pls/portal/docs/PAGE/PGP_PRD_CAT_PREREL/PGE_CAT_PREREL_YEAR_2005/PGE_CAT_PREREL_YEAR_2005_MONTH_02/4-07022005-EN-AP.PDF) (consultado a 29/06/2005).
- FAHLMAN, Scott E., 2002, *Smiley Lore* :-), <http://www.cs.cmu.edu/~sef/> (consultado a 11/06/2005).
- FARIA, Isabel et alii, 1993, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, 11-32, Lisboa: Caminho.
- FARLEY, Tom, 1998-2005, “Tom Farley's Telephone History Series – Telephone History, Part 1 - to 1830”, <http://www.privateline.com>, West Sacramento, California, USA, <http://www.privateline.com/TelephoneHistory/History1.htm> 17/08/2005).
- s. d., “Digital Wireless Basics – IV - Basic wireless principles: Cellular defined”, *privateline.com*, <http://inventors.about.com/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://www.privateline.com/PCShowPCSworks.htm> (consultado a 29/06/2005).
- FIDALGO, António, s.d., “Segunda Parte: Linguística e Semiótica, A Linguística de Saussure e a ideia de Semiologia | A pansemiotização de Barthes, Cap. Primeiro: A Linguística de Saussure e a Ideia de Semiologia”, in *Semiótica: A Lógica da Comunicação*, [http://fenix2.ubi.pt/~comum/fidalgo\\_logica\\_com\\_p2.html](http://fenix2.ubi.pt/~comum/fidalgo_logica_com_p2.html) (consultado a 07/07/2004).
- 2004, “Sistemática: As propriedades Pragmáticas do Signo – Sistema e uso. Língua e Fala. Competência e Performance”, in *Manual de Semiótica*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, LABCOM, <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2004.html> (consultado a 29/07/2006).
- FIORENTINI, Leda Maria Rangearo, 2002, “PGM 3 – Materiais e Sistemas de Comunicação em EAD, Texto 2 – Materiais Escritos nos Processos Formativos à Distância”, in *Boletim Salto para o Futuro*, <http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt3b.htm> (consultado a 30/09/2004).
- FISKE, John, 2002, *Introdução ao Estudo da Comunicação*, trad. de Maria Gabriela Rocha Alves, Porto: Asa, 7ª. Ed. [1993].
- FITZGERALD STUDIO, 2000, “Alexander Graham Bell – The Inventor”, *Digital Outrider.com*, Fitzgerald Digital Ltd, <http://www.digitaloutrider.com/html/bell/inventor.html> (consultado a 17/08/2005).
- FREIRE, Paulo, 1987, *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª Ed [1970].
- e NOGUEIRA, Adriano, 1989, *Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular*, Petrópolis:

Vozes.

- 1995, *A Educação na Cidade*, São Paulo: Cortez, 2ª Ed.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2003, “O telefone de Antonio Meucci”, in *Museu do Telefone Núcleo Memória Telefônica*, <http://www.telefonica.com.br/museudotelefone/meucci.htm> (consultado a 17/08/2005).
- GAUDIN, Sharon, 2002, “A Conversation with the Inventor of Email”, *Datamation*, <http://itmanagement.earthweb.com/entdev/article.php/1408411> (consultado a 05/07/2005).
- G2C TECH CONSULTORIA LTDA., 1999, *RFC 1855 — Normas de Netiqueta*, trad. Jorge Godoy, Curitiba/Brasil, <http://www.g2ctech.com/artigos/RFC1855.html> (consultado a 27/06/2005).
- GESER, Hans, 2004, *Towards a Sociological Theory of the Mobile Phone*, Zurique: Soziologisches Institut der Universität Zürich, [http://socio.ch/mobile/t\\_geser1.pdf](http://socio.ch/mobile/t_geser1.pdf) (consultado a 07/07/2005).
- GIBBS, Anita, 1997, “Focus Groups”, in University of Surrey, 1997, *Social Research Update*, Issue 19, Winter, Department of Sociology, Guildford, United Kingdom, <http://www.soc.surrey.ac.uk/sru/SRU19.html> (consultado a 11/01/2006).
- GODINHO, Luísa, 1996, “A Caixinha das Surpresas”, in *Diferencial – Jornal dos Estudantes do Instituto Superior Técnico*, nº 17, de 22 de Abril, <http://diferencial.ist.utl.pt/edicao/17/caixa.htm> (consultado a 09/06/2004).
- GORMAN, Michael E., 1994a, *Alexander Graham Bell's Path to the Telephone – The Invention of the Telephone*, University of Virginia, <http://www3.iath.virginia.edu/albell/homepage.html> (consultado a 17/08/2005).
- 1994<sup>b</sup>, *Alexander Graham Bell's Path to the Telephone – The Invention of the Telephone*, University of Virginia, <http://www3.iath.virginia.edu/albell/bpat.2.html> (consultado a 17/08/2005).
- GRAY, Elisha, 1876, “Elisha Gray's Caveat as it was filed in the United States Patent Office - February 14, 1876”, in NAUGHTON, Russel, 1999, *ADVENTURES in CYBERSOUND*, [http://www.acmi.net.au/AIC/GRAY\\_PATENT.html](http://www.acmi.net.au/AIC/GRAY_PATENT.html) (consultado a 17/08/2005).
- GREENBAUM, Tom, 2003, “Focus Group Research - Why The Traditional Research Methodology Works So Effectively And Why It Deserves to be the Most Respected of All Qualitative Research Tools”, in *Quirk's Marketing Research Review*, June, <http://www.groupsplus.com/> (consultado a 23/07/2006)
- 1998, “10 Tips For Running Successful Focus Groups”, in *Marketing News*, September, <http://www.groupsplus.com/> (consultado a 23/07/2006)
- GROMOV, Gregory, 1995-2003, *Roads and Crossroads of Internet History*, Chapter 1, <http://www.netvalley.com/intval/07262/main.htm?sdf=1> (consultado a 12/12/2005).
- GROSS, Neil, 2000 - June, “Telecom's Contrarian - In Martin Cooper's view, all those high bidders for 3G licenses are in for a bitter disappointment”, *Business Week*, <http://www.businessweek.com/archives/2000/b3686138.arc.htm> (consultado a 27/06/2005).
- HADDON, Leslie, 1998, *The Experience of the Mobile Phone*, Paper presented to the XIV World Congress of Sociology ‘Social Knowledge: Heritage, Challenges, Prospects’, Montreal, July 26th-August 1<sup>st</sup>, <http://www.mot.chalmers.se/dept/tso/haddon/Montreal.pdf> (consultado a 07/07/2005).
- HAUBEN, Michael e HAUBEN, Ronda, 1995, “The Birth and Development of the ARPANET”, in *Netizens: On the History and Impact of Usenet and the Internet*, Chapter 8, <http://www.columbia.edu/~rh120/ch106.x08> (consultado a 12/12/2005).

- HULME, Michael, PETERS, Sue, 2001, “Me, my phone and I: The role of the mobile phone”, Lancaster University Management School and Teleonomy, UK, in *Mobile Communications: Understanding Users, Adoption & Design - CHI 2002 Workshop*, Universidade do Colorado/EUA, [http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi\\_workshop/papers/HulmePeters.pdf](http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi_workshop/papers/HulmePeters.pdf) (consultado a 14/08/2006).
- ICS – INSTITUTO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2001, “4 – Televisão por Cabo e por Satélite”, in *Televisão*, <http://www.ics.pt/index.php?op=cont&lang=pt&Pid=78&area=330> (consultado a 08/12/2005).
- INE, 2003, “Capítulo 20 – Condições de Vida das Famílias”, in *Anuário Estatístico de Portugal de 2003*, pp. 301-305, Lisboa: INE, <http://www.ine.pt/proderv/quadros/quadro.asp> (consultado a 29/06/2005).
- 2004, “Actividade Económica/Comunicações”, in *Anuário Estatístico de Portugal de 2004*, pp. 355-361, Lisboa: INE, <http://www.ine.pt/proderv/quadros/quadro.asp#> (29/06/2005).
- INFOAMERICA, s.d., “Abraham A. Moles (1920-1992 – Perfil General”, in *La Imagen y La Palabra – Los Teóricos*, <http://www.infoamerica.org/teoria/moles1.htm> (consultado a 29/07/2006).
- IOWA STATE UNIVERSITY EXTENSION, 2001, *Focus Group Approach*, USA, <http://www.extension.iastate.edu/communities/tools/assess/focus.html> (consultado a 11/01/2006).
- 2004, *John Atasanoff & the Birth of Digital Computer*, College of Liberal Arts and Sciences, Department of Computer Science, <http://www.cs.iastate.edu/jva/jva-archive.shtml> (consultada a 17/08/2005).
- ITALIAN HISTORICAL SOCIETY, 2005, “Antonio Meucci”, in *italianhistorical.org*, <http://www.italianhistorical.org/MeucciStory.htm> (consultado a 17/08/2005).
- INSTITUTE OF EDUCATION, UNIVERSITY OF LONDON, “DC/BB Basil Bernstein (1924-2000)”, Information Services/Archives <http://www.ioe.ac.uk/library/archives/bb.html> (consultado a 29/07/2006).
- INTERNATIONAL ENGINEERING CONSORTIUM, 2005, *Global System for Mobile Communication (GSM)*, On-line Education, <http://www.iec.org/online/tutorials/gsm/topic03.html> (consultado a 29/06/2005).
- JOHNSON, Roy, 2004, *What is Close Reading?*, Mantex, Manchester, United Kingdom, <http://www.mantex.co.uk/samples/closeread.htm> (consultado a 11/01/2006).
- JONES, Mike, 2002<sup>a</sup>, “Joke” Conversation Thread in which the :- ) Was Invented (retrieved from the spice vax oct-82 backup tape by Jeff Baird on September 10), [http://research.microsoft.com/~mbj/Smiley/Joke\\_Thread.html](http://research.microsoft.com/~mbj/Smiley/Joke_Thread.html) (consultado a 11/06/2005).
- 2002<sup>b</sup>, *The First Smiley :- )*, <http://research.microsoft.com/~mbj/Smiley/Smiley.html> (consultado a 11/06/2005).
- 2005<sup>c</sup>, sítio pessoal de Mike Jones, <http://research.microsoft.com/%7Embji/> (consultado a 11/06/2005).
- JOYCE, James, 1922, *Ulysses*, Episode 18 – Penelope, in *The Literature Network* [http://www.online-literature.com/james\\_joyce/ulysses/](http://www.online-literature.com/james_joyce/ulysses/) (consultado a 14/08/2006).
- KAIN, Patrícia, 1998, *How to do a Close Reading*, Writing Center at The Harvard University, Boston, USA, <http://www.fas.harvard.edu/~wricntr/documents/CloseReading.html> (consultado a 11/01/2006).
- KATZ, Eugenii, 2002<sup>a</sup>, “Antonio Santi Giuseppe Meucci”, in *Biosensors & Bioelectronics - Home page of Eugenii Katz*, Department of Chemistry, The Hebrew University of Jerusalem Givat Ram, <http://chem.ch.huji.ac.il/~eugeniik/history/meucci.html> (consultado a 17/08/2005).
- 2002<sup>b</sup>, “Johann Philipp Reis”, in *Biosensors & Bioelectronics – Home page of Eugenii Katz*,

- Department of Chemistry, The Hebrew University of Jerusalem Givat Ram, <http://chem.ch.huji.ac.il/~eugeniik/history/reis.html> (consultado a 17/08/2005).
- 2002<sup>o</sup>, “Elisha Gray”, in *Biosensors & Bioelectronics - Home page of Eugeni Katz*, Department of Chemistry, The Hebrew University of Jerusalem Givat Ram, [http://chem.ch.huji.ac.il/~eugeniik/history/gray\\_elisha.html](http://chem.ch.huji.ac.il/~eugeniik/history/gray_elisha.html) (consultado a 17/08/2005).
- KATZ, James E. e AAKHUS, Mark, 2003, *Perpetual Contact – Mobile Communication, Private talk, Public Performance*, 3<sup>a</sup> ed., Cambridge: Cambridge University Press [2002].
- KREIS, Stevem, 2000, “Karl Marx, 1818-1883”, in *The History Guide: Lectures on Modern European Intellectual History*, <http://www.historyguide.org/intellect/marx.html> (consultado a 29/07/2006).
- 2004, “Blaise Pascal, 1623-1662”, in *The History Guide Lectures on Modern European Intellectual History*, <http://www.historyguide.org/intellect/bpascal.html> (consultado a 24/01/2006).
- KRISTEVA, Júlia, s.d., *O Texto do Romance (1977, Le Texte du Roman: Approche Sémiologique d'une Structure Discursive Transformationnelle*, 3<sup>a</sup> ed., Paris: Mouton Publishers,) – *Embora só tenha esta referência bibliográfica, a versão do texto por mim utilizada é a de uma edição brasileira, que, por ser fotocopiada, não tem os dados bibliográficos.*
- LADEIRAS, Vanda, 2005, “Escrever mal está na moda”, in *Focus*, 28/09/2005 a 04/10/2005, n<sup>o</sup> 311, p. 38, Lisboa: Impala.
- LAHANAS, Micael, s.d., “The Antikythera Computing Device - The Most Complex Instrument of Antiquity”, <http://www.mlahanas.de/Greeks/Kythera.htm> (consultado a 1/11/2005).
- LAMBRINIDI, Artemis e DEPASTA, Iro, 2004, *Greek Language and Mobile Text Messaging (SMS)*, superv. Maria Kakavoulia, Atenas: Department of Communication, Media & Culture/Universidade de Panteion, <http://www.lsa.umich.edu/UofM/Content/modgreek/document/SMS%20for%20Web2.pdf> (consultado a 20/10/2003).
- LAYTON, Julia, BRAIN, Marshall e TYSON, Jeff, 1998-2005, “How Cell Phones Work”, in *howstuffworks.com – Electronics Stuff*, <http://electronics.howstuffworks.com/cell-phone1.htm> (consultado a 29/06/2005).
- LEMOS, André, 1997, *Anjos Interativos e Retribalização do Mundo. Sobre Interatividade e Interfaces Digitais*, Tendências XXI, Lisboa, <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf> (consultado a 14/08/2006).
- LENHART, Amanda, MADDEN, Mary, HITLIN, Paul, 2005, *Teens And Technology – Youth Are Leading the Transition to a Fully Wired and Mobile Nation*, Washington: Pew Internet & American Life Project.
- LÉVY, Pierre, s.d., *Cibercultura: Relatório para o Conselho da Europa no Quadro do Projecto “Novas Tecnologias: Cooperação Cultural e Comunicação”*, Lisboa: Instituto Piaget [1997, Cyberculture, Éditions Odile Jacob/ Éditions du Conseil de l'Europe].
- 2001, *O que é o Virtual?*, trad. Sandro Nóbrega,, Col. Cibercultura n<sup>o</sup>3, Coimbra: Quarteto Editora [1998, *Qu'est-ce que le virtuel?*, Paris: Éditions La Découverte & Syros].
- 2002, *As Inteligências Colectivas/Internet e Desenvolvimento Humano*, 28 de Agosto, São Paulo: SESC, [http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/pierre\\_levy/interna.asp](http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/pierre_levy/interna.asp) (consultado a 15/07/2005).
- LEVINE, R.C., 1996-2001, *Digital Switching EETS8304/TM-708N SMU/NTU – Lectures April 17 & 24, Cellular & PCS*, <http://inventors.about.com/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://www.privateline.com/PCS/HOWPCSworks.htm> (consultado a 29/06/2005).
- LIBRARY OF CONGRESS, 2000-2005, “Thomas Alva Edison”, in *America's Story from America's Library*, Washington D.C., USA, <http://www.americaslibrary.gov/cgi-bin/page.cgi/aa/edison>

- LIENHARD, John H., 1987-1997, “No. 1031: Antikythera Mechanism”, in *Engines of our Engenuity*, <http://www.uh.edu/engines/epi1031.htm> (consultado a 1/11/2005).
- LICKLIDER, J.C.R. e VEZZA, Albert, 1978, “Applications of Information Networks”, in *Proceedings of the IEEE*, Vol 66, no 11, November, Pp. 43-59. (Also listed as pp. 1330-1346.) in STEWART, William, 1997-2005, “Dave Crocker - Email History”, *LivingInternet.com*, <http://www.livinginternet.com/e/ei.htm> (consultado a 19/11/2005).
- LIPOVETSKY, Gilles, 1978, *A Era do Vazio*, Lisboa:Relógio D'Água.
- LOOS, Eugene E. et al., 2004, *Glossary of Linguistic Terms*, SIL International [The LinguaLinks Library, 2003, Version 5.0 published on CD-ROM by SIL International], <http://www.sil.org/linguistics/GlossaryOfLinguisticTerms/index.htm> (consultado a 23/07/2006).
- LORENZZONI, Pablo, 2001, *Regras Básicas da Netiqueta para a Lista Debian-RS*, 19 Setembro, <http://debian-rs.sourceforge.net/netiqueta/> (consultado a 27/06/2005).
- LUCENT TECHNOLOGIES BELL LABS, 2002, “Claude Shannon - Father of Information Theory Dies at 84”, in *Lucent Technologies Bell Labs*, <http://www.bell-labs.com/news/2001/february/26/1.html> (consultado a 9/11/2005).
- LUNTZ, Frank I., “Voices of Victory/Part I - Focus Group Research in American Politics”, in *PollingReport.com*, 1994, Maio 16 e 30, USA, <http://www.pollingreport.com/focus.htm> (consultado a 11/01/2006).
- MÃE, Valter Hugo e REIS-SÁ, Jorge, 2003, *A alma não é pequena – 100 poemas portugueses para SMS*, col. Soluções, Famalicão: Edições Centro Atlântico.pt.
- MAGALHÃES, José, 1995, *Roteiro Prático da Internet*, Lisboa: Quetzal Editores.
- MALHEIRO, Alexandra et al., 2003, *Poesia SMS - Antologia de Poesia para Usar em Mensagens SMS*, cord. de J. A. Nunes Carneiro, Ilust. De Raquel Nuno, col. Poesia Artesanal (edição electrónica), Espinho: Elefante Editores, [http://www.elefante-editores.co.pt/revista/Textos/Poesia\\_SMS.pdf](http://www.elefante-editores.co.pt/revista/Textos/Poesia_SMS.pdf) (consultado a 16/07/04).
- MALETZKE, Gerhard, 1965, *Sociologia de la Comunicación*, 2ª. Ed., Quito: CIESPAL.
- MANSANO, Ricardo, 2005, “Um Pouco da História dos Computadores”, in *Mansano.com*, Sobre o Computador, [http://www.mansano.com/beaba/hist\\_comp.htm](http://www.mansano.com/beaba/hist_comp.htm) (consultado a 17/08/2005).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, 2002, *Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital* (Versão modificada e ampliada de conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de Maio de 2002), Pernambuco: NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita)/Depto. Letras/UFPE/ CNPq [*este texto foi-me enviado pelo próprio autor, via e-mail, já que não conseguia aceder a uma cópia completa do mesmo, quer via electrónica, quer impresso*].
- MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos, 2005, *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido*, 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, <http://www.lucerna.com.br/downloads/8586930369.pdf> (consultado a 29/07/2006).
- MCCLENNEN, Sofia A., 2001, *How to do a Close Reading: Dr. McClennen's Close Reading Guide*, Pennsylvania, USA, <http://www.personal.psu.edu/users/s/a/sam50/closeread.htm> (consultado a 11/01/2006).
- MCNAMARA, Carter, 1999, *Basics of Conducting Focus Groups*, University Ave W, USA, <http://www.managementhelp.org/evaluatn/focusgrp.htm> (consultado a 11/01/2006).
- MEAD, Margareth, 1942, *And Keep Your Powder Dry: An Anthropologist Looks at America*, p. 14, in SABLE, Rob (1996), “Beliefs, Models and Analogies”, *Mead's Disciplinary Matrix*, <http://www.gwu.edu/~asc/biographies/Mead/BMA/meaBMA.html> (consultado a 14/01/2006).

- MEDIAPPO (2006), *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*, Mediapro/European Commission/Safer Internet Action Plan.
- MENDES, Carlos Pimentel, 1997-1998, “História do Computador”, in *Jornal Eletrônico Novo Milênio*, <http://www.novomilenio.inf.br/ano97/97hist00.htm> (consultado a 17/08/2005).
- MILLER, Art, 2003-2004, *Computers and Society*, Math and Computer Science Department, Mount Allison University, <http://www.mta.ca/~amiller/cs3851/index.html> (consultado a 1/11/2005).
- MILLER, Steve, s. d., “Smiley Ball”, in *Goodbye - Journal of Contemporary Obituaries*, <http://www.goodbyemag.com/apr01/ball.html> (consultado a 11/06/2005).
- MOLINOS, Manuel, 2005, “Nova moda digital Podcast anuncia o fim da “tirania” da rádio hertziana”, in *Jornal de Notícias*, 27/05/2005, [http://jn.sapo.pt/2005/05/27/etcetera/nova\\_moda\\_digital\\_podcast\\_anuncia\\_o\\_.html](http://jn.sapo.pt/2005/05/27/etcetera/nova_moda_digital_podcast_anuncia_o_.html) (consultado a 08/12/2005).
- GARCIA-MONTES, José M., CABALLERO-MUÑOZ, Domingo e PÉREZ-ÁLVAREZ, Marino, 2006, “Changes in the Self Resulting from the Use of Mobile Phones”, BOYLE, Raymond et. al, 2006, *Media Culture and Society*, 67-82, vol. 28, nº1, January, London: SAGE Publications.
- MOURA, Ricardo, 2003, *Os Putos*, <http://www.osputos.com/index.aspx?data=2003/05/12> (consultado a 22/06/2004).
- MULTIDADOS – CONSULTADORIA E TRATAMENTO ESTATÍSTICO DE DADOS, 1998-2005, *Hábitos de utilização de SMS em Portugal (sondagem online realizada no quarto trimestre de 2004, a 750 utilizadores)*, <http://www.multidados.com/?item=13263&cat=20> (consultado a 27/06/2005).
- MUSEU DO COMPUTADOR, 2005, “Cronologia”, in *Museu do Computador*, <http://www.museudocomputador.com.br> (consultado a 17/08/2005).
- NIELSEN, Jakob, 1997, “The Use and Misuse of Focus Groups”, *useit.com – Jakob Nielsen’s Website*, USA, <http://www.useit.com/papers/focusgroups.html> (consultado a 11/01/2006).
- NOGOME/OSÍRIS, 2005, *Número de utilizadores de telemóveis deverá ultrapassar os dois mil milhões*, [http://222.nogome.com/nogome/archives/2005\\_05.php](http://222.nogome.com/nogome/archives/2005_05.php) (consultado a 29/06/2005).
- NORTEL NETWORKS, 1998, *Signal Transfer Point In SS7 Networks*, Signaling Solution Group, USA/ Nortel Networks, <http://www.nortelnetworks.com/products/01/signaling/collateral/stp101.pdf> (consultado a 29/06/2005).
- OBERCOM – OBSERVATÓRIO DE COMUNICAÇÃO, 2004, *Contributo dos SMS (Short Message Service) para o crescimento das receitas publicitárias nas emissoras televisivas em sinal aberto na Europa*, [http://www.obercom.pt/2004/artigos\\_print.asp?id\\_noticias=1007](http://www.obercom.pt/2004/artigos_print.asp?id_noticias=1007) (consultado a 08/12/2005).
- OIKARINEN, Jarkko, 2003, “IRC History by Jarkko Oikarinen”, in *IRCnet Page*, 1996 - 2004, <http://www.ircnet.org/History/jarkko.html> (consultado a 27/06/2005).
- ORWELL, George, 1948<sup>a</sup>, 1984, cap. 2, in *The Literature Network*, <http://www.online-literature.com/orwell/1984/> (consultado a 06/07/2004).
- 1948<sup>b</sup>, *The Principles of Newspeak: an Appendix to 1984*, in *The Literature Network*, [http://www.newspeakdictionary.com/ns\\_frames.html](http://www.newspeakdictionary.com/ns_frames.html) (consultado a 06/07/2004)
- PALOMO, Sandra Maria Silva, 2004, “Sistema/Norma/Fala e o Ensino de Língua Materna”, in *Revista Videtur-Letras*, nº 7, Centro Universitário Nove de Julho/USP/Editora Mandruvã: Brasil, <http://www.hottopos.com/vdletras7/sandra.htm> (consultado a 06/08/2006).
- PARDO, Pete, 1999, *Class Bios of Wilbur Schramm*, University of Texas at Austin School of Journalism website, <http://www.utexas.edu/coc/journalism/SOURCE/j363/schramm.html> (consultado a 09/06/2004).
- PATTEN, Janice E., 1992-2005, “Steps for Close Reading or Explication de Texte: Patterns, Polarities,

- problems, paradigm, Puzzles, Perception”, in *Writing: Learning the Basic Literary Skills*, The Literary Link, S. Jose, California, USA, <http://theliterarylink.com/closereading.html>
- PEREIRA, Manoel Luiz, 2000, *Netiqueta*, Guarulhos/Brasil: Faculdades Elite/Torricelli, <http://www.marcelo.hpg.ig.com.br/netiqueta.htm> (consultado a 27/06/2005).
- CAEIRO, Alberto, 1914, “O Guardador de Rebanhos”, in PESSOA, Fernando, 1998 [d.l.], *Fernando Pessoa – Poemas Escolhidos*, 129, 2ª Ed., selecção de Jorge Fazenda Lourenço, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Braga: Editora Ulisseia.
- PRICE, Derek J. de Solla, 1959, “An Ancient Greek Computer”, in *Scientific American*, 60-67, <http://www.giant.net.au/users/rupert/kythera/kythera3.htm> (consultado a 1/11/2005).
- POESIE SUR LA TOILE: ANTHOLOGIE FRANCOPHONE, 2000-2003, 1636 – 1711 : Nicolas Boileau, <http://www.anthologie.free.fr/anthologie/boileau/boileau.htm> (consultado a 22/01/2006).
- PUBLIC BROADCASTING SERVICE (PBS), 2000<sup>a</sup>, “People & Events - Elisha Gray”, in *Telephone*, <http://www.pbs.org/wgbh/amex/telephone/peopleevents/pande02.html> (consultado a 17/08/2005).
- 2000<sup>b</sup>, “People & Events – Index”, in *Telephone*, <http://www.pbs.org/wgbh/amex/telephone/peopleevents/index.html> (consultado a 17/08/2005).
- QUICO, Célia (s.d.), “«It Came from Outer Space»: Jogos de Computador Invadem Programação e Serviços de Televisão Digital”, in Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, responsável – António Fidalgo, Covilhã: Labcom/Universidade da Beira Interior, <http://bocc.ubi.pt/pag/quico-celia-jogos-de-computador-televisao-digital.html#SECTION00060000000000000000> (consultado a 08/12/2005).
- RAIGADA, José Luís Piñuel, 1998, “Abraham A. Moles (1920-1992) y la Teoría de la Información”, in *CIC: Cuadernos de Información y Comunicación*, Nº 4, 157-198, <http://www.ucm.es/info/per3/cic/Cic4ab11.htm> e  
<http://dialnet.unirioja.es/servlet/oaiairt?codigo=188608> (consultados a 29/07/2006).
- RAMALHO, Sónia, 2005, “Estamos Viciados em SMS”, in *Nova Gente*, 12/01/2005 a 18/01/2005, nº 1478, pp. 70-71, Lisboa:Impala.
- RAMOS, Isabel, 2003, “Português Alterado”, in *Correio da Manhã*, 14/04/ 2003, <http://www.correiodamanha.pt/noticialmpriimir.asp?idCanal=92&id=27697> (consultado a 21/06/2004).
- REIA- BAPTISTA, 2005/2006, “New Environments of Media Exposure - Internet and Narrative Structures: From Media Education to Media Pedagogy and Media Literacy”, 293-304, in ULLA CARLSSON E CECILIA VON FEILITZEN, *In The Service of Young People? Studies and Reflections on Media in the Digital Age*, Sweden: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media/Nordicom - Göteborg University.
- REIA- BAPTISTA, Vítor, BALTAZAR, Neuza e MENDES, Samantha, 2006<sup>a</sup>, “Portugal: Relevant Facts”, 35-36, in MEDIAPPO (2006), *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*, Mediappro/European Commission/Safer Internet Action Plan.
- 2006<sup>b</sup>, “National Results: Portugal”, in MEDIAPPO (2006), *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*, CD-Rom, Mediappro/European Commission/Safer Internet Action Plan.
- 2006<sup>c</sup>, “Apropriações dos Novos Media – Jovens Europeus dos 12 aos 18 anos”, in MEDIAPPO (2006), *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*, CICCUM- UAlg/Mediappro.
- RICE, Rob S., 1995, “The Antikythera Mechanism: Physical and Intellectual Salvage from the 1st Century B.C.”, *USNA Eleventh Naval History Symposium*, [http://ccat.sas.upenn.edu/rrice/usna\\_pap.html](http://ccat.sas.upenn.edu/rrice/usna_pap.html) (consultado a 1/11/2005).

- RICHTEL, Matt, 1998, “Making Web Sites More 'Usable' Is Former Sun Engineer's Goal”, in *The New York Times*, July 13, <http://www.nytimes.com/library/tech/98/07/cyber/articles/13usability.html> (consultado a 11/01/2006).
- ROCHA, Carlos, 2005, *Ciberdúvidas*, <http://ciberduvidas.sapo.pt/php/resposta.php?id=16401> (consultado a 06/08/2006).
- RODRIGUES, Adriano Duarte, 1990, *O que é a comunicação?*, 67-68, Lisboa: Editorial Presença, <http://www.idarn.up.pt/textos/rodrig90.pdf> (consultado a 14/06/2004).<sup>341\*</sup>
- 2006, “Contexto”, in CEIA, Carlos, *E-Dicionário de Termos Literários*, 2006, <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/contexto.htm> (consultado a 12/08/2006).
- ROYAL BELGIAN INSTITUTE OF NATURAL SCIENCES, 2005, “The Exhibition – The Ishango Artifact”, *Museum of Natural Sciences*, <http://www.naturalsciences.be/expo/ishango/en/ishango/introduction.html> (consultado a 1/11/2005).
- s.a., 2000, “Telemóveis e Boas Maneiras: Use, Mas Não Abuse!”, *telemoveis.com*, 13 de Julho, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?ID=33> (consultado a 27/06/2005).
- s.a., 2001, “Quando o telemóvel peca. Guia de etiqueta para utilizadores e interessados”, *telemoveis.com*, 1 de Fevereiro, <http://www.telemoveis.com/articles/item.asp?id=92> (consultado a 27/06/2005).
- s.a., 2003, *O Computador*, <http://www.widesoft.com.br/users/virtual/indice.htm> (consultado a 17/08/2005).
- s. a., 2004, “Estudo em Portugal: Mulheres enviam mais SMS...levam em média um minuto a escrever uma mensagem e respondem imediatamente”, in *TVI*, 23 de Dezembro, <http://www.tvi.iol.pt/informacao/noticia.php?id=483258> (consultado a 06/06/2005).
- s. a., 2004, “SMS é mais utilizado por mulheres como meio de comunicação”, in *RTP* [fonte: Agência LUSA], 22 de Dezembro, <http://www.rtp.pt/index.php?article=144463&visual=16> (consultado a 06/06/2005).
- s. a., 2004, “Mulheres utilizam mais o SMS que os homens”, in *Diário de Notícias Telecomunicações*, <http://dn.sapo.pt/2004/12/22/ultimas/sms.html> (consultado a 06/06/2005).
- s. a., 2004, “SMS preferido por mais de 90% dos internautas portugueses como meio regular de comunicação”, in *SAPO.pt*, 23 de Dezembro, Casa dos Bits, <http://tek.sapo.pt/4N0/532320.html> (consultado a 06/06/2005).
- s. a., 2004, “Comunicação: Nove em cada 10 portugueses usam SMS para comunicar – estudo”, in *Agência Lusa*, 22 de Dezembro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=13040> (consultado a 27/06/2005).
- s. a., 2004, “Telecom: SMS é mais utilizado por mulheres como meio de comunicação”, in *Agência Lusa*, 22 de Dezembro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=13041> (consultado a 27/06/2005).
- s. a., 2004, “Nove em cada dez portugueses usam SMS para comunicar”, in *Diário dos Açores*, 24 de Dezembro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=32161> (consultado a 27/06/2005).
- s. a., 2004, “Retrato das SMS em Portugal”, in *telemoveis.com*, 27 de Dezembro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=12866> (consultado a 27/06/2005).
- s. a., 2005, “Nove em cada dez portugueses comunicam por mensagens escritas”, in *Observatório da*

---

<sup>341</sup> \* No caso desta obra, não consegui encontrar o texto original (pois apenas possuo umas fotocópias que me foram dadas durante a minha licenciatura), mas, depois de uma breve pesquisa, julgamos que faz parte da obra: *Estratégias da Comunicação*, que o Professor da Universidade Nova de Lisboa publicou com esta editora.

- Sociedade da Informação e Conhecimento*, 03 de Janeiro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=16948> (consultado a 27/06/2005).
- s. a., 2005, “Nove em cada dez portugueses comunicam por mensagens escritas”, in *Jornal de Notícias*, 3 de Janeiro, [http://www.osic.unic.pt/gerais/noticia\\_ficha.aspx?id=15](http://www.osic.unic.pt/gerais/noticia_ficha.aspx?id=15) (consultado a 06/06/2005).
- s. a., 2005, “Telecom: Portugueses que usam Internet enviam menos mensagens escritas”, in Agência Lusa, 21 de Dezembro, <http://www.multidados.com/index.php?cat=2&item=31986> (consultado a 27/12/2005).
- SANTOS, Else Martins dos, 2003, *O Chat e a sua Influência na Escrita do Adolescente – Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre*, Orientadora: Carla Viana Coscarelli, Belo Horizonte: Fac. de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- SANTOS, José Rodrigues dos, 1992, *Comunicação*, colecção O que é, Lisboa: Difusão Cultural.
- SAUSSURE, Ferdinand, 1999, *Curso de Linguística Geral*, 8ª. Ed., Trad. José Victor Adragão, Col. Nova Enciclopédia, Lisboa: Publicações Dom Quixote [1971, *Cours de Linguistique Générale*, Éditions Payot].
- SCHÜTZ, Ricardo, 2004, “Vygotsky & Language Acquisition”, in *English Made in Brazil*, <http://www.sk.com.br/sk-vygot.html> (consultado a 29/07/2006).
- 2006, “O que é língua?”, in *English Made in Brazil*, <http://www.sk.com.br/sk-ling.html> (consultado a 29/07/2006).
- SEGERSTAD, Ylva Hård af, 2002, *Use and Adaptation of Written Language to the Conditions of Computer Mediated Communication*, Department of Linguistics, Göteborg University:Sweden, [http://www.ling.gu.se/%7eylvah/dokument/ylva\\_diss.pdf](http://www.ling.gu.se/%7eylvah/dokument/ylva_diss.pdf) (consultado a 29/06/2005)
- SEIXO, Maria Alzira, 1977, “Do Romance Significativamente”, in KRISTEVA, Júlia, *Semiótica do Romance*, Col. Práticas da Leitura, Lisboa: Editoria Arcádia.
- SERRA, Paulo, 2006, “Comunicação e Utopia”, Universidade da Beira Interior, in *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, <http://bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-utopia.pdf> (consultado a 14/08/2006).
- SILVA, António e SERRA, Daniel, 2005, “O que é um Sistema Operativo?”, *Curso de Windows*, Portal Lerparaver, [http://www.lerparaver.com/informatica/win\\_cap2.html](http://www.lerparaver.com/informatica/win_cap2.html), (consultado a 11/11/2005).
- SILVA, Bruno André da, MOREIRA, Gil, s.d., *O IRC e o mIRC*, Trab. para a disciplina de Técnicas de Comunicação, Faro:UAIG.
- SILVA, Lino Moreira da, 2001, “Utilização da Internet e Competência de Leitura”, in *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação: Desafios/Challenges 2001*, org. Paulo Dias e Cândido Varela de Freitas, Braga: Centro de Competência Nónio Sec. XXI da Universidade do Minho, <http://www.nonio.uminho.pt/actchal01/074-lino%20silva%2771-780.pdf> (consultado a 11/07/2004).
- SILVERMAN, Jorge, s.d., “How To Get More Out Of Your Focus Groups - Remove some of the pitfalls that are hurting your focus group research”, in *Market Navigation, Inc*, Nova York, USA, <http://www.mnav.com/getmore.htm> (consultado a 23/07/2006)
- SIMON, Judith Sharken, 1999, “How to Conduct a Focus Group”, in *The Grantsmanship Center Magazine*, 2005, Los Angeles, USA, <http://www.tgci.com/magazine/99fall/focus1.asp> (consultado a 11/01/2006).
- SMILEYWORLD.COM, 1971-2003, “The Birth of a Universal Language”, *Smiley Dictionary – Story*, <http://search.marsfind.com/ufts.html?ver=100&uid=09e0fd893fa64408a0e0f938e52c7680&status=404&query=http%3A%2F%2Fwww.smileyworld.com%2Fstory.asp> (consultado a 21/06/2004).

- SOARES, Bernardo, 1931, *O Livro do Desassossego*, fragmento 259, in Fernando Pessoa, 2000, *O Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith. Linda-a-Velha: Abril Controljornal, <http://www.instituto-camoes.pt/escritores/pessoa/ldfrag259.htm> (consultado a 07/07/04).
- SOUNDERS, Christopher, 2002, “SMS, Ten Years Later”, in *instantmessagingplanet.com*, [http://www.instantmessagingplanet.com/wireless/article.php/10766\\_1553321](http://www.instantmessagingplanet.com/wireless/article.php/10766_1553321) (consultado a 06/06/2005).
- SQUIRE TECHNOLOGIES, 2005, *Glossary*, <http://www.squiretechnologies.co.uk/glossary.php> (consultado a 29/06/2005).
- STEWART, Bill, 1996-1999, “Internet Relay Chat (IRC) History”, in *livinginternet.com*, [http://www.livinginternet.com/r/ri\\_irc.htm](http://www.livinginternet.com/r/ri_irc.htm) (consultado a 27/06/2005).
- SWITALA, Kristin et al, 1999, “Júlia Kristeva”, in *Feminist Theory Website*, Center for Digital Discourse and Culture at Virginia Tech University, <http://www.cddc.vt.edu/feminism/Kristeva.html> (consultado a 06/01/2004).
- SZABÓ, Zoltán Gendler, 2004, “Noam Chomsky”, in *Dictionary of Modern American Philosophers – 1860 1960*, Bristol: Ernest LePore (ed.), <http://www.chomsky.info/bios/2004----.htm> (consultado a 18/12/2003).
- TAGLIAMONTE, Sali e DENIS, Derek, 2006, *LOL for real! Instant Messaging, Teen Language and Linguistic Change*, Presented at the LACUS FORUM, August, Department of Linguistics, University of Toronto, Toronto, Canada [as conclusões deste trabalho e o seu resumo em Power Point foram disponibilizados pela autora, via e-mail, já que o mesmo trabalho ainda não foi publicado].
- TAYLOR, Alex S. e HARPER, Richard, 2001, “Talking ‘Activity’: Young People & Mobile Phones”, Digital World Research Centre, University of Surrey, Guildford/UK, in *Mobile Communications: Understanding Users, Adoption & Design - CHI 2002 Workshop*, Universidade do Colorado/EUA, [http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi\\_workshop/papers/TaylorHarper.pdf](http://www.cs.colorado.edu/~palen/chi_workshop/papers/TaylorHarper.pdf) (consultado a 14/08/2006).
- TECHTARGET NETWORKING MEDIA/SEARCHNETWORKING.COM, 2000-2005, *Home Location Register*, [http://searchnetworking.techtarget.com/sDefinition/0,,sid7\\_qci773757,00.html](http://searchnetworking.techtarget.com/sDefinition/0,,sid7_qci773757,00.html) (consultado a 29/06/2005).
- TEK.SAPO/CASA DOS BITS, 2002, *SMS representará dois terços das mensagens enviadas em 2007*, 16 de Maio, <http://tek.sapo.pt/4Q0/330775.html> (consultado a 29/06/2005).
- THE AMERICAN MATHEMATICAL SOCIETY, 2000, “The Antikythera Mechanism I”, in *E-Math*, <http://www.math.sunysb.edu/~tony/whatsnew/column/antikythera1-0400/kyth1.html> (consultado a 1/11/2005).
- THE ASSOCIATED PRESS, 1998, *U.S. Creator Frowns at Frenchman's Trademark*, <http://www.cnn.com/US/9807/07/fringe.smiley.face.off/> (consultado a 11/06/2005).
- THE FRANKLIN INSTITUTE SCIENCE MUSEUM, 1994, “Bell's Telephone”, in *The Franklin Institute Online*, <http://www.fi.edu/franklin/inventor/bell.html> 17/08/2005).
- THE GREAT IDEA FINDER, 1997-2005, *SMILEY FACE*, <http://www.ideafinder.com/history/inventions/smileyface.htm> (consultado a 11/06/2005).
- THE HOUSE OF REPRESENTATIVES, 2002, *H. Res. 269 - U.S., June 11*, <http://inventors.about.com/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://thomas.loc.gov/cgi%2Dbin/query/z%3Fc107:hres269>: (consultado a 17/08/2005).
- THE NOBEL FOUNDATION, 2005, “Guglielmo Marconi – Biography”, *nobelprize.org*, <http://nobelprize.org/physics/laureates/1909/marconi-bio.html> (consultado a 19/11/2005).
- THE WIRELESSADVISOR.COM TEAM, 1997-2005, “Cellular to PC's – A Brief History: Wireless Roots”,

- WirelessAdvisor.com,  
<http://inventors.about.com/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://wirelessadvisor.com/cellular%2Dphones%2Dpcs.cfm> (consultado a 29/06/2005).
- THURLOW, Crispin, 2003, "Generation Txt? The sociolinguistics of young people's text", in AA. VV., 2003, *Discourse Analysis Online*, Sheffield: Communication Studies/Sheffield Hallam University, <http://www.shu.ac.uk/schools/cs/daol/articles/v1/n1/a3/thurlow2002003.html> (consultado a 29/06/2005).
- 2006, "From Statistical Panic to Moral Panic: The Metadiscursive Construction and Popular Exaggeration of New Media Language in the Print Media", in *Journal of Computer-Mediated Communication*, 11(3), article 1, <http://jcmc.indiana.edu/vol11/issue3/thurlow.html> (consultado a 29/07/2006).
- TOMLINSON, Ray, s.d., "The First Network Email", in *Ray's Page*, <http://openmap.bbn.com/%7Etomlinso/ray/firstemailframe.html> (consultado a 17/08/2005).
- UC BERKELEY - DEPARTMENT OF SOCIOLOGY, 2005, *Manuel Castells: Professor Emeritus*, <http://sociology.berkeley.edu/faculty/castells/> (consultado a 12/12/2005).
- UNIVERSITE D'OTTAWA, 2004, *Communication - Professeurs réguliers : LÉVY, Pierre A.*, <http://www.communication.uottawa.ca/fra/levy.html> (consultado a 29/06/2005)
- UNIVERSITY OF WISCONSIN – MILWAUKEE, s.d., *Guidelines for Conducting a Focus Group*, Center for Urban Transportation Studies, USA, <http://www.uwm.edu/Dept/CUTS/focus.htm> (consultado a 11/01/2006).
- UNIVERSITY OF WISCONSIN – MADISON, 1999, *Focus Groups: When and Why to Use*, Services of Planning & Improvement – Office of Quality Improvement, USA, <http://www.wisc.edu/improve/improvement/focusgroups.pdf> (consultado a 23/07/2006).
- USC ANNENBERG SCHOOL FOR COMMUNICATION, 2005, Manuel Castells, <http://ascweb.usc.edu/asc.php?pageID=26&thisFacultyID=279&sort=all> (consultado a 12/12/2005).
- VARELA, Armando Loera, 2000, "Los Grupos de Enfoque en la Investigación Educativa", in *REDUC – Red Latinoamericana de Información y Documentación en Educación*, Santiago do Chile, Chile, <http://www.reduce.cl/aula/genfoque.pdf> (consultado a 23/07/2006)
- VASSILATOS, Gerry, s.d., "Hearing Through Wires: The Physiophony of Antonio Meucci", in *Borderlands Archives of Borderland Sciences Research Foundation*, 1995-2001, <http://www.borderlands.com/newstuff/research/hearing.htm> (consultado a 17/08/2005).
- VATTIMO, GIANNI, 1992, *A Sociedade Transparente*, 7-17, Trad. de Hossein Shooja e Isabel Santos, Lisboa:Relógio D'Água.
- VELOSO, Sérgio Luiz, 1969, *Teoria Oral da Comunicação Colectiva*, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- WALDROP, M. Mitchell, 2000, "No, This Man Invented The Internet", in *Forbes. Com*, 27 de Novembro, 11.27.00 <http://www.forbes.com/asap/2000/1127/105.html> (consultado a 12/12/2005).
- WALLACK, Todd, 2003 - Abril, "Let 30th anniversary wishes ring - Father of cell phone reflects on how his gadget has grown", *San Francisco Chronicle*, <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=c/a/2003/04/03/BU56141.DTL> (consultado a 27/06/2005).
- WEI, Ran e VEN-HWEI Lo, 2006, "Staying Connected While on the Move: Cell phone use and Social Connectedness", JANKOWSKY, Nicholas e JONES, Steve, 2006, *New Media & Society*, 53-72, vol. 8, nº1, Fevereiro, London: SAGE Publications.
- WHEELER, L. Kip, 1998-2005, *Close Reading of a Literary Passage*, USA, [http://web.cn.edu/kwheeler/reading\\_lit.html](http://web.cn.edu/kwheeler/reading_lit.html) (consultado a 11/01/2006).
- WILKINS, D.R., 2002, "Blaise Pascal (1623 - 1662)", in *The History of Mathematics: Mathematicians of the*

*Seventeenth and Eighteenth Centuries*, adapted from by BALL, W. W. Rouse, 1908, *A Short Account of the History of Mathematics*, 4ª Ed., Trinity College, Dublin, [http://www.maths.tcd.ie/pub/HistMath/People/Pascal/RouseBall/RB\\_Pascal.html](http://www.maths.tcd.ie/pub/HistMath/People/Pascal/RouseBall/RB_Pascal.html) (consultado a 22/01/2006).

WILLIAMS, Scott W., 2005<sup>a</sup>, “Ishango Bone”, in *Mathematicians of The African Diaspora*, Mathematics Department of The State University of New York at Buffalo, <http://www.math.buffalo.edu/mad/Ancient-Africa/ishango.html> (consultado a 1/11/2005).

----- 2005<sup>b</sup>, “Lebombo Bone”, in *Mathematicians of The African Diaspora*, Mathematics Department of The State University of New York at Buffalo, <http://www.math.buffalo.edu/mad/Ancient-Africa/lebombo.html> (consultado a 1/11/2005).

WINSECK, Dwayne, 2005, “Computer Communications”, *The Canadian Encyclopedia*, Historica Foundation of Canada, <http://thecanadianencyclopedia.com/index.cfm?PgNm=TCE&Params=A1ARTA0001824> (consultado a 1/11/2005).

WOLF, Mauro, 1987, *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença.

WOZNIAK, Steve, LUCKOW, Al et al, 2005, *Woz.org*, <http://www.woz.org/> (consultado a 17/08/2005).

YIN, Robutk, 1994, *Case Study Research – Design and Methods*, 2ª Ed., Thousand Oaks, California: Sage, p. 171.

## SÍTIOS CONSULTADOS

Adriano Duarte Rodrigues:  
<http://www.fcsh.unl.pt/hp/UNIDADES/Cecl/curriculos/adriano/adr.html> (consultado a 14/06/2004).

“Antiwar Songs”:  
<http://www.prato.linux.it/~lmasetti/canzonicontrolaguerra/canzone.php?lang=en&id=1256> (consultado a 14/01/2006)

Bernard Comrie:  
<http://email.eva.mpg.de/~comrie/> (consultado a 29/07/2006).

Blog Tadechuvall:  
[http://tadechuva.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/historia\\_da\\_can\\_6.html](http://tadechuva.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/historia_da_can_6.html) (consultado a 14/01/2006)

Ciberdúvidas:  
<http://ciberduvidas.sapo.pt/ficha.html> (consultado a 06/08/2006).

Communication Theory/Uses and Gratifications:  
[http://en.wikibooks.org/wiki/Communication\\_Theory/Uses\\_and\\_Gratifications](http://en.wikibooks.org/wiki/Communication_Theory/Uses_and_Gratifications) (consultado a 14/08/2006).

Editora Centro Atlântico:  
<http://www.centroatl.pt/titulos/solucoes/dicionario-net-telemovel.php3> (consultado a 06/07/04 e 21/06/04).

Enrico Baragli:  
<http://www.laciviltacattolica.it/Quaderni/2001/3619/Articolo%20Baragli.html>, (consultado a 09/06/2004).

Filipe Delfim Santos (sítio pessoal):  
<http://www.delfim.info/retorica/outros.htm> (consultado a 09/12/2004).

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Ministério da Educação do Brasil:  
<http://www.fnde.gov.br/guiasvirtuais/pnld2004/pdfs/guia1portuguesintroducao.pdf> (consultado a 14/01/2006).

George Cronk:  
<http://www.bergen.edu/faculty/gcronk/resume04.htm> (consultado a 18/08/2006).

Instituto de Sociologia da Universidade de Zurique:

[http://socio.ch/mobile/index\\_mobile.htm](http://socio.ch/mobile/index_mobile.htm) (consultado a 07/07/2005).

James E. Katz (sítio pessoal):

<http://www.scils.rutgers.edu/ci/cmcs/director/index.htm> (consultado a 12/12/2005).

John Fiske:

[http://62.97.114.150/traducirpagina.aspx?slyidioma=es\\_en&url=http%3A%2F%2Fwww.infoamerica.org%2Fteoria%2Ffiske1.htm](http://62.97.114.150/traducirpagina.aspx?slyidioma=es_en&url=http%3A%2F%2Fwww.infoamerica.org%2Fteoria%2Ffiske1.htm) (consultado a 29/07/2006).

John Dewey:

<http://www.utm.edu/research/iep/d/dewey.htm#H7> (consultado a 18/08/2006)

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/dewey/> (consultado a 18/08/2006)

Jornal Electrónico Novo Milénio:

<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm> (consultado a 06/08/2006).

Leslie Haddon (sítio pessoal):

<http://members.aol.com/leshaddon/MobileRefs.html> (consultado a 07/07/2005).

Lino Moreira da Silva:

<http://www.iep.uminho.pt/cied/homepages/index.asp?idhomepage=56> (consultado a 14/08/2006).

Mário Vilela:

[http://sigarra.up.pt/flup/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=185](http://sigarra.up.pt/flup/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=185) (consultado a 14/08/2006).

Mark Aakhus (sítio pessoal):

<http://www.scils.rutgers.edu/~aakhus/> (consultado a 12/12/2005).

MEGACOM-IK:

<http://www.megacomik.com/philmarso.htm> (consultado a 21/06/04).

<http://www.profsms.com/> (consultado a 21/06/04).

Multidados:

<http://www.multidados.com/?item=13263&cat=20> (consultado a 27/06/2005).

Museu Virtual da Imprensa (Porto):

<http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress/port/alfa.html> (consultado a 06/08/2006).

Net Para País (projecto Pedagógico):

<http://www.netparapaís.com/apresentacao.php> (consultado a 08/12/2005).

OBERCOM:

<http://www.obercom.pt/2004/> (consultado a 09/12/2005).

Paulo Freire:

<http://www.pucsp.br/paulofreire/> (consultado a 28/08/2006).

Paulo Serra:

<http://www.ubi.pt/departamentos/departamento.php?dep=ART> (consultado a 18/08/2006).

Pierre Lévy:

<http://www.ethoschannel.com/personalgrowth/planetnetwork/p-levy-bio.html> (consultado a 28/06/2006).

Por trás das Letras:

<http://www.portrasedasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/normaculta> (consultado a 29/07/2006).

Raymond Colle:

[http://www.puc.cl/curso\\_dist/infograf/indexIG.html](http://www.puc.cl/curso_dist/infograf/indexIG.html)

<http://www.puc.cl/> (consultados a 11/07/04).

Samantha Chareille:

[http://www.telug.quebec.ca/cgi-bin/diverscite/genermtl/url.cgi?no\\_cours=cv&action=3&no\\_reference=53](http://www.telug.quebec.ca/cgi-bin/diverscite/genermtl/url.cgi?no_cours=cv&action=3&no_reference=53)

(consultado a 06/08/2006).

Sandra Palomo:

<http://www.google.com/u/usonline?domains=usp.br&sitesearch=usp.br&hl=pt-BR&q=sandra%20palomo>

TVI:

<http://www.tvi.iol.pt/programas/programa.php?id=1337> (consultado a 08/12/2005)

Umberto Eco

[http://www.themodernword.com/eco/eco\\_biography.html](http://www.themodernword.com/eco/eco_biography.html) (consultado a 24/09/2006).

Vodafone:

<http://www.vodafone.pt/main/funandinfo/parceiros/servicotelevisao> (consultado a 08/12/2005).

Wilbur Schramm:

The University of Iowa, 2006, <http://www.lib.uiowa.edu/spec-coll/Archives/guides/schramm.htm#biohist> (consultado a 09/06/2004).

Ylva Hård af Segerstad:

<http://www.ling.gu.se/~ylva/> (consultado a 29/06/2005).

<http://www.bitwisegifts.com/page/bg/CTGY/smiley-face-history> (consultado a 19/11/2005).

<http://www.borislavdopudja.net/en/writings/smiley/> (consultado a 19/11/2005).

<http://club.pep.ne.jp/~hiroette/en/facemarks/> (consultado a 19/11/2005).

[http://com-media.univ-paris8.fr/commun/intermedia/ressources/bio\\_saussure.htm](http://com-media.univ-paris8.fr/commun/intermedia/ressources/bio_saussure.htm) (consultado a 29/07/2006).

<http://www.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-barthes/ENS-barthes.html> (consultado a 29/07/2006).

<http://www.citi.pt/homepages/interfaces/paradoxo.html>

[http://www.clickatell.com/brochure/sms\\_features.php](http://www.clickatell.com/brochure/sms_features.php) (consultado entre Junho e Dezembro de 2005).

<http://www.dyrup.pl/servlet/Satellite?cid=1109848013299&pagename=Internet%2FPage%2FGenericPageNL&c=Page> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.dozen.com.br/nakamura/Uso%20das%20Cores.doc> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.ecommons.net/aoir/aoir2003/index.php?p=42> (consultado a 29/06/2005).

<http://www.egs.edu/resources/kristeva.html> (consultado a 25/09/2006).

[http://www.estacio.br/rededeletas/numero14/minha\\_patria/default.asp](http://www.estacio.br/rededeletas/numero14/minha_patria/default.asp) (consultado a 23/07/2006).

<http://www.eusou.com/república/rebelo.html> (consultado a 30/12/2003).

<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.filologia.org.br/revista/34/07.htm> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.ftb.br/escritosterra/artigos.htm> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.humboldt.edu/>(consultado a 29/07/2006).

<http://idtv.sapo.pt/media/televisao/> (consultado a 08/12/2005).

<http://www.imagine-msn.com/Messenger/Post/Default.aspx> (consultado entre Junho e Dezembro de 2005).

<http://www.infoamerica.org/> (consultado entre 2003 e 2006, regularmente).

<http://www.kirjasto.sci.fi/rbarthes.htm> (consultado a 29/07/2006).

<http://library.humboldt.edu/humco/holdings/archives/FacultyWXYZ.htm>(consultado a 29/07/2006).

<http://www.leme.pt/biografias/s/saussure.html> (consultado a 29/07/2006).

<http://www.letras.ufmg.br/lourenco/banco/LL07.html> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.marketingtecnologico.com/mkt/> (consultado a 29/06/2005).

<http://www.metric-conversions.org/webmaster.htm> (consultado a 19/11/2005).

<http://www.sk.com.br/sk-inst.html> (consultado a 29/07/2006).

<http://www.tchathe.com/default.aspx#> (consultado a 08/12/2005).

<http://www.tci.art.br/cor/efeito.htm> (consultado a 23/07/2006).

<http://www.universiabrasil.net/materia/materia.jsp?id=2912> (consultado a 14/01/2006).

## IMAGENS/GRÁFICOS

### Gráficos

#### **Gráfico 1** “Taxa de Penetração do Serviço na EU 25 (%)”

<http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=161103#n4> (consultado a 07/07/2005).

#### **Gráfico 2** “Número de Chamadas e Mensagens Mensais por Assinante”

<http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=193182> (consultado a 07/08/2006).

### Imagens

#### **Foto 1** “Ossos de Ishango”

ROYAL BELGIAN INSTITUTE OF NATURAL SCIENCES, 2005, “The Exhibition – The Ishango Artifact”,  
*Museum of Natural Sciences*,  
<http://www.naturalsciences.be/expo/ishango/en/ishango/introduction.html> (consultado a 1/11/2005).

#### **Foto 2** “Cartões Perfurados de Hollerith”

[http://en.wikipedia.org/wiki/Punch\\_card](http://en.wikipedia.org/wiki/Punch_card) (consultado a 4/11/2005).

#### **Foto 3** “Máquina de Babbage - Difference Machine” (feita já depois da sua morte, a partir de peças encontradas no seu laboratório).

<http://en.wikipedia.org/wiki/Image:BabbageDifferenceEngine.jpg> (consultado a 8/11/2005).

#### **Foto 4** Alan Turing

[http://en.wikipedia.org/wiki/Alan\\_turing](http://en.wikipedia.org/wiki/Alan_turing) (consultada a 17/08/2005).

#### **Foto 5** Clifford Berry e o ABC

s.a., 2003, Ames Laboratory, Department of Energy, ISU, Ames, Iowa, Reconstruction of the Atanasoff-Berry Computer (ABC) 60 years of digital computing,  
<http://www.scl.ameslab.gov/Projects/ABC/Progress.html#early> (consultada a 17/08/2005).

#### **Foto 6** ZX Spectrum

[http://en.wikipedia.org/wiki/ZX\\_Spectrum](http://en.wikipedia.org/wiki/ZX_Spectrum) (consultada a 17/08/2005).

#### **Foto 7** Apple II

[http://en.wikipedia.org/wiki/Apple\\_II\\_family](http://en.wikipedia.org/wiki/Apple_II_family) (consultada a 17/08/2005).

#### **Foto 8** António Meucci

<http://chem.ch.huji.ac.il/~eugeniik/history/meucci.html> (consultado a 17/08/2005).

**Foto 9 Alexander Graham Bell**

[http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Graham\\_Bell](http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Graham_Bell) (consultado a 17/08/2005).

**Foto 10 Elisha Gray**

PUBLIC BROADCASTING SERVICE (PBS), 2000<sup>a</sup>, “People & Events - Elisha Gray”, In *Telephone*,  
<http://www.pbs.org/wgbh/amex/telephone/peopleevents/pande02.html>  
(consultado a 17/08/2005).

**Foto 11 Johann Philipp Reis**

PUBLIC BROADCASTING SERVICE (PBS), 2000<sup>a</sup>, “People & Events - Elisha Gray”, In *Telephone*,  
<http://www.pbs.org/wgbh/amex/telephone/peopleevents/pande02.html>  
(consultado a 17/08/2005).

**Foto 12 Ray Tomlinson**

GROW, Jason,  
<http://www.rpi.edu/dept/NewsComm/sub/fame/inductees/raymondtomlinson.html>  
(consultado a 05/07/2005).

**Foto 13 Martin Cooper**

Fotos gentilmente cedidas pelo próprio.

**Foto 14 DynaTAC 8000X**

Fotos gentilmente cedidas por Martin Cooper.

**Foto 15 Jarkko Oikarinen**

STEWART, Bill, 1996-1999, “Internet Relay Chat (IRC) History”, *livinginternet.com*,  
[http://www.livinginternet.com/r/ri\\_irc.htm](http://www.livinginternet.com/r/ri_irc.htm) (consultado a 27/06/2005).

**Foto 16 Smileys originais (1972)**

SMILEYWORLD.COM,  
<http://search.marsfind.com/ufts.html?ver=100&uid=09e0fd893fa64408a0e0f938e52c7680&status=404&query=http%3A%2F%2Fwww.smileyworld.com%2Fstory.asp> (consultado a 21/06/2004).

**Foto 17 Harvey Ball**

GATES, Ken, “The Harvey Ball Smiley Face: A Short History on the 40th Anniversary – 2003”, in *SmileyStore.com*, Bitwise Gifts  
<http://www.bitwisegifts.com/page/bg/CTGY/smiley-face-history> (consultado a 21/06/2004).

**Foto 18 Scott E. Fahlman**

<http://www.cs.cmu.edu/~sef/> (consultado a 17/08/2005).

**Foto 19 Rede de Células**

FARLEY, Tom, s. d., Digital Wireless Basics - IV. Basic wireless principles: Cellular defined,  
<http://www.ms.itb.ac.id/buku/umum/telephone%20system/HowPCsworks.htm>  
(consultado a 29/06/2005).

**Foto 20 BSC – Base Station Controller**

FARLEY, Tom, s. d., Digital Wireless Basics - IV. Basic wireless principles: Cellular defined,

privateline.com,  
<http://inventors.about.com/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://www.privateline.com/PCS/HowPCSworks.htm> (consultado a 29/06/2005).

**Foto 21** Processo de envio das SMS's

Desenho/gráfico construído pela autora deste trabalho

**Foto 22** Processo de envio das SMS's

Short Message Service Center (SMSC) Connectivity – Gentilmente cedida pela Optimus

**Foto 23** Janela Principal do MSN

Retirada do MSN Messenger

**Foto 24** Janela de conversação do MSN

Retirada do MSN Messenger

**EXCERTOS**

**Excerto 1 e 2**

*Teste da Disciplina de Português, 10º Ano, realizado a 05/12/2005*

**Excerto 3, 4 e 5**

*Composição para a Disciplina de Cidadania e Mundo Actual, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 24/11/2005*

**Excerto 6**

*Jornal PÚBLICO, Terça-feira, 04 de Março de 2003*

<http://www.saladosprofessores.com/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&t=1766> (consultado a 21/06/2004)

**Excerto 7, 8, 9, 10 e 11**

*Composição para a Disciplina de Português, CEF Electricistas de Instalações T5, realizado a 10/01/2006*

**APÊNDICES E ANEXOS**

Os Apêndices e Anexos deste trabalho são entregues em formato digital (CD-R).

**APÊNDICES E ANEXOS**